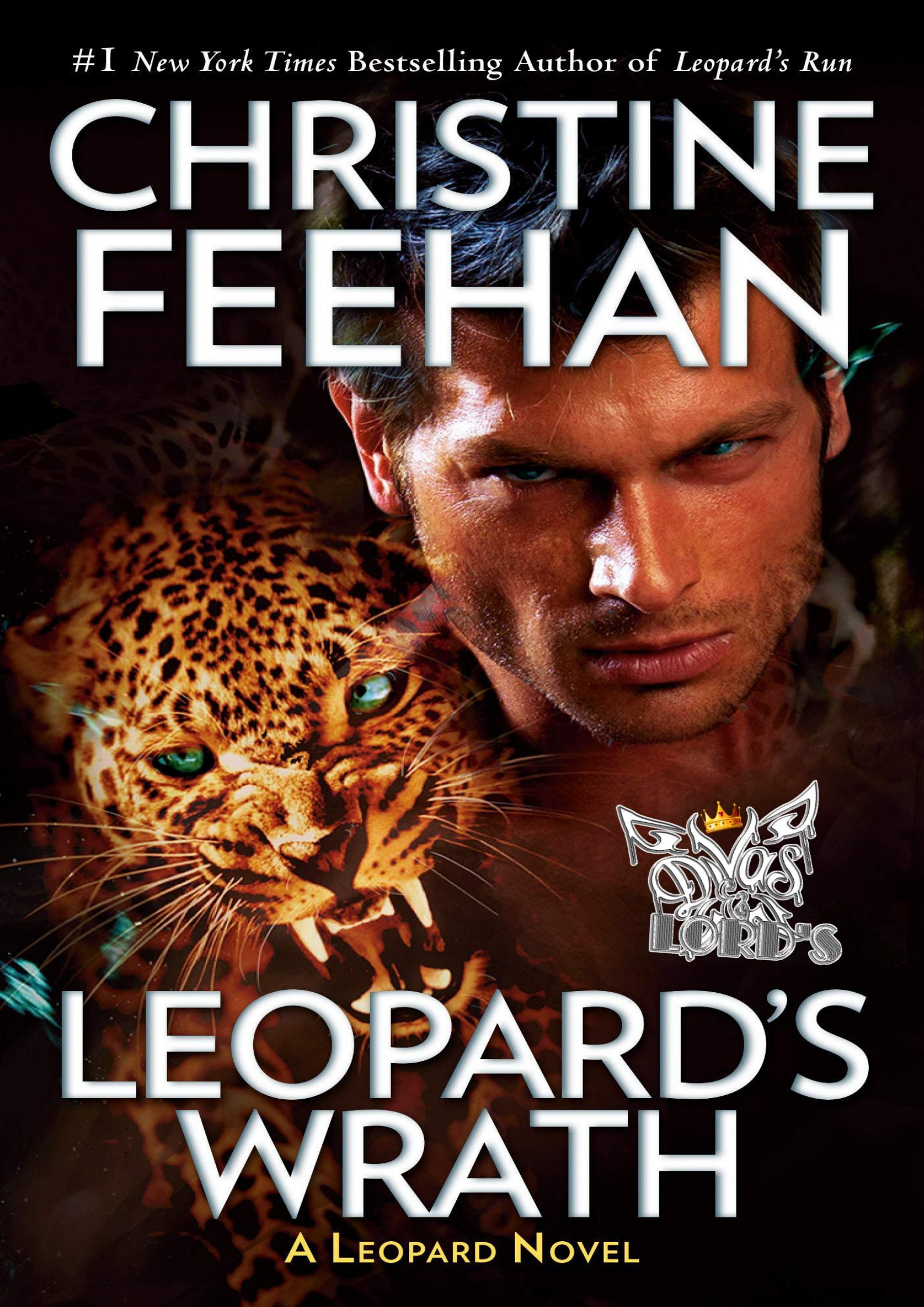
#1 *New York Times* Bestselling Author of *Leopard's Run*

CHRISTINE FEEHAN



DARK & LORD'S

LEOPARD'S WRATH

A Leopard Novel



AVISO 1

Essa Tradução foi feita pelo grupo Divas & Lord's FOREVER de forma a proporcionar ao leitor acesso à obra motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por Editoras Brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho no grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em Português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a Tradução.

Se você quer continuar tendo acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que fazer a nossa parte. Você pode adquiri-lo no formato EBOOK em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e nossos amados autores.

Não publiquem nossos livros em SITES, WATTPAD, FACEBOOK, BLOGGERS ou qualquer lugar público na internet.

Faça a sua parte e terá sua Leitura garantida por muito tempo!

Leopard's Wrath

Os Leopardos - Livro 12

Christine Feehan

Mais uma Tradução Exclusiva das Divas & Lord's FOREVER



Traduzido do Inglês e Espanhol por Fãs

Tradução: *Violet

Revisão e Leitura Inicial: *Bia Divas

Leitura Final e Formatação:

*Divas Rosa

Este Livro faz parte, da união de pessoas que gostam da leitura e o repasse, sem fins lucrativos, de fãs para fãs. A comercialização deste produto é estritamente proibida.

NOTAS DA CHRISTINE

Mitya sempre foi um personagem que eu sabia que queria salvar. Para mim, ele era um personagem solitário. Viveu tão longe de todos devido a sua educação. Criado em violência. Seu leopardo foi forçado a se tornar um assassino selvagem para salvá-lo. Mitya sempre sentiu pena de seu leopardo e de como ele foi forçado a viver, o que foi forçado a se tornar.

Mitya sempre pensou que morreria jovem. Cercado por tanta morte, dor e violência, não conseguia imaginar uma vida longa para si, muito menos uma com uma mulher e possivelmente uma família. Então, quando ele viu Ania, ficou surpreso. Sempre pensou que precisaria de uma mulher submissa, mas ela não é nada disso, o que o surpreendeu ainda mais.

Eu queria que a mulher de Mitya fosse uma verdadeira parceira para ele e demorei muito tempo para criar a personagem de Ania. Ela é forte, extrovertida, corajosa e não uma mulher que seria empurrada. Mitya era bom no trabalho que fazia. Mas, ela era alguém que poderia ser uma verdadeira parceira, se conseguissem superar suas diferenças.

Acho que o que os tornou tão perfeitos juntos foi o fato de compartilharem uma característica extremamente importante para cada um deles. A lealdade. A lealdade estava tão arraigada em cada um deles que se colocaram em risco por causa disso. A lealdade é um ingrediente importante para fazer o relacionamento funcionar.

OS LEOPARDOS

Séries

Distribuídos



Distribuídos Pelas Divas & Lord's FOREVER



Lançamento

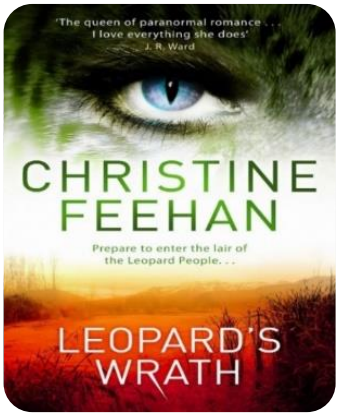


CHRISTINE FEEHAN

Leopard's Wrath

Os Leopardos - Livro 12

Christine Feehan



Ira do Leopardo

Christine Feehan

Copyright © 2019

Ele é um homem acostumado a conseguir o que quer, mas ela não é o tipo de mulher que aceita as coisas deitada ...

Nascido em uma vida de crime, ***Mitya Amurov*** teve uma vida difícil, e seu leopardo se transformou em um animal feroz para protegê-lo. Seu gato está constantemente tentando abrir caminho até a superfície, até que um encontro casual com uma estranha acalma instantaneamente o predador dentro dele. Enquanto Mitya quer Ania desesperadamente, é apenas uma questão de tempo até que seu passado o alcance, e ele prefere morrer a colocá-la em perigo. Mas Ania está lidando com seus próprios perigos...

Considerando a história de sua família, ***Ania Dover*** deveria saber o que esperar quando se envolve com um criminoso como Mitya, mas ela simplesmente não pode se afastar. Algo selvagem nela responde à presença dele. Uma necessidade tão forte que a assusta. Mas Ania não tem certeza de que pode aceitar o que ele está oferecendo. Ela sempre foi uma mulher independente, e Mitya espera ser obedecido em todas as coisas.

Mesmo com o corpo dela chamando pelo dele, Ania não deixa nada impedi-la de estabelecer sua própria opinião—nem mesmo o homem que quer reivindicá-la como sua companheira.

Um

MITYA AMUROV olhou para as gotas de chuva escorrendo pela janela. O *Tow Car*[1] tinha *vidros fumê*[2], aumentando a escuridão, mas era mais seu humor sombrio que o impedia de ver qualquer coisa, menos a chuva sem fim. Seu corpo doía o tempo todo. As balas tinham-no rasgado, não só ele, mas seu leopardo também, quase matando os dois. Desejou que tivessem conseguido.

Não foi a primeira vez que levou um tiro, mas a experiência o forçou a fazer fisioterapia e se esforçou mais do que nunca para se recuperar—por qual motivo ele não sabia. Seu leopardo cruel, sempre buscando a liberdade, tornara-se quase impossível de controlar. Ou possivelmente Mitya estivesse simplesmente cansado de lutar todos os dias de sua vida para manter seu leopardo

---

1  O **Lincoln Town Car** ou só Tow Car como é popularmente conhecido, é um sedan de luxo da Lincoln. Algumas unidades foram convertidas para Limousine e *Chauffeur* (motorista particular) nos Estados Unidos e Canadá.

2  Película que é aplicada em vidros para escurecer.

sob controle. Ele honestamente não sabia a resposta ou não se importava. Passou do tempo de ter esperanças para qualquer tipo de vida.

Ele sabia o que era. Sabia desde que nasceu, e seu leopardo o fazia ciente do que estava reservado para ele. Cresceu como criminoso. Um homem que machucava os outros. Um homem que destruía a vida de outras pessoas. Um homem que matava. Era quem ela era, e não importava o quanto tentasse sair desse mundo de sangue e traição, não havia como escapar. Nunca. Ele não tinha muito pelo o que viver.

Seu leopardo saltou para a superfície, arranhando e rasgando, tentando dominá-lo. Enquanto Mitya lutava para manter o controle, se perguntou se o gato havia respondido a seus pensamentos sombrios. Mas então o leopardo girou tão abruptamente que fez o corpo de Mitya girar também. Ele viu faróis brilhando do lado da estrada.

— Pare. Mirón, pare.

Seu motorista pisou no freio instantaneamente. O carro à frente deles fez o mesmo. O carro atrás deles também fez.

— Vire-se e volte para aquele carro, aquele ao lado da estrada.

Eles estavam em uma estrada bastante deserta, que levava à casa de campo onde residia. Era nas colinas acima de *San Antonio*[3], uma bela propriedade onde podia correr com seu leopardo sem muito medo de encontrar acidentalmente um ser humano.

— Mitya, —Sevastyan advertiu. — O que está fazendo? —Ele virou a cabeça para olhar a escuridão além dos vidros do carro. Os faróis impediam qualquer um de ver e identificar o veículo lá fora. Sua mão deslizou para a arma e ele enviou um sinal rápido para os outros, que estavam com ele no carro, fazer o mesmo e depois falou no rádio para garantir que os outros dois carros cheios de segurança estivesse prontos para qualquer coisa.

Mitya não respondeu, mas no momento em que o carro ficou paralelo ao estacionado, ele abriu a porta antes que Sevastyan, seu primo e guarda-costas, pudesse detê-lo. Uma mulher estava ao lado da traseira do carro, uma mão no pneu. A chuva caia sobre ela, mas ela permanecia firme, observando-o se aproximar.

Quanto mais perto chegava da mulher, mais louco o seu leopardo agia. Mitya não era mais jovem. Os trinta anos o havia

---

3 

San Antonio é uma grande cidade na zona centro-sul do Texas com uma rica herança colonial. O Alamo, uma missão espanhola do século XVII conservada como museu, assinala uma terrível batalha de 1836 pela independência do Texas em relação ao México. Ao longo do rio San Antonio, River Walk, de vários quilómetros, é um célebre passeio pedonal repleto de cafés e lojas. A Torre das Américas no HemisFair Park, com 176 metros de altura, contempla a cidade.

alcançado e viveu mil vidas em cada um desses anos, todos com seu leopardo, e ele não reconheceu esse comportamento. O gato ainda o arranhava, tentando a supremacia, mas não da maneira agressiva de sempre, *"à procura de sangue, caos e gosto da carne humana"*. Não, desta vez ele sentia seu leopardo quase brincalhão.

Brincalhão? O leopardo dele? Não houve tempo para isso, mesmo na infância, seu leopardo nunca tinha se sentido brincalhão. Eles tinham um relacionamento estreito, e seu leopardo o protegia com o mesmo cuidado que Mitya cuidava dele, mas isso nunca incluía brincadeiras.

Ele estava vagamente ciente de seus guarda-costas correndo para cercá-lo, a postura furiosa dos ombros de Sevastyan que indicava que Mitya receberia mais um dos sermões de seu primo, mas ele não se importava. Estava muito ocupado bebendo da mulher parada lá na chuva.

Ela era um pouco pequena, não lembrava nada as muitas modelos altas e esbeltas com os quais costumava fantasiar. *Não mais*. Ela usava uma saia justa que mostrava suas pernas bem torneadas e uma jaqueta curta que parecia moldar sua cintura, costelas e a curva de seus seios com perfeição. Tudo branco. Não descolorido ou marfim, mas branco de verdade. Os botões eram diferentes por serem escuros e tinham a forma de pequenos carros,

fazendo qualquer um querer olhar mais de perto—o que ele descobriu que não se importava de fazer.

Ela parecia vagamente familiar para ele, mas Mitya sabia que se tivesse a conhecido, teria lembrado. Ao se aproximar dela, percebeu que a saia e o casaco tinham imagens de carros gravados contra o tecido, de modo que os desenhos parecessem estar em relevo. Suas botas eram da mesma cor escura dos botões incomuns.

Seus cabelos eram grossos e escuros, sua pele brilhava com o reflexo da luz das lanternas que a iluminava. Seus olhos estavam arregalados e por um momento brilharam de volta para eles quase vermelhos, mas ela piscou várias vezes. O suficiente para ele gritar uma ordem para seus homens.

— Parem de jogar a luz no rosto dela. —Mitya tentou tirar o pneu pesado da mão dela, mas ela o segurou firme. — Você vai se sujar. Já está encharcada da chuva.

— Obrigada por parar, mas na verdade não é necessário. Eu já troquei pneus antes.

A voz dela fez o estômago dele apertar calorosamente. *Inferno,* até seu pau reagiu. A maneira como ela soou, rouca. Como o pecado na noite. Sussurros entre dois amantes. Ele não era um bom conversador sob as melhores circunstâncias. Se ela precisasse de

alguém morto, ele seria o homem dela, mas tentar parecer suave e sofisticado estava muito além de qualquer habilidade que tinha.

Equilibrando o pneu na vertical, Mitya tirou o paletó com uma mão e o jogou para um de seus guarda-costas. Nem olhou para cima para ver quem pegou. Apontou para o carro dele. — Você deveria sair da chuva. —Tentou não soar como uma ordem, mas estava acostumado a dar ordens há muito tempo, então teve certeza de que sua sugestão, a julgar pela expressão no rosto dela, tinha saído como uma ordem. Ela pareceu mais divertida do que zangada. Talvez um pouco confusa. — Para se aquecer, — acrescentou, rispidamente, e se afastou abruptamente dela.

— Chefe, —Sevastyan assobiou. — Mirón dirigindo é uma merda, mas ele pode trocar um pneu. Mirón, venha aqui.

— Posso trocar o pneu dela, —retrucou Mitya, envergonhado por imaginar que ela poderia pensar que ele não podia trocar um pneu. Queria ficar aqui, olhando para ela pelo resto da noite. Queria que seu leopardo continuasse com esse comportamento estranho. Sentiu que essa mulher, de alguma maneira, acalmava o perigoso predador nele, e ter essa trégua, mesmo que apenas por alguns momentos, após uma vida inteira de inferno, era um milagre.

O olhar da mulher saltou para Mirón e um pequeno sorriso curvou brevemente sua boca, chamando atenção de Mitya. Ela tinha o tipo de boca que ele fantasiava. Os leopardos eram criaturas orais, e ele instantaneamente se fixou naquele arco perfeito. Desejou os lábios dela esticados ao redor de seu pau, aqueles olhos enormes olhando diretamente nos dele. O humor brincalhão de seu leopardo se foi, no lugar dele o predador surgiu. Queria prová-la. Enterrar-se nela. Reclamá-la. Todos os traços possessivos e ciumentos que ele não conhecia, saltaram para a frente.

— Eu cuido disso, chefe, —disse Mirón e tirou o pneu de sua mão.

Mitya apontou para o carro dele. Ela hesitou, olhando para a quantidade de homens que os cercavam. Sevastyan, felizmente, tinha guardado a arma. Vikenti e seu irmão Zinoviy pairaram perto, mas ambos também ocultaram suas armas. Os irmãos eram grandes e pareciam exatamente o que eram, assim como Mirón. Sevastyan parecia o mais civilizado deles. Ninguém parecia tão intimidador e perigoso quanto Mitya. Ele se comportava dessa maneira sem fazer esforço. Quando alguém era moldado em uma arma desde o nascimento, esse tipo de postura permaneceria com ele até a morte.

— Eu sou Mitya Amurov, —disse ele.

Mais uma vez, ela hesitou, como se talvez tivesse ouvido falar dele. Se assim fosse, não ficaria surpreso. Não era segredo que ele tinha sido baleado. A mídia havia explorado o caso e especularam se ele fazia parte ou não de uma grande família criminosa—e estavam certos. Ou pelo menos estavam certos no pouco que sabiam de sua família.

Mitya segurou a porta enquanto Vikenti estupidamente segurava o guarda-chuva sobre ele, em vez da mulher. Ele virou-se para o homem em russo. — *Ela, Vikenti, seja um cavalheiro.*

Vikenti imediatamente colocou o guarda-chuva sobre a cabeça da mulher e ela enviou a Mitya um sorriso que apertou seu estômago e deixou seu pau duro como aço. Ela era bonita. Verdadeiramente bonita. De perto, podia ver a pele dela. Parecia tão suave que ele desejou tocá-la. Seus cílios eram longos e grossos, e sob as luzes que saíam dos faróis dos dois carros, mesmo na chuva, seus olhos pareciam mais violeta que azul. A mulher passou por Mitya e deslizou graciosamente nos assentos de couro aquecidos.

Mitya tinha certeza de que ouviu um pequeno suspiro de prazer quando o calor no carro a envolveu. Antes de entrar com ela, olhou para seus guarda-costas, e os avisou para esperarem do lado de fora. Novamente, Sevastyan não gostou, mas assentiu

secamente. Haveria outro sermão, e Mitya sabia que merecia, mas não se importava. Ele precisava disso. Seu leopardo precisava. Não era como se isso fosse acontecer novamente, então estaria aproveitando enquanto podia, e as consequências que se danassem. Pegou o paletó de volta, deslizou ao lado dela e bateu a porta.

— Seus guarda-costas não estão muito felizes com você, — disse ela baixinho.

A mulher cheirava a chuva. A alguma flor exótica e picante que ele não sabia o nome. Ela esteve em um restaurante e esteve lá com um homem. Podia sentir o cheiro dos vários aromas nela. Seu leopardo não gostava disso mais do que ele, mas se consolou com o fato dela ter voltado para casa sozinha. Devido ao seu leopardo, tinha um olfato aguçado e não conseguia detectar o mais leve cheiro de sexo nela.

— Eles são mandões, —ele concordou, decidindo apenas admitir que tinha guarda-costas. Estava cercado por eles. Não havia como negar. — Me desculpe, eu não tenho uma toalha, mas você pode usar meu paletó. Isso pode ajudar.

— Eu não quero molhá-lo. —Um pequeno arrepio a atravessou, apesar do calor do carro.

Ele passou seu paletó ao redor dela. — Não se preocupe. — Era isso. Isso era tudo que tinha a dizer. Ele apenas ficou em silêncio e tentou não olhar, sentindo-se tão tolo quanto o seu leopardo assassino se tornou.

— Eu sou Ania, —ela disse. — Prazer em conhecê-lo. Posso te chamar de Mitya?

— Sim, sim, é claro. —Ele estava agradecido por Sevastyan não estar no veículo com eles. Ela tinha um nome russo e o pronunciou com o mais fraco dos sotaques russos. Seu primo imediatamente suspeitaria que ela seria uma assassina que veio matá-lo. Ele não teria se importado se ela fosse uma assassina, no entanto. Seu felino estava contente, e naquele momento, ele também. Teria sido um bom momento para morrer.

— Eu realmente sei como trocar um pneu, —ela disse, — mas está muito ruim ai fora e eu amo essa roupa. Teria ficado arruinada. —Os dedos dela agarraram um pedaço do tecido e o dobrou entre os dedos, como se estivesse nervosa.

Era um pequeno gesto, mas Mitya foi treinado para perceber a menor reação daqueles que ele interrogava, então lê-la era fácil. Ela estava nervosa por estar sozinha no carro com ele.



— Por que confiou em mim o suficiente para entrar neste veículo comigo? —Ele perguntou, sua mão pousando suavemente sobre a dela para acalmar seus dedos inquietos. Sentiu sua pele sedosa. Apesar do frio, seu toque o aqueceu todo. Ela não puxou a mão debaixo da dele.

— Você foi legal o suficiente para parar, —respondeu ela. — Ninguém mais fez, não que houvesse muitas pessoas dirigindo hoje à noite, também.

— Onde você está indo?

Ela virou a cabeça para olhar diretamente nos olhos dele. Ele teve a sensação de que estava sendo estudado. Mitya não parecia inofensivo. Na verdade, parecia o próprio diabo. Não sabia nem se quer imitir um sorriso tranquilizador. Se ele tentasse sorrir, era provável que ela pulasse do carro com medo. O melhor que ele tinha era a verdade.

— Por favor, não pense que precisa responder a isso. Não foi prudente da minha parte perguntar. Não estou acostumado a conversar com mulheres.

A sobrancelha dela se ergueu, emprestando-lhe a expressão mais adorável que ele já viu em uma mulher. Ela continuou encarando-o, estudando cada linha de expressão dele. O olhar dela

flutuou sobre os ângulos e planos do rosto dele, notando todas as cicatrizes. Seus olhos eram mais escuros do que a maioria dos leopardos de Amur. Muitos tinham olhos azuis esverdeados mais claros. O dele era de um azul esverdeado mais escuro, quase um azul turquesa. Quando ele se transformava, seus olhos combinavam com as rosetas mais escuras em seu longo e grosso pelo.

— Achei que as mulheres te bajulassem.

Ele não negou a verdade. Sempre teve mulheres a sua escolha. — Só porque elas acreditam que eu sou alguém emocionante ou que tenho dinheiro.

— Emocionante? Não quis dizer perigoso? —Ela apontou para os guarda-costas. — Ou famoso. Eu deveria te conhecer? Seu nome me soa familiar.

Ele suspirou. Estava cansado. Muito cansado. Seu corpo fodido doía tanto que queria se esfaquear no coração e acabar logo com isso. Ele era um shifter e não tomava analgésicos. Se corresse o risco de ficar inconsciente, seu leopardo poderia escapar e matar alguém. Mitya se recostou no banco, gostando do fato de que ela estava sentada perto e seu leopardo estava satisfeito apenas com a proximidade dela. Ele também estava.

— Eu não sou ninguém especial, Ania. Essas mulheres, uma vez que descobrem isso, não me bajulam mais. —Ele manteve o sorriso para si mesmo. Uma pequena demonstração de seu leopardo e aquelas mulheres corriam por suas vidas. Ninguém o queria. Elas queriam o que achavam que ele tinha. Até descobrirem o que ele realmente tinha—que não era nada de valor. Seu primo Fyodor tinha algo valioso com sua esposa, Evangeline. Timur, um outro primo, o tinha com a sua esposa, Ashe. O que Mitya tinha para oferecer a uma mulher era perigo. Balas. Morte. Ele poderia oferecer a elas ... ele mesmo. Não seria um prêmio. Ele nunca seria.

— Todo mundo é especial à sua maneira, Mitya, —disse ela suavemente.

— Possivelmente. De onde veio seu nome, Ania? Isso é russo, não americano.

— É um nome de família. Minha avó se chamava Ania. Ela era uma mulher incrível. Veio para os Estados Unidos quando criança com sua família, embora só falavam sua língua nativa, demorou um tempo para aprenderem o inglês. Minha avó nunca parecia confortável falando inglês. Falava apenas russo em casa, assim como meu avô e meus pais. E eu também, o que explica meu sotaque.

— Sua avó também sabia como trocar um pneu?

Ania começou a rir. O som era melodioso e não estridente. Tinha um tom suave e rouco que ele associara a ela, mas agora estava misturado com outra coisa, uma nota doce que envolvia seu coração, sacudindo-o. As mulheres não riam ao seu redor. Estava acostumado a elas o desejarem, mas não isso—não simplesmente encontrando prazer em qualquer coisa que ele dissesse.

— Suponho que uma roda de carroça. Eu não ficaria surpresa com nada que ela poderia fazer.

— Mas você a perdeu?

Ela assentiu. — Alguns anos atrás, em um acidente de carro. Minha mãe, avó e avô estavam voltando do teatro, *O Fantasma da Ópera*[4]. Era o favorito absoluto deles. Eu deveria ir naquela noite também, mas acabei doente. Cresci indo ao teatro e já tinha visto esse espetáculo muitas vezes, mas ainda assim fiquei desapontada. Meu pai ficou em casa comigo.

— Sinto muito, —ele murmurou. — Não tive a intenção de lhe trazer memórias tristes. —Ele podia ouvir mentiras. Era uma

---

4 

O Fantasma da Ópera (no original em francês Le Fantôme de l'Opéra) é um romance francês de ficção gótica, escrito por Gaston Leroux. Foi publicado pela primeira vez como uma serialização em Le Gaulois de 23 de setembro de 1909 a 8 de janeiro de 1910 e em forma de volume, em abril de 1910 por Pierre Lafitte. A novela é parcialmente inspirada em fatos históricos da Ópera de Paris durante o século XIX e um conto apócrifo relativo à utilização de esqueleto de um músico famoso.

característica shifter. Alguma coisa não estava certa com o que ela havia dito, mas ele não conseguiu identificar.

— Como eu disse, isso foi há três anos. Tenho lembranças maravilhosas de minha mãe e avós. Você gosta de teatro?

Uma memória veio à tona. O teatro na Rússia. Estava um pouco frio e muito escuro. O som da música estava alto. A voz de uma mulher cantando, o som impossivelmente bonito, tanto que, por um momento, ele foi pego na pura magia disso. Homens e mulheres em roupas de gala. O cheiro de fragrâncias e colônia. Eles estavam lá para ver a peça. Ele estava lá para matar quatro pessoas.

Seus alvos estavam lá em cima em um dos camarotes mais caros. Os viu muitas vezes, riam e choravam com cada cena subsequente. Por um momento, pensou em adiar o inevitável, para poder ouvir a estrela da peça cantando mais uma vez, mas sabia que quanto mais tempo ficasse, mais as pessoas tinham a chance de vê-lo. Ele os matou rápido, silenciosamente e saiu sem nunca mais ouvir aquela bela voz.

— Sim, —ele respondeu com cuidado. — Embora eu não tenha tido muita chance de ir. —Se ele fosse, estaria sempre dividindo sua atenção entre assistir à peça e as suas costas. Os guarda-costas de seus alvos estavam ocupados demais assistindo à

peça para proteger adequadamente seus chefes. Ele os matou primeiro.

Ela sacudiu o dedo debaixo da palma da mão, lembrando-o de que ele tinha a mão sobre a dela. Ele odiava removê-la, mas não tinha motivos para continuar cobrindo a mão dela, então imediatamente a soltou.

— Sinto muito, Ania. Eu não estive muito ao redor ... —Ele se forçou a parar de deixar escapar o verdadeiro perdedor que era com as mulheres. — Sinto muito, —ele reiterou.

— Gostei da sua mão sobre a minha, Mitya. Você é incomum. Raro. Não encontro homens como você com muita frequência. Eu gostaria que tivéssemos mais tempo para conversar, mas vejo que meu pneu está de volta no lugar e seus homens estão de pé na chuva se encharcando. Devo ir. —Ela deslizou pelo assento e deixou cair a mão na maçaneta da porta.

Ele procurou por algo, qualquer coisa, para segurá-la por mais um momento. — Se você estiver em San Antonio, minha cunhada é dona de uma padaria, ***The Small Sweet Shoppe***[5]. Muitas vezes estou lá. —Se ela dissesse que conhecia, ele estaria lá todos os dias apenas para esperar vê-la novamente.

[5] ***The Small Sweet Shoppe*** – A Pequena Padaria Doce



— No distrito comercial?

— Bem no limite, as empresas parecem estar crescendo em torno dela. —Ele se viu prendendo a respiração, com a mão na outra maçaneta da porta.

— Na verdade, eu estive lá uma vez, —ela admitiu. — Se eu for, vou procurar por você. Mais uma vez obrigada por parar. Foi muito gentil da sua parte.

Antes que pudesse pedir seu número, ela abriu a porta. Em todas as coisas que queria, Mitya era extremamente agressivo. Não tinha nenhum problema em chamar mulheres quando queria um alívio rápido, mas isso era diferente. Muito diferente. Esta mulher importava de uma maneira indefinida que ele não entendia completamente. Queria ficar na companhia dela. Seu corpo a queria a cada respiração que dava. Seu leopardo queria ficar perto dela.

Mitya vivia no inferno. Era simples assim. Que homem submeteria uma boa mulher ao inferno? Que tipo de homem ele seria se considerasse submetê-la a isso? Respirou fundo e lentamente soltou a maçaneta da porta, forçando-se a não vê-la voltar para o carro, sob o guarda-chuva fornecido por Vikenti.

Sevastyan entrou no carro e virou-se para ele, olhando furioso. Mitya levantou a mão. — Eu sei que o que fiz foi louco, Sevastyan. Peço desculpas por tornar sua vida tão difícil. Não foi feito de propósito. —Não era. Ele amava seu primo e o colocara em uma posição terrível. Pior, ele colocou Ania em uma. Sevastyan poderia facilmente ter a considerado como uma ameaça e ter atirado nela.

Sevastyan não brigou com ele como deveria. Em vez disso, esperou até Vikenti e Zinoviy voltarem para seus carros e Mirón estar mais uma vez ao volante. — O que fez você parar por ela?

Mitya encolheu os ombros largos. — Foi uma compulsão. Meu leopardo ficou selvagem quando passamos por ela. Quando voltamos, ele agiu de forma estranha.

— De que maneira? —Sevastyan o pressionou.

— Apenas diferente. Um comportamento que eu nunca tinha visto nele. Não como se ela fosse uma ameaça, mas mais como se ele estivesse feliz em sua presença. Meu leopardo teve que me proteger quando eu era criança. Havia conspirações. Não sei se você se lembra ou não, mas o pai de Gorya, tio Filipp, estava vivo na época. Ele tinha dois filhos, Dima e Grisha, muito mais velhos que Gorya. Os irmãos mais velhos de Gorya e Lazar queriam Gorya e sua mãe mortos.

Sevastyan franziu a testa. — Como você sabe disso? Você não é mais velho que o resto de nós.

Mitya parecia mais velho, não que os outros não tivessem passado pelo inferno também. Ninguém que vivia em seus covis tinham privilégios, principalmente os primos. Seus pais eram cruéis e esperavam que seus filhos seguissem seus passos. Eles deveriam torturar e matar qualquer um que pudesse se opor ao comando de seus pais.

O pai de Mitya insistiu que a criança fosse mantida com ele o tempo todo. Ele queria que seu filho crescesse familiarizado com a tortura. Ver mulheres e crianças serem mortas se seus pais saíssem da linha. Ele queria que seu filho estivesse tão condicionado à violência que nunca piscaria quando tivesse que fazer as mesmas coisas. Viu e ouviu muitas coisas quando criança, coisas que seu pai planejava.

— Mitya? O que realmente aconteceu com o tio Filipp? Tio Lazar ou meu pai tiveram algo a ver com a morte dele?

Mitya olhou para o banco da frente, onde Mirón dirigia. O homem havia demonstrado sua lealdade a eles, mas ainda assim Mitya relutava em falar sobre os negócios da família na frente dele. *Por quê?* Porque o pai o havia instruído a nunca falar dos negócios

na frente de membros que não eram da família. Ele insistia em ensinar a Mitya que não havia tal coisa como lealdade. Qualquer um poderia traí-los, e pagaria um preço—incluindo os próprios irmãos.

Havia quatro irmãos: *Lazar, Rolan, Patva e Filipp.* Cada um deles se tornara um *vor*[6] na *bratya*[7], a máfia russa. Cada um governava seu próprio covil de shifters. Todos eram homens muito cruéis e sádicos. Falar sobre eles em voz alta com o primo era uma coisa, falar na frente de alguém de fora era outra coisa, mas ele precisava superar isso. Não era mais governado por seu pai. De qualquer forma, Mirón fora criado no covil. Sabia um pouco sobre os irmãos Amurov.

— O tio Filipp não matou a mãe de Gorya, como todos foram levados a acreditar, —disse Mitya. — Depois que o tio Filipp matou sua primeira esposa, ele acidentalmente encontrou a mulher que era sua verdadeira companheira. Pelo menos meu pai acreditava que era isso que o mudou. Filipp repentinamente

[6] **Vor** – e o nome dado ao chefe máfia russa, mas também significa ladrão. *Vor* também é um símbolo com conotações racistas, pois tem significado sobre a pretensa superioridade branca (eslava) do norte. Estrelas tatuadas nos joelhos significam que o *vor* não se ajoelha diante de ninguém (nem de Deus). Estrelas tatuadas acima do coração significam que o sujeito se tornou um irmão dentro da máfia russa.

[7] O crime organizado russo ou a máfia russa (russo: российская мафия, translit. Rossiyskaya mafiya, russo: русская мафия, translit. Russkaya mafiya), por vezes referido como **Bratva** (russo: братва: "irmandade"), é um coletivo de vários elementos do crime organizado originários da antiga União Soviética.

protestou contra o *plano maior* que a família tinha e ele protegia sua esposa.

— Que plano era esse? —Sevastyan perguntou, franzindo a testa. — Meu pai nunca falou comigo de um plano maior.

— No geral, os irmãos queriam assumir mais território. Não acho que teria sido difícil, mas, naquela época, os leopardos estavam com tanta sede de sangue que entravam em um território não mantido por shifters e deixavam seus leopardos se soltarem nas famílias dos *vors.* Eles matavam todo mundo. Homem, mulher e criança.

A cabeça de Mitya estava começando a latejar. No momento em que Ania saiu do carro, seu leopardo reagiu, enlouquecendo, atirando-se para a superfície, exigindo estar livre. Desde então, ele não estava mais quieto, nem por um segundo. O corpo de Mitya voltou a doer com todas as forças. Com seu leopardo arranhando seu interior, como se pudesse rasgar seu caminho para fora de seus limites, seu corpo querendo apenas descansar.

— Mitya, seu pai o levava quando invadiam outros territórios?

Mitya assentiu, fechando os olhos, mas as imagens estavam lá, estampadas para sempre em seu cérebro. Quando tentava dormir



à noite, essas lembranças passavam por sua mente, repetindo como um filme de terror.

— Todas as vezes. Todas as noites ele deixava seu leopardo solto para caçar alguns turistas desavisados que tinha vindo para a cidade mais próxima quando os navios chegavam. Como tínhamos o porto ali, era fácil conseguir uma mulher para atrair os homens para longe do resto de sua tripulação. Lazar soltava seu leopardo e caçava esses homens. Às vezes era um pequeno grupo de homens. Ele sempre insistiu que eu o acompanhasse. Para me impedir de ser espancado, meu leopardo saía e ia caçar com Lazar.

Havia vergonha em contar isso. Ele era jovem demais para proteger seu leopardo. Os espancamentos de seu pai eram tão brutais que forçava o leopardo a emergir, mesmo que Mitya lutasse para mantê-lo dentro. Uma vez que o leopardo emergia, Lazar batia no gato até ele obedecer e caçar com o seu leopardo. Todas as vezes, o leopardo mais velho e mais experiente forçava o jovem gato a se defender. Mitya sabia que seu leopardo estava sendo ensinado a ser cruel e a ganhar experiência de luta até que o animal fosse rápido e mortal em uma batalha. Uma coisa era ensinar isso a um adolescente, mas não uma criança pequena.

Ele passou a mão pelos cabelos, zangado consigo mesmo quando percebeu que estava tremendo. Ele se afastou do escrutínio



muito minucioso de Sevastyan. O trabalho de Sevastyan era mantê-lo seguro. Como chefe de segurança, era quem entrevistava os homens que queria entrar no seu ramo. Mitya havia assumido um território na área de San Antonio que anteriormente era dirigido por Patrizio Amodeo, um senhor do crime que acreditava no tráfico de pessoas.

Como a maioria dos senhores do crime nos Estados Unidos, Amodeo não era um shifter. O homem havia tentado matar o primo deles, Fyodor Amurov, e sua esposa, Evangeline. Evangeline pulou pelo balcão para cobrir Fyodor, e Mitya havia inserido seu corpo entre os assassinos e Fyodor e Evangeline, pegando as balas destinadas a eles.

Naquele momento, ele agiu por puro instinto, mas sabia que não tinha senso de preservação sobre si mesmo, porque sabia que o tempo dele estava se esgotando. Ele estava muito cansado de lutar com seu leopardo. Mais do que isso, amava seu leopardo. Nada foi culpa do gato. O animal foi submetido a espancamentos horríveis de Lazar e mais do leopardo de Lazar. Ambos se deliciaram com sua crueldade. Ele não culpava o leopardo, mas não podia deixá-lo solto, e isso era uma luta constante, dia e noite. Em nenhum momento poderia baixar a guarda. Não quando

estava cansado, doente, sozinho ou precisando desesperadamente de uma certa mulher.

— Mitya. —Sevastyan disse seu nome suavemente. — Você era uma criança.

Mitya não se lembrava de ser uma criança. Não houve infância, não com um pai como Lazar. Ele enfiou os dedos nos cantos dos olhos, desejando que houvesse uma maneira de deixar tudo, apenas por alguns minutos. *Teve isso, recordou-se. Alguns minutos preciosos.* Por um momento, a necessidade de voltar e procurar a mulher foi forte, quase esmagadora. *Ania*. Se ele a encontrasse e a mantivesse, ela daria a ambos a paz. Deus sabia que ele precisava de paz.

— Eu tinha três ou quatro anos quando ele começou a me levar com ele. Se eu chorasse, os espancamentos eram piores. Acho que minhas primeiras lembranças foram de seus punhos. O primeiro gosto na minha boca foi do meu próprio sangue.

— E o tio Filipp?

— Eu o ouvi conversando com Lazar. Ele tentou lhe dizer que tinha muitos pecados em sua alma. Disse que se tornara diferente depois que encontrou a sua companheira verdadeira. Seu leopardo

estava satisfeito e não o deixava louco. Que ele via as coisas muito mais claramente.

— Lazar ficou furioso. Muito zangado. Depois que o tio Filipp saiu, Lazar chamou os dois filhos mais velhos de Filipp para uma reunião. Dima e Grisha vieram naquela noite. Eles vomitaram seu ódio pela mãe de Gorya e pelo próprio Gorya que ainda era só um bebê. Lazar disse a eles que escolhessem um momento em que o pai não estivesse em guarda, que esperassem quando Fillip estivesse na cama com a mãe de Gorya, depois que ele estivesse saciado e relaxado. Que não o matasse imediatamente, mas o machucasse primeiro, suficiente para Fillip não conseguir se mover. Dessa forma o pai deles poderia perceber a má escolha que tinha feito, em ter sido estúpido o suficiente para se apaixonar. Fillip finalmente perceberia que a sua companheira o deixou fraco e vulnerável. E que no fim das contas foi ela quem realmente o matou.

— Ele convenceu Dima e Grisha de que Filipp merecia a morte porque estava apaixonado? —Sevastyan não parecia tão surpreso quanto deveria.

Mitya assentiu. — Lazar disse que Filipp não era mais forte. Ele poderia ser facilmente derrotado. Que deveriam ir para o quarto, incapacitá-lo primeiro, mas não matá-lo até que ambos

matassem sua esposa e sua leopardo. Ele foi muito específico sobre o que precisava ser feito quando eles fossem executar o plano. Lazar iria supervisionar, mas não participar. Os filhos tinham que fazer isso sozinhos.

— E por que Lazar queria ir?

— Lazar ficou furioso com Filipp porque os traiu ao se apaixonar pela mãe de Gorya. Ele queria vê-lo punido. Filipp se atreveu a encontrar a felicidade, algo que Lazar, Rolan e Patva nunca fariam. —Mitya olhou para suas mãos. — Algo que poucos de nós podem fazer.

A respiração de Sevastyan ficou presa na garganta, uma reação audível. Mitya não se atreveu a olhar diretamente para ele. Seu primo definitivamente viu demais.

— Mitya, há muito pelo que viver. Fyodor e Timur encontraram suas verdadeiras companheiras. Essa mulher que você conheceu hoje à noite ...

— Eu deliberadamente não peguei o número de telefone dela. Ou o sobrenome dela. É tentador acreditar que ela poderia me salvar, salvar *Dymka*. —Mais do que tudo, ele queria que seu leopardo fosse salvo. *Dymka* significa *"fumaça"*, como nevoeiro ou névoa, e era um nome apropriado para seu grande gato. Às vezes,

o leopardo era extraordinário, se movendo por qualquer lugar sem nunca ser visto.

— Eu nunca iria querer trazer uma mulher para o meu inferno particular. Você e eu sabemos que Lazar virá atrás de mim. Se ele deliberadamente fez os dois filhos de Filipp matar a mulher que seu irmão amava na frente dele e depois matá-lo por causa de uma suposta traição, você pode imaginar o que ele tem reservado para mim.

Sevastyan ficou em silêncio por tanto tempo que Mitya não tinha certeza de que responderia. Quando ele virou a cabeça para olhá-lo, seu primo estava olhando a noite pela janela.

— Ela é linda, —Sevastyan finalmente murmurou. — Sua companheira. Todos nós a sentimos. Ela é leopardo, com certeza, Mitya. Não há dúvida em minha mente.

Mitya não tinha pensado muito sobre suas origens. — Ela me disse que sua avó era da Rússia. Seu nome é em homenagem a ela. Ania.

A cabeça de Sevastyan se levantou. — Sério? Russa? Mitya, isso pode ser um ... —Ele se interrompeu, franzindo a testa. — Ela parecia familiar e estava na estrada que conduz à nossa propriedade. A propriedade dos Dovers faz fronteira com a nossa.

Eu investiguei a família antes de comprarmos a propriedade. Eles têm conexões russas e uma filha. Meu palpite é que ela é a filha. Vou checar um pouco mais quando voltarmos para casa.

— Isso faria sentido ela estar nessa estrada. Ania ama o teatro.

— Faz muitos anos desde que eu fui em um teatro, — confessou Sevastyan. — Talvez precisamos fazer um pouco mais do que nos sentar e ficar planejando como eliminar criminosos como nós. —Ele deu um pequeno sorriso para o primo.

— Quando eu terminar essa porra de fisioterapia, que alguns sádicos planejaram para mim, acho que será uma boa ideia. — Talvez ir a um teatro o ajudasse a se interessar pela vida novamente. Ou talvez ele pudesse encontrar Ania lá.

— Diga-me como Gorya sobreviveu ao massacre naquela noite, —Sevastyan perguntou a Mitya enquanto respirava fundo.

— Meu pai me levou com ele. Ele disse que queria que eu visse como a traição era punida. Disse que queria que eu visse as consequências da traição também. Ouvimos os gritos quando entramos na casa. Os gritos dela. —Ele ainda acordava com o som dos gritos de sua tia ecoando em sua mente.

Sevastyan balançou a cabeça. — Você tinha que ter apenas três ou quatro anos.

— Isso aconteceu dois dias antes do meu quinto aniversário. Meu pai me disse que era melhor não chorar ou emitir um único som, ou ele deixaria seu leopardo quebrar o meu. Até hoje, ainda acho que, se eu tentasse ajudar, talvez o tio Filipp ainda estivesse vivo. Mas é claro que seus gritos significavam que eles já o haviam enfraquecido de alguma maneira, a lógica parece não fazer muito sentido no horror das memórias de uma criança.

— Infelizmente não faz, você está certo sobre isso. Tenho algumas das minhas próprias memórias de infância e não há lógica nas minhas memórias. Nossos pais têm muito a responder.

Mitya tinha que concordar. — Acho que toda a violência com que eles alimentavam seus leopardos apodreceu eles de dentro para fora, Sevastyan. Realmente. Acho que começaram a acreditar que tinham o direito de escolher a vida ou a morte para os outros. Caçando-os. Eles eram viciados em assassinatos. O que mais desejavam ter? Não era o amor da família. Uma vez que Lazar estava disposto a matar seu próprio irmão e Dima e Grisha estavam dispostos a matar seu próprio pai, não havia lealdade. Nem para a família nem para a *bratya.*

Sevastyan assentiu. O carro fez uma série de curvas, uma manobra que Mirón costumava fazer para ver se eles estavam sendo seguidos. Mitya nunca conseguiu entender por que eles

seriam seguidos até a propriedade, já que todo mundo sabia quem era o dono. Ele nunca escondeu o fato de morar lá. Usou seu próprio nome para registrá-la. Mitya Amurov. Se Lazar queria ir atrás dele, não iria se esconder. E não havia dúvida de que Lazar viria.

— Quando entramos no quarto, Filipp estava deitado ao lado de sua esposa, com a cabeça virada para ela. Era fácil ver que sua coluna estava quebradas. Ele não conseguia se mexer. Ficou lá, olhando indefeso como sua esposa foi espancada até a morte. Era doentio o modo como eles sentiam tanta alegria nisso. Quanto mais eles a espancavam, mais selvagens se tornavam. Eu juro, que foi como assistir a uma transformação de shifters para assassinos demoníacos.

O estômago de Mitya se revirou com as memórias que fluíam. Seu coração estava batendo com força alarmante, o baque intercalando ao martelo que perfurava seu crânio. Ele desejava poder esquecer, mas seu leopardo não, então isso significava que não esqueceria. Cada detalhe foi gravado em seu cérebro para sempre. Por apenas um momento, não era mais sua tia que estava lá espancada. Era ele que estava lá, quebrado, olhando nos olhos violetas de Ania.

— Quando eles terminaram com ela, depois de espancá-la até a morte, os filhos tiveram o prazer em fazer o mesmo com o tio Filipp. Gorya começou a chorar. Ele estava lá. Em um pequeno berço. Também viu a coisa toda. Seus irmãos se viraram para ele. Eu acho que a intenção deles o tempo todo era matá-lo. Eles desprezavam o fato de Gorya ter nascido de uma mãe que o amava, já que a deles nunca os amou. De tudo que ouvi o tio Filipp dizendo a Lazar, a mãe deles desprezava a existência dos próprios filhos.

— Suponho que eles ajudaram o pai a matá-la. —Sevastyan parecia cansado.

Mitya olhou para ele bruscamente. — Você está bem, Sevastyan? —Ele era um egoísta, pensando apenas em si mesmo e na maneira como as lembranças dolorosas doíam. Não considerou que seu primo também tivesse lembranças, nenhuma das quais poderia ser muito boa. — Eu deveria ter pensado em como isso te afetaria.

Sevastyan balançou a cabeça. — Eu preciso saber. E mais, Gorya precisa saber. Todos sempre achamos que foi Fillip que matou a mãe de Gorya e que ele era muito jovem, por isso foi enviado junto com Fyodor para a mãe de Timur criá-los.

Mitya deu de ombros. — Essa foi a história que Lazar decretou que todo mundo contasse. Ele não queria que Rolan ou Patva soubessem que ele estava envolvido com a morte de Filipp. Dima e Grisha concordaram apenas porque queriam assumir o território e, se não fizessem o que Lazar lhes ordenou, ele iria expô-los ao mundo como assassinos de seu próprio pai. E então soltaria seu Leopardo neles. Eles não queriam isso. Ninguém nunca quis enfrentar o leopardo de Lazar.

Mitya enfrentara o cruel gato diariamente. Quando seu pai não gostava de algo que ele fazia, criança ou não, adolescente ou não, estava sempre sujeito à ira do animal. Ele tinha cicatrizes por todo o corpo para provar isso, assim como seu gato. Agora seu próprio leopardo era um monstro cruel. Seu pai conseguiu isso. Era também igualmente bom como lutador. Era feroz e sedento de sangue. Difícil de controlar. Selvagem. Feral. Seu pai cuidara bem disso quando garantiu que Mitya vivesse para sempre no inferno.

Ele passou os dedos pelos cabelos várias vezes, tentando se acalmar. — Ele alegou que o tio Filipp foi morto em uma luta para enfrentar o território vizinho, e Dima e Grisha apoiaram a história. Eu era uma criança pequena e ninguém ia me ouvir, mas, caso eu estivesse pensando em contar a verdade a alguém, Lazar

teria me espancado até a morte. Por volta dos meus oito anos já nem sentia mais ele me bater. Tornou-se o meu normal.

Sevastyan suspirou. — Eu sei que meu pai estava preocupado que o tio Lazar batia em você demais. Eu o ouvi falar com seus homens, avisando-os de que eles poderiam causar muito dano a uma criança se espancassem os filhos da mesma maneira que você era espancado.

— Lazar não conquistou minha lealdade, —disse Mitya. — Ele me ensinou a odiá-lo. Ensinou meu leopardo a como odiar. Como sentir essa terrível necessidade ardente de vingança. —Ele olhou para as mãos abertas e depois fechou os dedos em punhos cerrados. — Quero que ele venha atrás de mim, Sevastyan. Desta vez, não encontrará um garotinho. Desta vez, estou preparado para morrer e levá-lo comigo.

Sevastyan sentou-se mais reto quando o veículo parou nos portões altos com o belo *arabesco*[8]. O código foi introduzido e os portões se abriram, permitindo que continuassem a longa jornada até a propriedade de Mitya. Atrás deles, os outros dois carros com

---

8  Um **arabesco** é uma elaborada combinação de formas geométricas frequentemente semelhantes às formas de plantas. Os arabescos são elementos da arte Islâmica. A escolha das formas geométricas e a maneira como devem ser usadas e formatadas é fruto da visão Islâmica do mundo.

membros da sua força de segurança entraram—praticamente eram todos os homens que tinha, mas Sevastyan insistia em leva-los para protegê-lo quando ele saia. Os portões se fecharam.

— Mitya, você não irá sacrificar sua vida para matar Lazar.

Mitya não respondeu. Ele não considerava que estava sacrificando sua vida. Lazar era cruel, uma presença terrível e má na terra. Qualquer coisa que ele tocasse estaria contaminada com uma energia *vil* e maligna. Ele tinha que morrer. Mas o problema era ele—e era a razão pela qual seguira seus primos até os Estados Unidos—não tinha medo de enfrentar seu pai. Conhecia todos os seus pontos fortes e fracos. *Dymka* conhecia todos os truques do leopardo de seu pai. Não duvidava que eles poderiam vencer em uma luta. Mas Mitya tinha um problema com a moral de matar seu próprio pai.

Nunca disse isso em voz alta. Nem para Fyodor ou Timur, que matará seu próprio pai. Ele não os julgava. Sabia que Fyodor havia salvado Timur e Gorya da morte certa. Ele também não queria entrar em uma discussão moral com Sevastyan. Honestamente não sabia qual seria a opinião de Sevastyan. Ele havia deixado o país e se juntara a Drake Donovan e aos outros em seu plano de livrar o mundo dos piores leopardos que escolheram atividades criminosas nos Estados Unidos. Foi o melhor que pôde fazer para compensar

a vida que levara antes de deixar a Rússia. Havia um preço em sua cabeça. Sempre haveria. Não haveria perdão da *bratya,* principalmente dos leopardos que governavam o território.

— Quando alguém não tem nada a perder, congratula-se com a morte, —explicou ele ao primo. — Ele sempre tem essa vantagem. Lazar me ensinou isso, e ele está certo. Eu odeio que ele possa estar certo sobre qualquer coisa, mas se você não tem nada a perder, então já tem uma vantagem.

— Essa mulher ...

— Eu nunca traria uma mulher ao meu inferno pessoal. Sei que Lazar está chegando. Você também sabe disso. Eu estaria dividido. Precisaria protegê-la. Iria querer viver para ela. —Ela seria o calcanhar de Aquiles dele. *Talvez já fosse.* Ele manteria distância para garantir que ela nunca chamasse a atenção de Lazar. — As coisas que ele pode fazer com ela para me punir ... — Ele interrompeu, balançando a cabeça. — Não. Eu nunca a trarei para isso. —Ele disse com firmeza, jurando.

Dois

ELA SABIA o que era melhor. Absolutamente sabia. Tinha disciplina em todas as coisas, mas de alguma forma não conseguia se controlar. Ania Dover se viu em pé na frente das portas de vidro do ***The Small Sweet Shoppe.*** De novo. Quantas vezes tinha vindo nas últimas semanas esperando que o russo estivesse lá? Claramente, ele não estava tão encantado por ela quanto ela por ele.

A segunda boa tempestade da temporada estava desabando, a chuva caía de forma que o ar parecia como cascatas prateadas derramadas do alto em fluxos longos. Gostava de apreciar a beleza da tempestade, desde que estivesse seca sob a cobertura construída sobre a calçada. Também estava com muito calor vestida em seu longo casaco com capuz. Costumava brincar com o pai, dizendo que se sentia um pouco como Chapeuzinho Vermelho, mesmo que seu casaco fosse azul escuro.

Ania entrou na padaria acolhedora. Ela adorava o cheiro de canela e especiarias. A padaria sempre parecia ter os braços

abertos, lembrava-lhe um lar. Percebeu que cada cliente que entrava parecia conhecer Evangeline e Ashe, as duas mulheres que trabalhavam lado a lado. Elas eram rápidas, apesar de Evangeline parecer estar grávida. Era difícil dizer que, se a pequena protuberância sob o avental que Evangeline usava era um bebê.

As duas mulheres ergueram os olhos quando a campainha da porta tocou. Evangeline sorriu para ela. — Ania, que bom vê-la novamente, —ela cumprimentou.

Evangeline aprendeu seu nome cinco minutos após a primeira visita que fez à padaria e lembrou-se dela quando retornou após o encontro com Mitya. — Sou viciada em seus bolos de abóbora, — admitiu Ania, tirando as luvas.

Deu uma olhada rápida ao redor, embora já soubesse que ele não estava lá. Ania se sentiu diferente quando esteve perto dele. Segura. Calma. Apenas diferente. De um jeito bom. Saberia se ele estivesse na padaria sem olhar. Não importava quantas vezes dissesse a si mesma que ele era um criminoso e ela não queria fazer parte dessa vida, ainda assim não conseguia parar de vir à padaria, impulsionada por uma compulsão que não entendia. Fez uma pequena pesquisa sobre ele no momento em que chegou em casa.

A casa da família dela era muito próxima da dele. Apenas alguns quilômetros mais acima da estrada mal pavimentada. Ficou um pouco preocupada quando ele parou, mas sabia, como todos os que moravam naquela estrada, que alguém havia comprado a propriedade na fronteira com a casa da família. O pai dela fez uma oferta, na esperança de juntar as duas propriedades, mas ele não conseguiu adquiri-la.

Aparentemente, Mitya Amurov era seu novo vizinho.

Ela leu todas as notícias de como ele foi baleado, salvando seu primo e a esposa de seu primo, Evangeline. Ela era uma mulher maravilhosa e, por mais que Ania tentasse ligá-la aos criminosos, isso simplesmente não parecia possível. Evangeline era muito real. Ela a sentiu genuína e calorosa. Só pela maneira de como cumprimentava seus clientes pelo nome, perguntava pelas família deles com o mesmo interesse real, essa mulher não podia ser nada além de inocente.

— Quer o seu habitual? —Ashe, a barista, perguntou, virando-se para sorrir para ela.

Ania assentiu. E havia Ashe, tão doce quanto Evangeline, mas se movia com mais prudência. Ashe via o mundo de maneira diferente de Evangeline. A proprietária da padaria, Evangeline

claramente olhava para todos como amigos em potencial. Ela estava interessada neles e se importava com suas vidas. Ashe era um pouco mais cautelosa. Amigável o suficiente, mas vigilante. Ashe notou o leve sotaque russo de Ania. O sotaque estava presente em apenas algumas palavras, mas Ashe notou e ficou um pouco desconfiada a princípio, onde Evangeline estava simplesmente aberta à amizade.

— Eu adoraria, obrigada, Ashe, —disse ela. — A reforma deixará isso aqui incrível. —A parede entre a padaria e a loja ao lado havia caído. Estava isolada durante o horário em que a padaria abria para que os clientes não pudessem entrar na área de construção, mas claramente planejavam aumentar o espaço, e elas precisavam disso. Os clientes vinham pelos assados de Evangeline e o café de Ashe. As duas mulheres tinham uma mina de ouro aqui.

Deliberadamente, Ania optou por vir depois das horas de maior movimento. Além de esperar poder encontrar Mitya novamente, gostava das duas mulheres. Elas não sabiam quem ela era e não queriam nada dela. Ela era muito bem tratada e sentia que podia realmente se tornar amigas delas, e Ania estava ansiosa por isso. Nas últimas semanas, as mulheres a fizeram se sentir aceita em seu círculo.

Evangeline sorriu para ela. — Acho tão emocionante ver algo com que se sonha poder se tornar realidade. Eu sempre quis um espaço maior. Às vezes, os clientes só têm espaço para ficar em pé. Ninguém reclama, mas ainda assim, quero que todos se sintam confortáveis.

Lá estava. A verdadeira natureza de Evangeline vindo à luz. A mulher realmente se importava com os clientes. Ania olhou ao redor da padaria enquanto pagava por seu *latte*[9] e a torta de abóbora com especiarias e já estava de olho na torta de limão e framboesa também. Ia levar uma fatia para seu pai. Ele adorava assados, mas geralmente estava cansada demais para entrar na cozinha quando chegava em casa.

Havia poucas pessoas na padaria. Apenas alguns homens que ela tinha certeza serem guarda-costas. Eles estavam espalhados, em extremos opostos da sala, mas não podiam esconder o que eram, nem mesmo quando olhavam distraidamente para seus telefones. Ania pegou seu *latte* e o pratinho com o bolo, e sentou-se em uma das mesas longe da janela.

---

[9]  **Latte** é uma bebida de café expresso com uma quantidade generosa de espuma de leite no topo. Latte é simplesmente "leite" em italiano. Em países de língua inglesa, refere-se normalmente a um dos vários tipos de bebidas de café preparadas com leite. Na Itália, é conhecido como caffè latte [kafˈfɛ ˈlatte], caffelatte ou latte macchiato. No Brasil, também é conhecido como "café", e em Portugal como "galão".

Queria saborear cada mordida. Se iria adquirir todas essas calorias por estar aqui com tanta frequência, definitivamente não se apressaria em comê-las. O *latte* estava perfeito, e olhou para cima, sorrindo para agradecer a Ashe, e flagrou a mulher olhando para ela. Ashe imediatamente deu um sorriso e saiu de trás do balcão.

— Se importa se eu sentar com você na minha pausa? Não há problema em dizer não. Você nunca mexe em seu telefone enquanto está aqui, então pensei que talvez não se incomodaria com companhia.

— Claro. —Ania acenou para uma cadeira. — Eu costumo aproveitar cada mordida, e não quero olhar para o trabalho enquanto faço isso.

— Você trabalha nas proximidades? —Ela se sentou na cadeira à direita de Ania.

Ania assentiu. — Eu tenho escritórios no edifício Bannaconni. É apenas um quarteirão daqui. Não sei por que demorei tanto para descobrir vocês. Depois que me disseram sobre vocês, comecei a ouvir o nome da padaria repetidamente. Vocês tem uma boa reputação.

— É bom saber disso. Quem nos recomendou? —Ashe se inclinou para mais perto, o queixo apoiado na palma da mão, os olhos dizendo a Ania que estava realmente interessada.

Ainda assim, Ania não tinha certeza se era uma pergunta casual ou não. Ela encolheu os ombros. — Outro dia tive um pneu furado a caminho de casa depois de um encontro. O encontro, aliás, foi um desastre. E a coisa do pneu me preocupou. Como regra geral, nunca sou pega com um pneu furado porque os examino antes de sair. É uma mania minha. De qualquer forma, estava chovendo e um cavalheiro parou para me ajudar. Eu usava uma saia e jaqueta branca, minha roupa favorita, e ele se dirigiu a mim como um cavaleiro de armadura brilhante. Foi ele quem mencionou sua padaria.

Ashe fez uma careta. — O que havia de errado com o seu pneu?

Ania tomou outro gole do seu latte quente. A chuva continuou do lado de fora, agradecendo o calor da padaria e a bebida que ela envolveu as mãos. — Foi perfurado. —Essa era a verdade. Foi perfurado. Ania não tinha tanta certeza de que era acidental.

— Eu sou nova em San Antonio, —Ashe admitiu. — Você mora aqui há muito tempo?

Ania assentiu. — Toda a minha vida. Três gerações agora. Meus avós, meus pais e agora eu. Acho que eles queriam um filho, mas, infelizmente, sou a única. —Ela riu baixinho porque não havia como seus pais a trocarem por qualquer filho homem, e tinha muita certeza desse conhecimento.

As sobrancelhas de Ashe se ergueram. — Sério? Três gerações, isso é incrível. Eu nunca tive a chance de conhecer meus avós. Como é isso?

— Eles foram maravilhosos. Muito amáveis. Eu tenho que admitir, fui muito mimada quando criança. Nossa família é especializada em carros. Qualquer coisa que tenha a ver com carros. Meu avô me fez trabalhar em carros quando eu mal estava na pré-escola. Ele me ensinou os nomes de todas as ferramentas e eu o ajudava entregando-as. Me fez memorizar nomes de todo o tipo de carro e todas as partes dos motores. Meu pai foi quem me ensinou a dirigir. Acho que isso foi aos três anos de idade. Eu não podia alcançar o pedal do acelerador, mas era esperado que eu soubesse dirigir com *uma vara*[10] e um automático aos cinco.

Ashe riu. Definitivamente ela tinha relaxado um pouco. — Eu amo isso. Acho que Timur será assim com qualquer filho que

[10]  Dirigir um veículo de transmissão manual (cambio).

tivermos. Ele é um homem que desejará fazer parte da vida de nossos filhos.

— Eu não o conheço. Ele vem aqui frequentemente?

Ashe assentiu. — Eu o conheci aqui, realmente. Ele é o irmão mais novo do marido de Evangeline. Tive sorte. Você disse que seu encontro não deu certo, então suponho que não tenha uma pessoa importante em sua vida.

— Não. Eu tenho um gosto muito ruim para homens. Acho que estou condenada a ser uma senhora de gatos.

Ashe começou a rir. Ania gostou da risada. Era calorosa, e notou que os dois homens, que ela suponha ser os guarda-costas, sorriram. Nenhum dos dois olhou para ela, mas eles definitivamente ouviram Ashe rir.

— Eu duvido disso com a sua aparência, —Ashe negou. — Nunca vi ninguém com pele como a sua. Eu ia perguntar quais produtos usa, mas achei melhor conhecê-la um pouco ou você pensaria que eu estava atacando-a.

— Você me atacando? —Ania tentou uma cara séria.

Ashe riu novamente. — Estou tentada. Você tem muita sorte.

— Obrigada. Realmente. —Ania tocou seu rosto. Ela não ia fingir que não sabia que a pele dela era bonita. Nasceu com essa aparência. Não era algo que ganhou. — Minha avó e minha mãe tinham uma pele linda e tive a sorte de ter essa genética passada para mim. Eu as perdi há alguns anos em um acidente de carro e, toda vez que olho no espelho, vejo as duas.

— Isso é lindo, —disse Ashe. — Elas devem ter sido maravilhosas.

— Elas eram. Riam o tempo todo. Minha avó costumava dizer: *'Não franza o cenho, Ania, seu sorriso é muito melhor para o mundo. Dê esse presente para sua família e amigos sempre.'* Vovó praticou o que pregava. Se eu franzisse o cenho na frente dela, ela me beijaria sem parar até que eu começasse a rir. Às vezes eu franzia o cenho só para conseguir seus beijos. Mamãe fazia o mesmo.

Contar a Ashe trouxe essas lembranças para superfície, e embora se sentisse mais leve, ainda tinha vontade de chorar por causa da saudade que sentia das duas.

— Eu amei esse pensamento. Vou me lembrar dele e, se eu tiver filhos, citarei sua avó. Ela soa como se fosse uma mulher muito sábia.

— Ela era. Adoraria saber que você a citará para seus filhos.

Evangeline se sentou na cadeira do outro lado de Ania. — Eu preciso descansar meus pés.

— Você deveria estar trabalhando? —Ania perguntou. — Eu ouvi um boato de que está grávida.

— Esse boato é verdadeiro, e às vezes eu fico muito doente, então se me vê correndo para os fundos, já sabe o porquê.

— Fyodor não quer que ela trabalhe, —Ashe disse. — Ele fica todo mal-humorado quando vem vê-la.

— Eu o expulsei daqui por pelo menos uma semana, — acrescentou Evangeline.

— Tentei substituí-la, —disse Ashe piedosamente.

Evangeline caiu na gargalhada. — Quase queimou a padaria. Não, você nunca mais me substituirá, Ashe, por mais que eu a ame, minha amada padaria não sobreviveria.

Ania ergueu uma sobrancelha.

Ashe encolheu os ombros. — Não sei cozinhar. Não consigo assar. Timur me ama mesmo assim, porque sou muito, muito boa em outras coisas.

Ania se viu rindo com as duas mulheres. Ela sentiu, pela primeira vez em sua vida, como era ter amigas. Como se ela se encaixasse em algum lugar. A vida de Ania era dedicada a sua família e era muito próxima do pai, principalmente agora. Eram só os dois por um longo tempo agora, ele precisava dela. Sua saúde estava se deteriorando rapidamente e, mais do que nunca, Ania não gostava de ficar longe dele por muito tempo.

Ania assumiu o controle total dos negócios e contratara enfermeiras para ajudá-lo, mas supervisionava todos os aspectos de seus cuidados. Não deixaria seu pai nas mãos de estranhos. Tudo isso lhe consumia tempo, deixando pouco para ela. Não fez amigos desde que era uma menina na escola.

— Você deveria estar trabalhando, Evangeline? —Ania persistiu. — E seu marido realmente a ouve quando você o expulsa?

— Adoro o que faço, mas tentei ficar em casa. Prometi que ficaria enquanto estivesse grávida, mas fiquei tão triste trancada em casa que Fyodor concordou em me deixar vir trabalhar, desde que o médico autorizasse. Eu sou cuidadosa. Se eu ficar muito doente, vou embora. Fyodor insistiu que eu tivesse ajuda, dessa forma eu posso ligar quando preciso de alguém venha. Nas horas mais movimentadas, temos dois funcionários ajudando. Precisamos de



mais espaço, antes que o movimento fique mais intenso. Quanto a Fyodor, cumprindo meu decreto ...

Ashe riu novamente e o som era contagioso. — Fyodor só faz o que quer. Ele a observa a cada dois segundos. —Ela olhou em direção à porta e acenou.

Ania seguiu sua linha de visão e viu a câmera escondida no que parecia ser uma grande moldura ao longo da parede.

— Pare com isso, Ashe, —disse Evangeline. — Ele vai aceitar isso como um convite para vir e me chatear para ir para casa.

Ashe mexeu as sobrancelhas. — Ele gosta de você na cama dele.

— Que parar? Só tem sexo nessa sua cabeça, —acusou Evangeline, pegando um guardanapo e jogando nela.

— Eu tenho que concordar com Evangeline, —disse Ania. — Acabei de dizer que meu encontro foi um desastre, então não há sexo para mim. Ultimamente, acho que estou enlouquecendo. Não acreditem quando dizem que os homens não são necessários. Os brinquedos não substituem o negócio real.

Ambas as mulheres pareciam compreensivas imediatamente. Ania percebeu o que havia dito e olhou em volta rapidamente. Ela não podia acreditar no que acabara de revelar para as duas

mulheres. Apesar de já ter vindo muitas vezes aqui nas últimas semanas, ainda não as conhecia muito bem.

Os dois guarda-costas de repente ficaram um pouco mais alertas. A cor começou a subir. Como os dois estavam a uma certa distância, esperançosamente, esperou que nenhum deles a ouviu.

— Não há áudio nessas câmeras, há? —Ela perguntou, abaixando a voz ainda mais.

Ashe encolheu os ombros. — Quem sabe o que o meu cunhado paranóico realmente instalou aqui?

Evangeline estreitou os olhos para Ashe. — Não a assuste. Fyodor não grampeou o lugar.

— Não aja como se ele não fosse capaz de fazer isso. Se você não tivesse ameaçado bater na cabeça dele com uma de suas assadeiras, ele a trancaria nua em uma sala de paredes acolchoadas, esperando por ele.

Evangeline revirou os olhos, mas ela corou também. — Provavelmente é verdade, não estou dizendo mais nada.

Dois clientes entraram e Ashe deu um salto, empurrando Evangeline de volta na cadeira. Imediatamente, Ania sentiu a diferença no humor das duas mulheres e nos dois guarda-costas. Os dois homens se moveram em seus assentos. Antes eles pareciam

dispersos e preguiçosos. Agora estavam prontos para a ação. Evangeline e Ashe trocaram um longo olhar que era claramente um motivo de preocupação.

— Eu posso lidar com eles. —Ashe correu para o balcão. Não havia sorriso de saudação como normalmente havia para os outros clientes.

Por alguma razão, e Ania não sabia o porquê, ela moveu a cadeira um pouco, apenas o suficiente para interromper a visão dos dois clientes sobre Evangeline. Se quisessem encarar Evangeline, teriam que se afastar do balcão e tornariam isso óbvio para todos os ocupantes da sala.

— Quem são eles? —Perguntou Ania. Não era da sua conta, mas já se sentia protetora de Evangeline. Ania gostava das mulheres. Descobriu que estava atraída pela padaria, não apenas porque queria ver Mitya novamente, ou porque os *lattes* e os assados eram os melhores, mas porque realmente gostava das duas mulheres.

— Policiais. Eles fizeram algumas coisas, tentaram me usar e a esta padaria para encontrar evidências contra meu marido. Eles nunca encontraram nada, mas não param de nos assediar. — Honestidade ecoou na voz de Evangeline. — Esses dois fingiram

ser meus amigos. Pedi repetidamente que não voltassem aqui. Da última vez, parecia que todo o departamento de polícia estava aqui. Eles esperavam claramente que meu cunhado, Timur, viesse antes de fechar para poder fazer uma cena e possivelmente destruir meus negócios. —Havia mágoa em sua voz, além de honestidade.

— Você deveria ligar para o seu advogado? Se não tem um, eu tenho, —disse Ania. — Isso não está certo. —Ela sabia que não deveria se meter sem saber todos os fatos, especialmente desde que conheceu Mitya e não havia dúvida de que ele era um criminoso, ou pelo menos estava muito familiarizado com esse mundo.

— Não, está tudo bem. Eles não ousarão a plantar nada. Sabem que temos câmeras aqui.

Um dos dois policiais saiu deliberadamente do balcão para olhar Evangeline. Ele olhou para cada um dos guarda-costas e deu um passo na direção delas. Os dois homens se levantaram imediatamente. A tensão na sala aumentou consideravelmente.

— Evangeline, agora seria um bom momento para irmos ao banheiro feminino. —Ania levantou-se e Evangeline também.

— Evangeline, —o homem chamou, ignorando os dois guarda-costas. — Eu gostaria de ter uma chance de conversar com você.

— Continue andando, —disse Ania. — Nem se vire. —Ela deu um passo atrás de Evangeline, sem olhar uma única vez na direção do policial.

Evangeline foi diretamente para o banheiro feminino e se jogou na poltrona grande do lado de fora da porta. — Não acredito que ele ache que eu gostaria de falar com ele.

Ania ficou um pouco preocupada com a cor de Evangeline, a mulher parecia pálida. — Você está bem?

— Eu tenho algo chamado *hiperêmese gravídica*[11]. Fico muito doente e às vezes não consigo parar de vomitar. Ultimamente tem sido um pouco melhor. Espero que desapareça. O médico me garantiu que isso acontece na maioria dos casos após o quarto mês. Ainda não estou lá, então tenho esperança.

— Devo ir procurar Ashe?

Evangeline balançou a cabeça e pegou o celular. — Vou enviar uma mensagem de texto para Fyodor. Ele enviará um carro ou virá ele mesmo. Obrigada, no entanto, Ania. Estou tão feliz por você estar aqui hoje e que tive a oportunidade de conhecê-la um pouco.

[11] **Hiperêmese gravídica.** E raro. É a ocorrência de vômitos incontroláveis durante a gestação, resultando em desidratação, perda ponderal e cetose.

— Eu também. Foi divertido. Ultimamente, não tenho me divertido muito. Meu pai está muito doente e os negócios são exigentes.

— Negócios?

Evangeline estava claramente tentando não ficar doente. Ania detestou que ela estava piorando bem diante dos seus olhos e culpou os dois homens que entraram e a perturbaram.

— Com licença, —disse Evangeline, e correu para uma das cabines do banheiro.

Ania ficou ali por um momento ouvindo os terríveis vômitos, mas depois foi diretamente em direção aos dois homens que tinham acabado de receber o que compraram. Ashe estava furiosa. — Evangeline está muito doente, e vocês não tinham o direito de vir aqui e perturbá-la. Ela pediu várias vezes para não virem aqui, mas não escutam. Juro que vou relatar os dois aos seus superiores.

Parecendo uma princesa arrogante, ignorou os dois homens e virou-se para Ashe. — Ela está muito doente e não teve a oportunidade de entrar em contato com ninguém.

Um dos guarda-costas já havia se aproximado da porta do banheiro feminino no momento em que Ania se afastou, abrindo-

a e ouvindo Evangeline vomitando. Ocorreu a Ania que eles ficaram por perto para terem certeza de que ela não iria prejudicar Evangeline.

Ashe imediatamente pegou o telefone e começou a mandar mensagens rapidamente, mesmo enquanto contornava o balcão e corria para o banheiro. Ao fazê-lo, a porta da padaria se abriu e o guarda-costas, a quem Mitya havia chamado de Sevastyan, entrou. O coração de Ania começou a bater forte. O olhar dele passou por ela, pelos policiais, pelos guarda-costas e por Ashe que corria para o banheiro feminino. Seu olhar se voltou para Ania.

Ela não gostou da expressão em seu rosto. Ele sabia que ela estava lá. Ela soube imediatamente que alguém havia enviado a Sevastyan uma mensagem de texto. Evangeline? Duvidou disso. Ashe? Talvez. Um dos guarda-costas? Como eles saberiam quem ela era ou que conhecera Mitya? Esperava que eles não desconfiassem que ela veio tantas vezes aqui só para ver Mitya novamente. Nunca havia perseguido um homem em sua vida. Agora se sentia como uma perseguidora.

Ela voltou para sua mesa, ignorando todo o drama. Envergonhada por ter sido tão persistente ao tentar vê-lo novamente quando, claramente, Mitya não sentia a mesma necessidade, agora só queria desaparecer. Estava de costas para a

porta, mas soube o momento em que ele entrou. Havia uma energia presente que encheu a sala. Ela se virou lentamente para encará-lo.

Mitya era ainda mais incrível do que lembrava. No momento estava escuro e eles passaram apenas alguns minutos nos confins do carro, mas ele deixou uma impressão duradoura. Ela podia ver o porquê. Ele era puro poder. Perigoso. Um predador entre ovelhas. Não era bonito no sentido clássico, era muito masculino para ser chamado assim. Cheio de cicatrizes, suas feições muito ásperas. Não havia nada de suave nele.

Seu coração batia mais forte do que nunca. Por medo ou excitação, ela não sabia qual, só sabia que estava com problemas com esse homem. Algo selvagem nela respondia a ele. Tentou tanto com todas as suas forças controlar esse algo selvagem, especialmente agora quando seu pai precisava que ela o ajudasse. Sua vontade de ferro não importava. Seu corpo respondeu instantaneamente à presença de Mitya, cada vez mais quente e úmida. Carente. *Isso era uma loucura*.

O olhar dele cobriu tudo e todos na sala, depois se fixaram nela antes de passar para os dois policiais que pareciam congelados, presos ali no centro da padaria. Atrás de Mitya, mais dois guarda-costas entraram na sala.

Ela os reconheceu também da outra noite e, atrás deles, Mirón, o homem que trocara o pneu. Eles se espalharam, encurralando os policiais. Ela estava diretamente na linha de fogo. Mitya avançou, Sevastyan se moveu com ele.

— Evangeline? —Mitya quase grunhiu a pergunta, ainda vindo em sua direção.

Sevastyan a alcançou primeiro e se afastou. Mitya a segurou com firmeza e a colocou atrás dele, o corpo dele protegendo o dela dos dois policiais, caso pensassem em sacar suas armas. Sevastyan ficou na frente dos dois.

Ania não tinha idéia de para quem era a pergunta, mas antes que pudesse encontrar sua voz, um dos guarda-costas de Evangeline respondeu. — Aqui. Ela está doente. Ashe chamou Fyodor.

Ania tentou afrouxar o aperto de Mitya em seu braço, puxando sutilmente para trás, mas isso só fez com que ele apertasse os dedos mais ainda, parecendo um grilhão nela. Ela se recusou a posição indigna, especialmente na frente dos policiais.

— Eu estava saindo. —Manteve a voz baixa, não querendo fazer parte do drama que parecia se desenrolar ali na padaria.

— Agora ficará. —A voz de Mitya era igualmente baixa, mas carregava o tipo de comando que ela reconheceu que só poderia vir de quem estava numa posição de autoridade total por anos.

Ania leu algumas reportagens que falava sobre a suspeita de que Mitya havia tomado o território de um chefe criminoso falecido, Patrizio Amodeo, mas mesmo que isso fosse verdade, ele já estava no comando anos antes disso. Ninguém ousaria desobedecer a essa voz, não seria ela que faria agora. Nunca chamava atenção para si mesma. Não mesmo. Isso havia sido perfurado nela desde muito cedo.

— Senhores, preciso ligar para o nosso advogado? — Perguntou Mitya.

— Acabamos de entrar para os assados, —respondeu um dos policiais.

— Encontre outra padaria, —sugeriu Mitya. — Evangeline entrará com uma ordem de restrição, se for necessário. Ela não quer ter que fazer isso, mas o fará. Ela também entrará com acusações de assédio contra você. Por favor, vão embora, senhores.

Um parecia querer protestar, mas o outro o empurrou, e os dois fizeram um movimento em direção à porta. Os guarda-costas de Mitya se separaram para permitir que saíssem. — Verifique

Evangeline, —ordenou Mitya a Sevastyan no momento em que se foram.

Por um momento, quase desejou ser Evangeline. Ficou muito claro para todos que ela era importante e muito amada. Mitya quase morreu por ela. Os outros estavam preocupados com ela. Ansiosos, mesmo.

Ania sempre foi amada. Sempre. Mas esperava-se que ela fosse forte. Que fosse mais parecida com seu avô e seu pai do que com a avó e a mãe. Elas tinham a proteção dos homens em sua família. Ania foi criada para ser a protetora e responsável, tudo em um. Não se importava. Mas isso era ... lindo. E Mitya deu isso a Evangeline.

Sevastyan não hesitou como os outros guarda-costas. Ele foi direto ao banheiro feminino. No momento em que abriram a porta do banheiro, todos ouviram Evangeline vomitando.

Mitya manteve os dedos em volta do braço de Ania enquanto a acompanhava até uma mesa. Era no fundo da sala, e ele a sentou à direita, de lado, enquanto segurava a cadeira de costas para a parede, de frente para a porta e as janelas.

— Finalmente. Encontrei você. Dessa vez não vai escapar sem me dar seu sobrenome e um número de telefone. Pedi a meus

amigos que me avisassem quando você viesse aqui, e fui informado várias vezes, mas estava longe demais para chegar até aqui a tempo antes de você sair.

Isso seria maravilhoso, que ele pelo menos teria tentado encontrá-la. Mas ela sabia que havia uma ou duas mentiras misturadas com a verdade. Sempre foi boa em ouvir mentiras. O pai e o avô insistiram em que, quando conversasse com alguém, ouvisse bem, prestasse bem atenção, e isso sempre deu a ela uma vantagem.

Ania sorriu para ele, dando-lhe um sorriso praticado, o que ela usava em seus clientes. — Embora eu queira acreditar nisso, sei que não é verdade. Não precisa se preocupar, Mitya. Eu vim aqui esperando vê-lo novamente. —Ela não iria mentir sobre isso. Não tinha vergonha de ter se sentido atraída por ele. — Mas os assados são incríveis, e eu tive sorte que Evangeline e Ashe estenderam sua amizade para mim, então valeu muito a pena. Eu tenho que te agradecer novamente desta vez.

Ele a observou em silêncio por tanto tempo que seu estômago revirou lentamente. O olhar dele não saiu do rosto dela, e aqueles olhos dele eram incríveis. Só a cor era hipnotizante. As linhas em seu rosto foram cortadas profundamente com pura sensualidade. Esse olhar falou muito sobre segredos que ela de repente precisava

saber. Mitya não tinha dito uma palavra, mas tudo o que ela podia fazer era pensar em sexo. Pecado. Sua língua traçando cada uma dessas cicatrizes. Vendo se havia mais delas. Encontrando todas elas.

— Eu não sou um bom homem, Ania, e você é uma boa mulher. Um homem como eu tem que pensar muito antes de decidir trazer uma mulher como você para o mundo dele.

Um milhão de borboletas tremularam contra as paredes do seu estômago e ela fez de tudo para controlar a vontade de colocar a sua mão ali, isso poderia revelar muito. Ania não esperava a verdade ou o desejo cru na voz dele, e isso tocou profundamente algo dentro dela, algo que ela não sabia que estava lá. Nenhum homem jamais tinha chegado a ela como Mitya. A atração era tão intensa que a assustou o suficiente para deixá-la alerta. No entanto, ela o queria com cada respiração que dava.

Ela tocou a ponta da língua no lábio. Os olhos dele seguiram a ação. — Talvez eu não seja uma mulher *tão* boa assim. —Ela sussurrou, a sua intenção era que isso saísse engraçado, mas não saiu assim. De modo nenhum. Abaixou a cabeça, desejando que o chão se abrisse e a engolisse. Ania sempre *teve* que ser uma boa mulher, querendo ou não. — Eu realmente tenho que ir, Mitya. — Seu único recurso para se salvar era fugir. Rápido.

Os dedos dele agarraram ao redor do braço dela. — Ouça-me, Ania.

A porta da padaria se abriu e um homem entrou, e outro que claramente era seu irmão passou na frente dele. Ela soube imediatamente que era o marido de Evangeline. Não poderia ser mais ninguém. Ele olhou ao redor da sala.

— Ela está no banheiro feminino, —disse um dos guarda-costas. — Ashe e Sevastyan estão com ela.

Fyodor acenou com a cabeça para o homem, e ele e Timur foram direto para o banheiro. Em alguns instantes, Timur estava andando rápido, Fyodor atrás dele, Evangeline nos braços. Ela ainda estava doente e segurava uma tigela nos braços. Ania nem percebeu que Ashe havia levado uma para o banheiro, já preparada, sabendo exatamente o que Evangeline precisaria.

Ashe seguiu atrás deles, sua expressão preocupada. Ela foi direto para a mesa. — Ela vai ficar bem, Ania. Fyodor a levará para casa. Eles têm uma enfermeira lá e vão dar líquidos a ela. — Ashe olhou para o relógio. — Eu cuidarei dos clientes pelo resto do dia. Volte quando as coisas não estiverem tão loucas para que possamos conversar um pouco mais.

Ania assentiu, mas sabia que não voltaria. Mitya era tentação demais, e ela se ridicularizaria completamente por ele. Não podia se dar ao luxo de perder o coração para ele.

Quando Ashe estava de volta ao balcão, fazendo café e vendendo bolos para recém-chegados, Ania voltou sua atenção para Mitya. — Por que veio hoje? O que mudou entre quando nos conhecemos e agora?

A palma da mão dele deslizou pelo braço dela, esfregando o polegar nas costas da mão dela. Ela sabia que se tivesse algum senso de autopreservação, teria movido essa mão, mas não podia se conter. Queria sentir o toque dele. Queria que o fogo queimasse lentamente através de seu corpo. Nunca se sentiu assim. As borboletas. As cambalhotas. A umidade queimando como um fogo entre suas pernas. Suas veias pareciam cheias de melaço quente. Sua pele estava eletrizada. Seus seios estavam subitamente pesados. Quentes. Até os mamilos reagiram, se contraindo em dois picos dolorosos. Seu toque fez isso. Apenas aquele polegar roçando as costas da mão. Ela teria muitos problemas com esse homem.

— Eu percebi, olhando para cada uma das filmagens que tínhamos de você entrando nesta padaria, repetidamente, ficando acordado à noite assistindo, que sou um homem ainda pior do que eu imaginava, porque não quero desistir de você.

— Não sabemos se somos compatíveis.

— Sabe que somos.

Ela não podia negar isso. Também não podia negar que ele era um criminoso. Ele não fingia ser outra coisa. Ele se expôs a ela, toda essa sexualidade crua, essa personalidade dominadora, essa postura autoritária, achando que ela seria capaz de lidar com isso. Ela poderia? Ania tinha muito a perder. Sabia disso, e a primeira coisa seria seu coração.

— Você nem sabe meu sobrenome.

— Ficaria surpresa com o que sei sobre você. —Os olhos dele não piscaram, totalmente focados nela, quase hipnóticos.

— Você não sabe nada sobre mim, e eu não sei nada sobre você.

— Você sabe que queimaríamos juntos.

Ela considerou isso. *Uma noite?* Poderia se afastar dele depois de uma noite? Seu coração apertou com força no peito. Doendo. Do jeito que doeria quando ela o deixasse. Ania sonhava com um homem como ele. Mas realidade e fantasia eram duas coisas muito diferentes. Viu o rosto de Fyodor enquanto levava Evangeline para fora de sua padaria. O homem parecia furioso por sua mulher estar em qualquer lugar, menos em casa. Não ficará nem um pouco

surpresa ler nos noticiários pela manhã sobre um incêndio que queimou a padaria.

Estes eram homens no controle total de suas vidas e tudo e todos que estavam nelas. Ania teria que viver com os guarda-costas, pelo menos até o fim do relacionamento. Ela tinha sua própria vida. Gostava de fazer coisas que tinha quase certeza de que um homem como Mitya não aceitaria. Coisas que ela precisava fazer, sabia que ele proibiria. Haveria brigas, se ele se importasse tanto. Se não se importasse, seria pior do que se brigassem. De qualquer maneira, ela seria a única a perder.

— Você está pensando demais.

— Eu sou uma mulher inteligente. —Ela apontou para os guarda-costas. — Eles estão sempre por perto?

Ele assentiu. — São necessários.

— Se tivéssemos um caso de uma noite ...

— Uma noite nunca será suficiente. Mil noites nunca serão suficientes. Se você me aceitar, Ania, será um compromisso para mim. Para nós. Não haverá volta.

— Eu só sentei em um carro com você por quinze minutos.

Ele assentiu. — Você me trouxe algo além de qualquer preço. Pensei em lhe deixar em paz, mas acho que não sou esse homem. Então, estou pedindo que pense em compartilhar sua vida comigo.

— Você tem alguma ideia de quão irracional e louco isso é?

A parte irracional e louca era que ela por um momento considerou a proposta ridícula dele. Não o conhecia. Sentia um pouco de medo dele. Mitya Amurov não era o tipo de homem que uma mulher poderia envolvê-lo em torno de seu dedo mindinho e fazer com ele o que quisesse. Ele era o tipo de homem que dava ordens e esperava que fossem obedecidas.

— Você está balançando a cabeça, Ania, e nem se quer pensou em nos dar uma chance.

— Como posso fazer isso? —A parte sã e inteligente dela gritou, mandando-a calar a boca e ir embora. Não ouvir mais nenhuma palavra que saísse dessa boca sensual, nesse tom sexy e afetuoso que a envolvia na necessidade de ter essa boca em qualquer lugar nela.

— Jante comigo.

Seus olhos encontraram os dele. Se aceitasse jantar com ele, ela não teria como se afastar. Recusá-lo seria a coisa mais difícil

que faria. Tinha poucas coisas em sua vida que poderia chamar de sua. Perdeu os avós e a mãe. Seu pai estava se deteriorando rapidamente. Sabia que era apenas uma questão de tempo antes de perdê-lo.

Não seria dessa vez. Se ela pudesse ter uma noite gloriosa com ele e sair ilesa, então até poderia considerar. *Certo, ela aceitaria.* Mas sabia que, olhando para ele, teria seu coração partido. Mitya é o tipo de homem que nunca seria capaz de resistir. — Eu adoraria dizer que sim, mas eu me conheço, Mitya. Isso não terminará bem para mim.

— Por que tem tanta certeza de que isso terminará?

— Nós temos química. —Ania estava determinada a ser a mais honesta possível com ele, porque ele estava se colocando em risco por ela. — Isso é verdade. Muito mais química do que eu imaginava que poderia haver entre um casal, mas não somos compatíveis de outras maneiras. Você é ... você. Não negue como você é e não diga que será uma pessoa razoável. Você não é.

O sorriso dele a deixou sem fôlego. Ele se aproximou devagar, seus olhos azuis esverdeados suavizavam suas feições ásperas e robustas, ela mergulhou em direção a eles. — Eu gostaria, mas não posso negar o que sou, porém tenho que contestar sua ideia de que

não serei razoável. Talvez você seja a irracional e eu seja a voz da razão.

Ela olhou para ele por um momento, um pouco surpresa com sua transformação, e então seu comentário a penetrou e se viu rindo. — Claro que você pensaria que é o razoável.

— Jante comigo, Ania.

Ela hesitou e depois balançou a cabeça. — Venho visitar a padaria de novo e podemos nos encontrar aqui. É mais seguro.

Ele balançou a cabeça. — Conheço besteiras quando as ouço. E mentiras também. Você não tem intenção de voltar mais aqui.

Ela não tinha. A autopreservação estava vencendo. Pelo menos por enquanto. Temia que Mitya provavelmente já fosse um vício e não seria capaz de ficar longe.

— Jante comigo, Ania. Se tem medo de ficar sozinha comigo, pedirei a Timur e Ashe que venham.

Isso a fazia parecer uma covarde, e não era uma. Ela suspirou. — Meu pai está muito doente. Não gosto de deixá-lo sozinho por muito tempo. Estou supervisionando os negócios neste momento, pelo menos até que seja vendido, e isso me mantem longe dele. Se sair para jantar ...

— Vou levar o jantar até você. —Ele foi firme.

Ela era igualmente firme. — Isso não é necessário. Sério, Mitya, vou lhe dar meu número de telefone. Podemos combinar esse jantar depois que eu souber como meu pai está.

Ele assentiu e ela digitou seu número de telefone no telefone que ele lhe deu. Sabia que ele a observava enquanto ia embora, porque podia sentir seus olhos nela a cada passo do caminho. Queria correr, sentindo-se um pouco como uma presa.



Três

— **TUDO AINDA** está tranquilo, Mitya, —relatou Sevastyan. — Não há sinais de russos tentando entrar legal ou ilegalmente no momento. Tenho pessoas de olho em todos os lugares por onde possam entrar.

— Lazar enviará seus espiões primeiro, —disse Mitya, recostando-se na cadeira. Ele sentou-se em frente à lareira, em sua poltrona favorita. Era grande o suficiente para acomodar seu tamanho. Forte. Ele era todo músculo, um verdadeiro shifter leopardo, maior que a maioria, mas tão bem proporcionado que, a princípio, não se notava o quão extremamente forte ele parecia.

Sevastyan assentiu. — Não tenho dúvidas. Ele não viria pessoalmente a menos que tivesse certeza de que você está enfraquecido.

Mitya olhou para seu primo e a expressão em seu rosto. — Em que sentido?



— A mulher. Ania Dover. Se você persistir em persegui-la, Lazar saberá que encontrou sua fraqueza.

Mitya desviou o olhar para as chamas que dançavam na lareira enquanto pressionava um copo na testa. Sevastyan tinha razão. Ele geralmente tinha. O pai de Mitya, Lazar, nunca perdoaria sua traição. Ele seria sempre marcado como traidor e, no mundo deles, isso era uma sentença de morte. Ter seu próprio filho desertado, o que ele treinou para assumir o covil, era o pior crime que Mitya poderia ter cometido. Lazar era um homem cruel e vingativo, e nunca desistiria em punir, destruir e depois matar seu filho em retaliação.

— Estou bem ciente disso, Sevastyan. Lutei com minha decisão, mas não posso segurar meu leopardo sob controle por muito mais tempo. Eu preciso de Ania perto de mim. Considerei manter nosso relacionamento em segredo, mas no mundo dos leopardos, segredos não funcionam. Ela tem que ser uma leopardo também ou *Dymka* não reagiria da maneira que faz. Ela provavelmente está se aproximando do seu *Han Vol Dan*. Sua leopardo se erguerá e *Dymka* não tolerará nenhum outro macho perto dela.

Uma mulher raramente sabia da existência de sua leopardo até entrar no seu *Han Vol Dan*, uma época em que seu ciclo fértil

correspondia ao da sua leopardo. Isso permitia a leopardo sair à superfície e reivindicar sua forma compartilhada. *Dymka*, o macho dele, já estava apaixonado pela leopardo de Ania e ela nem se mostrara.

Sevastyan suspirou, passou os dedos pelos cabelos e caiu na poltrona em frente ao primo. — Eu tinha medo de que você dissesse isso. A família dela é complicada. Como sabe, eles possuem a propriedade na fronteira com a sua. Cerca de *duzentos acres*[12]. A maioria das encostas aqui é plantada com uvas, mas eles não fazem parte do negócio de vinhos. Possuem um negócio de muito sucesso no setor de manutenção de carros para os clientes mais ricos de San Antonio e arredores. Se for necessário um motorista, geralmente eles dirigem para o cliente. Eles são bem requisitados e bem pagos pelos serviços que oferecem.

Mitya assentiu e largou o copo. — A família Dover. Ouvi sobre eles de Jake Bannaconni. Ele tem um contrato com a empresa da família Dover para manter seus carros. Bannaconni me falou sobre eles. Disse que há rumores de que o avô ou o pai ocasionalmente trabalhavam para as famílias Caruso e Anwar em Houston, anos atrás.

---

12  1 acre mede 4.047, metros quadrados, então 200 acres chega a quase 81 mil metros quadrados (80.937,1).

Sevastyan assentiu. — Esses rumores são verdadeiros. Ambos eram conhecidos por suas habilidades de dirigir, e as famílias os contratavam como motoristas para levar encomendas de um lugar para outro. Como eram muito habilidosos e conhecidos, pela polícia também, nunca era parados ou pegos.

— Então, no limite do mundo do crime, mas não realmente nele, —disse Mitya.

— Eles sabiam que estavam trabalhando para criminosos, — destacou Sevastyan.

— Quem têm vigiando Ania? —Mitya perguntou.

— Kiriil e Matvei. Confio neles com a minha vida e a sua. Não que eu goste de renunciar a dois dos meus melhores homens.

— Eu aprecio que os enviou. Preciso dela, Sevastyan. Preciso dela em minha vida em breve. Você fez o que eu pedi?

— Sim, o jantar estará pronto em uma hora. Podemos levá-lo até a casa dela. Ela está lá agora, mas Mitya, esse não é o fim da história. Aquele acidente em que ela disse que seus avós e mãe foram mortos? Não foi um acidente. Alguém os tirou da estrada. O carro de Dover estava viajando em alta velocidade, como se estivesse sendo perseguido. Testemunhas afirmam que havia um segundo carro na estrada os perseguindo e tentando empurrá-los

para fora, mas foi um terceiro carro, vindo na contramão, que acabou empurrando o carro de Dover para fora da estrada. O carro deles capotou tantas vezes que as testemunhas perderam a conta. Todos os três ocupantes morreram.

Mitya ficou em silêncio por um momento, revirando os fatos várias vezes em sua mente. Isso soava como um plano clássico. Eles encurralaram o carro de Dover. Enquanto Dove se preocupava com o carro que o perseguia, outro carro se posicionou para empurrá-los para fora. — A família Dover fez alguma coisa para irritar alguma dessas famílias criminosas? Roubou alguma delas? Conversou com a polícia? Qualquer coisa?

Sevastyan balançou a cabeça. — Fiz algumas investigações, mas até agora não encontrei nada, exceto que os Dovers tinham uma reputação impecável e ninguém jamais consideraria que roubariam quem os contratasse. Ou que fossem à polícia.

— Isso foi há quantos anos atrás?

— Três. Duas semanas depois que os avós e a mãe de Ania foram enterrados, seu pai foi assaltado na rua do lado de fora de uma loja de bebidas. Ele foi baleado várias vezes. Pelo que entendi, uma das balas está alojada em seu cérebro e os médicos não conseguiram removê-la. O homem não foi visto em público desde

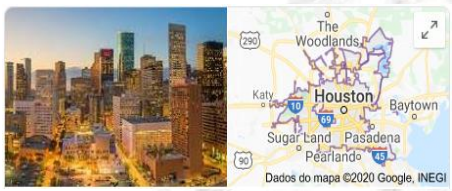
então. Ele está vivo, há fotos dele saindo do hospital, mas não trabalha mais nos negócios. Ania assumiu o controle e, há alguns meses, ela entrou em contato com Jake Bannaconni dizendo que queria vender. Ele concordou em lidar com a transação para ela. Liguei para Jake para ver exatamente qual é o relacionamento dele com os Dovers e o que ele sabe sobre o que aconteceu entre as famílias de *Houston*[13] e a de Ania. Pelo que entendi, o negócio vale uma fortuna. Ela já é independentemente rica e não precisa trabalhar se não quiser. Jake está atualmente em negociações com dois compradores diferentes.

Mitya juntou os dedos e continuou a encarar as chamas. Ania estava vendendo o negócio. *Ela mencionou isso para ele.*

— A propriedade dela está à venda?

— Não, mas há um boato de que isso pode acontecer. Não sei se é porque ela está vendendo o negócio ou porque entrou em contato com um corretor de imóveis. Por que?

---

13 

Houston é uma grande metrópole situada no Texas que se estende até a Baía de Galveston. A cidade é muito conhecida por conta do Centro Espacial de Houston, centro costeiro para visitantes do complexo de treinamento de astronautas e controle de voo da NASA. O centro relativamente compacto da cidade inclui o Theater District, que abriga a famosa Houston Grand Opera, e o Historic District, com arquitetura do século XIX e restaurantes de luxo.

— Os avós e a mãe foram assassinados. Alguém tentou matar o pai e, de alguma forma, conseguiu parcialmente. Ela me disse que sua saúde estava em declínio. Ania está vendendo um negócio lucrativo que está em sua família há três gerações.

Sevastyan recostou-se na cadeira. — *Merda.* Ela está se livrando de todos os obstáculos. Todos os laços. Qualquer coisa que a prenda aqui nessa cidade.

Mitya assentiu. — Acho que vou ter que forçar a minha reivindicação sobre Ania Dover mais rapidamente, por mais razões do que só o fato de sua leopardo emergir. Ania está com problemas.

— Talvez não agora, mas se ela se meter com a família Caruso ou Anwar, estará. Enquanto vocês dois jantam hoje à noite, vou tentar entrar e ver o pai dela. Essa pode ser a única oportunidade que temos.

Mitya fez uma careta. — Vou ver se consigo convencê-la a nos deixar vê-lo. Se o homem estiver realmente muito ruim e não puder conversar, pelo menos Ania conversará comigo sobre ele e você terá uma idéia melhor de onde ele está na casa e se alguém está com ele.

— O que sabemos sobre as duas famílias em Houston? Eles não estão no radar de ninguém, estão? Em todos os *briefings*[14]—e admito, ainda não estou a par de todos os jogadores—não me lembro de Drake ou de mais ninguém mencionando essas famílias como uma ameaça.

— Marzio Caruso subiu na hierarquia com o pai na Flórida. Eles abriram um porto e atracam lá, com muito sucesso. Quando o pai quis mudar de local, se mudaram para Houston e rapidamente se estabeleceram como as autoridades do porto. Acabaram dominando as docas, —respondeu Sevastyan. — Ann é sua esposa, e eles têm quatro filhos, todos meninos.

— Ótimo. São leopardo?

— Segundo Elijah, sim, ambas as famílias. Marzio também acrescentou um negócio de caminhões, e a família e suas empresas prosperaram. Eles negociam e se dão bem com Elijah Lospostos. Elijah disse que sempre foram homens de palavra. Nunca ouviu falar de uma briga entre os Dovers e os Carusos.

— E a família Anwar?

[14] **Briefing** é um conjunto de informações ou uma coleta de dados passados em uma reunião para o desenvolvimento de um trabalho ou documento. Esse é um instrumento muito utilizado em Administração, Relações Públicas, Design e na Publicidade.

— Bartolo é o chefe da família e, de tudo que se sabe, é um homem de palavra. Tem dois filhos, Enrico e Samuele, ambos, são como os irmãos Caruso, bastante envolvidos no negócio da família. A filha é mais nova por vários anos, Giacinta. Se supõe estar muito doente e raramente sai de casa. Eles também negociam com Elijah, e nunca teve problemas com eles. Elijah disse que mesmo quando a família Caruso chegou a Houston, não houve guerra ou aparentemente má vontade entre as famílias.

— Elijah é um grande nome nos negócios, não apenas aqui, mas em todo o mundo, —disse Mitya. Ele é um trunfo. Drake foi inteligente em recrutá-lo.

Ele inclinou o copo e bebeu o conteúdo. Raramente bebia. Nunca era uma boa idéia se embriagar quando se é um shifters, especialmente quando o leopardo era tão selvagem e sanguinário como *Dymka*. Seu leopardo se acalmou um pouco, sabendo que Mitya pretendia ver Ania.

— O ataque aos Dovers necessariamente não foi planejado por nenhuma dessas famílias, —disse Mitya finalmente. — Estamos apenas especulando, Sevastyan. Não sabemos se um ataque foi ordenado. O pai realmente pode ter sido vítima de um ladrão. Quanto ao carro, pode ter sido alguém que não estava feliz com o

sucesso da família Dover conseguir transportar os produtos para as famílias criminosas de Houston.

Sevastyan assentiu. — Talvez tenha razão. E faz mais sentido. Se os Dovers tivessem feito algo contra alguma das famílias, acho que isso seria conhecido pela maioria das outras famílias, mas Elijah diz que não há indicações de problemas entre elas. Elijah usou os serviços dos Dovers em mais de uma ocasião e disse que sempre cumpriam o contrato, a reputação era sólida.

— Se eu puder, vou conhecer o pai de Ania. Se eu tiver a oportunidade, vou interrogá-lo. Ele não vai querer que sua única filha fique na mira de alguma poderosa família criminosa. Mesmo que ela conseguisse matar algum membro da família, os outros viriam atrás dela e a matariam. Ele sabe.

Sevastyan balançou a cabeça. — Deixe-me interrogá-lo, Mitya. Você se concentra em Ania. Se você realmente acha que ela está perto de *Han Vol Dan*, precisa ser levada rapidamente para longe. A última coisa que irá querer é que ela entre no cio e que todo leopardo a menos de cento e sessenta quilômetros vá atrás dela.

Mitya reprimiu a onda instantânea de forte adrenalina causada pela ideia de alguém se aproximando de sua mulher. Seu leopardo

ficou furioso, se debatendo e arranhando, tentando abrir caminho. Mitya sentiu a fúria do seu leopardo, mas conseguiu controlá-lo. Ser um shifter leopardo significava controle absoluto em todos os momentos.

— Podemos decidir quando chegarmos lá. Obtenha o máximo de informações possível sobre as famílias e qualquer pessoa que tenha usado seus serviços, como Elijah por exemplo. Entre em contato com Drake. Ele parece ser capaz de adquirir qualquer tipo de informação com rapidez e precisão. —Drake Donovan era dono de uma empresa especializada na recuperação de vítimas de sequestro. Seu pessoal era reconhecido como guarda-costas e muitos eram shifters. Ele tinha contatos em todo o mundo e seu pessoal era bem treinado na coleta de informações.

Sevastyan assentiu. — Vou fazer. Tenha cuidado, Mitya. Ainda não sabemos tudo sobre Ania Dover e sua família. Você tem um preço em sua cabeça, e é grande.

Mitya não pôde deixar de sorrir. — Você acha que Ania é uma assassina?

— Eu acho que a família tem laços com a Rússia. Também acredito que há algo errado lá. Isso significa que você irá se cuidar e não fique muito envolvido quando a leopardo dela emergir.

Mitya riu. Ele não pôde evitar. Sua vida foi uma luta vazia e interminável com um leopardo sedento de sangue. Havia barras de aço nas suas janelas e placas de metal nas suas portas para que seu leopardo não pudesse se libertar enquanto ele dormia. Mal podia olhar ou falar com as mulheres que se encontrava ocasionalmente. Interagir com elas era perigoso. Ele as fodia e ia embora o mais rápido possível, antes que seu leopardo se enfurecesse, emergisse e as atacasse. Sua vida era puro inferno.

Se ele fosse no mínimo um bom homem, ficaria longe de Ania Dover, não a arrastaria para a lama com ele, mas ela era sua única chance de salvação na vida. Tentara ficar longe. Resistiu ao desejo de ir à padaria muitas vezes, mas no final, foi consumido pela necessidade de vê-la. De sentar-se ao lado dela e sentir a paz. A calma. Algo que nunca teve.

Ania Dover tornou-se uma obsessão. Ela representava esperança. Mais do que isso, Ania irradiava bondade e compaixão. Ela era tudo o que ele não era. Ter seu primo implicando que ela poderia ser uma assassina contratada para matá-lo era tão absurdo que se viu rindo. Gargalhando.

Sevastyan olhou para ele. — Não é engraçado, Mitya. Você nunca toma precauções com sua vida. Eu não vou deixa-lo jogá-la



fora. Sei o que está na sua cabeça metade do tempo, e isso não é bom.

Mitya levantou a cabeça e encontrou os olhos de seu primo. Sabia que Sevastyan podia ver seu leopardo porque o ar aqueceu entre eles. Mitya era um predador tão mortal quanto o seu gato. Sabia que isso apareceu em seu rosto porque Sevastyan paralisou.

— Ania será reivindicada hoje à noite, e não há nada que ela possa fazer sobre isso, nada que ela possa dizer vai me impedir. Ela pertence a mim e eu a terei. Isso me torna um criminoso, *porra,* não ela. Não importa se ela foi contratada para me matar. Ania é minha. Ela aprenderá a conviver com isso porque não tem escolha. Isso me faz ser igual ao meu pai? Provavelmente. Ele me transformou em um predador. A única diferença entre nós é que, uma vez que eu a tenha, farei tudo que esteja ao meu alcance para fazê-la feliz, e ela estará protegida de qualquer perigo. Você entende, Sevastyan? A proteção dela virá primeiro.

— Entendi, Mitya.

Mitya ouviu a resignação na voz de seu primo. Não havia como negar o que Mitya era, no que ele havia sido moldado. Forjado. Ele era um assassino, assim como seu pai. *Escolheu*

exercer seu poder para fazer o melhor que podia fazer nessa vida. Foi por isso que deixou a *bratya* e o covil de seu pai para seguir seus primos, tentando construir uma vida decente para si. Isso provou ser impossível. Então Drake Donovan apareceu e deu a eles todos os propósitos.

Mitya olhou para o relógio. Estava na hora. Era a noite em que reivindicaria sua companheira e, esperançosamente, seu leopardo ficaria satisfeito. Percebeu que queria alegar Ania para si mesmo, tanto quanto queria que seu leopardo se acomodasse e se sentisse satisfeito. Ela era para ele. Ele precisava dela. Já estava viciado no sorriso dela. No brilho dela. Mas foi especialmente por causa da maneira como Ania trouxe a paz que ele precisava. Uma vez que experimentou essa paz, sabia que não poderia ficar mais sem ela.



A CAMPAINHA tocou. Não soou longamente. Era melodioso, mas desagradável ao mesmo tempo. Ania estava sentada no chão, vestida em um moletom verde menta que caía logo abaixo da cintura mostrando seu umbigo e o pequeno piercing onde a corrente estava presa e dançava baixo em seus quadris. Sua

blusa era feita do mesmo material verde menta, mas justa e curta, um pouco abaixo dos seios. Era sua roupa de dormir favorita. Confortável. Quente, mas não muito, suficiente para ainda desfrutar da lareira. Ela estava descalça e com os cabelos selvagens soltos. As madeixas caiam em torno de seu rosto e descia pelas costas.

— Melania! —Ela gritou para a governanta, mas depois lembrou que já era tarde. Melania já tinha ido para casa. Ania se levantou do tapete, atravessou o grande espaço até o saguão e abriu a porta usando um pouco mais de força do que o necessário. Seu aborrecimento morreu em seus lábios.

Ele estava ali parado. Mitya. Seu coração apertou com força, pulou em seu peito e começou a bater forte. Seu sexo apertou junto com seu coração. Ele era maior do que ela lembrava. Tão lindo. Um homem áspero, masculino e muito assustador, seu desejo por ele a deixava fraca. Mitya estava incrível em seu terno. Seu cabelo era escuro e um pouco longo, como se seu cabelo tivesse crescido desde o último corte e ele não se importou em cortar novamente. Isso não diminuía nem um pouco sua boa aparência. Nem mesmo as cicatrizes em seu rosto.

Ania apenas ficou lá, chocada. Nenhuma palavra saiu. O olhar dele se moveu sobre ela e havia possessão claramente estampada

nas linhas sensuais no seu rosto. Ela tentou não se sentir excitada com isso, mas já estava. Seu corpo inteiro respondeu a ele, ficando elétrico. Seu sangue ficou quente e correu por suas veias, se acumulando perversamente em suas partes mais intimas.

Tinha que falar alguma coisa. — Mitya. —Isso foi tudo. Era tudo o que pôde sair. Ania estava muito consciente do fato de que sua roupa mostrava muita pele, e isso nunca era uma boa idéia quando se deseja um homem como esse a cada respiração.

— Nós temos um encontro.

— Temos? —Sua voz era fraca. Se viu olhando para ele. *Mitya parecia tão ... invencível. Tão bonito. Todo homem. Todo masculino e* ... Esperava que não estivesse dizendo nenhum de seus pensamentos em voz alta.

Ele tocou a barriga dela com a mão, os dedos bem abertos. A palma da mão dele repousou sobre a pele nua, e imediatamente aquele lugar ficou tão quente que pensou que poderia derreter. Mitya a empurrou um pouco para dentro e ela recuou. Ele entrou, roçando seu corpo no dela. Ela recuou um pouco mais, abrindo mais espaço e, sem esperar, Sevastyan entrou atrás, seguido por mais dois homens carregando grandes sacolas de algo que cheirava tão delicioso que seu estômago reagiu.

Ania não tinha percebido, mas de repente estava morrendo de fome. Não conseguia se lembrar da última vez que comeu. Pensou em parecer rude e mandar Mitya e sua tripulação embora, mas quando abriu a boca, Mitya se inclinou e roçou os lábios nos dela. Um mero toque. Um pequeno roçar. E ela sentiu vibrar todo o caminho até os ossos. O sexo dela vibrou. Sua respiração ficou presa nos pulmões. Ela ficou ainda mais quente, seus seios doeram. Ania só podia olhar para ele quando Mitya pegou a mão dela e a conduziu com confiança pela casa até a cozinha e a grande alcova retangular usada como um recanto para o café da manhã. Era um espaço muito mais íntimo do que a grande sala de jantar formal, que ficava à esquerda da cozinha.

Os dois homens arrumaram os pratos, talheres, guardanapos e até copos. Eles colocaram um balde de gelo e dentro uma cidra espumante, a sua favorita. *Como ele sabia?* Ela ficou lá, com a mão envolvida na dele enquanto os homens colocavam a comida para fora. Não era qualquer refeição. Os camarões foram grelhados em molho de gengibre e limão, arroz com jasmim e aspargos grelhados. Estranhamente, era seus pratos favoritos também.

Ela olhou para ele. — Você tem feito sua lição de casa. —Ania não sabia se ficava assustada ou lisonjeada.

Ele levou a palma da mão dela até o peito dele, na altura do coração e a pressionou lá. — Você é importante. Claro que vou tentar descobrir as coisas que você gosta.

Ele falou isso tão naturalmente, como se fosse a coisa mais importante do mundo investigar seus gostos e aversões, que quase acreditou. *Quase.* Em vez de protestar como deveria ter feito e forçá-los a sair, sentou na cadeira que ele puxou para ela. Os dois homens que trouxeram a comida foram embora. Sevastyan os seguiu até a porta, dando-lhes ordens enquanto avançavam, falando em russo para eles.

Mitya seguiu seu olhar. — Sinto muito, Ania, não posso fazer nada sobre a obsessão do meu primo por cuidar de mim. Eles estarão do lado de fora, no entanto.

— E Sevastyan? —Ela percebeu que ele não iria sair. Muito pelo contrário, sentou-se muito à vontade na sala de estar, bem em frente à lareira, onde ela estava toda aconchegante uns minutos atrás. Ania pegou o garfo. Talvez a comida fosse o melhor negócio.

Mitya deu um leve sorriso. — Prefiro ignorá-lo. Ele deveria responder à mim, mas parece que sou eu que respondo à ele.

— Você me investigou? —Ela quase gemeu quando deu uma mordida no camarão. Estava muito bom.



— Eu não. Foi Sevastyan. Ele investigaria os santos se entrassem em contato comigo. Duvido muito que isso aconteça. Como está seu pai?

Ela piscou, tudo nela entrou em alerta. — Meu pai? —Repetiu, pegando o copo gelado de cidra espumante.

— Você mencionou que seu pai estava doente. Fiquei me perguntando como ele estava. —Mitya persistia no mesmo tom natural.

Ela deixou escapar o ar. — Ele está indo como pode. Temos uma enfermeira que cuida dele durante o dia e Annalize que cuida a noite. Ele a conhece e se sente mais confortável com a presença dela. Eu estava com ele agora a pouco, mas dormiu. Ele passa dias sem conversar e, de repente, se recupera. —Ela não sabia por que havia contado a verdade ou por que permitia que a dor e a tristeza passassem por sua voz. Ania não compartilhava as notícias de seu pai com ninguém. Se ele ia morrer, faria isso sem ajuda de uma fonte externa.

— Me desculpe, *kotyonok*, eu não tinha ideia de que era tão ruim. Existe algo que eu possa fazer para ajudar?

Apenas a oferta de simpatia a fez engasgar. Ela não tinha ninguém com quem compartilhar sua dor e da carga de cuidar do

pai durante os últimos três anos. Não tinha ninguém mais da família. Ou amigos. Aprendeu a não confiar em ninguém. Ania tinha certeza de que sua família havia sido assassinada e a morte de seu pai, embora lenta, foi o resultado de uma tentativa de assassinato.

Ania não se atreveu a olhar para Mitya. Ele veria o brilho das lágrimas nos olhos dela, e ela não permitiria isso. Não chorava na frente de outras pessoas.

Deu outra mordida na sua comida, misturando o molho de gengibre e limão com o arroz. O sabor era requintado. Ele a chamou de *gatinha* em sua língua nativa, e por algum motivo esse carinho suave soou verdadeiro. Isso a emocionou também.

— Ania. —Mitya esperou.

Não tinha ideia do porquê, quando não queria olhar para ele, mas achou sua voz tão convincente que precisou olhar.

— Eu lamento profundamente. Não tinha ideia, deveria ter esperado para perguntar sobre o estado de seu pai depois que você comesse.

Ninguém havia demonstrado gentileza ou afeto a ela há muito tempo, e isso era bom. Mas já fazia algum tempo que teve uma refeição decente. Não deixaria de apreciar esse belo jantar.

Ninguém pensou em lhe trazer uma refeição, ninguém nunca se incomodou em descobrir seus gostos e desgostos. Era difícil desviar o olhar de seus olhos hipnotizantes. Sabia que estava caindo sob o feitiço dele, e isso era simplesmente perigoso.

— Está tudo bem, Mitya. Compreendo que você se importa o suficiente para perguntar. —Alguém havia perguntado pelo pai dela nos últimos três anos? Ela assumiu os negócios e pouquíssimos clientes perguntaram sobre seu pai, embora ele trabalhasse para eles por tantos anos. Isso havia lhe ensinado algo. Os clientes que eles tinham eram extremamente ricos. Sua família era vista somente como prestadores de serviço e o desaparecimento de seu pai não era importante para eles. Não eram amigos e nunca seriam. Não importava que os negócios dos Dovers fossem extremamente bem-sucedidos e que eles fossem ricos por conta própria, sempre seriam vistos como apenas empregados.

— Você explorou todos os meios para ajudá-lo?

Ela assentiu, concentrando-se por um momento em comer outro pedaço de camarão. O sabor dessa mordida não foi apenas delicioso, tinha também o gosto do cuidar. Seu corpo relaxou, querendo conversar com alguém sobre seu pai.

— Fui a médico após médico e cirurgião após cirurgião. Todos disseram a mesma coisa. Se tentassem remover a bala, ele morreria. Talvez fosse melhor arriscar essa cirurgia do que vê-lo morrer lentamente. E às vezes muito dolorosamente. Ele foi assaltado ...

— Eu li sobre isso quando Sevastyan me deu o relatório. Você realmente acredita que ele foi assaltado? Depois do que aconteceu com seus avós e sua mãe, parece uma coincidência improvável que seu pai tenha sido atacado aleatoriamente. Sevastyan não acredita que tenha sido um mero assalto, e ele raramente está errado. Ele tem um senso sobre essas coisas.

Ania queria desesperadamente alguém com quem conversar, mas era cautelosa. Ela estava planejando durante três longos anos. E provavelmente teria que esperar mais um pouco. Dizer a alguém que não acreditava que seu pai foi assaltado aleatoriamente poderia estragar todo o seu plano. *Poderia confiar em Mitya? Ele era um homem envolvido em com o mundo do crime. Tinha certeza disso. As famílias estavam todas conectadas?*

— *Kotyonok.* —Mitya sussurrou em russo. Suavemente. Docilmente. Quase com ternura.

A maneira como a chamou de *"gatinha"* retorceu seu coração. Definitivamente, usou o termo como carinho, sua voz de veludo envolvendo cada sílaba separada como uma carícia. Ele era um homem duro e perigoso, e, no entanto, sempre que estava perto dela, parecia ser gentil e doce.

— Não me olhe como se tivesse medo de mim. Daria a minha vida por você. Se está em algum tipo de perigo, precisa me dizer. Tenho recursos. Fui criado de um maneira muita errada. Não foi uma boa criação, mas me transformou em uma arma, e eu a usarei por você, se necessário. —Ele pegou seu copo de cidra e olhou por cima da borda. — Alguns de nós podem ouvir a verdade ou uma mentira quando é falada. Espero que você consiga ouvir a verdade nas minha palavras.

Ela não podia desviar o olhar, hipnotizada por ele. Cada célula do corpo dela estava ciente dele. Sintonizado com ele. Aquela coisa dentro dela, selvagem e feroz, estava ciente dele. Ao contrário dela, a entidade não tinha medo dele. Seu corpo esquentou, sua pele estava muito tensa. Sua mandíbula doía. Seu crânio parecia como se fosse explodir.

Mitya levantou-se e estendeu a mão. Ela mal podia ver com o ar crepitando na frente dos olhos. Ao mesmo tempo, sentiu a necessidade silenciosa dele, aquele fogo ardente explodiu em uma

fornalha feroz. Ela ofegou e o deixou tirá-la da cadeira e a abraçou. A boca dele caiu sobre a dela e o mundo se inclinou. Girou. Nunca mais seria o mesmo.

Fogo a atravessou. Quente. Viciante. Seu sabor era como nenhum outro. Parecia que depois que sua boca tocou a dela, ele derramou afrodisíaco dentro dela, criando um desejo pela vida. Fechou os olhos e se rendeu a ele, deixando-o assumir o controle completo. Ele a pegou, os beijos mudaram, tornando-se mais agressivos, mais rudes, mais exigentes. Ela seguiu seu comando. Deu a ele tudo o que queria e muito mais. Ela não escondeu nada porque não podia. Era impossível quando sua boca era um refúgio. Uma tentação pecaminosa. Perfeição absoluta.

Mitya murmurou enquanto se movia com ela. Ania sentiu como se estivesse flutuando, suas mãos acariciaram seu corpo, e o calor se tornou tão intenso que pensou que poderia derreter. Ele a virou e a pressionou contra a parede, com a boca no pescoço dela.

— Você a sente emergir? —Ele sussurrou. Seus dentes rasparam de um lado para o outro em um ritmo sensual contra o pulso selvagem pulsando em seu pescoço. Ele beijou uma trilha até a nuca e depois mordeu suavemente a articulação entre o pescoço e o ombro, fazendo-a tremer de necessidade. A outra mão dele

empurrou a blusa ao longo das costas até o pescoço. — Você sente a necessidade dela, Ania? O jeito que ela fica quente?

A pele dela estava quente. Escaldante. Entre as pernas, o sexo latejava e queimava. Seu clitóris latejava e pulsava. Seus seios doíam por seu toque. Ela o queria com cada respiração que tomava, e ofegava irregularmente. Desesperada por ar. Desesperada por ele.

Ele a beijou nas costas e no ombro. — Sua pele é como cetim. Tão suave. Mais suave até do que parece. Fique quieta, *kotyonok,* muito quieta. Deixe-a emergir por um momento.

Sentiu a pele dele deslizar, mudando. Um hálito quente soprou em seu pescoço. Tentou virar a cabeça, mas as mãos dele se recusaram a permitir. Ela não conseguia se mexer e seu coração batia forte no peito. O medo tomou conta. Todo seu instinto primitivo naquele momento aflorou, mas era tarde demais, e ele a tinha presa entre seu corpo forte e musculoso e a parede.

Dentes apertaram em seu ombro, logo abaixo do osso. A dor explodiu em seu corpo. Ela gritou, sufocada de medo e excitação. No fundo, sentiu que a criatura selvagem nela estava subindo em direção à superfície para encontrar o leopardo macho. Mesmo que ela não pudesse vê-lo, Ania sabia que era um

leopardo atrás dela e ele era grande. Muito grande. Muito forte. Podia sentir seu poder e determinação absoluta. Por um momento, sentiu os dois leopardos se unirem, macho e fêmea. Vinculando-se. Sabia o que isso significava. Sua fêmea abraçou o macho completamente como seu companheiro.

Então sua fêmea se acalmou, deslizando para dentro dela, mal deixando um rastro, deixando Ania sozinha e assustada. Sentiu a queimadura da mordida quando o leopardo a soltou e depois a áspera lambida de sua língua sobre as marcas da mordida. A pele dele deslizou novamente e o leopardo se foi, deixando-a tremendo tanto que ela tinha medo de ter caído se Mitya não a estivesse abraçando.

As mãos dele a acalmaram, movendo-se suavemente sobre ela, moldando suas curvas, acariciando sua pele. Ele esfregou algum tipo de pomada nas mordidas e cobriu as duas com ataduras. Ele claramente veio preparado. Mitya a beijou no ombro e por baixo da blusa nas costas dela, deixando que a parte superior da sua roupa caísse lentamente de volta no lugar. Ele a virou em seus braços e a puxou contra seu peito. Ania fez o possível para acalmar sua respiração irregular.

— O que aconteceu? —Sua voz estava abafada, mas ela não se importou. Precisava que ele a segurasse.



— Sua fêmea está entrando no cio, Ania. Você sabia da sua leopardo?

Ela estava? Sabia sobre shifters. O pai dela era um. Uma vez, ele mostrou como ela poderia mudar, e disse-lhe para nunca ter medo se a leopardo de repente se revelasse. Ele alegou que correr sob a forma de um leopardo era a coisa mais próxima da liberdade. Era uma das razões pelas quais haviam comprado tantos acres nessas colinas, em vez de ter uma casa na cidade.

— Eu não sei. Às vezes eu a sentia, —ela admitiu. Ela corria todas as tardes depois de passar um tempo com o pai, principalmente para se livrar do excesso de energia, dor e raiva que sempre sentia depois de ver o homem outrora vibrante reduzido a um vegetal. Quando ela corria, era mais rápida do que acreditava ser possível. Podia saltar distâncias e muitas vezes pular sobre troncos de árvores caídos quando eles estavam no caminho.

— Sua leopardo emergirá em breve. —Mitya beijou o topo de sua cabeça e a acompanhou de volta à mesa. — Quando isso acontecer, meu leopardo agirá de acordo com sua reivindicação. Eles são companheiros vinculados.

Ania afundou na cadeira e pressionou a mão sobre os olhos. Sempre esperou que sua leopardo um dia emergisse, pois havia

nascido com genes shifter, mas agora não tinha tanta certeza. Quando pensou que Mitya a queria para ele, foi inebriante, maravilhoso e um presente inesperado. Sentia-se tão sozinha o tempo todo. Mesmo que soubesse que não era uma boa ideia ceder à sua atração por ele, era incrível ter um homem sensual como ele a desejando. Ania achava que ela era o foco dele. Agora sabia que não era ela. Era o leopardo dele e sua fêmea.

— Vejo que sua mente está ocupada estabelecendo barreiras entre nós mais uma vez, —disse Mitya, pegando a faca e o garfo. Ele a encarou com seus incomuns olhos azuis esverdeado.

— Eu não faço isso. —Ele podia ouvir a mentira. O olhar firme nunca deixou seu rosto, e ela se viu ficando vermelha e se contorcendo. — Tudo bem, talvez eu faça. Mas, neste caso, acho que preciso de um espaço para respirar e refletir sobre tudo isso.

— Para pensar em quê? Estou aqui porque você é a única mulher com quem quero estar.

— E acontece que eu tenho uma fêmea que seu leopardo quer.

— Quando eu era criança, meu pai forçou meu leopardo a se proteger do leopardo dele e depois nos rasgava cruelmente em pedaços. Isso aconteceu repetidamente. Eu fui espancado e às vezes até atacado por seu leopardo. Eu tenho cicatrizes por toda

parte. —Ele tocou uma das marcas no rosto e depois esfregou a palma da mão sobre o peito. — As coisas que ele fez com o meu leopardo foram piores do que eu sofri.

Ania esqueceu por que se sentia magoada. — Por que ele faria isso? —Ela ficou chocada que alguém tratasse uma criança dessa maneira. Ania foi amada por seus avós e pais desde o momento em que nasceu.

— O covil onde nasci pertence à *Bratya.* Eles acreditam que a *bratya* vem antes da família, de uma mulher ou de qualquer pessoa. Para provar sua lealdade, eles tomam uma esposa, geralmente uma que compram em outro covil, ou a recebem como favor e a usam para ter filhos. Se é uma menina que nasce e se ela sobreviver, está condenada ao mesmo destino que sua mãe. Depois que os filhos homens nascem, para provar sua lealdade, matam sua esposa com suas próprias mãos. É esperado que seus filhos homens participem da morte da própria mãe.

Ela ficou chocada e sabia que isso aparecia em seu rosto. Ele falou de uma maneira prática, natural, distanciado de sua infância, mas ela podia ver e ouvir que ele estava dizendo a verdade. — Mitya. —Ania sussurrou o nome dele, uma mão indo defensivamente para a garganta.

— Os leopardos se tornam máquinas de matar. São obrigados a negarem suas verdadeiras companheiras. Finalmente, os gatos se tornam incontroláveis. Eles têm permissão, são até mesmo encorajados, para caçar inimigos humanos. Às vezes, são levados para outro território e liberados para matar o maior número possível. Estão enfurecidos dia e noite, atacando e golpeando suas contrapartes humanas e, é claro, são extremamente fortes. Controlar um a cada segundo do dia e da noite se torna mais do que desafiador.

Ela entendeu as linhas de tensão em seu rosto. Sevastyan, seu primo, também as tinha. Tinha que ser uma maneira horrível de viver. Recostou-se, a comida deliciosa de repente tinha gosto de papelão. — Sinto muito, Mitya.

Ele encolheu os ombros largos. — Não sinta, Ania, não por mim. Pelo o meu leopardo talvez, mas não por mim. Eu escapei com meus primos, viemos para cá e fizemos uma vida para nós mesmos.

— Eles atiraram em você.

Seu sorriso era fraco, mas seus olhos haviam se tornado perturbadores e muito sensuais, azuis esverdeados quentes,

afastando o gelo por tempo suficiente para que seu estômago se apertasse.

— Vejo que você está fazendo sua lição de casa.

Ela não poderia negar isso também. — Naturalmente. Tenho que cuidar do meu pai e minha atração por você foi ... inesperada e perturbadora. Pelo menos agora sei por que ela é tão forte.

— Por que você acha que é tão forte?

Havia um leve toque de diversão em sua voz, e isso a surpreendeu. Bem, embora não de um jeito bom, já que ele tinha um leve sorriso. A química entre eles era intensa, mas ela não tinha deliberadamente abordado essa palavra.

— Nossos leopardos. —Ela tentou olhá-lo nos olhos, mas não conseguiu. Começou a empurrar o arroz com o garfo pelo prato.

— Ania, olhe para mim. —Ele ficou em silêncio.

Sabia que ele estava esperando. Ele poderia esperar até o inferno congelar. O silêncio se estendeu entre eles, mas continuava a sentir os olhos dele nela. Quase como se seu olhar estivesse queimando através dela. Atingindo profundamente. Tentou resistir, seu estômago se apertou novamente e ela sentiu o calor desse olhar se arrastar para dentro dela, exatamente onde não o

queria. Olhou para ele. Instantaneamente, foi pega e aprisionada. Hipnotizada. Incapaz de desviar o olhar.

— Eu tive muitas mulheres. Casos rápidos. Logo acabava. Não havia encontros. Nem beijos. Nem conversas. Fazíamos sexo e acabou. Não estou lhe dizendo isso porque tenho orgulho disso. Eu não tenho. Estou lhe dizendo, porque quero que você saiba que desde o momento em que a vi, não pude ficar longe. Eu *tinha* que estar com você.

— Para o seu leopardo, —ela insistiu. Seu coração estava batendo muito rápido.

— Para mim. *Eu* preciso de você para mim. Quero você para mim. Eu sabia que não devia. Você merece mais do que posso lhe oferecer, mas descobri que não sou um homem bom o suficiente para desistir de você, não quando sei que também está atraída por mim. —Ele se inclinou para frente. — Podemos ir com calma. Você merece, Ania, e eu quero lhe dar o mundo. O problema é que nossos leopardos podem não nos dar o tempo que precisamos.

Ela mordeu o lábio inferior com força. Sentia a necessidade de sua leopardo, então não podia fingir que não entendia.

— Eu não sei, Mitya. Sou responsável pelos cuidados do meu pai. Estou tentando vender os negócios da família. Não é um bom

momento. —Ela enfiou o arroz na boca. Sua comida estava fria, largou o garfo novamente.

— Continua tentando encontrar razões para me afastar.

Era exatamente o que estava fazendo, porque ele a assustava. Tudo nele a assustava, porque tudo nele a atraía.

— Não vou dizer que eu não estou tentada, porque estou, mas é a hora errada agora. Eu tenho responsabilidades. Daqui a alguns meses ...

— O que fará quando ela entrar no cio?

Ania umedeceu os lábios. Ainda não conseguia desviar o olhar dele. Era impossível. — Eu não sei. O que a maioria das mulheres fazem quando isso acontece? Trancam-se? Encontram um companheiro? O que?

— Você encontra um companheiro diferente de mim e esse será um homem morto, —disse Mitya tão suavemente que, por um momento, ela não entendeu.

Alguns passos ecoaram no piso e Sevastyan estava lá imediatamente, parado entre a mulher que tinha corrido pelo corredor em direção a Mitya e Ania.

— Ania. Preciso que vá agora no quarto de seu pai. Depressa.

Quatro

— SIM, ELE ESTÁ tendo outra daquelas crises! —A mulher gritou. — Depressa, Ania!

Mitya ainda olhava para o rosto de Ania quando a enfermeira entrou correndo na cozinha, chamando por ela. Ele viu o medo em seus olhos, no branco repentino sob sua pele, sob sua expressão. Ania tentou esconder o tremor de suas mãos enquanto as colocava na mesa para se levantar da cadeira. Não era apenas o medo da morte do pai, isso era muito mais primitivo. Ele rapidamente ficou de pé quase diante de Ania.

— Fique aqui, Annalize, —Ania ordenou. — Eu vou lidar com isso. —Ela nem olhou para Mitya, quase como se tivesse esquecido que ele estava lá quando saiu correndo da cozinha.

Mitya se posicionou logo atrás dela, Sevastyan ao seu lado. Nenhum dos dois fez barulho enquanto a acompanhavam. Ania usou a velocidade de sua leopardo, intencionalmente ou não. Um

leopardo podia saltar longas distâncias e Ania atravessou o chão em um ritmo incrível.

Annalize parecia assustada. Mais do que assustada. Aterrorizada. Ania reagiu rapidamente, sem lembrar que tinha companhia. Quando chegaram ao corredor que levava ao quarto principal, Mitya ouviu os sons arrepiantes vindos da sala de estar do quarto principal. Ele soube imediatamente o que estava acontecendo.

— Ania. —Tentou detê-la, mas estava um pouco afastado porque não queria que ela percebesse que eles estavam logo atrás dela.

Sevastyan também aumentou sua velocidade. Os dois correram pelo corredor e foram capazes de pular para dentro do quarto antes de Ania fechar a porta e trancá-la com as várias fechaduras. Os olhos dela estavam arregalados. Ambos podiam sentir o cheiro do medo saindo dela em ondas, mas mesmo assim ela se aproximou da cama e do homem que se contorcia nela.

— Papai. Olhe para mim. Estou aqui com você.

O homem estava muito longe. Quando ele virou a cabeça para Ania, havia um leopardo a observando. Como se isso não bastasse,



o leopardo estava enlouquecendo, em um frenesi de raiva, desesperado para escapar da dor que o moribundo estava sofrendo.

Mitya pegou Ania pelo ombro e a empurrou para trás dele. Ela não queria sair e usou sua força para tentar escapar do aperto de Mitya.

— Saiam daqui, —ela murmurou.

Sevastyan a pegou pelos ombros. — Fique quieta. Você provocará o gato.

Mitya se aproximou da cama e do homem se debatendo. A pele do pai de Ania subia e descia em ondas como se algo vivo se movesse embaixo dele. Os músculos do homem se contraíram e depois aumentaram de tamanho. A mandíbula se alongou, sua boca ficou cheia de dentes e depois ele voltou ao normal. O tempo todo os olhos do leopardo seguiam Mitya, reconhecendo o cruel leopardo nele.

O nome de seu pai era Antosha Dover e ele tinha pouco mais de sessenta anos. Houve um tempo em que era forte, forte o suficiente para conter seu leopardo mesmo depois de ter levando vários tiros. Ninguém sabia que Antosha ainda lutava, mantendo o seu gato à distância enquanto seu cérebro se desligava lentamente devido à bala que não pôde ser removida. O homem ainda lutava,

pelo bem de sua filha, mas o leopardo estava ganhando força enquanto ele a perdia.

— Antosha, —disse Mitya. — Eu sou o companheiro da sua filha. Olhe para mim. Veja-me. Segure seu gato ou não terei escolha senão lutar com ele. Meu leopardo é cruel e muito experiente.

Os olhos amarelos do leopardo de Antosha giraram ao redor da sala, claramente procurando por Ania. Mitya se perguntou sobre os arranhões profundos em seus braços. *Cicatrizes de defesa*. Ela ajudara o pai a combater o conflito em mais de uma ocasião. Mitya queria sacudi-la. Isso foi perigoso. Ania precisava de ajuda e, para manter seu pai em segurança, assumira o dever de protegê-lo do resto do mundo e proteger o mundo de seu leopardo. Ele a admirava por fazer isso, mas sabia que era perigoso demais para ela lidar sozinha. Mais cedo ou mais tarde, o felino se libertaria e ela enfrentaria um animal enlouquecido e machucado, que tentaria matar todos à sua vista.

— Apenas olhe para mim, Antosha. Sua filha tem que estar segura o tempo todo. Você não quer ser o responsável por matá-la. Você viu os braços dela? Seu leopardo a atacou.

— Pare, —Ania assobiou. — Ele já se sente mal o suficiente. Ele não pode evitar o que está acontecendo.

Mitya ouviu as lágrimas não derramadas em sua voz, e queria se aproximar e abraçá-la. Há quanto tempo *Ania estava sozinha nessa luta?* Ele sabia por experiência própria que quando um homem sofria uma lesão cerebral, especialmente se essa lesão tivesse ocorrido violentamente, o felino também estaria ferido e se tornaria ainda mais mortal. Seu pai a teria matado eventualmente.

— *Kotyonok*, fique quieta e deixe-me lidar com isso. —Manteve a voz baixa, mas não havia como esconder o comando de sua voz. Mitya dava ordens desde que era criança. Ele era o filho do *vor* mais cruel de sua terra natal. Todos os outros covis conheciam Lazar e seu filho, Mitya. Ele queria ser gentil com ela, mas não era a hora.

Tirou o paletó e entregou a Sevastyan. Ao mesmo tempo, deslizou com facilidade os sapatos de seus pés. Estava sempre pronto para o seu leopardo emergir. Poderia mudar em segundos, seu gato já estava se preparando para lutar com o outro animal que emergia do pai de Ania. Seu leopardo era um lutador cruel e aniquilaria o leopardo de Antosha que, claramente, não tinha experiência de luta.

— Por favor, não, —disse Ania. — Deixe-me tentar.

Ele não queria matar o pai dela. Se fizesse isso, Ania nunca o perdoaria. Ele sabia disso. Também sabia que seria necessário. Talvez não neste momento, mas em breve.

— Antosha. Sei que você está aí em algum lugar. Lute com ele. Não deixe sua vida terminar com seu leopardo tentando matar sua filha. Você sabe que não quer isso como seu legado para ela.

Ele ouviu um pequeno soluço escapar dela e então a mão delicada de Ania deslizou pelas costas dele. Era um toque muito suave. Ele mal sentiu. Mas ela transmitiu muito com esse toque. Ela sabia que Mitya estava tentando salvar a vida dela. Sabia que ele não queria matar seu pai. Ela também sabia o que ia acontecer.

— Pai, por favor. —Ania soluçou com o pedido. — Você consegue fazer isso. Você é forte.

— Antosha, precisarei que meu primo leve sua filha deste quarto, para que possamos conversar de homem para homem? Eu esperava pedir a mão de sua filha em casamento. Queria que você me desse conselhos sobre a melhor forma de dar um lar a ela. Quero ouvir as coisas que você tem a dizer ao homem que passará a vida toda com sua garotinha.

Mitya tentou atrair o homem que estava lutando com seu leopardo. Ele apelou para o lado paternal do homem. Usara o nome de Ania repetidamente, sabendo que Antosha estava lutando muito para impedir que seu leopardo matasse sua filha. Claramente, Ania era amada por esse homem. Mitya sabia como era lutar com um leopardo enlouquecido e não tinha uma bala na cabeça que o estava matando lentamente.

Por um momento o felino olhou para ele. Mitya permitiu que seu gato olhasse de volta. Então o homem apareceu. Pela primeira vez, Mitya olhou nos olhos de Antosha. Ania tinha os olhos do pai dela, olhos quase roxos. A cor era azul-índigo, tão azul escuro que a sombra se transformou em um belo roxo escuro. O homem parecia devastado por sua provação, mas Mitya ainda podia ver vestígios de como ele era, um homem bonito com olhos femininos. Olhos bonitos.

Ania deve ter sido capaz de ver o pai porque sua mão deslizou pelas costas de Mitya, sob a camisa, pele contra pele, e ele a sentiu tremer.

— Você é um homem forte, Antosha. Um homem para ser admirado. Tem uma filha igualmente forte. Deve se orgulhar dela. De suas realizações. Fale comigo. Diga-me o que diria ao companheiro da sua filha. Eu preciso ouvir essas coisas.

Antosha renovou seus esforços para combater seu leopardo. O gato aguentou, mas apenas por pouco tempo. Estava acostumado a seguir a vontade do homem. O leopardo se acalmou e as contorções recuaram. Antosha recostou-se nos travesseiros e jogou um braço sobre os olhos, o corpo tremendo. Exausto.

Mitya deu um passo atrás para dar a Ania a liberdade de chegar ao pai. Ela se jogou na cama com ele, o braço passando ao redor dele, o rosto enterrado no peito dele. Antosha passou o braço em volta dela e olhou para Mitya e Sevastyan. Havia desespero escrito em cada linha de seu rosto. Sofrimento.

Determinação.

— Ela não pode continuar vindo aqui. Não posso segurá-lo para sempre. —A voz era frágil, mal soava. Cada palavra foi arrastada. As frases eram lentas, como se Antosha precisasse alcançar cada palavra, encontrá-la e, depois, formar com cuidado para dizê-la.

Mitya queria fechar os olhos, afastar-se do apelo nos olhos do pai de Ania. O homem queria que ele matasse os dois, homem e felino. O desespero estava lá. A necessidade. Ele sabia, como Mitya, que era apenas uma questão de tempo até o leopardo

vencer. Quando isso acontecesse, o gato mataria qualquer um que encontrasse—incluindo a filha e a cuidadora.

— Há quanto tempo essa luta dura?

— Muito tempo. Não posso aguentar mais.

— Você pode. —Ania levantou a cabeça e olhou o pai nos olhos. — Você pode aguentar. Você irá. Se morrer, eu ficarei sozinha, pai. Não terei ninguém.

O olhar de Antosha encontrou o de Mitya. — E o seu companheiro?

— A leopardo dela aceitou a reivindicação do meu leopardo. Ela o acalma. Só por estar perto dela, ela nos traz paz, —garantiu Mitya. — Sua filha será estimada. Eu cuidarei dela.

— Palavra de honra?

Ania sentou-se e olhou de seu pai para Mitya como se sentisse que tinha mais na conversa do que apenas as palavras.

— Você tem minha palavra de honra, —concordou Mitya.

— Proteja ela. De mim.

Ania balançou a cabeça. — Papai. Não faça isso.

— Proteja-a de mim.



As palavras eram tão confusas, lentas e longas que mal soavam como se fossem uma linguagem real. O homem estava exausto e Mitya sentiu pena dele.

— Eu vou, —concordou Mitya.

— Seu leopardo pode cuidar do meu?

— Não. Não, eu vou permitir isso. Vão embora. —Ania saiu da cama, ficou de frente para Mitya e empurrou seu peito.

Ela era forte, mas nem o balançou. Mitya passou o braço em volta dela e a puxou para ele. Ela resistiu, empurrando contra ele, lutando por um momento. Mitya a abraçou, recusando-se a deixá-lo escapar. Levou alguns minutos antes que ela desabasse contra ele e depois começasse a chorar. Desejou que ela chorasse alto, mas Ania não emitiu nenhum som. Ele sabia que ela chorava porque sentia as lágrimas molhadas em sua camisa e a maneira como seu corpo tremia, mas ela estava absolutamente silenciosa.

Mitya esfregou suas costas e acariciou os seus cabelos. Ele olhou para o pai dela por cima da cabeça de Ania e balançou a cabeça em resposta ao homem. Seu leopardo definitivamente poderia cuidar do de Antosha em uma luta. *Dymka* seria capaz de matar o leopardo de Antosha da maneira mais humana possível.

Antosha olhou para o casal por um momento e depois articulou *"obrigado"* antes de fechar os olhos e adormecer instantaneamente.

— Acho que já é seguro para sua enfermeira voltar, —disse Mitya.

— Annalize era minha babá, —Ania corrigiu, levantando a cabeça do peito dele. — Papai tem lentamente se deteriorado. Todos os médicos disseram que isso aconteceria. Consultamos os melhores. Todos me disse que seria impossível remover a bala sem matá-lo, mas com o tempo, a bala provavelmente começaria a se mover no cérebro dele por conta própria.

— Você está com ele nessa situação por três anos, Ania, — Mitya a lembrou o mais gentilmente possível. — Se a bala o tivesse matado na hora, estaria sozinha esse tempo todo. Há quanto tempo isso vem acontecendo? —Ele pegou o braço dela, levantou as mangas e examinou os arranhões compridos.

Ania se contorceu, tentando afastar o braço, envergonhada em nome do pai. — Seu leopardo se libertou algumas vezes e eu tive que lidar com ele. Ele não chegou a emergir totalmente— papai conseguiu lutar contra ele—mas o suficiente para que suas garras me arranhassem algumas vezes. Tenho sorte que Annalize

seja tão leal, mas tenho medo de deixá-la sozinha em casa com ele agora.

— Você está evitando a pergunta, *kotyonok*. Há quanto tempo isso vem acontecendo?

Ela umedeceu os lábios, evitando o olhar dele. — Nos últimos três meses, ele vem tendo essas crises constantemente.

Mitya balançou a cabeça, pegou a mão dela e saiu do quarto. Ele podia sentir a relutância dela a cada passo que davam para a parte principal da casa. Passaram pela sala de jantar formal para evitar a cozinha e continuaram até a sala grande. Mitya a soltou quando se aproximaram da lareira.

— Sevastyan, peça a Vikenti e Zinoviy que guardem o jantar e tirem tudo da casa. Se houver algo que precisamos saber imediatamente, peça que eles passem as informações para você para determinar se eu preciso ou não ser interrompido.

Sevastyan sabia o que ele queria dizer. Mitya queria que todos os homens se tornassem o mais invisível possível enquanto continuavam a fazer seu trabalho. Quando chegassem do lado de fora, Vikenti e Zinoviy usariam seus leopardos e a cobertura da escuridão para descobrir o máximo de coisas possível sobre a família Dover e sua propriedade.

Sevastyan assentiu, olhou para Ania, começou a dizer alguma coisa e depois fechou a boca e se afastou.

Mitya foi ao bar. — Você quer uma bebida?

Ania balançou a cabeça e depois respirou fundo. — Quero água, há garrafas na pequena geladeira.

Mitya achou uma garrafa e trouxe para ela. Ania afundou no tapete grosso que ficava bem em frente à longa lareira. A lareira era muito moderna, com uma longa janela de vidro e uma abundância de chamas saltando e tremulando por dentro.

— Sinto muito pelo seu pai, Ania. Ele é um homem bom e muito forte por suportar o sofrimento que está passado.

— Ele não quer usar analgésicos porque diz que o leopardo pode derrotá-lo.

Ela manteve o olhar cativo no dele. — Ania. Baby. Você sabe que seu leopardo acabará o derrotando. Ele está morrendo. Está em grande sofrimento.

Ela deu um salto e se afastou dele. — Acha que eu não sei disso?

Ele a observou, sua leopardo estava na superfície devido à extrema agitação de Ania que andava graciosamente de um lado

para o outro como um leopardo inquieto e enjaulado. Ele não respondeu porque ela claramente sabia. Tinha que aceitar a morte de seu próprio pai. Estava resistindo porque realmente acreditava que estaria sozinha. Ela estava lidando com os negócios de seu pai, além de cuidar dele sozinha por um longo tempo.

Ania parou de andar ao lado de um longo sofá de couro, da cor de ferrugem suave. Seus dedos cavaram no encosto, segurando-o com força. — Eu não sei o que fazer.

— Tem que deixá-lo ir, Ania, —disse ele calmamente. — Você não está mais sozinha, mesmo que se sinta assim. Você me tem para se apoiar.

Ela balançou a cabeça, rejeitando o decreto. — Há algumas coisas que preciso fazer e não posso fazê-las com você por perto.

Seu estômago deu um nó com a revelação. Ele temia o tempo todo que ela estivesse se preparando para entrar em guerra com um senhor do crime, alguém que tinha certeza ordenara um ataque em seu pai e matara seus avós e sua mãe.

— Diga-me que coisas são essas.

Ela tinha um olhar teimoso no rosto. — Sou eu quem tem que fazer, não você.

— Ania, você está sob meus cuidados, goste ou não. Seu pai me conhece. Ele conhece o tipo de homem que eu sou ...

— Você não irá matá-lo.

Ele continuou como se ela não tivesse o interrompido. — Ele deu seu consentimento e aprovação à nossa união. Meu leopardo reivindicou a sua. Vivemos de acordo com a lei dos shifters. Olhe para mim, *kotyonok*. Realmente olhe. Não sou um homem que gosta de ser contrariado. Quando dou uma ordem, ela é seguida. Você é minha mulher e não irá tomar nenhuma decisão ou fará qualquer coisa sem meu conhecimento e meu acordo.

Ela levantou o queixo em direção a ele, seus olhos brilhavam como fogo. Não era a leopardo dela encarando-o furiosamente, a raiva era toda de sua mulher. — Você *não* vai me dar ordens, nem vai dominar minha vida. Não sou um dos seus homens para receber ordens.

— Não, você não é. Você é minha mulher. Isso significa que, pelo menos para mim, responderá as minhas perguntas quando eu fizer uma. Estou perguntando quais são essas coisas que precisa concluir e você claramente não quer que eu saiba.

— Quero que vá embora. Nós não somos um casal, e posso te garantir, que não seremos.



— Ania, você está me atacando porque sabe que seu pai está morrendo e isso a assusta até a morte. Estou lhe dizendo, sou o homem que estará sempre à tua frente. Não precisa gostar disso, mas eu vou fazer. Ninguém mais verá um homem tão bom quanto seu pai perder a batalha que lutou por tanto tempo.

Ela abriu a boca para protestar, mas com a declaração dele, apertou os lábios e balançou a cabeça, lágrimas brilhavam em seus olhos novamente, molharam seus cílios longos e cheios, mas ela não as derramou.

— Não quero que ele morra, Mitya.

— Claro que não. Ele é um bom homem. Você tem boas lembranças dele. Lembre-se sempre delas. Mas partirá o coração dele se continuar a entrar naquele quarto sem proteção. Ele sabe que seu leopardo vai te matar. Um dia, você não vai conseguir, Ania. O leopardo dele vai te matar. Então ele sairá daquele quarto e matará Annalize. Se sair dessa casa, poderá causar estragos no bairro. Pode matar crianças. Você quer que esse seja o legado de seu pai?

Ela apertou as mãos nos ouvidos. — Cale a boca, eu não quero que diga outra palavra.

— Você precisa ouvir.

— Não vou deixar você assassiná-lo. É o que seria, *assassinato.* —Ela lançou a acusação contra ele. — Ele não será capaz de se defender.

— Não seria assassinato. Seria legítima defesa. Ou, poderíamos chamar de um fim digno de uma vida brilhante que seu pai levou. Qual é teu plano? Você deve ter um. Quando seu pai finalmente perdesse o controle e seu leopardo escapasse, o que estava planejando fazer?

Ela apertou as pontas dos dedos no rosto. — Eu não sei. Só sei que não vou machucar *meu* próprio pai.

Ele ficou imóvel, com os músculos travados no lugar. — Diga-me que levou uma arma para aquele quarto com você. Você está armada, não é?

Quando o olhar dela deixou o dele e a cor varreu o pescoço para o rosto, ele se moveu. Um salto e estava ao lado dela. Ele a pegou pelos braços e deu uma pequena sacudida. — Você está maluca? Sabe que ele vai perder a batalha com seu leopardo. Sabe que vai destruí-lo saber que ele te machucou ou a matou, e ainda assim entrou lá sem uma arma? Você tem um desejo de morte?

Seus dedos morderam fundo e ele a sacudiu novamente. Abruptamente, ele a soltou e começou a andar para perder um pouco da adrenalina subindo tão rápido.

— Eu não vou matá-lo. —Ela manteve a voz baixa, condenação absoluta estampada em seus traços delicados.

Ele se virou. — Eu proíbo que entre naquele quarto novamente. Se necessário, mandarei Sevastyan trancá-la em nosso quarto seguro até que isso acabe. Você não está arriscando sua vida desnecessariamente. Nem vou permitir que a jogue fora.

Ela olhou para ele, com um choque no rosto. — Você não pode fazer isso.

— Eu posso, Ania, e farei. Não irá sacrificar sua vida porque um imbecil atirou em seu pai e o colocou naquela situação nesses últimos anos. Vou me mudar para esta casa até isso acabar.

— Vou chamar a polícia e eles irão prendê-lo.

— Faça isso. E continue fazendo. Cada vez que eles vierem me buscar, mais homens entraram nesta casa e a impediram que entre naquele quarto. Eventualmente, Sevastyan chegará até você, e ele fará exatamente o que eu disser e trancará você. Eu não estou brincando com isso, Ania. Sua vida está em perigo, e a alma desse

homem também. Ele está apavorado. Não de morrer, mas de machucá-la. Não consegue ver isso?

Ania não queria ver, mas o fez. Queria ficar com raiva, gritar e esbravejar, protestar aos céus, mas qual seria o objetivo? Mitya era um bom alvo para a sua frustração irada, um que ela poderia atirar o maior número possível de flechas, mas sabia que isso também não era justo. Ela estava sendo uma vadia de primeira classe e trazendo à tona o pior absoluto de Mitya—pelo menos ela esperava que fosse o pior dele.

Ela passou a mão pelos cabelos e olhou para ele por um longo tempo enquanto tentava controlar sua respiração irregular e trabalhosa. — Sinto muito, Mitya. Eu não deveria gritar com você. Sei que está apenas tentando ajudar. O pensamento dele morrer é assustador para mim. Ainda acredito que se eu puder mantê-lo vivo por tempo suficiente, os médicos encontrarão uma maneira de extrair a bala e ele voltará ao normal. Eu só o quero vivo.

Mitya olhou para ela com olhos azuis frios, quase árticos. Tão frios que ela estremeceu.

— Ele está sofrendo, Ania. Você tem que deixá-lo ir.

Ela fechou os olhos contra a verdade. Uma mão passou defensivamente por sua garganta, a outra por seu coração, como se

doesse tanto, que não pudesse suportar a dor. — Eu não sei se posso, —ela sussurrou. Olhou para ele e havia um pedido em seus olhos. — Não acho que sou tão forte.

Ele curvou a palma da mão em volta da nuca dela. — Você não precisa ser forte, Ania. Eu sou. É por isso que me tem. Prometi a ele que cuidaria de você. Que te manteria segura. Você o ouviu. Sabe o que ele quer. *Dymka*, meu leopardo, garantirá que o leopardo de seu pai não sofra.

Ela balançou a cabeça. — Acho que nunca te perdoaria.

— Não posso passar esse dever para um dos meus homens. Primeiro, porque respeito muito seu pai. Dei a ele a minha palavra e sou seu companheiro. Segundo, não confio em nenhum deles, exceto em Sevastyan. Confio no leopardo de Sevastyan para tornar a morte do leopardo de seu pai rápida e indolor. Mas não posso pedir isso a Sevastyan, ele não tem uma companheira como âncora para domar seu leopardo, ele teria que fazer um grande esforço para controlá-lo até esse ponto. Isso é uma dívida de honra, Ania. Eu não tenho escolha. Nenhuma. Devo fazer isso por você, para mantê-la segura, quer queira ou não. Devo fazer isso por seu pai, para preservar sua honra. Isso significa muito para ele.

Mitya não imploraria a ela que entendesse. Ele declararia fatos, mas não buscaria seu perdão. Se ela não entendesse agora, tinha certeza de que, eventualmente, entenderia. Agora, Ania estava emotiva e assustada. Não a culpava. O pai dela parecia ser um homem maravilhoso. Mitya não teve isso. Ele não sabia nada sobre os laços emocionais entre pai e filho. Os pais que conhecera não eram bons homens.

Ania respirou fundo e se afastou dele, indo para o chão em frente à lareira novamente. Apenas caindo como se suas pernas não a segurassem por mais um tempo.

Mitya a seguiu e trouxe a garrafa de água. Ele pegou a cadeira e colocou logo atrás dela para que ela pudesse descansar as costas contra as pernas dele e colocar a cabeça no colo dele, se quisesse. Porém, Ania permaneceu rígida e ereta, mantendo-se longe dele, olhando para as chamas.

— Conte-me sobre ele, *kotyonok*. Claramente, seu pai parece ser um homem íntegro. É óbvio que ele te ama. O que ele fazia pelos muitos senhores do crime com que trabalhou?

Ania ficou em silêncio por tanto tempo que Mitya achou que ela não iria responder. Ele se moveu com cuidado. Seu corpo ainda estava dolorido e machucado dos ferimentos de bala. Um

especialmente ainda o incomodava, e muitas vezes relaxava sua posição para tentar eliminar a dor crônica. Ele foi paciente. Sabia que o silêncio e a tristeza andavam de mãos dadas.

— Meu pai estava sempre rindo. Sempre. Ele poderia transformar a pior situação em algo feliz, como se todas as ocasiões tivessem um raio de sol. Minha mãe amava seu senso de humor. Todas as manhãs eles sorriam na mesa do café. Nós sempre comíamos juntos. Eles riam muito. Estavam sempre se tocando e se beijando. Eu cresci assim, em uma casa cheia de risos e amor. —Ela se virou levemente para olhá-lo. — Exatamente o oposto de você.

Isso era verdade. Ela não disso isso como uma acusação, mas Mitya sentiu como se tivesse o acusado, dizendo sem palavras que ele era um assassino e sempre seria. Era verdade. Mesmo que ela tivesse realmente o acusado, ele não teria sido capaz de negar. Era um assassino e sempre seria. Drake Donovan havia lhe dado um propósito, uma maneira de tentar a redenção, mas no fundo, Mitya sabia que era o que ele havia sido moldado.

Ele assentiu. — Isso é verdade, Ania. Exatamente o oposto. — É por isso que o pai dela ainda lutava para mantê-la viva. Ninguém, especialmente o pai, a machucaria.



— Ele agiu como se gostasse de você. Até mesmo como se o respeitasse.

Mitya não conseguia captar isso pelas palavras lentas e arrastadas, mas Ania o conhecia melhor do que ninguém e sua voz soava com a verdade, então decidiu acreditar nela. Essa avaliação o sangrou. Seu pai era um homem bom, e ter seu respeito significava alguma coisa.

— Eu sabia que, no momento em que o leopardo dele visse o seu, papai pediria que você o ajudasse. Sabia que ele iria. —Ela olhou por cima do ombro para ele, esfregou as têmporas e depois olhou de volta para o fogo.

Mitya pegou o desespero escrito em seu rosto. Ele queria confortá-la, mas não podia fazer isso até que ela aceitasse o que ele tinha que fazer. Shifters não podiam ser submetidos a uma autópsia. Tinham que ser cremados e apenas outro leopardo poderia lidar com isso. Essa era sua lei sagrada e todos, bons ou maus, obedeciam a ela. Ela era bem versada na história dos leopardos. Sua família permitiu que visse seus leopardos. Sabia do calor de um leopardo. Sua propriedade foi feita para leopardos. Ele sabia por que passara algum tempo explorando sua propriedade e a de seus vizinhos, embora ainda não os conhecesse, ou qualquer

coisa sobre eles. Os relatórios ainda estavam sobre sua mesa, apenas folheou depois que a conheceu.

— Eu sei que ele está sofrendo e preciso ser capaz de deixá-lo partir. Não consigo. Ele sempre foi tão forte. A rocha da nossa família. Sem ele ... —Ela parou e tirou a tampa da garrafa de água que ele já havia afrouxado. — Eles saíram do beco e atiraram nele várias vezes. Um ficou em cima dele e colocou a bala na cabeça.

Mitya ouviu o soluço misturado com sua raiva. — Foram covardes. Sabiam que não poderiam matá-lo de outra maneira.

— Eram leopardos? Você sabe quem são eles? —Se ela sabia, era a única. Não houve um sussurro sobre o ataque que Antosha Dover sofrerá. Nenhum boato sequer.

— Meu pai tinha contratos com vários clientes. Nós cuidamos de seus carros, fazemos a manutenção deles da melhor forma. Nós vamos até eles. Mantemos suas garagens e suas coleções de carros. Nós fornecemos motoristas se for solicitado. Qualquer coisa que tenha a ver com seus carros, nós resolvemos. Nossa família tem uma afinidade com carros, então muitas vezes temos que recusar novos clientes. —Ela ficou em silêncio novamente, olhando as chamas.

Mitya estendeu a mão para acariciar seus grossos cabelos escuros. Ania não se afastou, então ele começou uma massagem lenta em seu couro cabeludo. Ela se inclinou para ele com um suspiro, ele esperou até que ela se deitasse completamente, seu corpo entre as pernas dele, assim podia alcançá-la facilmente.

— Papai era como meu avô. Reflexos muito rápidos e boa visão. Seu leopardo provavelmente ajudava, mas muito poucos conseguiram ultrapassá-lo. Ele se afiou nas corridas de rua.

Mitya fechou os olhos. Sevastyan queria contratar um corredor de rua para dirigir para ele. Havia um jovem piloto contra quem ninguém queria competir porque ninguém podia vencê-lo. O nome dele era *Andi.* As peças se encaixam no lugar. Ania era Andi. Ela estava aprimorando suas habilidades contra alguns dos melhores pilotos do ramo.

— Se um de nossos clientes precisava mover algo de uma cidade ou estado para outro, e precisava chegar lá com rapidez e segurança, ligavam para meu avô ou pai. Eles nunca falharam em uma única entrega.

— Eles sabiam o que estavam transportando?

— Sempre souberam. Simplesmente não se importavam. Disseram que não era da conta deles. Era a nossa política. Papai

tinha contratos com nossos clientes e, se precisassem de algo especial e estivesse ao alcance dele, o contrato era cumprido. Depois que ele foi baleado, ainda havia algumas entregas a serem feitas, então as levei para ele. —Ela olhou por cima do ombro para ele. — Eu sou uma motorista muito boa. Está nos meus genes.

— Imagino que você é. —Ele manteve o tom neutro. Ela não aceitaria nenhum outro trabalho especial para nenhum de seus clientes, nem uma vez mais, assim que ele dissesse que ela lhe pertencia e que se alguém pedisse algo deveria passar por ele primeiro.

Ania tomou um gole de água. — Odeio ser tão emotiva. Meus olhos ardem e fico horrorosa chorando. —Ela enxugou os olhos com a garrafa de água. — Acho que ele ou meu avô conseguiram um trabalho com um de nossos clientes e esses cliente não queriam que eles vissem o que estava sendo levado.

Havia hesitação em sua voz. Ela estava contornando a verdade. — Ania, sou seu companheiro. Posso ouvir mentiras. Entre nós, por mais doloroso que seja, sempre deve haver verdade. Um deles guardou algo que não deveria? Não concluí a tarefa? Participou da remessa?

Houve um silêncio, mas ela não levantou a cabeça. Ele colocou os dedos no couro cabeludo dela e continuou a massagem.

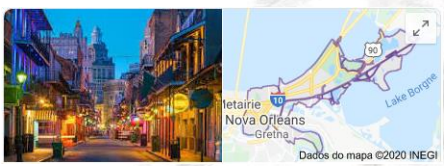
— Eu acho, mas não sei o porquê, um dos dois, papai ou vovô, não entregou a encomenda, ficou com o pacote. Eu perguntei ao meu pai repetidamente, mas ele disse que não tinha idéia do porquê do ataque para eliminar ele ou a nossa família. Ouvi atentamente, mas não ouvi uma mentira em sua voz. Isso não quer dizer que ele não tentaria me enganar se pensasse que estava me protegendo.

— Com quem ele trabalhou pela última vez que dirigiu?

— Meu avô e meu pai saíram ao mesmo tempo. Meu pai dirigia para a família Caruso. Meu avô dirigia para a família Anwar. Ambas as famílias residem em Houston. Ambas encomendas foram enviadas de *Nova Orleans*[15]. Eles estavam levando o que quer que fosse para Houston.

— Você falou com qualquer uma das famílias depois que sua família foi atacada?

---

15 

Nova Orleans é uma cidade na Louisiana às margens do rio Mississippi, próxima ao Golfo do México. Apelidada de "Big Easy", ela é conhecida por sua incansável vida noturna, sua vibrante cena de música ao vivo e sua culinária apimentada e única, que reflete a histórica mistura das cultura francesa, africana e americana. O Mardi Gras incorpora o espírito festivo da cidade em um carnaval no fim do inverno, que é famoso pelos desfiles animados e pelas festas nas ruas.



— Eles me procuraram, assim como alguns de nossos outros clientes. Ambos pareciam sinceros. Eu suspeitava deles, mas não consegui pegá-los com nenhuma mentira. No funeral de meus avós e mãe, meu pai conversou com eles. Eu estava ao lado dele, ouvindo qualquer coisa que pudesse indicar que eles haviam ordenado um ataque, mas não consegui pegar nada de errado. Mais tarde, discutimos isso. Meu pai alegou que também não tinha ouvido uma mentira. Obviamente, não perguntamos diretamente se eles haviam ordenado um ataque contra a nossa família.

— Você já se sentiu ameaçada ou alguém tentou matá-la? — Ele não pôde evitar. Eram perguntas que precisavam ser feitas, sentiu a calma familiar se estabelecer nele—sua mente indo para aquele lugar em que esteve tantas vezes quando interrogava prisioneiros para seu pai. Esse homem estava mais familiarizado com o gelo e a distância do que o homem que tentava aliviar a tensão de sua mulher, massageando seu couro cabeludo, pescoço e ombros.

Ania hesitou. Sua mão parou. Ele esperou. Já sabia a resposta.

— Sim. Uma vez antes de acontecer o ataque ao meu pai. Eu estava voltando da propriedade Caruso, em Houston, onde cuidara de dois carros deles. Estava chegando em casa e alguém tentou me

tirar da estrada. Foi uma emboscada. Eles tinham um segundo carro me esperando, assim como fizeram com meus avós. Eu virei meu carro no último segundo e passei entre o primeiro veículo que estava me perseguindo e a encosta da montanha. E fugi.

Mitya fechou os olhos. *Tão perto. Ela quase havia morrido.* — A segunda vez?

— Alguém atirou em mim quando eu estava dirigindo para casa, apenas cerca de três quilômetros antes da entrada da minha estrada. Cerca de sete balas. Mais uma vez, minhas habilidades de condução me salvaram. Esse foi um dia depois que meu pai foi baleado. Eu estava voltando do hospital para pegar uma muda de roupa e tomar um banho.

Mitya xingou em sua língua nativa. — Você deveria ter me contado isso, Ania.

— Não te conheço, Mitya. Você está nesse mundo do crime. Eu não estou. Meu pai e meu avô podem ter estado, mas se assim for, eu não sabia nada sobre isso. Estou apenas tentando manobrar minha vida e manter meu pai seguro. Tivemos três tentativas de arrombamento. Tenho certeza de que quem quer meu pai morto quer terminar o trabalho. Os alarmes foram disparados e a polícia foi chamada. Eles correram. Mesmo com o meu olfato

aprimorado, eu não os reconheci. —Ela se levantou e atravessou a sala, sem olhar para ele.

Mitya estudou seu rosto chateado por um longo tempo. — Ania. Sou seu companheiro. Estou lhe dizendo que você não pode esconder as coisas de mim. —Ele derramou o comando em sua voz. Era aveludado, como costumava ser. Mitya raramente levantava a voz. Agora, era da maior importância que ela o entendesse.

Ania levantou a cabeça devagar, erguendo os cílios para que ele olhasse fixamente para aqueles olhos índigo, olhos que passaram do azul mais escuro ao roxo quase real. — Suponho que você não possa esconder as coisas de mim quando eu fizer perguntas sobre seu trabalho. —O sarcasmo gotejava de sua voz.

— Meu trabalho pode te matar.

Ela levantou o queixo. — Talvez eu precise reter informações pelo mesmo motivo. Eu te disse, não estou em posição de ter um relacionamento com você. Especialmente porque você é muito autoritário. Nunca tive ninguém me dizendo o que posso ou não fazer. Meus pais não eram assim.

— Talvez, se eu estivesse por perto antes de seu pai ser atacado, isso nunca teria acontecido. Eu levo meu trabalho a sério.

Meu trabalho número um é protegê-la. Não há dúvida de que você se deparou com os aromas deles novamente. Não naquela noite, mas em outro momento.

Ela permaneceu calada. Determinada. Seus cílios descendo e depois subindo. Ania não tinha intenção de lhe dizer nada.

Mitya encolheu os ombros. — Trancá-la parece ser a única opção que você está me deixando, Ania. Não quero manter nosso relacionamento dessa maneira, mas farei tudo o que for necessário para mantê-la segura.

Ele olhou para Sevastyan, que havia voltado para a sala. — Acredito que minha mulher sabe algo sobre quem matou sua família, mas se recusa a dizer qualquer coisa.

Sevastyan estudou o rosto desafiador de Ania. — Vikenti encontrou evidências de um atirador de elite praticando na propriedade a uma grande distância daqui. Ele disse sem dúvida que era Ania.

Mitya olhou da mulher para o primo. — E você se entreteve com a idéia de que ela estava lá fora para me matar.

— É possível.

— Por que eu iria querer te matar? —Ania estalou, exasperada com eles.

— Meu pai quer todos nós mortos, eu te disse isso, —lembrou Mitya.

— Mas eu não tenho nada a ver com seu pai. Eu nem conhecia você até que meu pneu explodiu no caminho de volta para casa em um encontro horrível ... —A voz dela sumiu quando viu o olhar no rosto de Mitya e soube que ele percebeu o que tinha acontecido naquela noite.

— Você foi atacada, —disse Mitya. — Eles voltaram a tentar matá-la, e você sabe disso.

— Eu não *sei,* —ela corrigiu. — Mas suspeito. E não, Sevastyan, eu não quero machucar Mitya ou você ou qualquer outra pessoa com quem você se preocupe. Estou tentando fazer Mitya recuar e me deixar cuidar dos meus próprios problemas.

Sevastyan balançou a cabeça. — Não sei se as mulheres valem todo o problema que elas causam, Mitya. Ela está se preparando para pegar alguém, isso é certo.

— Quem é, Ania? —Mitya exigiu. — Antes de me responder, saiba que irei me mudar para esta casa para ajudar seu pai. Também estou enviando você de volta à minha com Sevastyan e ele irá prendê-la e mantê-la viva até que você colabore.

Ela empalideceu visivelmente. — *Mitya ...*

— Essas coisas não são negociáveis. Se você não cooperar, não me deixará escolha. —Ele cruzou os braços sobre o peito e manteve os olhos nela, desejando que ela obedecesse. Que tomasse a decisão certa.

— Ele é sempre assim? —Ela exigiu de Sevastyan.

— Fica pior. —Sevastyan disse a verdade estrita.

— Você sabe o quão completamente injusto está sendo agora? —Ela começou a andar de novo. — Não posso saber o que você faz da vida, mas você quer saber o que eu faço da minha. Pode tomar decisões que não são da sua conta ...

Ele levantou a mão, estreitando os olhos para ela. — Sejamos claros quanto a isso, Ania. Você é da minha conta. Desde o momento em que a vi se tornou da minha conta. Eu a reivindique. Nenhum leopardo ousará ir contra essa reivindicação. Em nosso mundo, é matar ou ser morto. Você pode dizer a si mesma um milhão de vezes que não terá um relacionamento comigo, mas nós dois sabemos que isso é besteira total. Você é minha, e usarei todos os meios à minha disposição para mantê-la segura. Tudo o que fizer será da minha conta.

Ela respirou fundo. — Eu reconheci o cheiro de um dos homens que esteve aqui em casa, em uma das noites que tentaram

arrobar. Estava no prédio de Bannaconni. Eu tinha acabado de descer do elevador e esse homem estava parado ao lado do elevador, como se estivesse esperando por ele. Estava vestido com os mesmos ternos dos homens que trabalham para Bannaconni. Eles estão espalhados por toda parte, parecem ser seus guarda-costas. Estão armados e, sem dúvida, são leopardos. Este homem era um leopardo. Não reagi, apenas continuei andando. Fui ao estacionamento como sempre, mas desta vez tive uma discussão com o atendente do estacionamento. O homem que reconheci saiu e se dirigiu ao estacionamento, olhei para ver qual carro ele estava indo. Ele fingiu tirar algo de dentro do carro e foi embora.

— Quando ele estava passando por perto, fingi que meu salto quebrou, ele me segurou e enquanto eu fingia ajustar meus sapatos, anexei um rastreador nele. Saltos altos são sempre uma adição maravilhosa. Os homens sempre acreditam.

— Então você seguiu o rastreador.

Ela assentiu. — Ele foi para Houston. Mas também dirigiu para a Louisiana no fim de semana, em Nova Orleans, para ser mais precisa. Tenho todos os lugares por onde ele andou registrados no meu quarto.

— Você sabe o nome dele?

Ela balançou a cabeça lentamente. — Não quero matá-lo até ter certeza quem são os outros. E ainda não sei quem são. Estou confusa.

Sevastyan deu um sorriso discreto ao primo. — Você entende o que eu quero dizer, Mitya? Mais problemas do que valem.

Cinco



ANIA ESTAVA deitada na cama, olhando para o teto. A noite entrou pela janela e, junto com a escuridão, veio a chuva. Adorava a maneira como as gotas soavam no teto e nas vidraças das janelas. Seu quarto tinha várias grandes janelas arqueadas. Ania adorava essas janelas, amava a maneira como se sentia livre, trazendo a beleza da paisagem para o seu quarto. Ou as tempestades. Ou estrelas. Não importava, podia ver tudo isso através dessas janelas e nunca as fechava para não perder nada.

Ania tinha o segundo andar inteiro para si mesma. Seus pais nunca invadiram seu espaço, a menos que os convidasse, o que frequentemente fazia para lhes mostrar algo novo que havia mudado no quarto. Costumava pintar ou acrescentar pequenos tesouros que encontrava na estrada e transformavam em seus móveis. Ela gostava de encontrar móveis antigos e restaurá-los. Sua varanda coberta percorria todo o comprimento do segundo andar do lado que dava para as colinas com todas as árvores e arbustos. Colocava as peças do mobiliário que estava trabalhando na varanda para manter os cheiros de tinta fora de seu quarto.

Sua cama era uma das peças restauradas. Feita de madeira maciça e muito pesada. Quatro pés grossos erguiam-se nos cantos, e do outro lado da cabeceira havia eixos emoldurados, cada um com dois centímetros de espessura. Ao longo do fundo da cama, havia uma série de gavetas, logo abaixo das molas do colchão. As gavetas eram pesadas e complexamente esculpidas. Seu avô tinha encontrado a cama para ela e eles tiveram aquela aventura juntos naquele dia, ela nunca a esqueceria.

— Você está chorando. —A voz de Mitya saiu da escuridão, a uma curta distância.

Ania fechou os olhos com força. Estava. As lágrimas continuavam escorrendo pelo rosto, apesar de não querer ser

emotiva. Todos as noite tinham sido assim, era a hora em que ficava mais emotiva. — Você não deveria saber. —Estava chorando muito silenciosamente, não fazia som algum, mas ele sabia.

— Sempre irei saber quando estiver angustiada, *kotyonok*. Eu te confortaria, mas agora sou a última pessoa que você quer por perto.

Isso era verdade? Achava que não. Ela não tinha mais ninguém. Entendeu o que Mitya estava tentando transmitir a ela muito antes dele ameaçar trancá-la. Podia fingir que estava brava com ele por apenas um tempo, mas a verdade era que ele estava certo. E ele estava fazendo algo que ela não podia fazer. O pai dela estava sofrendo. Mais cedo ou mais tarde perderia a luta contra seu leopardo e o gato emergiria, louco, sem direção. Ela seria capaz de mata-lo sabendo que mataria seu pai?

Cobriu os olhos com o braço. — Nada disso é culpa sua, Mitya. Você estava na minha frente, me dizendo a verdade, sem me dar outra opção a não ser encarar a realidade. Isso fez de você um alvo conveniente da minha frustração. Me desculpe, fiquei tão brava. Nem sei o que te disse.



Sua cabeça doía além da imaginação. Ele se virou, olhando para as janelas observando as gotas de chuva escorrerem pelo vidro como lágrimas. Ela estava perdendo tudo o que importava. Sua vida se foi. Sua casa já foi cheia de risos e amor. Agora havia apenas tristeza e medo. Não podia culpar Mitya por isso, embora ele tenha sido muito paciente com ela e estava disposto a assumir as responsabilidades que lhe afligiam.

A cama se moveu um pouco ao seu lado, acomodando o peso de alguém. *Mitya.* Ania sabia quando ele estava perto sem olhar. Conheceria o cheiro dele em qualquer lugar. Descobriu que apenas seu cheiro era reconfortante. Parecia invencível. Maior que a vida. Ela cuidava de tudo—dos negócios, do pai, da casa e do monitoramento de seus assassinos—por tanto tempo, que não sabia como renunciar a tudo e deixá-lo assumir o controle. Ainda não aceitava a ideia dele assumir suas responsabilidades. Ela tinha medo das consequências de permitir que Mitya assumisse o controle de sua vida. Ele sempre faria o que achava certo. Infelizmente, em relação a decisão sobre seu pai, ele estava certo. O problema era que ela não se conformava com o fim disso, por mais necessário que fosse.

As mãos dele pousaram nos ombros dela, os dedos começaram uma massagem para aliviar a tensão nela. — Nada do que disse foi

injustificado, Ania. Estou ciente de que qualquer coisa que disse foi por medo de perder seu pai.

— Me sinto perdida. É como acordar pela manhã e, em vez de estar em casa, estou presa em um labirinto que não posso sair e nada faz sentido.

— Você não está mais sozinha. Vamos resolver tudo juntos. Conheço Bannaconni e tenho amigos em Nova Orleans. Nós vamos encontrar a verdade.

Ela gostou que ele a incluísse. Mitya era um homem de comando. Ele podia ser implacável e impiedoso, dois traços nos quais precisaria confiar para passar pela morte do pai e encontrar seus assassinos, mas essas eram as mesmas coisas que mais temia nele. Como seria pertencer a um homem que não a ouviria quando precisasse que ele ouvisse?

— Você me assusta, Mitya. —decidiu que a verdade era melhor.

— Estou ciente disso, mas não há necessidade de ter medo. Eu nunca te machucaria.

Não fisicamente, mas já se sentia ferida e maltratada, desgastada por estar perto dele. Ania precisava confiar na força

dele, mas era essa força que mais a assustava quando se tratava de morar com ele.

Suas mãos eram gentis, e isso a surpreendeu. Ele era incrivelmente forte, um homem grande e, no entanto, quando a tocava assim, a virava de dentro para fora.

— Acho que não te agradeci pelo jantar. Estava realmente delicioso.

— Não fui eu que cozinhei.

Houve um momento de silêncio. Seus cílios tremeram, e ela virou a cabeça levemente para olhá-lo ali na escuridão. Diversão rastejou através dela, uma sensação lenta que lançou seu estômago em uma montanha-russa ondulante. Depois da noite terrível, Ania não achou que nada pudesse fazê-la querer sorrir novamente.

— Você não cozinha nada?

— Não. Nunca aprendi, —admitiu Mitya. — e você?

— Não. Infelizmente. Eu gostaria de dizer que sou ótima na cozinha do jeito que minha avó e minha mãe eram, mas puxei mais meu pai do que minha mãe. Eu gosto de carros velozes.

— Você tem os olhos do seu pai. A cor é única. Muito lindo. Até no seu pai a cor, a forma e os cílios são muito femininos.



Ela sorriu. Não pôde evitar. — Mamãe brincava com ele o tempo todo sobre seus cílios *'femininos'*. Ela dizia que tinha inveja dos olhos dele, mas ela também tinha olhos lindos.

— Annalize cozinha?

— Não. E o Sevastyan?

— Ele pode incendiar uma casa se tentar. Acho que nunca coloca os pés em uma cozinha, a menos que alguém esteja assando. Ele gosta de doces. É sempre idéia dele ir à padaria de Evangeline. Bem ... —ele disse. — Não recentemente. Quando lhe disse que estava lá com frequência, queria ir todos os dias depois disso.

— Mas você não foi. —Ela fechou os olhos e deixou as mãos dele sobre ela. — Você ficou longe. Acho que isso significa que tem mais disciplina do que eu. Quase parei de ir lá depois que conheci Ashe e Evangeline. Eu realmente gosto das duas, e estava com um pouco de medo de que quem me quisesse morta pudesse me seguir até a padaria e tentar me matar lá.

Suas mãos pararam e então ele empurrou seus cabelos grossos para um lado. Ela sentiu o toque da boca dele na nuca. Seu sexo apertou. O pulso dela saltou. O sangue bateu em seu clitóris. Até

seus seios doeram. Tudo a partir desse único toque. A boca dele em sua pele nua.

— Eu não gosto da idéia de alguém atirando em você, Ania.

Sua boca vagou mais baixo, seguindo sua espinha. Os lábios dele sussurraram sobre ela, mal tocando, mas sentiu aquele toque através da pele e ossos diretamente em seu coração. Não queria amá-lo. Não queria que seu coração estivesse envolvido. Era uma leopardo. Sabia o que o leopardo dele reivindicando o dela significava. Se ela o amasse ele a teria nas mãos.

Ela se conhecia. Queria uma família como a dela. Queria ter um relacionamento como o de seus pais, incondicional. Eles teriam sido felizes, independentemente de onde estivessem ou se tivessem dinheiro, mesmo que não houvesse filhos. Suas vidas foram ricas e realizadas, extremamente felizes porque tinham um ao outro. Gostaria de dar isso a Mitya, especialmente porque ele nunca teve.

— Eu também não gosto particularmente, Mitya, —ela admitiu, tentando não se mover sob suas carícias.

As mãos dele se moveram sobre ela, acariciando sobre sua pele nua. *Onde estava sua camiseta de corrida?* Deliberadamente vestiu seu pijama menos sexy. Ela era uma daquelas mulheres que adorava

lingerie. Gostava de dormir em seda ou tecidos de malha macios que eram sexy como o inferno. Não tinha muito em termos de curvas.

A camisa de seu pijama estava em volta do seu pescoço, empurrada completamente para fora do caminho, e suas mãos acariciaram seus lados, de modo que seus seios ficaram inchados com seu toque. Ele a pegou pela cintura e simplesmente a rolou em sua direção. Antes que ela pudesse protestar, a boca dele estava na dela. O fogo reinou. Chamas quentes que a consumiram caíram em sua garganta e invadiram suas entranhas. As chamas perfuraram seu estômago e se estabeleceram em sua virilha. Profundo. Quente. Agrupando-se ali como um lago borbulhante de puro magma. O calor correu por suas veias, artérias ardentes se ramificaram em cada direção para transportar a necessidade através dela, para cada célula.

Seus beijos eram puro fogo. Seu gosto puro vício. Cada vez que ele levantava a boca a apenas um centímetro da dela, ela o perseguia, precisando de mais. Ele a levou para outro lugar. Algum lugar perfeito, um paraíso em chamas que ela queria passar a vida. Mitya expulsou todos os pensamentos da cabeça dela, deixando-a com nada além de sentimentos. Nada além de fogo purificador.

Suas mãos foram para os seios, aumentando o calor. Seus polegares roçaram seus mamilos, e ela gritou quando o calor passou por ela. Parecia haver uma linha reta entre os mamilos e o clitóris, e flechas de fogo perfurando baixas e perversamente. Ele arrastou beijos sobre o queixo e a garganta até a curva dos seios dela.

Sua boca estava quente, uma caverna de calor escaldante enquanto chupava fortemente seu seio, sua língua se movendo e achatando o mamilo, alternando as carícias para o outro. Durante todo o tempo ele segurou seus quadris e os pressionou contra o dele, a fina calça de seu pijama parecia um peso terrível em sua pele.

Ela não teve um único pensamento para fazê-lo parar. Nenhum. Só conseguia pensar nele. Suas mãos, sua boca. Seus dentes. Não sabia que o arranhar dos dentes contra sua pele podia ser tão bom. As mãos dele deslizaram pelas costelas e pelos quadris. Mais baixo, levando o material com eles, de modo que o ar fresco roçou sua pele quente.

Ele passou um tempo saboreando os seios dela, chupando, usando a língua e os dentes, puxando-a profundamente em sua boca e depois acariciando com sua língua áspera. Em alguns momentos era gentil, quase terno e, em seguida, duro como o

inferno, à beira da dor, uma dor maravilhosa, que a deixava na beira de um limite que nunca esteve e desejando mais.

Sua boca viajou mais baixo, sua língua traçando suas costelas e depois girando em torno de seu umbigo. Ela era sensível lá, e ele tomou vantagem total, puxando seu mamilo e depois beijando e provando sua pele ao redor do umbigo. Sua mão deslizou ainda mais, sobre seus cachos escuros onde já estava úmida, mostrando sua necessidade por ele.

Mitya se moveu, abrindo as coxas dela para acomodar o corpo dele. Ele era um homem grande e precisava de muito espaço. Pela primeira vez, ela se sentiu vulnerável, especialmente quando hesitou e as mãos dele simplesmente envolveram suas coxas e forçaram as pernas a abrir mais.

— Mitya. —O nome dele saiu em um apelo ofegante em vez do *'não'* que ela deveria ter dito.

Ele olhou para ela, seu corpo esticado entre as pernas dela. As mãos dele já estavam acariciando sua parte interna das coxas, os dedos dançando tão perto de seu calor que ela mal conseguia evitar puxá-lo para baixo e preencher-se com ele.

Os olhos de Mitya brilhavam e ela sabia que o homem era tão feroz quanto seu gato. Nada o manteria longe dela. Nada. Esse

conhecimento era emocionante e assustador ao mesmo tempo. Então a boca dele desceu entre as pernas dela e ela gritou, fogo disparando através dela, dezenas de flechas acertando todos os lugares enquanto a eletricidade parecia estalar e saltar de sua pele em pequenas faíscas vermelhas.

Ele sabia exatamente o que estava fazendo, levando-a rapidamente, segurando-a no limiar, mantendo-a ali por longos e insuportáveis minutos, enquanto Ania pensava que poderia morrer se ele continuasse a provocando dessa maneira. Ela sentiu a tensão crescer como uma onda de fogo. Podia até ouvir o crepitar em seus ouvidos.

A boca desse homem precisava de seguro. Ela não tinha idéia de que algo poderia fazê-la se sentir assim, ou fazê-la queimar do jeito que essa boca fazia. A cabeça dela bateu no travesseiro. Os dedos dela enrolaram nos cabelos dele. Segurando-o contra ela. Puxando-o. Usando-o como uma âncora. As três coisas juntas. Estava fora de controle e isso não importava. Tudo o que importava era seu orgasmo eminente. Crescendo nela. Rolando como nuvens escuras. Girando como um tornado feroz.

Mitya ajoelhou-se entre suas pernas, abriu suas calças e libertou seu pênis. Ele estava completamente vestido, o material da sua calça esfregando o interior de suas pernas, aumentando as

ferozes sensações que alimentavam seu desespero. Seu pênis era grande e por um momento seu coração bateu forte no peito, mas ela estava escorregadia de necessidade e frenética por ele lhe dar tudo. Ela precisava dele.

A cabeça larga de seu pau se alojou em sua entrada, sentindo um veludo macio e firme brilhando tão intensamente que ela não tinha certeza se poderia acomodá-lo. Ele pressionou contra ela guiando seu pau grosso mais fundo. A queimadura estava de volta, desta vez se espalhando por ela, impossível saber se era êxtase ou agonia. Sua respiração foi cortada nos pulmões. Seu olhar encontrou seu rosto. Seus olhos estavam quase selvagens, o azul tão escuro e selvagem que ela ofegou, finalmente respirando, mas agora não conseguia desviar o olhar.

Ele a possuiria. Estava lá, estampado em cada linha do rosto. Ele a governaria com isso, sexo além de seus sonhos mais loucos. Ninguém mais poderia satisfazê-la. Sempre seria obcecada por ele. Pior, ansiaria por isso noite e dia. Sabia que daria o que ele queria, quando quisesse, porque sempre precisaria disso também.

Havia um pensamento fugaz para tentar detê-lo, mas o desejo já era muito forte. Ania queria mais daquele grosso e longo eixo. Ela o queria enterrado nela. Movendo-se nela. Não conseguia parar a maneira como seu corpo reagia, liberando mais calor

líquido em torno do pau dele. Os músculos tensos de sua vagina se abriram relutantemente para ele, puxando-o mais fundo, agarrando-o avidamente.

Ele era sexo cru. Sexo violento. Sexo sujo. Suas mãos se moveram sobre as bochechas de sua bunda possessivamente. Ele apertou e massageou. Levantou os seus quadris em sua direção. Mantendo-a perfeitamente imóvel enquanto ele se enterrava profundamente. Os olhos dele foram para os seus seios quando cada solavanco forte os fazia balançar.

— Foder você é puro paraíso. —Ele quase rosnou. — Estou olhando para sua boca e desejando poder ter outro pau para enterrar em sua garganta até que quase sufoque. Esticar seus lábios ao meu redor até que não possa abri-los mais. No momento em que te vi, eu sabia que você seria assim. Fogo puro. Porra.

Suas fantasias deveriam tê-la detido, mas, em vez disso, o calor aumentou mais um pouco, e ela também queria essas coisas. Queria tudo o que ele poderia lhe dar. Seu polegar se moveu ao longo de sua bunda e encontrou seu ânus, espalhou sua umidade entre os globos firmes. Então ele empurrou um dedo ali, quase todo o dedo, e a sensação foi avassaladora. Seu corpo apertou o dele e ela caiu em espiral em um outro reino.

Ania ouviu seus próprios gemidos sufocantes de pura euforia, mas ele continuou se movendo através dela, o orgasmo implacável, batendo nela profundamente como um pistão. Mais forte. Mais rápido. Mitya levantou os quadris, se ajoelhando na frente dela, buscando uma posição que atendesse suas demandas até que ela estava em um frenesi de necessidade novamente. Os olhos dele brilhavam focados nela. Suas mãos a apertava, fortes, possessivas. Ele mudou de ângulo um pouco e a queimadura havia retornado. Crescendo. Escaldante. Espalhando como um incêndio fora de controle.

Então seu pênis pareceu dobrar de tamanho, esticando sua vagina macia. Confirmando que ela pertencia a ele. Um vulcão, tão quente que precisava explodir. O corpo dela apertou o dele como um torno. Ele xingou com os dentes cerrados. O jorro quente de sua semente cobriu as paredes de seu canal, disparando as chamas selvagens que varriam seu corpo em ondas ondulantes de laranja e vermelho. Ela sentiu cada contração e pulsação de seu pênis quando ele se esvaziou nela. Cada jorro era puro fogo, então os tremores secundários a sacudiram.

Mitya caiu sobre ela, dando-lhe todo o peso de seu corpo largo e musculoso. Ele tinha a constituição de um leopardo—denso, com músculos duros—e era pesado. Ele a prendeu embaixo dele e

enterrou o rosto entre o pescoço e o ombro dela. Então seus dentes estavam nela. A dor passou por ela, mas estranhamente, seu corpo reagiu com mais calor líquido e vários tremores secundários. A mordida parecia mais erótica do que violenta. Ele lambeu a pequena ferida, e isso também pareceu erótico. Tudo o que ele fez foi sexy. Tudo o que ele disse era sexy. Ela se sentia tão perdida que estava aterrorizada. De alguma forma, Mitya os vinculara.

Não queria que ele se mexesse, embora estivesse sendo pressionada profundamente contra o colchão e só conseguia respirar superficialmente. Ele estava enterrado nela e ela podia sentir seu coração batendo através de seu pênis. Parecia que realmente pertencia a ele. Durante esses últimos minutos, quando os dois estavam juntos, ela sentiu como se ele se importasse com ela. Não era sobre seus leopardos. Eles não tinham que estar juntos. Era sobre eles—duas pessoas. Ela queria, até precisava, sentir isso, mesmo que apenas por um momento.

Mitya moveu seu peso, deslizando para fora dela, enviando deliciosos tremores através de seu corpo quando seu pênis se retirou. Ele beijou seus seios e depois sua garganta antes de subir ao queixo e encontrar sua boca. Ela se provou em sua língua e isso acrescentou uma camada extra de malícia ao beijo ardente.

— Me dê um minuto e vou pegar uma toalha, —disse ele quando se virou para deitar de costas ao lado dela.

Ela ficou muito quieta, seu coração batendo muito rápido. Acabou de se entregar a ele. Totalmente. Não havia como voltar atrás. Não tinha idéia de como Mitya realmente se sentia por ela, e ainda assim se prendeu em um relacionamento.

— Mitya? —Tinha que perguntar. — Somos exclusivos, não é? Enquanto isso durar, somos exclusivos.

Ele suspirou.

Ela fechou os olhos contra o som. Deveria ter perguntado essas coisas a ele antes de fazerem sexo.

— Nós vamos nos casar, Ania. Você vai ser minha esposa. Sua fêmea é companheira do meu macho. Se você desejar outro homem, é melhor saber que eu o matarei com minhas próprias mãos. Não haverá outros homens em sua vida. Ninguém mais te tocará. Ninguém mais beijará você além de mim, ninguém mais colocará as mãos em você ou a boca, ninguém fode você. Você é minha. Você. Seu coração. Seu corpo. Sua alma. É tudo meu. Não há como voltar atrás. Não há divórcio. Quando tiver um problema com algo que eu fiz, nós conversaremos.

Ela ficou deitada por um longo tempo em silêncio, e então, quando ele rolou para se levantar e pegar a toalha, ela suspirou. Ele virou a cabeça para olhá-la. Uma mão deslizou possessivamente de sua barriga para seus seios.

— O que foi?

— Tudo que falou até agora é sobre o que acontecerá se eu arranjar um amante ou coisa parecida. Mas em nenhum momento ouvi sobre o que pretende fazer com outras mulheres em relação a você.

— Baby, o que você esteve fazendo naquele campo de tiro nos últimos três anos? Treinando para ser um *franco-atirador*[16]? Acha que eu sou estúpido o suficiente para deixar outra mulher me tocar quando sei que tipo de mulher é você? Eu não sou. Também não sou um homem que desrespeitaria minha esposa, minha mulher, traindo-a. Não quero outra mulher quando tenho você. Você ilumina minha vida como ninguém jamais poderia. Pretendo fazer com você tudo que sempre desejei e fantasiei. Não gosto da palavra *não* e não espero ouvi-la no quarto. Além do mais, se eu tentasse

---

16  Um atirador especial ou **franco-atirador** é um soldado de infantaria ou de uma força de segurança especializado em armas e tiro de precisão. Persegue e elimina inimigos selecionados com um único tiro de arma de precisão.

foder outra mulher, não seria só você que me mataria, meu leopardo mataria qualquer outra mulher que eu tocasse.

Ela mordeu o lábio, o olhar no rosto dele. — Você não gosta da palavra *não?* Afinal, o que isso quer dizer? Eu imagino que ouvirá isso muitas vezes de mim porque não posso deixá-lo achar que pode governar o mundo.

— Eu governo *seu* mundo, *kotyonok*, e isso é tudo o que importa para você. —Ele se levantou para ir ao banheiro. Deixou a porta aberta e ela podia ouvir a água correndo enquanto se lavava.

Ania olhou para ele, sem ter certeza se ele estava brincando com ela. — Você não governará meu mundo. Eu segui meu próprio caminho por muito tempo. Não acho que os maridos de Evangeline ou Ashe governem seus mundos.

— Talvez não, mas eu não sou casado com nenhuma delas. Não se preocupe, baby, pretendo não só governar o seu mundo, mas também abalá-lo. —Havia um tom de diversão em sua voz. — Abra suas pernas para mim.

Ela sentiu o rubor subir no seu rosto e ficou muito feliz por estar escuro. — Eu posso fazer isso, Mitya. —Ela estendeu a mão para a toalha.

— Não é um bom começo, mulher. Não vai querer discutir comigo sobre algo tão ridículo. Economize sua energia para as batalhas que realmente importam para você, eu quero limpar você. Cuidar de você, então abra suas pernas e deixe-me fazê-lo. —Disse ele em tom divertido.

— Bem. —Ela cooperou, mas apenas porque ele a estava fazendo rir e ela precisava. Tudo tinha sido tão intenso, desde as discussões sobre o pai até a maneira como ele tomou seu corpo.

Mitya foi tão gentil que teve que conter as lágrimas, provando que ela também ainda estava muito emotiva. Ele se sentou na beira da cama enquanto deslizava a toalha quente pelas suas coxas. — Ania, quero fazê-la muito feliz. Não terei outra mulher. Passei anos sem esperança de encontrar você, minha companheira, e você quase caiu no meu colo. É tão linda. Parece gostar do meu gosto por sexo mais rude. Preciso de certas coisas de você no quarto, e ficou claro para mim que você está não só disposta a me dar, mas também gosta. Eu olho para você e às vezes mal consigo respirar. Pare de brigar comigo e me aceite.

— Você tem todo o controle.

— Isso é tão ruim? Eu sou um leopardo macho. Um shifter. Nós não somos humanos, e as regras para a nossa espécie

não são as mesmas. Coloque-se em minhas mãos e veja o que acontece.

— Se não, você vai assumir o controle do mesmo jeito, não é?

Ele assentiu. Sua mão estava mais uma vez segurando seu seio, seu polegar deslizando suavemente sobre seu mamilo. — Isso é o que eu sou, Ania. Sempre será quem eu sou. Agora pouco você me deu todo o controle e olha o que aconteceu.

O corpo dela ainda estava cantando. Até teve alguns tremores secundários quando ele usou a toalha nela. Não podia negar que o sexo tinha sido incrível. Aterrorizante, mas muito intenso, mais do que incrível.

Ela umedeceu os lábios. *Poderia?* Poderia dar-lhe o controle fora do quarto também? Não tinha certeza de que era capaz disso. Ou se ela confiava tanto nele para colocar seus interesses antes dos dele.

— Eu pareço uma mulher submissa para você?

— Por que acha que eu quero que você mude? Eu gosto de quem você é, não quero sua submissão. Quero sua confiança, pretendo mostrar que pode confiar em mim. Só porque estou disposto a prendê-la para mantê-la segura, faz você pensar que eu quero submissão? Você pode lutar comigo o quanto quiser. O que

anda fazendo em relação a sua segurança não tem lógica, e acho que sabe disso.

Ela sentou-se devagar e deslizou em direção à cabeceira da cama. Mitya imediatamente aconchegou travesseiros atrás dela. Ela pegou o lençol para se cobrir, mas ele o puxou.

— Amo olhar para você. Acho que poderia passar anos apenas olhando para o seu corpo.

Isso a fez sorrir. — Espero que queira fazer mais do que apenas olhar.

Seus olhos adquiriram aquele brilho selvagem e intenso que lhe causou um arrepio na espinha. — Eu poderia te devorar, *kotyonok.* —Ele se inclinou e mordeu sua parte interna da coxa. Não era apenas uma mordida, e instantaneamente, ela estava úmida novamente. Seus mamilos se transformaram em dois picos duros. Ele sorriu encarando seus seios. — Veja, Ania. Seu corpo me conhece. Ama o que eu faço com ele.

— Isso é porque você deu um curto-circuito no meu cérebro, —ela admitiu com um sorriso. Isso era verdade. Ele tinha. A maneira como ele a olhava a fazia querer experimentar seus gostos particulares de sexo novamente.

— Ania, você pode pelo menos admitir que estou certo sobre seu pai? É uma dívida de honra que devo cumprir. Quando ele não puder mais parar seu leopardo, eu tenho que ser o único a lidar com isso.

Ela mordeu o lábio com força e sentiu a picada imediatamente, sabendo que havia tirado sangue. Não era justo com Mitya. Já havia o acusado de ser um assassino por permitir que o seu leopardo matasse o pai dela. Mas o que ela queria que ele fizesse? Mitya estava certo.

— Odeio que tenha razão, Mitya. Odeio que não sou forte o suficiente para fazer o que precisa ser feito. Eu sabia o tempo todo que teria que encontrar coragem e força para entrar naquele quarto com uma arma, mas não consegui me forçar a fazê-lo. Fiquei esperando um milagre. —Ela respirou fundo e soltou o ar. Manteve os olhos nos dele porque precisava falar. Ela devia isso a ele. — Talvez você seja o milagre para nós dois, para mim e meu pai.

Ele se inclinou para frente e emoldurou o rosto dela com as mãos. — Obrigado por isso, Ania. Eu nunca permitiria que ele sofresse.

Ela assentiu, porque tinha certeza de que era a verdade. — Obrigada por um de seus homens ter dado uma folga para Annalize. Ela quer ficar com ele. Está em nossa família desde que nasci, mas tem pavor de suas *'crises'*. Eu tenho pavor de que o leopardo apareça e a machuque antes que ela possa sair do quarto.

— Ela é uma shifter?

— Sim, mas sua leopardo nunca emergiu. Pelo menos foi o que minha mãe me disse. Ela não tem outra família além de mim. Eu sempre planejei cuidar dela.

— Talvez ela queira nos ajudar com nossos bebês.

Ela piscou. — Nunca pensei em ter filhos. Nem uma vez.

— Você não quer filhos?

Ania percebeu que Mitya queria ter filhos. Que isso era importante para ele. Por um momento, porque tendia a entrar em pânico com o pensamento de realmente morar com ele, ela pensou em mentir. Mas qual era a utilidade? Ele ouviria a mentira.

— Três anos atrás, quando ficou claro que meus avós e minha mãe foram assassinados, e depois, meu pai sofreu uma tentativa, aceitei o fato de que não iria sair viva quando executasse o meu

plano de vingança. Eu iria descobrir quem são os responsáveis pelos ataques e o mandante. Meu futuro terminaria aí.

O rosto dele ficou sombrio. Ele se inclinou e a beijou. Dessa vez, o beijo dele foi gentil e o coração dela se voltou. Seu estômago se apertou, uma contração longa e lenta.

— Você tem um futuro comigo. Eu quero bebês. No plural. O quanto me deixar fazer em você. Annalize pode fazer parte da nossa família até o dia da morte dela. Ela terá alguns homens para comandar.

Ela se viu sorrindo para ele. — Ela vai gostar disso.

— Ouvi dizer que está planejando vender essa propriedade. Vamos manter as duas por enquanto. Os leopardos terão mais espaço para correr.

— Será mais difícil e precisará de mais mão de obra para proteger os dois lugares, —Ania apontou. Ela sabia disso porque não tinha muita ajuda e estava um pouco paranoica desde as tentativas de invasão.

— Minha mulher. Pensando como um general.

Ele parecia tão satisfeito que sentiu seu coração derreter.

— Eu disse que seríamos perfeitos juntos. Você tem um bom argumento, mas ainda acho que será melhor para os leopardos. Posso contratar mais alguns homens. Drake Donovan pode encontrar-nos shifters que precisam de trabalho.

Ela gostou que ele a escutou. Ania não queria vender a propriedade, mas achou melhor não ter laços onde seus inimigos pudessem rastreá-la. — Tudo bem então. Não colocarei a propriedade à venda.

— E os negócios da família? Você quer ficar com isso também?

Ania poderia tê-lo beijado. — Não, acho que para mim chega. Foi um alívio quando tomei a decisão de vender. Não contei ao meu pai, principalmente porque ele achava que eu amava o nosso negócio. Adoro dirigir, mas não amo lidar com os clientes. —Ela deu um pequeno sorriso. — Eu não tenho a personalidade certa.

— Você não gosta que te digam o que fazer. —Ele acariciou o queixo como se tivesse barba. — Isso é muito ruim. Eu estava prestes a lhe dar algumas ordens.

A mão dele desceu para seu pau e a respiração dela ficou presa na garganta. Ele estava completamente ereto. Grosso. Pulsante. Já vazando fluido precioso.

— Tão cedo?

— Eu te disse, *kotyonok*, tenho minhas fantasias. Só de pensar no que podemos fazer juntos me deixa duro como a *porra* de uma rocha.

Ela lambeu os lábios, não conseguiu desviar os olhos da mão dele movendo livremente seu pênis. — Suponho que deveria praticar receber ordens, apenas para ser um pouco melhor em segui-las. Em caso de emergência ou algo assim.

Ele se inclinou para ela para apertar seu mamilo. O calor a atravessou. — Acho que praticar é uma boa ideia, Ania. Gosto do seu tapete. É agradável, grosso e quente. Deslize para fora da cama e ajoelhe-se aqui. —Ele apontou para um ponto entre as pernas dele.

Seu coração começou a bater forte. Duro. O sangue correu para baixo. Seu sexo apertou. Os mamilos atingiram um pico duro. Sua voz mudou, acariciando como veludo por todo o corpo dela. Ele estava no comando, e ela queria dar tudo a ele. Ania se arrastou até a beira da cama e deslizou obedientemente entre as pernas dele para se ajoelhar entre suas coxas.

As mãos dele seguraram seus seios, polegares dedilhando seus mamilos. — Eu amo o quanto você é sensível. —Ele puxou,

torceu, beliscou e soltou até que ela respirou em suspiros irregulares. Ficando tão molhada que estava escorregadia.

— Ajoelhe-se, Ania.

Ela fez o que ele disse e ficou na altura perfeita quando ele se levantou.

— Quero que dê atenção às minhas bolas. Faça-as doer por você.

Ele estava perto. Tão perto que ela não pôde resistir e inclinou a cabeça um pouco mais, passando a língua sobre o saco pesado. Lambendo-o no meio e ao redor. Ela o acariciou com a língua. Colocando-o suavemente em suas mãos, apertando e massageando, o tempo todo usando a boca para chupar, beijar e lamber até ouvir a respiração dele mudar. Mitya apertou seu pênis.

— Agora meu pau, baby. Dê atenção a ele. Faça-me pensar que você o adora.

Talvez o adorasse realmente, depois do que ele fez com ela. Ania podia se ver apaixonada por essa parte dele, já que seus modos mandões não são tão atraentes. Embora houvesse algo muito quente nele dando ordens a ela no quarto.

Ela lambeu o eixo e ao redor da ponta. A mão dela tentou substituir a dele, mas ele balançou a cabeça. — Não quero

suas mãos no meu pau. —Seu olhar queimava no dela e, mais uma vez, seus olhos brilhavam com aquele olhar selvagem e feroz que era assustador e sexy ao mesmo tempo.

Ania usou a língua para umedecê-lo e, em seguida, pegou a coroa na boca, a língua dançando sob ela, embaixo dela, sacudindo e depois acariciando. Ela o levou mais fundo de sua boca, apenas alguns centímetros, mas seu pau esticou os lábios dela exatamente como Mitya previu e houve um pequeno momento de pânico quando imaginou que não conseguiria controlar o quanto dele estava entrando na sua boca. Com o pensamento, mais líquido derramou entre suas pernas, deixando-a mais escorregadia. Necessitada. Mais devassa.

Ela chupou com força, mudou para lambidas subindo seu eixo e provocando sua coroa de veludo antes de mais uma vez levá-lo ao calor de sua boca. Até para si mesma, estava quente. Ele pegou o cabelo dela em uma mão e segurou a cabeça dela enquanto se empurrava mais fundo. O olhar dela disparou para ele. Ele não desviou o olhar, a encarou firmemente e ela começou a chupar.

No começo, estava hesitante, mas depois a sensação do pau dele em sua boca, a maneira sexy que estava ajoelhada entre as pernas dele e o saco dele roçando seu queixo a libertou. Ania adorava o modo como os pelos das coxas dele provocava seus

seios. Ele começou a mover os quadris, se afastando para ela respirar e depois deslizando para dentro novamente.

— Você é tão sexy, Ania, —ele sussurrou. — Amo o jeito que seus lábios se esticam em volta do meu pau. Eles está tão quentes. Sua boca me rodeia em um calor abrasador. Pode me tomar mais fundo? Quero descer pela sua garganta, mas receio que não esteja pronta para isso.

Ela o tomaria mais fundo ou pelo menos tentaria. O modo como ele olhava para ela deu toda a coragem de que precisava para fazer tudo o que ele desejasse. Ania se concentrou em esvaziar as bochechas e o sugou quando ele se empurrou mais fundo em sua boca e quando ele puxava seu pau, dando-lhe uma folga para respirar, ela lambia seu eixo.

Duas vezes suas mãos foram até seu pênis quando ele se empurrou mais fundo, ela ficou alarmada. Mitya balançou a cabeça. — Coloque as mãos nos seus seios. Quero que você brinque com seus mamilos. Quando estou na sua boca, baby, você só pensa no meu pau. Nada mais. Só isso. Se eu for fundo, engula. Respire pelo nariz. Chupe com força, mas não se afaste e não tente controlar o que está acontecendo. Quando sua boca está em mim, tudo é sobre você me dando o que eu quero.

Ela entendeu e forçou seu corpo a relaxar. Ele havia lhe dado o nirvana. Ela queria fazer o mesmo por ele. Começou a observar a forma, o tamanho dele. As coisas que faziam o corpo dele tremer e sua respiração mudar. Ela queria memorizar cada centímetro dele. Correr sua língua ao longo dessa veia proeminente e lamber no V sob a coroa.

Ania não percebeu a princípio que estava o levando mais fundo até sentir todo o corpo dele estremecer, e seus cílios se ergueram, então olhou direto nos olhos dele. Ele empurrou seu pênis uma última vez em sua boca, um silvo de necessidade escapou dele. As mãos dele a levantaram.

— Na cama, Ania, mãos e joelhos. Abra-se para mim.

Ela se arrastou de volta para a cama e fez o que ele pediu, seu corpo inteiro já tão liso, tão sensível, clamando por ele. Suas pernas estavam tremendo. Ondas de desejo dançando para cima e para baixo nas suas coxas. Dardos de fogo corriam dos seios ao clitóris, e espasmos de antecipação corriam profundamente dentro de sua vagina.

Ele pegou seus quadris, pressionou a coroa larga em sua entrada e mergulhou fundo. Duro. Batendo dentro dela. Foi tão forte que ela quase caiu para a frente, mas as mãos dele estavam

em seus quadris, arrastando-a de volta para ele. Mitya começou a se mover contra ela. Ania sentiu cada golpe, tão profundo que temeu que ele saísse pela garganta.

Sua respiração veio em pequenos soluços. Súplicas por mais. Mais. Ela precisava de mais. Ele deu a ela, xingando em seu idioma. Mitya agarrou seus cabelos em um punho e os puxou para trás, fazendo-a arquear as costas. Ele se moveu por cima dela para mudar o ângulo. O tempo todo seus quadris continuavam a penetrá-la, o ritmo rápido e constante.

Então ele começou a estapear sua bunda com a mão, cada tapa espalhando calor por seu traseiro até que as terminações nervosas crepitassem, aumentando a necessidade cruel que crescia fora de controle dentro dela. Ania o sentiu inchar, esticando seu canal macio. Ela gritou, e então sua vagina o apertou com força, o agarrando como um torno e depois o apertando e o ordenhando, desesperada por cada gota da semente que ele tinha.

Ela sentiu o toque quente de cada jorro da semente escaldante que ele disparou contra as paredes de sua vagina, provocando uma série de orgasmos. O corpo dele a jogou naquele lugar que só Mitya poderia levá-la e ela caiu, caindo para a frente, o coração batendo forte demais, a respiração irregular e o corpo ainda pulsando, vivo e crepitando.

Mitya desabou por cima dela, prendendo-a no colchão, a cabeça dele descansando nas nádegas dela. Ele virou a cabeça e afundou os dentes no meio da marca da mão que deixou, provocando outro tremor secundário. Um enorme.

Ania fechou os olhos e abraçou os lençóis. Lá fora, a chuva caía sob o telhado. Dentro, Mitya esfregou sua bunda vermelha, as coxas e as costas até a sua respiração desacelerar e ele rolou.

Ela virou a cabeça para olhá-lo. — Isso foi incrível. Nunca pensei que poderia fazer algo assim. Eu gostei de ter você na minha boca. Não apenas gostei. Adorei. —E ela tinha.

Já havia feito isso e nunca tinha gostado antes. Ela era generosa com um parceiro, mas o sexo nunca fora dessa maneira que foi com ele. Definitivamente, queria tentar novamente, para ver o que mais poderia fazer. — Você fez isso por mim, Mitya. Eu estava com medo, mas de alguma forma você me deu confiança.

— Tudo o que precisar, baby. —Ele rolou da cama e foi ao banheiro, limpando-se e depois retornando com uma toalha. — Só vai melhorar. Tudo isso, Ania. Nos dê uma chance.

Ela já havia decidido que iria tentar.

Seis

ANIA INALOU, absorvendo o maravilhoso aroma da padaria. Não tinha saído de casa na última semana. Até conhecer a padaria pela primeira vez, Ania não havia percebido o quanto isolada e solitária se tornara. Observar Evangeline e Ashe servirem seus clientes—em movimentos sincronizados, como se tivessem praticado, sem esbarrar uma na outra, como um balé maravilhoso—fez Ania sorrir. Ela estava sorrindo com frequência ultimamente.

Toda manhã visitava o pai. Só pela presença de Mitya lá parecia dar uma nova vida ao seu pai. Mitya nunca permitiu que ela entrasse no quarto, a menos que ele ou Sevastyan estivesse com ela. Ania não se importou com o decreto, porque sempre que queria entrar, Mitya parava o que estava fazendo e imediatamente a acompanhava.

Sabia que era bobagem ter esperança. Antosha estava morrendo e ela tinha que manter isso em mente, mas ele parecia

ter melhorado esses últimos dias. Seu pai não conseguia falar muito bem, mas a cada manhã sorria para ela, definitivamente a reconhecia e segurava a mão dela enquanto conversava com ele. Às vezes, seu olhar de adoração passava do rosto dela para Mitya. Imediatamente a expressão dele mudava, e seu coração se espremia por causa do olhar que sempre se passava entre eles. Ela entrava no quarto do pai com frequência ao longo do dia, com Mitya ao seu lado. Antosha dormia a maior parte do tempo, mas sempre pela manhã ficava mais alerta.

Ania inalou seu *latte* e o bolinho de maçã e canela. Evangeline ergueu os olhos ao servir um cliente e sorriu para ela, um brilho de alegria se espalhando até chegar em Ania como se fossem velhas amigas. Ela não estava aberta para conhecer ou fazer amigos até conhecer Mitya. Ele mudou a vida dela de várias maneiras. Ele demostrava a todo momento que não podia ficar longe dela. Mitya não tinha escrúpulos em jogá-la contra uma parede e fazer sexo selvagem, quente e louco no momento em que estavam sozinhos. Para ele nunca lhe importava onde estavam, poderia de repente dobrá-la sobre uma cadeira ou jogá-la no chão em frente à lareira. O sexo era frequente e sempre selvagem.

Ania estava dolorida, uma dor deliciosa e secreta que a fazia sentir como se realmente pertencesse a Mitya. Ele lhe deu

esperança quando ela não tinha nenhuma. Eles não haviam conversado sobre os homens que poderiam ter matado sua família. Mitya a alertou para dar um passo de cada vez. Ele estava entrando em contato com seus contatos para descobrir quem era o homem que foi até a casa dela com outros para terminar o trabalho que havia iniciado.

— Ei garota. Não andou por aqui ultimamente. —Evangeline cumprimentou, jogando-se na cadeira na frente de Ania. — Estávamos esperando que voltasse logo.

— Mitya está mantendo-a prisioneira, —disse Ashe, deslizando sobre a cadeira à direita de Evangeline.

— Ashe, eu preciso de café, —um dos guarda-costas chamou.

— Você sabe onde está a cafeteira, Jeremiah, —respondeu Ashe, parecendo insolente. — Não vou me levantar quando acabei de me sentar. Você esperou de propósito.

A julgar pelo sorriso no rosto de Jeremiah, Ania estava bastante certa de que Ashe estava certa.

— Vejo que Evangeline mantém você fora da cozinha, —disse Jeremiah quando ele contornou o balcão para alcançar a cafeteira de vidro com o café quente mantido pronto para os clientes.

Ashe fez um gesto rude com o dedo e voltou-se para Ania. — Ignore-o. É a única coisa sensata a fazer.

— Ele é seu irmão? —Ania perguntou.

Jeremiah era claramente mais jovem que os outros guarda-costas e não tinha os traços ásperos e assustadores ou a aridez que os outros tinham. A maneira como Ashe e Jeremiah interagiam, como se estivessem afetuosamente irritados um com o outro, a fez pensar que eles tinham alguma associação íntima.

Ashe lançou outro sorriso para Jeremiah. — As pessoas pensam que você é meu *irmãozinho,* —anunciou ela com óbvia alegria.

Jeremiah retornou o gesto rude. Até alguns dos guarda-costas sentados em suas mesas, fingindo ler, sorriram.

— Jeremiah e Ashe são bons amigos, —disse Evangeline com firmeza. — Estamos mais interessadas em você e Mitya. Fyodor e Timur são primos de Mitya. Mitya foi baleado protegendo a mim e Fyodor aqui na padaria.

O coração de Ania se apertou com o pensamento de Mitya sendo baleado. Ela via o corpo dele frequentemente. Conhecia todas as cicatrizes que ele tinha. Traçava-as com os dedos, com os lábios e a língua. Viu como ele frequentemente precisava mudar de

posição para parar a dor que ainda sentia. — Eu sabia que eles eram próximos.

— Fyodor me disse que Mitya está em sua casa com você.

Ania se viu sorrindo enquanto pegava seu *latte* e tomava um gole. Ela queria gemer porque estava muito bom, mas imaginou que isso seria considerado inadequado. — Esses homens fofocam mais que as mulheres. Sim, Mitya esta comigo em minha casa. Meu pai está muito doente e Mitya fica perto dele.

— Dele? —Ashe brincou. — Aposto que Mitya não fica tão próximo de seu pai quanto fica de você.

Ania corou. Ela não se envergonhava com facilidade, mas a nota travessa na voz de Ashe, evocou imagens de Mitya entrando na sala de jantar e colocando-a sobre a mesa. Ele passou um tempo inadequado devorando-a, porque disse que eles estavam na sala de jantar e isso o deixou com fome.

— Você está ficando vermelha, —acrescentou Ashe. — Cor de lagosta vermelha. —Ela cutucou Evangeline. — Você sabe o que isso significa, certo?

— Pare de provocá-la, —disse Evangeline, rindo. — Você está sendo horrível. —Ela enviou a Ania um sorriso tranquilizador. —

Eu gostaria de lhe dizer que ela melhora com o tempo, mas não seria verdade. De acordo com Timur, só piora.

Um bufo irônico veio de algum lugar do outro lado da sala, na direção de Jeremiah. Ashe olhou para ele ameaçadoramente, fazendo Ania rir. Eles a fizeram se sentir parte de seu círculo, e ela precisava disso. Sentia falta da família, do riso e da camaradagem. Não tinha mais nada disso há três anos. Mitya havia lhe dado isso.

— Conte-nos sobre você e Mitya, —Evangeline encorajou, dando a Ashe um olhar de aviso.

Ania esfregou o dedo ao longo do interior do cabo da caneca. — Ele foi muito inesperado.

Evangeline se inclinou para mais perto. Sabia que seus guarda-costas eram leopardos. Todos eles tinham uma excelente audição. Ela abaixou a voz ainda mais. — Algo está preocupando-a?

Claro, ela estava preocupada. Eles não podiam viver de sexo. O sexo estava além de tudo do que já experimentara. Se eles se unissem apenas por sexo e mais na frente se separassem, tudo ficaria bem. Mas Mitya não aceitaria isso. Ania optou por não contar a elas o quão assustada estava por Mitya assumir sua vida e que ela estava deixando-o fazer isso. Em vez disso, ela lhes contou sua outra preocupação.



— Minha leopardo recuou. Ela estava perto do cio e depois se retirou. Mal posso senti-la, a menos que Mitya esteja perto. Ela emerge um pouco para alcançar o leopardo dele, mas depois desaparece, como se estivesse indo dormir. Ela estava tão perto. Sei que estava. —Ania não conseguiu esconder a preocupação de sua voz.

Mitya frequentemente assegurava que ela era dele. Que ele a queria. Mas Ania sabia que sem o leopardo reivindicando sua fêmea, Mitya não estaria com ela. Ele poderia dizer a mesma coisa repetidamente, mas sabia a verdade. A leopardo dela acalmava o dele. Seu leopardo era a verdadeira razão pela qual Mitya estava com ela. Quando Mitya estava perto de Ania, seu leopardo ficava em paz.

— Você disse que seu pai está doente, Ania, —ressaltou Evangeline. — Às vezes, quando há trauma em nossas vidas, a ovulação pode desregular. O surgimento da sua leopardo é tudo sobre ovulação. Período fértil. Você e a leopardo precisam ter O mesmo ciclo fértil.

— Minha babá é leopardo. Sua leopardo nunca emergiu. Ela diz que está velha demais agora e nunca experimentará sua leopardo ser livre. Não quero isso para a minha. —Ela também não

queria que Mitya a deixasse. Temia que, se sua leopardo não emergisse, o perderia.

— Acho que você está se preocupando por nada, —disse Evangeline. — Está muito claro que sua leopardo e o leopardo de Mitya são companheiros vinculados. Ela se levantará quando for seguro fazer. Os leopardos protegem as suas contrapartes humanas. Ela pode estar protegendo-a. Você não pode lidar com tanta coisa, Ania. Não exija muito de si mesma. Você está cuidando dos negócios da sua família e do seu pai. No momento, é o suficiente. Deixe sua leopardo cuidar de você.

Ania não tinha pensado dessa maneira. Era possível que estivesse tão preocupada com o pai que não conseguia lidar com o que aconteceria quando sua leopardo emergisse. Ania não tinha pensado tão longe.

— É possível que você esteja certa, —admitiu. — Espero que esteja.

— Como é Mitya? —Ashe perguntou. — Ele sempre foi um livro fechado. Parece assustador. Ele é?

Ele era? Absolutamente. Ania estava assentindo antes que ela pudesse se conter. — Ele espera que seja obedecido por todos. A menor coisa que diz, —ela admitiu. — Isso pode ser ...

— Irritante, —disse Ashe.

— Aterrorizante, —Ania qualificou antes que pudesse se conter. Era a primeira vez que admitia isso para si mesma. Entrar em conflito com Mitya seria assustador, e ela sabia que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. No momento, não fazia nada que ele não gostasse ou aprovasse, mas realmente não era uma mulher que confiava em mais ninguém para pensar por ela. Era isso o que ele queria? Ela ainda não sabia, e eles conversavam o tempo todo. Ou ela conversava. E Mitya ouviu.

— Ele quer se envolver em todos os aspectos da minha vida.

— A maioria dos maridos faz, —Evangeline apontou gentilmente. — Certamente, Fyodor insiste nisso.

Ashe assentiu. — Timur também. Ele me pressiona o tempo inteiro.

— E você cede e conta tudo a ele? —perguntou Ania. — Cada coisa que vai fazer e para onde está indo? Dando satisfação a ele como se fosse uma adolescente?

Evangeline compartilhou um olhar com Ashe.

Ashe torceu o nariz.

Jeremiah bufou, como se tivesse tomado um gole de café e tossido por toda a mesa.

Ania esfregou as têmporas. — Pessoas normais não vivem assim, certo? Só porque eles estão em um relacionamento? Meus pais eram loucamente apaixonados um pelo outro, mas nunca notei que minha mãe tinha que pedir permissão a meu pai para ir à cidade e fazer compras sempre que quisesse. Ou visitar um vizinho. Ela simplesmente fazia.

Evangeline colocou a mão muito gentilmente na de Ania. — Mitya te contou algo sobre o passado dele?

Ania recuou e acenou com a cabeça. Não se permitia pensar demais nas coisas que Mitya havia revelado a ela. Não podia imaginar que tipo de infância ele teve—ou em que seu pai psicótico o tinha moldado.

— É diferente para todos nós, —disse Ashe. — Nós gostamos? Não. Pelo menos eu não. Mas eles têm inimigos muito poderosos, e isso significa que sempre há perigo. Para eles. Para nós. Para qualquer criança que possamos ter.

— Estou grávida, —disse Evangeline suavemente. — Assim que percebi que estava grávida, a regra tola de Fyodor de ter um guarda-costas e avisá-lo todas as vezes que eu mudar de planos se

tornou algo completamente diferente para mim. Eu percebi por que ele sentia que precisava saber onde eu estava e o que estava fazendo. Quero nossos bebês protegidos.

— Mitya parece um pouco obcecado em saber onde estou, — admitiu Ania. Ela colocou a mão na garganta e acariciou-a com os dedos, como ele costumava fazer. — Ele não apenas pergunta alguma coisa. Ele faz exigências. Todos imediatamente cumpre o que ele está ordenandando. Isso não é bom.

— Não é razoável? —Evangeline perguntou.

Felizmente, um grupo de clientes entrou, conversavam alto e alegremente. Cada vez que a porta se abria, um pequeno sino anunciava a chegada de clientes. Dessa vez, um pequeno grupo de cinco pessoas entrou na padaria, claramente vindo de um escritório próximo e atrás deles havia um grupo de quatro homens, todos de terno, além de dois de jeans e camiseta. Eles usavam jaquetas esportivas, fazendo com que parecessem que também tinham vindo de um dos muitos edifícios de escritórios.

Evangeline e Ashe se levantaram sem dizer uma palavra e correram para tomar seus lugares atrás do balcão. Ania percebeu que os guarda-costas se misturaram na sala, lendo seus dispositivos, tomando um café ou *lattes*, ou ocasionalmente

comendo um dos doces, mas todos estavam alertas. Estavam espalhados por toda o ambiente. Dois eram guardas vigiando Evangeline, outros dois mantinham Ashe à vista. Mitya enviou Vikenti e seu irmão Zinoviy. Ania começou a chamar Vikenti de *Vik* e Zinoviy de *Zen.* Realmente não achava que ele era *zen,* mas a fazia querer rir quando ela se referia a ele dessa maneira.

Tomou um gole de seu *latte* e se perguntou por que nem Ashe nem Evangeline pareciam ressentidas por seus companheiros insistirem em saber onde estavam o tempo todo. Ania se sentia como uma garota rebelde que precisava pedir permissão para ir ao trabalho ou à padaria. E as corridas de rua dela? Às vezes, ficava tão inquieta que precisava de uma válvula de escape. As corridas sempre foram isso para ela. Além disso, também mantinha seus reflexos afiados.

Ania achava estranho que Mitya parecia sempre saber o momento em que ela pegaria as chaves do seu carro para correr. Ele aparecia do nada, e não importa onde estivessem, em qualquer lugar, ficava selvagem e louco. O sexo sempre era incrível. Mitya arrancava tantos orgasmos dela que às vezes não conseguia ficar de pé e ficava nua no tapete, com a respiração irregular, chocada com a maneira como ele podia fazer seu corpo

se sentir. A necessidade de correr desaparecia até que ela mal conseguia se lembrar de que estava pensando nisso.

Ele sabia? Poderia lê-la tão facilmente? Uma suspeita veio a ela e ela se viu franzindo a testa. Sua fêmea ocasionalmente a alcançava, mas raramente. Ela disse a Ania que seu nome era *Jewel.* Quando Ania ficava chateada depois de ver seu pai em uma das suas visitas a noite, a sua leopardo murmurava baixinho para confortá-la. Muitas vezes, Ania não conseguia entender o que a gata estava transmitindo. Ela se comunicava em imagens e não em palavras.

Você fala com Dymka? Ania sabia que o nome do leopardo de Mitya significava *"fumaça"* ou *"névoa".* Ele tinha esse nome porque podia se mover invisível entre os inimigos. Ele era muito furtivo.

No começo, tinha certeza de que a fêmea não iria responder. A leopardo parecia preguiçosa, querendo recuar de volta para a segurança do corpo dela. Ania não achou isso muito justo, já que a leopardo notou Mitya em primeiro lugar.

Sim. Ele gosta de falar comigo.

Um ronronar acompanhou as imagens, como se *Jewel* estivesse muito apaixonada pelo leopardo, parece que a sua gata não conseguia pensar em *Dymka* sem um apelo sensual.

Ania se controlou para não revirar os olhos, mas ao mesmo tempo, ela entendia. Mitya a fazia querer ronronar toda vez que ele a tocava. *Você diz a ele quando estou inquieta? Ou chateada?*

Eu não gosto de vê-la chateada.

Isso não era uma resposta, mas ela entendeu. O leopardo de Mitya o avisava quando Ania estava pensando em correr. Ou talvez ele não soubesse o que ela queria fazer, mas ele podia adivinhar. Mitya estava usando sexo para manipulá-la e forçá-la a fazer as coisas que ele queria que ela fizesse? Ela gemeu e colocou a cabeça sobre a mesa.

— Ania?

A voz era profunda. Forte. Muito familiar. Ela levantou a cabeça e se viu encarando os olhos escuros de Alessandro Caruso. Ele era o mais velho dos quatro irmãos Caruso. Ela o conheceu, ao longo dos anos, várias vezes, mas, pelo que sabia, nunca havia notado como ele era bonito. Sua leopardo, *Jewel,* também estava olhando para ele, fazendo o coração de Ania

acelerar demais. Se *Jewel* estava interessada, significava que ela estava olhando para Alessandro porque ele era um shifter.

— Como está seu pai, *cara*[17]? —Ele perguntou, andando em volta da cadeira que Ashe havia desocupado e sentando-se sem um convite.

Vik se aproximou e seu telefone estava na mão. Ela tentou balançar a cabeça levemente, para detê-lo, mas sabia que, não importava o que, Mitya seria informado. Por alguma razão, isso a fez cerrar os dentes. Não precisava de babás.

— Ele está internado, —ela admitiu. — Obrigada por perguntar. A maioria das pessoas esqueceu do quanto ele está ferido e que não há recuperação. —Mas os Carusos sempre se lembravam. *O que isso significava?* Eles tinham algum interesse em descobrir se o pai havia morrido? Ela precisava saber.

— Sinto muito, Ania. Sei que era muito próxima de seus pais. Isso deve ser difícil para você. Meu pai me informou que você estava vendendo o seu negócio.

Ela assentiu. — É muito trabalho para uma pessoa. Mesmo com os funcionários, é difícil supervisionar e garantir que todo trabalho seja feito de acordo com nossos padrões. —Ania esfregou

[17] **Querida,** em italiano



as têmporas sem pensar. Ela estava com dor de cabeça novamente. Seu crânio apertava. A pele dela doía.

— Meu irmão mais novo está muito interessado em carros. Ele é uma pessoa muito prática, e dirigir é sua paixão. No momento em que ficamos sabendo, Donato ficou extremamente interessado. Essa é uma das razões pelas quais viemos para San Antonio. Eu tive uma reunião com Jake Bannaconni e esperava ter uma reunião com você, mas seu advogado disse que não era possível.

— Ele está certo. Raramente vou à cidade porque não gosto de ficar longe do meu pai, mas não saí há uma semana e só precisava respirar um pouco.

— Eu entendo Ania. Sinto muito. Existe algo que nossa família possa fazer para ajudar?

Os olhos dele deslizaram sobre ela e, para seu horror, houve malícia no olhar. Por um momento, os olhos dele percorreu seu corpo e depois voltou ao seu rosto.

Ela balançou a cabeça e tomou um gole de seu *latte* refrescante. Olhou para cima e viu Vikenti e Zinoviy, ambos olhando para eles de forma sombria. Uma risada veio da grande mesa de clientes que acabara de chegar. Aparentemente, eles

estavam comemorando uma vitória de algum tipo e, segundo eles, era impossível ficar sem os *cupcakes chai*[18] de Evangeline e as incríveis bebidas mistas de Ashe.

Ania podia ouvir muito claramente. A chuva lá fora. As conversas. Suas respirações inclusive. Os três homens que acompanharam Alessandro até a padaria estavam sentados em uma mesa próxima. Vikenti estava entre eles e Ania de um lado e Zinoviy estava do outro. Pela maneira como Alessandro a olhava, ele estava interessado. Por duas vezes, seus olhos escuros haviam mudado para um âmbar muito intenso. A princípio, havia manchas douradas no marrom escuro e depois ela encarou algo muito mais predatório.

Ania nunca esteve nessa situação antes e não sabia como lidar com isso. Queria informações de Alessandro, tanto quanto pudesse, mas não era muito boa em enganar.

— Você faz muitos negócios com Jake? —Ela deliberadamente usou seu primeiro nome, como se visse o bilionário todos os dias e eles fossem bons amigos. Ela o viu duas vezes somente. Trabalhava

---



18 **Cupcakes de Chai** - Preparados com chá chai, especiarias chai e creme de manteiga chai batido, esses cupcakes chai latte têm o mesmo sabor da sua bebida favorita no café!

fora do prédio dele. Não corria em seus círculos, mas talvez os Carusos corressem.

— Não, esta será minha primeira vez com ele. Um amigo em comum conseguiu um encontro. Drake Donovan. Ele tem sido um bom amigo para nós há vários anos. Ele é dono de uma empresa internacional de segurança e é amigo íntimo de Bannaconni. Eu tinha alguns negócios que pretendia discutir com ele, mas mesmo o nosso nome não nos comprou uma reunião instantânea.

Ele não parecia nem um pouco irritado com isso, o que a surpreendeu. A família Caruso era poderosa. A maioria das pessoas lhes dava o que ele quisessem. Ela esperava que Alessandro e seus irmãos fossem mimados.

— Donovan conseguiu?

Ele assentiu. — Imediatamente. Embora eu não tenha tido a mesma influência com o seu advogado. —Ele riu baixinho de sua própria piada, mas o tempo todo estava com os olhos nela. Assistindo. Alerta.

Ania realmente não se sentia bem. Seu corpo estava quente. Seus seios doíam. Cada vez que se mexia, seus mamilos esfregavam as rendas do sutiã, inflamando-os. Ela se manteve muito quieta, mas a ansiedade estava tomando conta. Isso e a dor

de cabeça persistente que só parecia piorar porque seu crânio estava muito apertado. Sua pele estava muito sensível. Entre suas pernas, o fogo dançava.

Não conseguiu respirar sem aspirar a Alessandro. Olhou para cima e de repente a sala parecia cheia de homens demais, todos olhando para ela com luxúria nos olhos. Ania não conseguia parar o que estava acontecendo com seu corpo. Mais um minuto, teria que arrancar as roupas antes de coçar a pele.

A campainha da porta tocou e um calafrio percorreu sua espinha. Antes de olhar para cima, sabia exatamente quem estava passando pela porta. Dentro dela, sua leopardo saltou, como se estivesse tentando se libertar. Ania ergueu os cílios e seu olhar colidiu instantaneamente com o de Mitya. Não havia expressão em seu rosto. Nenhuma mesmo. Mas ele parecia impiedoso. Perigoso. Exatamente o que ele era. Mitya não tentou esconder o assassino nele. Seus olhos eram azuis escuros. Planos. Frios. Os olhos de um predador. Seu olhar mudou dela para Alessandro.

Automaticamente ela seguiu o olhar dele. Alessandro entrou em alerta imediatamente. Sua respiração sibilou e seu rosto também era uma máscara. Ela podia ver as manchas douradas se movendo através do marrom escuro em seus olhos, seu gato perto.

A respiração dela ficou presa nos pulmões. Ania não tinha ideia do que fazer. Os guarda-costas haviam se espalhados. Mitya foi direto para a mesa onde ela estava, nem mesmo respondendo a saudação de Evangeline. Ele usou passos determinados e longos. Ania tentou sorrir, mas seu coração estava batendo como um louco e ela mal podia respirar.

Ele estendeu a mão enquanto continuava olhando para Alessandro. — Você terá que desculpar minha noiva.

Ela se levantou.

Alessandro também.

— Mitya, esse é Alessandro Caruso. Alessandro, Mitya Amurov.

Alessandro reconheceu o nome. Ela poderia dizer que isso significava algo para ele. Seu olhar seguiu a mão de Mitya quando seus dedos envolveram o braço de Ania e a puxaram ao redor da mesa para ele.

No momento em que Mitya a tocou, seus olhos ficaram com aquele azul ártico brilhante e reluzente que ela passou a reconhecer como um sinal de que seu leopardo estava perto. Sabia que ele era todo predador, uma máquina de lutar selvagem, tanto o gato

quanto o homem. Ele a puxou para perto, inclinando o queixo, e sua boca caiu na dela.

Ania podia provar a raiva dele. Não raiva. Fúria. Provou a possessão. Luxúria. Subia nele afiado e terrível, e com sua fome crua veio a dela. Não conseguia parar, por mais que se lembrasse de que não estavam em casa. Todo o seu corpo doía por ele. Ela ficou úmida. Tão lisa. Em seguida, queimando fora de controle. Ele foi duro. Selvagem. Tudo o que ela esperava, tudo que a tornou viciada.

Ela o beijou de volta, seus braços deslizando ao redor do pescoço dele, seu corpo derretendo no dele. Ela não escondeu nada. Nunca fez. Era impossível. A mão dele deslizou em seus cabelos e seu beijo suavizou. Ele levantou a cabeça, seus olhos ardendo nos dela. — Você está bem, *kotyonok*?

Ela balançou a cabeça negando, honesta com ele. Seu corpo doía tanto que ela queria gritar. A cabeça dela ia explodir. Mal conseguia suportar as roupas e, entre as pernas, estava pegando fogo.

— É um prazer conhecê-lo, —disse Mitya. — Eu gostaria de ter mais tempo, mas estamos com um pouco de pressa. —Ele

enviou a Alessandro um sorriso ainda mais predatório do que quando ele entrou.

Passando o braço em torno de Ania, ele a conduziu através dos clientes atônitos e pela porta da frente para o carro que os esperava. Era um Town Car com janelas escuras. Sevastyan abriu a porta de trás para eles.

— Você dirige, —ordenou Mitya abruptamente. — Só você no carro. Suba a tela de privacidade.

Sevastyan deu uma olhada em Ania e assentiu. Ele enviou Mirón para o carro atrás deles com outros dois guarda-costas, Kiriil e Matvei. Vikenti e Zinoviy assumiram o carro da frente. Sevastyan deslizou atrás do volante e apertou um botão para a tela subir entre os assentos da frente e detrás.

No momento em que Mitya fechou a porta, ele pegou os sapatos de Ania, puxando-os de seus pés e jogando-os no chão. — Se você gosta dessa blusa, tire-a. —As mãos dele já estavam tirando o jeans e a calcinha dela. Ela não era rápida o suficiente, e ele pegou a frente da blusa, rasgando o material e soltando os seios do sutiã, quase no mesmo movimento. A maneira como ele fez isso, arrancando as roupas dela como se não pudesse alcançá-la rápido

o suficiente, sempre a deixava louca e emocionada e ao mesmo tempo assustada.

Suas roupas estavam machucando sua pele, mas agora o ar frio parecia inflamar ainda mais. Ela se contorceu no assento, quase em pânico. O olhar dele era selvagem, as linhas em seu rosto esculpidas profundamente com luxúria. Ele parecia o epítome do pecado carnal. Mitya se ajoelhou na frente do assento, pegou suas coxas, afastou as pernas dela e levou os quadris à boca dele.

Sua língua estava áspera. Parecia veludo. Era pura chama queimando através dela enquanto ele lambia e depois a chupava. Ele usou a borda de seus dentes. Foi cruel, implacável, devorando-a enquanto ela gemia e se debatia, descontrolada, lágrimas saindo de seus olhos, seu corpo explodindo em mil chamas, uma conflagração que só parecia aquecer mais e mais até quase convulsionar.

Ania tentou afastar a cabeça dele, implorando, soluçando, mas então percebeu que estava implorando por mais. Ela não estava empurrando-o, estava puxando seus cabelos. Estava mais fora de controle do que ele. Ele sacudiu o clitóris inchado com os dedos, um forte golpe que enviou mais chamas através dela, levando-a até que realmente pensou que poderia enlouquecer.



— Pare. —Ela sussurrou, enquanto pressionava seu corpo mais fundo em sua boca, precisando de mais, desesperada por mais. — Você tem que parar. —Mas ele não podia. Se ele o fizesse, ela poderia morrer.

— Eu digo quando pararemos, —ele retrucou, sua mandíbula escorregadia com o creme dela, seus olhos ardendo para ela, quase demoníacos, um animal desenfreado, carnal, selvagem e feroz.

Sua boca estava nela novamente, seus dedos acariciando todo aquele líquido espalhando-o por toda parte enquanto ele a consumia. Mitya reivindicou cada centímetro dela, com as mãos, boca, dentes, dedos. Ele abaixou a calça dele e a arrastou para a beira do assento, então entrou nela. Não houve gentileza, ele simplesmente entrou nela, uma reivindicação dura, dirigindo através de suas dobras inchadas e inflamadas.

Ania se ouviu gemer novamente. Ela enfiou as unhas nos ombros dele, desesperada por uma âncora. Ele mergulhava nela de novo e de novo, tão forte que ela sentiu o carro tremer na estrada, mas não era suficiente. Dentro, seu corpo entrou em ebulição, um fogo tão quente que crescia cada vez maior. Não havia como impedir isso. O rugido em seus ouvidos se tornou o som do inferno dentro dela.

Mitya não parou. Não quando ela se contorcia. Não quando ela lutou. Não quando ela se debatia. Suas feições duras eram impiedosas. Ela precisava disso, mas isso a aterrorizava. Absolutamente a aterrorizava. Alguém poderia morrer do calor de uma leopardo? Ela seria a primeira. Ele tinha que parar. Ele não conseguiu parar. Uma terrível e feroz tempestade de fogo estava subindo, correndo através dela, consumindo-a de dentro para fora. Queimando os dois. Explodindo nela, uma onda de puro calor, as chamas a reduzindo a nada além de cinzas, lançando-a para fora de seu corpo para que ela estivesse em outro lugar. Ela o sentiu, o pulsar duro e descontrolado de seu pênis enquanto ele se esvaziava nela. Tão quente. Sus vagina apertou com ele. Queimando seu nome nela para sempre.

Mitya caiu sobre ela e ela tomou seu peso. Seu corpo estava tremendo e percebeu que não conseguia parar de chorar. Passou os braços em volta do pescoço dele e respirou superficialmente, tentando impedir o fluxo de lágrimas.

— *Shh,* baby, eu tenho você, —ele sussurrou contra seu ouvido. — Eu vim assim que soube que estava com problemas.

— Não sabia o que fazer. —Ela odiava admitir isso para ele. Não tinha percebido que sua fêmea estava se levantando. Ela havia

começado a conversa sobre *Dymka* e talvez essa fosse a razão pela qual sua leopardo veio à tona novamente.

— Poderia ter sido muito ruim. Alessandro é um shifter. Eu não tinha ideia de que ela iria subir assim. Ele me reconheceu e se aproximou da mesa para conversar e, de repente, eu estava sentido tudo ao meu redor. Eu mal conseguia pensar, —o soluço interferindo em cada uma de suas palavras.

— Vikenti e Zinoviy imediatamente me mandaram uma mensagem de texto quando suspeitaram.

Mitya virou a cabeça para pegar o lóbulo da sua orelha entre os dentes e mordeu o suficiente para fazê-la gritar. Imediatamente, um líquido abrasador cercou seu pau queimando sua vagina. Ela sentiu a ondulação de um tremor secundário.

— Você deveria ter mandado uma mensagem de texto dizendo que precisava de mim, Ania. Da próxima vez que isso acontecer, ao primeiro sinal, envie-me uma mensagem. Vou largar tudo e a encontrarei. Se estiver muito longe, ligarei para o helicóptero.

— Eu não sabia. —Ela tinha vergonha de não ter reconhecido os sinais. — E se ...



— Você estava protegida. Tinha Vikenti e Zinoviy. Evangeline e Ashe teriam ajudado também, no momento em que percebessem que estava com problemas.

Ele pegou sua camisa rasgada e terminou de tirar dela, seu pau raspando ao longo das paredes apertadas de sua vagina enquanto saía dela. Ela sentiu o atrito arrastado e a dor aguda que provocaram outro tremor secundário. Ele limpou o rosto e depois o pênis com a camisa antes de limpar muito gentilmente as pernas e as coxas dela. Molhou a blusa com a água de uma garrafa e a limpou uma segunda vez antes de ajudá-la a vestir a calcinha e o jeans.

Ambas as mãos foram ao redor de sua cintura para ajudá-la a se sentar. — Baby, você tem que parar de chorar.

Sua voz era tão suave que seu coração pulou uma batida. Ele nunca usou esse tom específico com ela. Ela tocou o rosto e percebeu que lágrimas ainda escorriam por suas bochechas. — Eu nunca fui tão emotiva na minha vida. Sinto muito, Mitya.

— Não se desculpe. Você tem todos os motivos para estar. Acredito que você e sua leopardo estão vazando hormônios por todo o lugar. —Ele afivelou o cinto de segurança quando ela se recostou no banco de couro do carro.

Suas palavras a fizeram sorrir sem graça. — Você parecia tão assustador quando entrou na padaria, pensei que estivesse com raiva de mim.

— Você não fez nada errado, *kotyonok*. Eu sabia o momento em que entrei na padaria, senti o cheiro do leopardo de Alessandro e vi que ele estava perto de você, justamente na hora em que a sua leopardo entrou no cio. Você disse a ele que era a minha noiva?

— Não chegamos tão longe na conversa. Eu estava tentando descobrir se a família dele está envolvida com os ataques a minha família. Ele perguntou pelo meu pai, o que ele faria de qualquer maneira. Trabalhamos para eles, mantendo seus carros. Como eu disse, meu pai e meu avô às vezes dirigiam para eles, e o último trabalho que cada um fez, foi para a família dele e a família Anwar.

Ele se virou no banco, a mão segurando a garganta dela, o polegar levantando o queixo dela, de modo que seus olhos foram forçados a encontrar os dele. — Ania, eu te avisei para deixar isso quieto.

Sua voz ficou assustadoramente baixa. Seus olhos brilharam para ela, aquela ameaça sombria que a avisara de que ele havia passado de doce a repentinamente perigoso.



— Eu sei. Não tinha planejado fazer isso, Mitya. Ele estava lá. Estava me fazendo perguntas. Apenas tentei arrancar alguma informação, mas honestamente, eu não consegui raciocinar nada, de repente meus sentidos ficaram cientes de tudo ao redor, fiquei emocionalmente e fisicamente sensível a tudo. Eu não conseguia me ouvir pensando.

Ele inclinou a cabeça e roçou um beijo nos lábios dela. Então soltou o seu queixo. As mãos dele caíram sobre a costela dela, quase a cercando. Ele beijou sua garganta e de repente sua boca estava no seio esquerdo dela, chupando profundamente o monte macio.

Era decadente. Quente. Erótico. Ela estava sentada, presa pelo cinto de segurança, nua da cintura para cima, com Mitya usando a língua, os dentes e a boca no seu seio. Cada movimento duro de sua língua em seu mamilo enviava sangue correndo por suas veias. Sua língua acariciou asperamente e seus dentes puxaram com força. Mordendo suavemente. Seu sangue aqueceu. Inclinou a cabeça para trás e arqueou, dando-lhe acesso total.

Então a boca dele estava no seio direito dela, e a mão estava no seio esquerdo, amassando e massageando, apertando os dedos em seu mamilo até que ela queria gritar. Então, quando ele parou, o sangue correu direto para o clitóris e bateu em seu sexo. Ele

cobriu os dois seios, com as mãos e a boca, até o fogo voltar, deixando-a febril.

Como ele podia fazer só tocando em seus seios? Nunca se sentiu tão desejada ou tão devassa. O cabelo dele roçou sua pele, aumentando o fogo que a varria. Mitya levantou a cabeça, olhando nos olhos dela.

— Quero te foder até que nenhum de nós possa respirar. Você me faz sentir isso, Ania. Sua leopardo se acalmou. O meu também e eu ainda quero você. A porra do meu pau parece que vai quebrar.

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele. — Eu cuidarei disso quando chegarmos em casa. —Ela sabia que eles estavam na estrada que varria as colinas, se aproximando de sua casa. Seu coração estava batendo forte e doía por ele.

— Você vai cuidar disso agora.

— Agora? —Sua mão caiu na frente da calça dele. Seu coração ficou louco. Sua boca realmente se encheu de água e seus seios latejavam. Ela amava sua voz quando ele era todo dominador. Ela não entendia a diferença quando esse mesmo tom a incomodava fora de qualquer atividade sexual.

— Sim, agora.

Ania esfregou seu pau com a mão sobre o material muito caro. — Eu não sei, querido. Tem certeza?

Os olhos dele brilharam como fogo para ela e ele estendeu a mão, soltou o cinto de segurança e a puxou para baixo, de modo que ela estava deitada no banco de couro. Ele tirou seu jeans e calcinha tão rápido que ela mal percebeu que ele tinha feito isso. Ania fez o possível para não sorrir quando olhou para as mãos dele e elas tremiam de impaciência, os olhos de Mitya ficaram selvagens. Ele abriu suas calças e de alguma maneira conseguiu se virar no banco, então a boca dele estava entre as pernas dela enquanto empurrou seu pau em sua boca.

Quente. Selvagem. Insano. Ania agarrou os quadris dele, mas não havia como parar a pressão de seu pênis em sua boca. Ela poderia ter se sentido intimidade, pois tinha muito pouco controle sob toda a situação. O couro do assento estava nas costas dela e ele montou em sua boca, entrando e saindo lentamente. Ania usou a língua e alternou lamber e chupar, fazendo o seu melhor enquanto ele controlava a ação.

Era difícil pensar com a boca de Mitya atacando-a, sugando-a rapidamente, enquanto seu pênis queimava seus lábios, esticando-os e deslizando sobre sua língua, um prazer quente e abrasador. Ela afundou os dedos nos quadris dele, puxando-o para mais perto

e empurrou para cima seus próprios quadris, se esfregando em um ritmo frenético contra a boca dele.

Por duas vezes Mitya empurrou seu pau tão fundo que ela quase entrou em pânico, incapaz de respirar, e quando começou a empurrá-lo, ele levantou a boca entre as pernas dela. — Acalme-se. Você está bem. Eu não deixaria nada acontecer com você. — Ele esperou até que ela se acalmasse antes de puxar seu pau para que ela pudesse respirar.

Ania puxou os quadris dele para ela, ansiosa para tê-lo novamente. Enquanto seu pênis pulsava, podia sentir o coração dele batendo através de seu pau inchado. Mitya se empurrou suavemente em sua boca e mais uma vez deixando-a selvagem, e então aconteceu uma segunda vez, seu pênis deslizou profundamente, empurrando seus limites, sua zona de conforto, mantendo-a indefesa ali. Ela tentou ficar quieta, mas o pânico aumentou e mais uma vez se viu empurrando-o.

— Ania. —Sua voz era muito calma. Ele não se mexeu. — Aprenda a confiar em mim. Você é o meu mundo. Eu não te faria mal.

Mais uma vez, foi preciso um grande esforço para permanecer quieta e permitir que ele cortasse o ar dela. No momento em que

ela parou de lutar, ele se afastou, a deixou respirar e então começou aquele requintado bombeamento novamente. Seu pênis inchou, empurrando em sua boca de seda. Ela esfregou-o com a língua. Enquanto isso, seu corpo se tensionava cada vez mais, até que ela não conseguiu conter as ondas que a queimavam.

O pênis dele ficou mais grosso e ele se empurrou com força, profundamente, forçando-a a engolir o líquido quente que corria pela sua garganta. Havia algo emocionante, até empolgante, em estar deitada no banco de trás com o pênis dele em sua boca e a boca dele entre as pernas dela. O orgasmo rolou através de ambos.

Levou um momento para perceber que o carro havia parado de se mover. Uma mão bateu no topo do veículo. — Inferno, saía logo daí, Mitya, —a voz de Sevastyan era tensa. — Estou indo para o bar e terminei por esta noite.

Mitya se moveu, puxando seu pênis para fora de sua boca. Ele se sentou e gemeu baixinho, seu primo era um shifter. Um leopardo. Ouviu todos os sons vindos do banco de trás. Cheirou cada perfume. Ouviu seus gemidos. Sevastyan tinha que estar desesperado por uma mulher. Mitya se amaldiçoou.

— Vá em frente, Sevastyan. —As mãos de Mitya nos ombros de Ania a ajudaram a sentar.

— Os outros estarão aqui se vocês precisarem deles.

Mitya ouviu a tensão na voz de Sevastyan. — Sinto muito, Sevastyan. Eu não consegui parar. Ela precisava ... de cuidados.

Ania colocou os braços ao redor do meio e balançou. Seu corpo ainda estava pegando fogo, mas agora era de vergonha. Mitya colocou o braço em volta dela.

— É assim que você chama isso? Eu estou indo, —retrucou Sevastyan.

Sete

A CHUVA finalmente parou, embora as janelas estivessem cobertas com as gotas. Ao lado de Mitya, Ania dormia, desgastada pelo sexo quase violento que haviam compartilhado no carro. Ele manteve seu corpo apertado contra o dela, seu braço circulando sua cintura, mão segurando seu seio. Ele inalou o cheiro dela. Ela

havia tomado um longo banho assim que chegaram em casa, entrando correndo e indo direto ao andar de cima, o paletó dele a cobrindo.

Mitya descobriu que não conseguia tirar as mãos dela. Adorava poder tocá-la quando queria. Que poderia levá-la a qualquer hora, noite ou dia. Ele passou tantos anos sem o toque de uma mulher, sem as mãos ou a boca, porque temia que quando gozasse e estivesse vulnerável, seu leopardo atacaria a mulher. Agora, ele tinha uma mulher que seu leopardo venerava, e ela o queria tanto quanto ele a queria.

Sabia que Ania ainda não tinha certeza sobre os sentimentos dele. Ela acreditava que ele só estava com ela porque seu leopardo havia a reivindicado. Ania não percebeu que Mitya também a reivindicou. Ela era dele. Ele gostava dela. Mais do que gostar, esse carinho estava se transformando em outra coisa.

A maneira como ela cuidava do pai. O jeito que se preocupava com o futuro de Annalise. Ania estava pagando um apartamento para Annalize ficar, porque não queria que sua babá presenciasse o fim terrível da vida de seu pai. O fato dela ter iniciado sua própria investigação e ter se transformando em uma franco-atiradora, só adicionava a sua admiração por ela. Ele amava tudo isso nela.

Esfregou o polegar para frente e para trás sobre o suave inchaço do seio dela. Tudo nela o atraía, mesmo a sua rebeldia em desafiá-lo. Mitya sabia que ela pensava que poderia fugir se quisesse. Ania não podia. Não havia como voltar atrás para nenhum deles. A beijou na nuca. Sabia o quão sortudo era. As chances de encontrar sua companheira verdadeira eram de um milhão para um, e ainda assim ela estava lá na cama com ele.

Mitya saboreou a visão dela, deitada enrolada sob os lençóis. Ania estava nua, havia pedido para ela não colocar roupas para dormir. Ela atendia aos desejos dele quando se tratava de qualquer coisa no quarto. Nunca lhe disse não para qualquer pedido seu, ele também não aceitaria um não dela. A única razão pela qual sua mulher poderia dizer não era se estivesse com medo, e ele não queria que ela tivesse medo de qualquer coisa que fizessem. Se isso acontecesse, ele recuaria e tentaria mostrar a ela o que queria mais gentilmente, até que ela perdesse o medo.

Ele levantou a cabeça novamente para olhar para o rosto dela, para o tremular dos seus longos cílios e lábios carnudos. Nunca pensou que seria capaz de amar. O sentimento que tinha por seus primos não contava, porque não pensava neles em termos afetuosos. Mitya não sabia o que sentia por eles. Mas Ania ... era diferente. Ania estava entrando nele. Profundo. Ele pensava nela

o tempo todo. Não gostava que ela ficasse chateada. Queria a confiança dela acima de tudo.

Mitya refletiu sobre o que ele estava pedindo a ela. Ania o aceitou, mesmo acreditando que ele era um criminoso. E não apenas qualquer criminoso, mas um muito perigoso. Ele estava pedindo para ela para confiar nele. Não, estava exigindo isso dela. Queria a confiança dela em todos os níveis, mas não tinha intenção de permitir que ela se envolvesse nos negócios dele. Era muito perigoso, e Mitya não iria arriscar a vida dela.

Rapidamente descobriu que precisava dela. Não apenas o sexo, embora fosse totalmente viciado nisso, mas a promessa dela. O brilho dela. A beleza que era muito mais do que superficial. Ele queria a lealdade dela. A fidelidade. O amor. Essa a verdade. Queria que Ania se apaixonasse tanto por ele, que nunca consideraria deixá-lo.

— Eu nunca vou te deixar, —ele sussurrou. — Nós vamos fazer isso funcionar, *kotyonok*.

Embora Mitya tenha falado baixinho, mal permitindo que um fio de som se espalhasse pelo quarto, ela se mexeu, seus cílios tremularam. — Mitya? Você está bem? —Ela se virou, seu corpo deslizando contra o dele. Os braços dela rodearam o pescoço dele

e ela deitou a cabeça no seu peito. — Estou bem aqui. Diga-me o que você precisa.

Seu coração deu um lento salto mortal. Seu intestino se apertou em mil nós. Era por isso. Essa era a razão. *Como podia não se apaixonar?* Não tinha a intenção de fazê-lo. O tempo todo o plano tinha sido em Ania o amando, não o contrário, mas ela o rasgou de dentro para fora. *Do que ele precisava? Se ele estava bem?* Essa era Ania. Pensando apenas nele.

Ela beijou o seu peito. Sua garganta. Até o queixo. Beijinhos apenas. Nada de sexual neles, mas esses inocentes beijos o tocavam com muito mais intimidade do que ele podia suportar. Estava com medo de amar. Com medo de que uma vez que admitisse, mesmo que fosse só para si mesmo, Lazar atacaria. Ela sempre seria sua maior fraqueza. Lazar odiaria saber que Mitya encontrou a felicidade. Encontrou uma mulher que o cobriria com amor. Ania era esse tipo de mulher.

Se ele se deixasse amá-la, se lhe desse isso, ela lhe daria tudo em troca. Uma casa cheia de risadas. Sua total confiança. Seu corpo. Seu coração. Sua alma. Essa era Ania. Ela não fazia nada pela metade. Mitya sabia disso pela maneira como ela cuidava do

pai, pela maneira como praticava com um *rifle Sniper*[19]. Ela era minuciosa, cuidando de todos os detalhes, e seria assim com ele.

— Meus sentidos estão um pouco aguçados demais esta noite, —ele admitiu porque tinha que lhe dar algo.

Ela piscou, e ele sentiu o longo movimento de seus cílios contra sua pele. — Posso fazer alguma coisa por você?

Ele fechou os olhos e quase gemeu. Seu corpo se agitou, sentiu o calor se movendo através dele, acumulando-se na virilha, mas não queria que ela fizesse nada além de dormir. Ele tinha sido duro. Ania não percebeu, mas sua leopardo fez uma grande aparição. Estava declarando a eles que definitivamente iria emergir. Seria mais difícil do que foi hoje, muito mais, e Ania precisava descansar. Seu corpo precisava de tempo para curar.

— Eu preciso só te abraçar, baby, —ele admitiu. Seria mais fácil que ela pensasse que ele só precisava de sexo. Mitya era um ser muito sexual. Oral também, como a maioria dos shifters, talvez até mais do que a maioria. Ele gostava de deixar sua marca nela. Seu leopardo também era oral e sabia que a fêmea dela teria



19 Rifle Sniper, fuzil de precisão

os dentes do seu gato nela com frequência, assim como Ania. Mitya desejou que seu relacionamento com ela fosse só sexual, mas era mais do que isso. Era isso, era também a intimidade de segurá-la perto. Conversar com ela no meio da noite. Precisava disso tanto quanto precisava do corpo dela.

Mitya beijou o topo da cabeça de Ania e ao mesmo tempo uma pontada de inquietação passou por ele. Virou a cabeça em direção à janela. Eles estavam no segundo andar e estavam sozinhos na parte superior. Seu pai tinha o quarto principal no térreo e seus homens estavam espalhados nos vários outros quartos, esperando seus turnos para patrulhar os jardins. Annalize havia se mudado para um apartamento na cidade.

O mal-estar tornou-se angustiante, espalhando-se por ele como um câncer. *Dymka* saltou para ele, empurrando-se em sua pele, exigindo a liberdade. Corria com o gato todas as noites. Aprendeu a deixar o leopardo sair para mantê-lo saudável. Sevastyan e alguns de seus outros primos permitiam que os seus leopardos travassem lutas controladas. Isso os mantinham em forma e os ajudava a liberar um pouco de energia, tornando-os um pouco menos inconstantes.

Com Ania e sua fêmea tão próximas, *Dymka* se acalmou e Mitya estava em paz. Mas agora o leopardo lutava pelo controle. Num acesso de raiva. Furioso.

— Ania, vista-se, baby. —Ele a tirou dos braços e saiu da cama instantaneamente, vestindo roupas que poderia sair rapidamente se necessário.

Ela se virou, franzindo a testa, olhando para ele.

— Não faça perguntas, apenas faça.

Ela murmurou baixinho e ele imaginou que ouviu algo como *"muito, mandão",* mas jogou as cobertas para trás e levantou-se, vestindo-se às pressas. Ele fez um sinal para que ela ficasse quieta e atrás dele. Deslizou armas em várias lugares em suas roupas. Enviou mensagens de texto para Sevastyan e seus homens, avisando-os que havia alguém perto da casa. Era combinado que cada um dos guardas enviasse uma única letra do alfabeto em resposta para que os outros soubessem que estavam vivos, bem e alertas. Todos, exceto um, enviou uma mensagem de volta.

Mitya xingou baixinho. O guarda que não respondeu de volta era Amory Binder, um dos leopardos que Drake Donovan havia recrutado de Bornéu. Ele era mais novo que Mitya, com vinte e poucos anos, e não tinha tanta experiência quanto o resto

deles. Mitya precisava de homens para se proteger contra Lazar e o que ele acreditava ser um exército quando seu pai resolvesse ataca-lo, por isso aceitou o garoto.

Mandou uma mensagem para os outros irem verificar o guarda ausente. Sevastyan enviou várias mensagens privadas para ele, dizendo-lhe para levar Ania embora e ficar em segurança. Ele não se incomodou em responder. Ania puxou uma arma de uma pequena caixa que ela tinha debaixo da cama. Ele a observou montar. *A arma já deveria estar carregada,* mas ele não estava disposto a discutir com ela.

Saiu do quarto primeiro, deixando *Dymka* assumir todos os seus sentidos e soube imediatamente que a casa havia sido violada. O invasor cheirava ... leopardo. *Dymka* ficou louco com a idéia de que outros leopardos estavam perto de sua fêmea. A leopardo ainda não havia emergido e o vínculo não estava completo. Mitya demorou um momento para lutar pelo controle. Sibilou sua impaciência com seu gato.

— Fique perto, Ania. Eles estão na casa.

Ela assentiu e se moveu quase em uníssono com ele enquanto desciam as escadas. O piso plano aberto no primeiro andar permitiu a Mitya ver a grande sala, o hall de entrada, a sala de

jantar formal e parte da cozinha. Uma figura sombria, toda de preto, caminhava pelo corredor em direção ao quarto de Antosha.

Ania começou a se mover, passando por ele, mas ele agarrou seu braço com força e balançou a cabeça. Mitya colocou uma mão no parapeito e pulou sobre ele, aterrissando silenciosamente agachado, quase diretamente atrás do intruso. O homem girou, seu leopardo claramente o avisando, mudando de forma enquanto o fazia. Mitya foi rápido, sua velocidade era um borrão. Teve que aprender a se livrar das roupas e a trocar de forma em um piscar de olhos, para impedir que seu pai quebrasse seus ossos.

Dymka encontrou o grande leopardo dourado no ar. Os dois gatos pesados colidiram, rasgando a barriga e os órgãos genitais um do outro, os dentes tentando afundar nas gargantas. Suas peles frouxas e resistentes ajudaram a salvar os dois animais quando atingiram o chão e rolaram várias vezes.

Ania desceu as escadas correndo e posicionou a arma com as suas duas mãos, tentando mirar no leopardo dourado. Era fácil saber qual dos leopardos era Mitya. A pele de *Dymka* era muito distinta. Mitya o chamava de fumaça devido à sua coloração e pelo fato dele poder desaparecer facilmente na neblina ou no nevoeiro.

Era impossível atirar com os dois leopardos rosnando e rasgando um ao outro, rolando e atacando os lados e as barrigas. Ania tentou se acalmar ao redor deles para descer o corredor e ir verificar seu pai. O gato dourado tentou se libertar e correr para ela. *Dymka* enterrou as duas garras da frente profundamente nos quartos traseiros do leopardo dourado e o puxou para trás e para longe de Ania.

O coração de Mitya, dentro de seu leopardo, quase explodiu. O intruso ficou tão perto de Ania que ela provavelmente sentiu hálito quente em seu rosto. Ela não congelou como ele esperava que fizesse. Colocou a arma quase entre os olhos do leopardo e apertou o gatilho várias vezes. O grande gato caiu no chão do corredor, o peso morto se espalhado junto com uma poça de sangue.

Ania saltou sobre o corpo do leopardo e correu para o quarto de seu pai, *Dymka* logo atrás dela. Quando ela pegou a maçaneta e a abriu, *Dymka* jogou seu peso contra ela. Ania caiu, ficando presa quase completamente debaixo do grande gato, enquanto vários tiros soaram.

— Papai, —ela sussurrou, horrorizada por temer que alguém tivesse conseguido violar a segurança.

Houve o som de vidro quebrando, e então *Dymka* se levantou e entrou correndo no quarto principal, Ania logo atrás dele. O quarto estava uma bagunça, gavetas puxadas, viradas e quebradas. Os travesseiros foram arrancados de Antosha e rasgados em pedaços. Os dois vasos foram destruídos. Como o intruso conseguira destruir tudo tão silenciosamente era uma incógnita. O intruso havia quebrado o vidro e saído pela janela.

Ania correu para o pai e verificou o pulso dele. Havia um corte no olho esquerdo, onde alguém o atingiu com uma pistola. Ela tentou acordá-lo, mas Mitya a deteve. Mitya já estava de volta à sua forma humana, nu, seus músculos tensos ondulando. Pegou a arma das mãos dela, a colocou na cama e agarrou seus braços.

— Que *porra* há de errado com você? Eu não disse para ficar atrás de mim o tempo todo? Se tivesse entrado aqui, teria sido morta. Droga, Ania, o que quer que eu faça? Quer que eu a tranque até que isso acabe e você me odeie por mantê-la segura? Quando eu disser para você fazer algo, faça. —Ele pontuou cada frase com um pequeno movimento.

Dymka ainda estava furioso, um leopardo feroz e cruel que precisava de um alvo. Sua companheira estava em perigo. Ela não tinha feito como lhe foi dito. Um leopardo—não, dois—entraram em sua propriedade e em sua casa. Mitya não daria permissão a

Dymka para ir atrás do segundo. O gato permaneceu perto da superfície, furioso com Mitya.

Ania havia arriscado todos eles com seu comportamento impulsivo. *Dymka* queria que ela fosse punida, arranhava e agarrava Mitya, determinado a fazê-la entender que ela tinha uma responsabilidade com todos eles, com Mitya, com *Dymka* e *Jewel.* Ela os colocou em risco para chegar ao pai moribundo. Não fazia sentido, e Ania precisava entender a gravidade disso.

Mitya respirou fundo, tentando acalmar a adrenalina de seu sistema. O rugido em seus ouvidos e o sangue correndo em suas veias não faria bem a ninguém. Lutou pelo controle quando *Dymka* tentou emergir novamente. Felizmente, Ania percebeu que o seu leopardo estava lutando pela supremacia e não lutou ou tentou defender suas ações. Ela estava tremendo, mas permaneceu muito quieta.

Mitya olhou para Ania. Os dedos dele estavam tão apertados nos braços dela que a pele ficou branca. Lentamente, um por um, ele afastou os dedos do braço dela e recuou. — É impossível entrar aqui. O alarme não soou. Como diabos entraram?

Sevastyan entrou. Parecia tão bravo quanto Mitya. Nem sequer piscou ao encontrar seu primo nu. — O alarme não

disparou, Mitya. Alguém o desligou. A única pessoa que nos falta é o garoto.

Mitya apontou para Antosha. — Vou precisar de uma toalha e um kit de primeiros socorros. Presumo que os guardas estão protegendo o local e procurando Amory?

— Ele não está em lugar nenhum, Mitya, e se estivesse morto, seu corpo estaria lá fora. Quem entrou aqui não teve tempo para esconder ou levar o corpo e não tinham motivos para fazê-lo. —A voz de Sevastyan era sombria. Ele saiu do quarto novamente, presumivelmente para pegar o kit de primeiros socorros e a toalha.

Mitya olhou para Ania. Ela tinha uma mão no peito do pai, mas estava olhando para ele. Ela esperava raiva. Lágrimas. Alguma coisa. Havia hematomas nos braços dela de onde ele a agarrou. Ania poderia pensar que ele estava com raiva, mas era *Dymka* que estava furioso. Mitya sentiu medo. Não, pior. Terror. As balas só não a atingiram porque ele a derrubou com o corpo pesado do gato, afastando-a da porta e jogando-a em direção ao chão.

— Sinto muito, Mitya, —disse ela em voz baixa. Não estava pensando. *Jewel* poderia ter sido morta. Você e *Dymka* poderiam ter sido mortos tentando me salvar. Não é racional ter colocado



todos em perigo quando sei que meu pai já está morrendo. Ele ficaria furioso comigo também se soubesse o que fiz. Eu realmente sinto muito.

Ele olhou para o rosto angustiado dela por vários batimentos cardíacos. Ania não se mexeu ou não tentou culpar outra pessoa, simplesmente admitiu seu erro e pediu desculpas. Ela tirava o seu fôlego.

— Inferno, mulher! Você me assustou. *Dymka* também.

Ela deu um leve sorriso. — Ainda bem que era *Dymka* que estava no controle, e não você, poderia ter sido pior para mim.

Ele tocou os hematomas no braço dela. — Eu fiz isso.

— Com ajuda do seu leopardo, —disse ela, e afastou-se dele para examinar o pai. — Eles não o mataram, Mitya. Por quê? Poderiam ter facilmente. Por que não o mataram?

Mitya olhou para o pai dela deitado ali, sua cor cinza. Seus olhos afundados com olheiras ao redor deles. O homem parecia abatido e perdido. Arrasado, como se estivesse sofrendo há muito tempo. Qualquer shifter saberia a luta que ele travava todos os dias com seu leopardo. Eles não o mataram porque queriam que ele sofresse. Havia uma boa chance dele perder a batalha com o leopardo e o gato acabar matando Ania.

Mitya não compartilhou suas conclusões com Ania. Ele não conseguiu. Ela parecia no limite e mais um golpe seria a gota d'água. Circulou os ombros dela com o braço e a puxou contra ele. Imediatamente ela se apoiou na força dele.

— Eles estavam procurando por algo. —Mitya precisava distraí-la.

Sevastyan voltou, entregando ao primo um par de jeans.

Mitya imediatamente os colocou e, descalço, foi para o lado de Antosha. Sua respiração era superficial. Ele olhou para cima e encontrou os olhos de seu primo. Sevastyan sabia tão bem quanto ele que o tiro na cabeça de Antosha e o trauma da invasão eram demais para o homem aguentar.

Ania deu a volta para o outro lado da cama e pegou a mão do pai e acariciou suavemente a palma da mão com as pontas dos dedos. Mitya limpou o sangue do rosto de Antosha com muita delicadeza. O creme antibiótico foi espalhado sobre o corte inteiro e depois ele o enfaixou. Antosha se mexeu. Gemeu.

— Acho que ele está sentido muito dor, —disse Ania imediatamente. — Tenho analgésicos que os médicos disseram que eu poderia dar a ele se precisasse. —Mas ela sabia. Sabia totalmente. Seu amado pai. Ela cuidara dele nos últimos três anos

e teria dado de bom grado a ele outros trinta ou quarenta anos de cuidados. Ele era o último da sua família. Foi o homem que lhe ensinou tudo e provocou risos e dança em sua casa.

— Vamos, papai, —ela sussurrou. — Não faça isso. Você consegue. Lute. Não estou pronta. —Ela estava implorando ao pai. Ele sempre a ouvia. — Não posso perder mais ninguém. Já conversamos sobre isso.

Sua garganta se fechou, a sentia crua e queimada, ou talvez esse fosse seu coração. Ela não podia perdê-lo, seu último parente vivo. — Eu não tenho ninguém para me amar, pai. Você disse que não me deixaria. Prometeu. —A voz dela mudou, saiu um sussurro. — Você me prometeu.

As pálpebras de Antosha tremeram e de repente se abriram, como se ele tivesse ouvido suas palavras, mas sua cabeça e seus olhos encararam Mitya. E seja lá o que Mitya viu nos olhos de Antosha o fez imitir uma ordem baixa e calma, porém indiscutível: — Ania, saia do quarto agora.

Ania sacudiu a cabeça, agarrando a mão do pai, desesperada para abraçá-lo. Seu coração doía e seu estômago deu um nó. Seus pulmões estavam em carne viva por tentar recuperar o fôlego. Ela piscou. Ele olhava para Mitya, mas a mente dela se recusava a

entender o que o seu pai estava dizendo. Ela balançou a cabeça levemente. — Papai—sua voz era suave, persuasiva—você tem que lutar. Não deixe seu leopardo te controlar.

— Ania. Saia do quarto. —Mitya foi implacável. — Eu não vou te pedir novamente.

— Não estou pronta. Ainda não é o fim, Mitya. —Havia pânico na voz dela. — Ele está confuso depois de toda essa comoção. Qualquer um estaria.

O rosto de Antosha se contorceu. Sob sua pele, algo vivo, algo cruel, começou a se empurrar para se libertar. A mão do seu pai que Ania segurava repentinamente se transformou e garras afiadas a atingiram antes que Sevastyan pudesse arrancá-la da cama. Listras vermelhas apareceram em seu braço, mas ela não gritou. O arranhão foi profundo e rasgou do pulso até o cotovelo. Sangue pingava sem parar na cama.

— Pai, —ela sussurrou. — Por favor, não faça isso.

— Tire-a daqui, Sevastyan, —Mitya rosnou. Sua voz ficou baixa, era um rosnado mais animalesco do que humana.

Seu olhar suplicante se agarrou ao de Mitya quando Sevastyan circulou sua cintura com um braço e a levantou do chão. Os olhos

de Mitya já estavam totalmente leopardo e ele começou arrancar seu jeans.

Ania explodiu em fúria, com raiva de tudo. Com todo mundo. Especialmente com aquele que levaria seu amado pai quando ele era tudo o que tinha. Ela era leopardo e sua fêmea era forte. Ania bateu em Sevastyan e tentou chutá-lo enquanto ele a arrastava em direção à porta, sabendo que se deixasse o quarto, não haveria chance. Não haveria salvação para seu pai. Não haveria salvação para si mesma. Seria condenada para sempre. Para sempre sozinha. Ela lutou com Sevastyan com mais força, batendo, chutando, tentando mordê-lo.

Seu pai começou a se contorcer, se debatendo na cama, tirando as cobertas.

— Tire-a daqui! —Mitya retrucou. — Eu não ligo para o que você tem que fazer. —As palavras eram quase discerníveis.

A mandíbula de Antosha se alongou, dentes a encheram. A pele estourou através da pele fina. Os olhos de Antosha se fixaram em Mitya e depois moveram-se para Sevastyan e Ania. Mitya rugiu um desafio, olhando nos olhos do louco leopardo, querendo que o animal sentisse a ameaça vinda do seu leopardo. Claramente,

Mitya não deixaria que o leopardo de seu pai pulasse na direção de seu primo e Ania.

O gato dourado lutou contra as cobertas e pulou da cama diretamente em Mitya.

Ania gritou. — Pai! Não!

Sevastyan puxou Ania como uma boneca de pano, afastando-a quando o poderoso leopardo de Mitya encontrou o gato menor no ar, rugindo em seu próprio desafio. Sevastyan era enormemente forte, e ele envolveu Ania com os braços, trancando seus próprios braços, segurando-a de uma maneira que tornava seus pés inúteis quando ela tentou chutá-lo. Ele conseguiu tirá-la do quarto e chutou a porta fechando-a atrás deles.

— Pare com isso, Ania. Você não pode salvá-lo e ele não desejaria machucá-la. —Ele pontuou cada palavra com um movimento do corpo dela enquanto a arrastava para mais longe do quarto de seu pai.

Ela lutou mais forte quando um baque sinalizou que os dois leopardos bateram no chão e rolaram ao redor, garras lutando pelo domínio.

Sevastyan não cometeu o erro de soltá-la. Ele a carregou pelo corredor, passando por cima do leopardo morto no caminho,

continuando como se a carcaça nem estivesse lá. Atrás deles, o rugido de um leopardo quase sacudiu a casa. Imediatamente um segundo leopardo, sua voz uma serra poderosa, respondeu ao desafio.

— Ania, pare de lutar comigo. Pare de lutar contra o inevitável. Você sabia que seu pai perderia a luta e seu leopardo se libertaria. Deveria estar agradecida por Mitya ser um homem forte o suficiente para enfrentar isso por você. Ele deu sua palavra a seu pai, e ele é um homem de honra. Não importa o custo, ele executará.

Uma vez dentro da grande sala, ele a colocou sobre seus pés. — Sinto muito pelo seu pai. Eu realmente sinto, mas você teve muito tempo para se despedir. Para as últimas palavras. Por tudo isso. Quando Mitya sair daquele quarto, irá pensar que a perdeu porque teve que cumprir o que seu pai pediu.

Ela se afastou de seu peito e cambaleou para longe dele em direção à lareira. Apoiando a mão na borda da lareira, abaixou a cabeça e respirou fundo, lutando pelo controle. Dentro dela, *Jewel* acordou. Tornando-se consciente de sua angústia furiosa, de sua tristeza tão profunda que ela não conseguia nem respirar. Por tudo isso, por Ania está tão perturbada, a sua leopardo se empurrou a

superfície, querendo protegê-la. Levantando-se, pressionando para emergir, precisando mudar para proteger Ania.

Sevastyan olhou para os pêlos se movendo sob a superfície da pele dela, forçando-se a emergir nas ondas que atravessavam o corpo de Ania. Ele deu um passo para trás, as mãos indo para a camisa. Mitya o mataria se a leopardo de Ania emergisse, especialmente se ela fosse afetuosa com o leopardo dele, o que seria se conseguisse subir à superfície e assumir o controle sob Ania.

— Lute com ela, Ania, —ele retrucou. — Não torne isso mais difícil para Mitya.

Ela levantou a cabeça para encará-lo. Podia ver os olhos de sua leopardo olhando de volta para ele. Ela tinha olhos de cores peculiares, quase um violeta profundo e vibrante. Nunca tinha visto uma leopardo com olhos dessa cor. O sangue ainda escorria do braço dela, deslizando pelo pulso e mão, pingando no chão. Ambos podiam ouvir as gotas, como os ponteiros sinistros de um relógio.

O som dos leopardos brigando na outra sala ficou mais alto. Houve um rugido, abruptamente cortado, e depois um silêncio completo. O silêncio se estabeleceu sobre a casa como uma mortalha. Ania gritou um protesto violento, o som tão cru que



parecia ter saindo de sua alma, rasgando sua garganta, rasgando-a.

Ela se virou e, com um golpe, derrubou tudo que estava na borda da lareira, todas as fotos de sua família que amorosamente havia colocado em molduras de cristal. Elas caíram no chão e se despedaçaram, como toda a sua família que havia sido destruída em apenas três curtos anos. Uma vida de sonhos, de trabalho árduo, de amor e riso, se foi.

— Ania, —disse Sevastyan, sua voz suave. Ele estendeu a mão em sua direção.

Sevastyan não podia tocá-la. Não podia dizer nada, ou ela quebraria como o vidro. Como a família dela. Ania subiu as escadas correndo, respirando com tanta força que seus pulmões queimaram. Ela não tinha idéia se Sevastyan a seguiu ou não, o rugido em seus ouvidos era muito alto.

Ela alcançou a porta do seu quarto, girou a tranca e inclinou a cabeça para baixo para não desmaiar. Seus olhos pegavam fogo. Um milhão de memórias a inundaram: *seu pai a erguendo no ar, balançando-a ao redor. Sua mãe rindo e dizendo para ele tomar cuidado enquanto ela gritava pedindo a ele para subir mais e mais rápido.*

Ela correu pelo quarto e rasgou as cobertas da cama, em um esforço para destruir os cheiros dela e de Mitya juntos. Os nós dos dedos queimavam, uma dor terrível e garras pesadas rasgaram cobertores e lençóis. Ela queria destruir as coisas dele, todas as evidências de que Mitya existia, do jeito que ele destruiu o último de sua família.

Ania não tinha nada. *Nada.* Não havia mais nada da família Dover. E ela era a única responsável por ter provocando a destruição final. Correu para o banheiro, respirando com dificuldade, olhou-se no espelho. — Traidora, —sibilou.

Não suportou olhar mais tempo para essa mulher refletida no espelho, essa pessoa que trouxera os Amurovs para suas vidas. *Para quê?* Não por amor. Não por uma família. Sexo. Ele a queria para seu leopardo. Ela se entregou a ele em uma bandeja de prata. Era possível que a família criminosa Amurov quisesse sua família morta. Ele contou a ela que a sua família obrigava as esposas engravidarem e que as matava depois que elas entregavam seus filhos. Ainda assim, o que ela fez?

— O que você fez? —Ela gritou com o seu reflexo no espelho. — Sua puta estúpida. —Jogou frascos de maquiagem, limpadores, hidratantes, todos os produtos de beleza que tinha no espelho, quebrando-o. Destruindo.

Isso era culpa dela. Ela era a culpada por ter permitido que alguém se aproximasse. Vendeu o pai e o nome de família por sexo. — Prostituta. —Jogou tudo o que tinha, inclusive as gavetas na imagem do espelho. Doía tanto que não conseguia pensar. Fisicamente, mentalmente, emocionalmente, ela estava em agonia. Precisava destruir tudo. Era a única maneira de ficar de pé, continuar lutando. A angústia era tão forte que a agarrou e a esmagou até temer que não restasse mais nada. Não queria mais nada. Não conseguia encarar o que havia feito.

Ania se virou quando ouviu a porta bater. Seus pulmões ardiam por ar. Olhou em volta freneticamente, sabendo que nada poderia detê-lo. Nada o impediria. Mitya Amurov era onipotente. Invencível.

— *Kotyonok,* abra a porta.

Não havia como conter a angústia. Não havia como se segurar. Correu do banheiro principal, atravessou o quarto atapetado em direção as janelas. Escolheu as janelas do lado esquerdo da varanda, cobrindo o rosto com os braços para se proteger no último minuto. Bateu no vidro no momento em que a porta se abriu.

Ania não sentiu os cortes nos braços e nas mãos porque a terrível agonia dentro dela se recusou a desistir. Eles estavam atrás dela agora, a última de sua família. A única pessoa que restou que poderia se vingar. Só sabia que tinha que fugir. Vagamente, ouviu gritos. Ordens. Não conseguiu entender as palavras. Só sabia que tinha que escapar. Correr. Correr tão rápido que não precisaria saber o que ele iria lhe dizer.

O pai dela estava morto. Morto. Morto. Estava sozinha no mundo e não havia ninguém para culpar além de si mesma. Ania gritou de novo, o som saindo de dentro dela como uma terrível tempestade furiosa. Subiu no parapeito e pulou, sem sequer hesitar.

Jewel estava perto da superfície, empurrando para assumir o controle, tentando desesperadamente ajudá-la, mas a fúria e a angústia da leopardo só aumentavam o caos e a agonia na mente de Ania. Nunca usou sua leopardo antes, não assim, pulando de uma varanda do segundo andar. Caiu em cima do telhado abaixo da varanda, ficou de pé e correu para a borda. Ninguém estava embaixo, pulou uma segunda vez e aterrissou no chão agachada.

Um leopardo rugiu atrás dela. Não era um desafio, mas uma ordem, e a adrenalina em suas veias aumentou dez vezes. Ania correu. Sempre foi uma corredora veloz, mas agora chamou *Jewel,* e correu como o vento. O ar fresco bateu em seu rosto, mas isso

não conseguiu eliminar a mancha de culpa. Ou a raiva. Isso não impediu que seu pai se transformasse.

Ela gritou novamente, erguendo o rosto para as nuvens escuras e ondulantes, permitindo que *Jewel* assumisse o comando enquanto chorava. Enquanto as lágrimas embaçavam sua visão. *Ele sempre conseguia quando ela o chamava. Sempre.* Ela poderia ter encontrado o médico certo para salvá-lo. Entrou em contato com tantos. Não se importava se eram os médicos que Antosha havia aprovado. Ele era tudo o que ela tinha. Ele lutou para viver. Seu pai queria viver. Havia dito isso um milhão de vezes.

Ania correu como se o diabo estivesse atrás dela, atravessando as encostas, longe da terra dos Amurov. Seu vizinho mais próximo ficava a quilômetros de distância, mas ela conhecia sua propriedade. Tinha crescido lá e conhecia todos os hectares. Conhecia as árvores e o bosque. Tinha uma boa chance de escapar.

Enquanto corria, tentou limpar a cabeça. Ela sempre teve um plano. Sempre pensou claramente. Mas agora não conseguia desacelerar seu cérebro. Algo estava acontecendo em sua cabeça, um ruído que não parava. Logo à sua frente, um homem saiu da mata. Ele usava apenas um jeans solto. Ela parou, reconhecendo-o instantaneamente. *Sevastyan.*

Ele levantou a mão. — Respire Ania. Tudo vai ficar bem. — Seu tom era suave. Ele estava deliberadamente tentando acalmá-la.

— Fique longe de mim! —Ela advertiu, gritando. Sua garganta doía.

Ania se afastou dele, correu alguns metros e teve que parar quando Vikenti saiu dos limites das árvores, ainda abotoando o jeans. Estava encharcada se suor. Podia sentir as gotas escorrendo por sua pele e se acumulando no vale entre seus seios. Os braços dela estavam molhados. Lisos. Olhou para seus braços. Na escuridão da noite, com apenas uma lua pálida tentando desesperadamente sair de trás das nuvens, seus braços pareciam brilhantes, quase pretos.

Vikenti fez a mesma coisa que Sevastyan havia feito. Estendendo a palma da mão, se aproximando dela, encurralando-a naquela direção. — Querida, você me conhece. Respire fundo. Sua leopardo está fora de controle e só você pode fazê-la parar.

Sua visão estava embaçada, e ela não sabia se era por causa da maneira estranha que via, em faixas de cores que oscilavam, ou as lágrimas em seus olhos das quais não conseguia se livrar. Seu corpo doía. Os pulmões, mas especialmente os braços.

Balançou a cabeça e olhou cautelosamente para os dois homens. Sevastyan estava caminhando em sua direção com passos lentos e sem pressa. Vikenti fez o mesmo.

— Não cheguem mais perto. Fiquem longe de mim. —Ania não reconheceu sua própria voz. Era baixa, rouca. Queria atacá-los, gritar, revidar.

Ania se virou e correu na direção oposta, correndo em direção à propriedade Amurov. Era o único caminho disponível, isso ou voltar para casa e para o desastre que a aguardava. Teria que enfrentar a verdade, mas agora não podia. Não quando o caos, a raiva e a culpa dominavam sua mente. Não sabia o que faria. Não fazia ideia do que estava fazendo. Nada fazia sentido.

— Ania, pare. —Logo mais à frente, Zinoviy andou lentamente em direção a ela, segurando o jeans na frente de seu corpo, escondendo sua nudez. Ele deu um sorriso hesitante. — Querida, sei que está chateada. Você tem todo o direito de estar ...

— *Não.* —Balançou a cabeça violentamente. Ele não podia dizer isso em voz alta. Ela simplesmente não podia ainda escutar. — Afastem-se. Todos vocês vão embora.

Kiriil e Matvei emergiram de ambos os lados, cada um levantando a mão e tentando murmurar coisas sem sentido para



ela, mas Ania já não ouvia mais nada do que eles estavam dizendo. O rugido em seus ouvidos era muito alto.

— Ania. —Isso ela ouviu. Tão suave. *Como conseguiu ouvir essa voz baixa e carinhosa quando não ouvia mais ninguém?* Fechou os olhos. Ele estava logo atrás dela. Seus guardas-costas a distraíram o tempo todo, encurralando-a enquanto Mitya vinha atrás dela.

Ania girou para encará-lo, quase sufocando. A garganta dela se fechou. O crânio dela estava muito apertado. Seus dentes doíam e suas roupas eram tão dolorosas em sua pele que ela precisava tirá-las. Se virou e viu Sevastyan perto. Muito perto. Vikenti e Zinoviy estavam se aproximando dela de um lado. Kiriil e Matvei, do outro.

— Olhe para mim, baby. Só para mim, —disse Mitya suavemente.

Ela se virou para olhá-lo, mas sua visão era tão confusa que não podia vê-lo. — Não posso estar aqui.

— Eu sei. Você não precisa. Mirón tem o carro esperando. Vamos para casa.

— Não tenho casa. Não há mais ninguém. —Ela se virou novamente. — Preciso que todos vão embora. Vão embora! Ou eu

lutarei com vocês. —Ela estava ficando desesperada. A única saída era lutar. Ela tinha que lutar.

Jewel se aproximou. Ania sentiu sua leopardo emergir. Sentiu sua vontade de ajudar. De assumir o comando.

— Mitya, ela vai trocar de forma, —Sevastyan advertiu.

Mitya a pegou por trás, passando os braços firmemente ao redor dela e levantando-a. Ela explodiu em ação, jogando a cabeça para trás, golpeando com os calcanhares na canela dele.

— Me solte! —Ela gritou. — Falo sério, me solte!

— Está tudo bem, Ania. Você está segura. Apenas respire comigo.

— Quero que vão embora. Esta é minha propriedade. Me solte agora! —Ela lutou com tudo o que tinha, dando um soco nele, chutando, tentando se virar para poder usar o joelho. Podia ouvir alguém gritando, e foi apenas o fato de sua garganta doer que a fez perceber que era ela.

Duas vezes *Jewel* tentou mudar, mas Mitya se recusou a afrouxar o aperto. Na segunda vez, sentiu os pêlos dele emergirem e os seus dentes afundaram no ombro dela em uma mordida. Isso doeu. Tudo doía. Ania ainda lutou com ele, lutou tanto que quase

se soltou. Mitya agarrou o braço dela, mas estava escorregadio de sangue e a mão dele escapou. Ela se virou, atacando o peito dele.

Sevastyan surgiu atrás dela e a segurou antes que pudesse causar muitos danos a Mitya, pegando-a pela cintura e empurrando-a para longe. Ela atacou Sevastyan e antes que pudesse causar algum dano a ele, Mitya a segurou novamente, prendendo-a a ele.

— Ania, *kotyonok,* acalme-se. Respire para mim. *Jewel* está muito perto e está assustada. Você tem que assumir o controle.

— Foda-se, Mitya, —ela rosnou. — Ela não teria medo se você não tivesse a assustando. Afaste-se de mim. —A voz dela saiu mais como um rosnado que humana.

Ele pegou os dois pulsos, prendeu-os com uma mão grande e trancou o braço em volta das costas dela, forçando-a firmemente contra ele, prendendo os braços e as mãos entre eles.

— Mirón está quase aqui com o carro, —relatou Sevastyan.

Ele podia ver luzes através de sua visão turva e seus olhos doíam. Ania forçou o ar através dos pulmões. — Eu poderia tê-lo parado. —Ela sussurrou, seu rosto pressionado firmemente contra o peito de Mitya, a luta drenando para fora dela. — Você deveria ter me dado a chance.

Ele acariciou na parte de trás dos cabelos dela. — Acabou, baby. Ele atacou você.

— Ele me atacou antes e eu consegui fazê-lo parar.

— Ele já não aguentava mais.

Ania fechou os olhos e deixou as lágrimas vazarem. Não havia como detê-las e ela não tentou. Se sentiu derrotada. *Jewel* se acalmou, acalmando-se influenciada pelo comando de Mitya. Ele comandava tudo ao seu redor, incluindo ela e seu leopardo. Mitya tomava as decisões e era esperado que elas as cumprisse.

— Você poderia me levar para um hotel, por favor? —Ania não abriu os olhos, não queria olhar para ele. Ela não conseguia. Mal podia suportar que a pele dele estivesse tocando a dela.

— Estou te levando para casa, baby, —disse Mitya. Sua voz determinada. Implacável. Comandando.

Ania estava cansada demais para lutar. Não se importava para onde ele a levaria, afinal de contas, qual diferença isso fazia?

Oito

— **VOCÊ DEVERIA** ter me deixado fazer o trabalho, — disse Sevastyan. Andando pela grande sala de Mitya. — Ela já foi muito machucada essa noite e a sua pequena leopardo não tem ideia do que está fazendo. Droga, Mitya. Isso ainda não acabou. Deixei alguém na propriedade dela esperando pelo médico. Precisamos de uma certidão de óbito legítima e ele tem que ser cremado hoje à noite.

Mitya suspirou. — Há também o problema do leopardo que ela matou no corredor. Nós conseguimos uma identidade sobre ele?

Sevastyan balançou a cabeça. — Não tive essa sorte. Ele estava em forma de leopardo e seu gato tem características daqueles que vieram do *Panamá*[20]. Difícil dizer, Mitya. Isso não faz nenhum

---

[20] O **Panamá** é um país no istmo que liga a América Central à do Sul. O Canal do Panamá, uma reconhecida proeza de engenharia, corta o centro do país, ligando os oceanos Atlântico e Pacífico e criando uma importante rota de navegação. Na capital, a Cidade do Panamá, arranha-céus modernos, cassinos e casas noturnas contrastam com as construções coloniais do distrito de Casco Viejo e com a floresta tropical do Parque Natural Metropolitano.

sentido. Mas definitivamente não era daqui. Tirei fotos e podemos fazer perguntas, mas ele não é um dos nossos.

Mitya estava sentado em frente à lareira, sem se preocupar em limpar o sangue do peito, onde *Jewel* tinha o arranhado com suas garras através dele e rasgado sua carne. Ania estava no corredor, no quarto principal. Ela recusou firmemente a ajuda dele quando tentou cuidar do braço dela, mas ele cuidou de qualquer maneira, porque era maior e mais forte, e, no final, a força bruta venceu, embora não chamasse isso de vitória.

Mitya passou as duas mãos pelos cabelos. — E o outro, como escapou?

— Nós éramos poucos. Muito poucos esta noite. Kiriil e Matvei foram enviados para o outro lado da casa e o bastardo ficou com o caminho livre para fugir. Todos nós memorizamos o cheiro dele caso o encontremos.

— Isso não tem sido de grande ajuda até agora. —Mitya estava distraído e tentando se concentrar nos problemas. Ania era tudo o que parecia importar para ele no momento. Ele não tinha certeza de como reparar o dano causado. O colapso dela foi severo e real. Ele não sabia se deveria dar o espaço que ela disse que precisava ou forçá-la a aceitar o conforto dele.

— Os relacionamentos são difíceis, Sevastyan, principalmente quando não temos idéia de como ter um.

— Você tem certeza absoluta de que ela é companheira de *Dymka*? —Sevastyan exigiu. — Ou a sua? Ela não parece minimamente compatível. Você ... —Ele parou, claramente procurando as palavras certas. — Você não parece estar comprometido nessa relação. Não dá nada. Só espera que ela aceite e siga sua liderança sem explicação.

— Isso é chamado de confiança, Sevastyan. —Ele respondeu distraidamente ao primo, com a mente já trabalhando no problema que criara insistindo em cumprir sua promessa ao pai dela. O homem mereceu morrer com honra. Ele garantiu que houvesse o mínimo de dor possível para o leopardo quando deu a mordida mortal. Não estava arrependido de ter feito o que acreditava ser certo. Ficou chateado por não ter preparado Ania melhor para o resultado.

— Mitya. —Sevastyan ficou na frente dele. — Pela primeira vez na vida, ouça o que tenho a dizer. *Confiança* é algo que se ganha com o tempo. Não irá ganhar isso só levando-a para cama. Ania tem vivido com um ser selvagem escondido dentro dela há muito tempo. Ela está com raiva, magoada e assustada. E esse ser agora escapou do controle.

Mitya passou as duas mãos pelos cabelos novamente, deixando-os selvagens e descontrolados como ele se sentia. Ele tinha seu próprio sangue nele. Tinha o sangue dela nele. Tinha o sangue do leopardo de Antosha nele e também o de *Dymka.* Estava uma bagunça, e ainda assim não conseguia se mexer.

— O que eu fiz foi certo.

Sevastyan jogou as mãos para o alto em sinal de rendição. — Sim, Mitya, o que fez foi a coisa certa. Absolutamente. Foi honroso. Mas às vezes, não podemos fazer a coisa certa. Para ela, poderia ter sido melhor deixar esse trabalho para mim.

Mitya balançou a cabeça. — Meu pai nunca escolheu os caminhos certos uma única vez. Nunca, Sevastyan. Eu nunca vou ser como ele. Escolheremos sempre a honra.

— A que custo? Ela não vai aceitar você.

— Isso é impossível. Somos um casal vinculado. *Dymka* diz que *Jewel* está perto. Só um pouco confusa agora.

— O que vai fazer quando *Jewel* começar a emergir e sua mulher recusar você? E então, o que, Mitya?

— Isso não vai acontecer.

— Isso vai acontecer. Você não estava olhando para o rosto dela, eu estava. Ela vai sair no momento em que achar uma oportunidade.

Mitya não queria mais falar sobre isso, porque o fato era que Ania era sua companheira. Ele sabia que ela o queria, que se afastara dele agora por um momento, e com razão. Tudo fazia muito sentido para ele. Sevastyan poderia dizer que não eram compatíveis e tudo o que ele quisesse dizer, mas Mitya sabia. Ania só precisava de um pouco mais de tempo com ele. *Jewel* tinha que ser paciente. Os Leopardos estavam muito próximos de completar o vínculo do acasalamento e os levaria para uma situação além de qualquer coisa que Ania pudesse conceber. Não havia como ele deixá-la fora de vista quando sua gata estava tão perto de emergir.

— Liguei para Drake e pedi que ele viesse. Ele, Joshua e outros dois voarão imediatamente. O *serviço memorial*[21] também deve ser planejado. O problema número um, além da minha bela Ania, é o que aconteceu hoje à noite em sua casa. Ela deveria ter sido protegida o tempo todo. —Ele não podia imaginar o que teria acontecido se não estivesse lá.

[21] Um **serviço memorial** é um serviço de '*funeral*' em memória dos que partiram.

Seus olhos encontraram os de seu primo, e Sevastyan viu algo ali que o fez estremecer. Mitya era um produto da educação distorcida e maníaca de seu pai. O homem transformou o leopardo de seu filho em um assassino, o ensinou a se enfurecer e odiar, a ser cruel, para que ele passasse essas características para a sua contraparte humana. Lazar fez isso desde que Mitya era muito jovem.

O leopardo de Mitya era um assassino frio, e o que isso fazia do homem? Estava lá nos olhos dele. Não podia culpar Ania por estar desconfiada dele. Ou *Jewel* de seu leopardo. *Jewel,* mais do que Ania, devia estar confusa. Ela podia ler *Dymka* toda vez que emergia, e claramente o leu corretamente, *Jewel* o temia tanto quanto estava apaixonada por *Dymka*. No momento era isso que estava levando Ania a se afastar dele.

— O pai de Ania deveria estar protegido em sua própria casa. Poderia ter sido capaz de durar mais alguns dias, ou semanas, tempo suficiente para me ver colocar um anel no dedo de sua filha, mas, em vez disso, inimigos entraram em seu quarto, destruíram suas coisas e bateram nele com a coronha de um arma de fogo. Diga-me como isso aconteceu, Sevastyan.

— Drake nos enviou o homem de Bornéu. Amory Binder trabalhou para ele lá, trabalhou para sua equipe resgatando vítimas

de seqüestro ou entregando resgate. Eu gostava do garoto. Na verdade, fiquei preocupado com ele. Mandei mensagem de texto quando percebi que a casa estava sendo invadida, e ele foi o único que não respondeu. Pensei que haviam o matado e esperava encontrar um corpo. Ele conhecia a combinação para desligar o alarme da casa. Deve ter usado.

Mitya não conseguiu conter a adrenalina correndo por suas veias. Ele se levantou e começou a andar, sentindo seu leopardo perto. A idéia de um traidor tão próximo da sua mulher e do pai dela, sem que soubessem, era repugnante para ele. Precisava agir. Precisava encontrar Amory Binder e desafiá-lo. Seu leopardo queria sair. Exigia sair. Queria caçar o bastardo, encontra-lo e o matar. Mitya estava inclinado a deixá-lo sair.

— Ele os deixou entrar. Quero voltar naquela casa, Sevastyan.

Sevastyan abriu a boca para protestar, mas depois assentiu. — Queriam algo naquela casa. Eles assumiram que estava no quarto de Antosha, então aproveitaram a oportunidade e procuraram por lá. Aparentemente, não estava lá ou os flagramos muito cedo. De qualquer forma, desocupamos a casa. Redefinimos o alarme com um código diferente, já que Amory conhecia o antigo.

Mitya já estava se despindo, seus músculos ondulando com poder, com a necessidade de caçar. Tirou o jeans e Sevastyan fez exatamente o mesmo. — Dê ordens para cercar esta casa. Mantenha-a protegida, Sevastyan.

— Eu vou com você. —Quando Mitya começou a protestar, Sevastyan balançou a cabeça e continuou enfiando o jeans na pequena mochila que ele prendia em volta do pescoço. — Não perca seu tempo me dando ordens, me demita se quiser, não dou a mínima, mas vou com você.

Mitya não demitiria seu primo, de que adiantaria? De qualquer forma, Sevastyan era um lutador cruel. Ele havia sido criado da mesma maneira que Mitya, e seu leopardo era experiente e brutal em uma luta. — Dê a ordem para protegê-la e vamos.

Sevastyan fez o que Mitya disse, mas acrescentou suas próprias ordens. Não estaria se arriscando com a proteção de Mitya. Vikenti e Zinoviy já estavam na limpeza da propriedade dos Dover. Eles eram do seu covil, dois homens com quem contava quando precisava deles. Confiava neles com a vida de Mitya, e isso dizia o máximo que podia sobre eles. Sevastyan deixou ordens para Kiriil e Matvei lidarem com a segurança de Ania e depois se virou para Mitya, acenando que estava pronto.

Os dois homens saíram pela porta da frente direto para a floresta, mudado para as suas formas de leopardo. Não demorou muito para que eles corressem em direção à propriedade vizinha. Não queriam ir até lá de carro porque os faróis poderiam ser vistos. Sua casa estava iluminada, assim como seu quintal, mas a propriedade de Dover estava escura e parecia deserta.

Normalmente, os leopardos selvagens podiam correr rápido por curtas distâncias, mas eram shifters, não totalmente leopardo ou totalmente humano. Estavam condicionados a percorrer quilômetros, se necessário, e os dois homens se mantinham em boa forma. Conseguiram atravessar a distância entre as duas propriedades usando um atalho mais curto, reduzindo consideravelmente o caminho, porque a estrada tinha uma curva em torno das propriedades. Quando se aproximaram, diminuíram a velocidade e continuaram a favor do vento, subindo com cuidado para a propriedade.

Vikenti e Zinoviy se juntaram a eles do lado de fora da casa. — Achamos que tínhamos visto algo por aqui, —relatou Vikenti em voz baixa a Sevastyan. — Estávamos circulando a casa para olhar.

Ambos retornaram aos seus leopardos e os quatro continuaram do lado sul para a frente. Mitya tocou em Sevastyan

e os quatro pararam quando chegaram no jardim ao redor da entrada da frente. Dois homens estavam na porta principal fechada, um deles agachado enquanto trabalhava na fechadura. Amory e um estranho. As entranhas de Mitya se acalmaram. Ele o pegou.

Dymka levantou a cabeça e cheirou o ar, seus bigodes avisando-o de tudo e de todos por perto. Mais dois homens se moveram dos dois lados da casa. Outro parecia estar nos fundos. *Dymka* virou a cabeça, os olhos brilhando no escuro, mas era Mitya dando as ordens. Olhou para Vikenti. O leopardo Vikenti respondeu imediatamente, movendo-se em torno da casa para ficar de olho furtivamente no shifter que estava nos fundos, só por precaução. Vikenti despachou o homem antes mesmo dele perceber que não estava sozinho e, em seguida, voltou para perto de Mitya.

Sevastyan e Zinoviy mataram os dois guardas nas laterais da casa, quase à vista de Amory e seu parceiro. Amory de repente levantou a cabeça, olhando da direita para a esquerda. Ele se endireitou lentamente e disse algo ao parceiro, que virou a cabeça e depois chamou pelos homens já mortos no quintal.

Amory puxou uma arma. — Eu sei que estão aí fora. Apenas vão embora e nos deixe conseguir o que precisamos.

Dymka rastejou para frente, centímetro a centímetro, ganhando terreno, ficando agachado para se esconder. Seus olhos cheios de ódio permaneceram no traidor. Este era o homem que antecipou a morte de Antosha e destruiu seu relacionamento com *Jewel* e Ania. Ele se arrastou de bruços, usando a habilidade do seu leopardo, que podia ser terrivelmente lento, mas impedia que o animal, embora grande, fosse visto.

— Mitya. Sevastyan. Sei que estão aí. —Amory virou primeiro à direita e depois à esquerda, examinando as flores e plantas frondosas colocadas artisticamente em torno da frente da casa. — Vamos conversar sobre isso.

Seu parceiro também tinha puxado sua arma e estava fazendo o mesmo que Amory, mudando apenas a parte superior do corpo, utilizando o leopardo para tentar descobrir onde estavam os inimigos. — Eles estão aqui, Amory, —declarou ele, com a voz tensa.

— Acalme-se, Kris, —Amory aconselhou. — Apenas mantenha as costas para casa e sua arma pronta. —Ele levantou a voz. — O velho tirou algo de nós. Algo importante. Nós apenas queremos isso de volta.

Mitya não se importava com o que foi levado. Ele queria Amory morto. *Dymka* queria rasgar a ele e seu leopardo membro por membro. Nem ele nem Sevastyan cometeram o erro de responder. Isso permitiria que Amory se concentrasse em suas posições imediatamente. Vikenti, no entanto, se moveu para um abrigo mais distante e propositalmente chamou a atenção para si mesmo.

— Antosha nos garantiu que não levou nada. —Vikenti tinha a habilidade em lançar sua voz de qualquer direção e ele estava fazendo isso. Amory e Kris viraram em direção ao som, que ficava bem distante de onde Vikenti realmente estava.

Kris levantou a arma, mas Amory calmamente colocou a mão nela e a abaixou. — O velho, o sogro de Antosha, foi quem pegou. Vamos entrar em silêncio e recuperá-lo. Sinto muito por Antosha. Ele era um homem decente, mas estava morrendo de qualquer maneira. Ninguém quer machucar Ania.

Mitya usou a desatenção de Amory para rastejar a alguns metros mais perto dele. Tão perto. *Dymka* tinha o cheiro do traidor nas narinas. Ele puxou os lábios para trás várias vezes, expondo as presas, seu corpo quase tremendo com a necessidade de matar.

— Você matou Antosha, Amory. —Vikenti fez uma declaração, tomando cuidado para manter sua voz distante de onde realmente estava. — Você é responsável pela morte dele.

Kris se concentrou no arbusto onde ele achava que Vikenti se escondia, dando um passo para fora da segurança da varanda comprida. Mais uma vez, Amory o segurou com uma mão e acenou com um movimento da cabeça. Amory olhou em volta com cuidado. O problema era que ele estava focando um local a vários metros de distância, esperando que o ataque principal viesse desse local e não de um a menos de um metro dele.

— O homem deveria ter morrido há três anos, —continuou Amory.

— Foi você?

— Eu fiz parte disso. Precisávamos entrar na casa.

Dymka explodiu em ação, totalmente fixado em Amory. Ao seu lado, Sevastyan atacou Kris, batendo na arma da mão dele, exatamente como Mitya estava fazendo com Amory. Os dentes de *Dymka* se fecharam sobre o braço de Amory e morderam. Amory gritou, mas já estava mudando de forma, rápido, como havia sido ensinado. O inimigo havia se infiltrado na organização de Drake e

recebera o melhor treinamento para seu leopardo, mudando de forma nas piores circunstâncias.

Amory usou suas garras para arranhar a barriga de *Dymka,* desesperado para tirar o grande gato de cima dele. Os dois caíram um sobre o outro, rolando, as mordidas cruéis, tentando encontrar um caminho além da pele solta para chegar aos órgãos vulneráveis.

Sevastyan sabia que se quisesse respostas teria que manter Kris vivo, se possível. Mas ele conhecia Mitya e sabia que *Dymka* ia matar Amory e seu gato. Mitya não se importava, de forma nenhuma, com o que poderiam arrancar de Amory sobre que objeto era esse que procuravam ou para quem estava trabalhando. Ele só se importava com o fato desse homem ter destruído a frágil confiança de Ania nele. Que este homem matou o pai dela.

Dymka mordeu com força a pata da frente de Amory e quase a triturou até o osso. Desta vez, ele ouviu um estalo satisfatório e o leopardo de Amory gritou de dor. *Dymka* recuou. Enquanto o outro leopardo fazia um esforço supremo para ficar de pé em suas três boas patas, *Dymka* o atacou, indo não na garganta, mas na outra pata da frente que estava vulnerável. Ele atacou por um lado, arranhando com garras para abri-lo, distraindo-o do verdadeiro objetivo que era a outra pata.

No último momento, *Dymka* deslizou e rolou, se colocando embaixo do outro gato, apertando os dentes ao redor da pata do outro gato, mordendo com força e depois, usando sua enorme força, puxou a pata do leopardo inimigo. O som foi audível quando a pata quebrou e Amory gritou.

Dymka levantou-se, circulando o gato enquanto ele tentava se virar para encará-lo. *Dymka* atacou o leopardo repetidamente, cortando, rasgando o pêlo para alcançar a pele e os ossos. Abrindo a barriga, as laterais. Mirando na garganta. Atacou a pata de trás, mordendo e puxando a terceira pata como havia feito com as duas primeiras, derrubando o leopardo.

Amory mudou de forma, desesperado para salvar seu leopardo. *Dymka* mataria mais rápido o humano. O leopardo atacou o homem que estava deitado no chão com dois braços quebrados e uma perna quebrada, sangrando por numerosas feridas profundas. O leopardo atacou sua barriga, rasgando-o, atacando-o, arrastando-o pelo chão, mas ainda não dando a mordida sufocante que o mataria.

Sevastyan derrotou facilmente o leopardo de Kris, a luta, em sua opinião, tão injusta que ele foi capaz de controlar seu leopardo facilmente antes de um golpe fatal. O animal nem se quer entrou

em um frenesi para matar. Sevastyan assistiu *Dymka* devastar Amory.

Kris, mesmo muito machucado, também assistia a tudo. — Por que ele não o mata de vez? —Kris perguntou, sua voz torcida com emoção.

— Cale a boca, —Sevastyan retrucou. Vocês dois causaram isso. Vocês mataram a família de Ania. Toda a sua família.

— O velho roubou de nós. Ele roubou. Precisávamos só que ele fizesse uma entrega simples, em vez disso ele nos roubou. O velho assinou um contrato. Era um negócio, puro e simples. —Kris estava respirando com dificuldade e a verdade lhe explodiu. No pouco tempo em que seu Leopardo estava lutando com Sevastyan, o rapaz sofreu ferimentos graves e se rendeu imediatamente.

Mitya não estava dando a Amory a opção de se render. *Dymka* estava implacável, rasgando a pele e os ossos, rasgando o corpo sem matá-lo. Fazendo-o sofrer.

— Mitya. —Sevastyan manteve sua voz calma. Tranquilizante. Sem julgamento. — Recue. Você tem que controlar *Dymka* antes que seja tarde demais.

Dymka levantou a cabeça e olhou para Kris, como se o gato pretendesse mudar de presa. Kris viu o ódio absoluto e a crueldade

nos olhos do leopardo de Mitya. Ele se encolheu, seus braços em volta da cintura para proteger seus órgãos vulneráveis.

— Não deixe ele me pegar.

— Você pode nos dizer o que tinha nessa maldita encomenda e por que ela é tão importante.

Kris ficou branco. — Serei um homem morto, se te contar.

Dymka soltou o corpo moribundo de Amory e virou-se completamente para Kris, concentrando toda a atenção no homem. O leopardo deu três passos na direção dele e depois se virou abruptamente, atacando Amory novamente, rugindo de raiva, tão alto que o som deve ter sido ouvido por todas as colinas. Kris estremeceu visivelmente quando *Dymka* deu a mordida sufocante na garganta de Amory, rasgou sua barriga com garras mortais e, mais uma vez, voltou-se lentamente para Kris.

— É um caderno. Apenas um caderno. Evidências de nossos verdadeiros inimigos. Isso é tudo. Um pequeno caderno. —A última frase dita com um gemido.

— Quem seriam nossos verdadeiros inimigos, Kris? — Sevastyan perguntou suavemente.

— Donovan. Bannaconni, —ele murmurou.



Sevastyan balançou a cabeça. — Todos sabem disso.

— Eles têm chefes trabalhando para eles infiltrados no mundo das famílias criminosas. O caderno tem a prova com os nomes desses chefes, —Kris lamentou. Ele limpou o suor do rosto. — Estou dizendo a verdade. Isso é tudo que sei. Amory foi escolhido para trabalhar infiltrado na equipe de Donovan e conseguir todas as evidências na casa de Bannaconni que ele escreveu nesse caderno. Quando ele foi roubado, não podíamos vir procurá-lo, porque Antosha ainda estava vivo e ninguém sabia em que condição estava. Os negócios pareciam funcionar normalmente.

Kris estava dando informações que claramente não queria dar, mas tinha pavor de *Dymka.* Tiros ecoaram. Várias balas atingiram o lado da casa. Três atingiram Kris, um entre os olhos e dois na garganta.

Dymka e Sevastyan se moveram rapidamente, saltando para longe do morto e de seu parceiro. Sevastyan rolou o mais rápido que pôde em direção ao grande leopardo na esperança de protegê-lo de alguma forma. Mitya saltou em direção a Sevastyan, seu corpo grande cobrindo o de seu primo. Mais duas balas atingiram *Dymka* quando o leopardo estava sobre Sevastyan.

Mitya imediatamente mudou de forma, não querendo que seu leopardo sofresse. No momento em que o fez, ele afastou o calor escaldante da dor, agarrou seu primo e correu em busca de cobertura. Uma bala roçou seu cabelo quase acertando sua cabeça. No meio do ressoar das balas que se dirigiam a eles, outros estampidos ressoaram, o som vindo de uma direção diferente, seguido pelo som de algo pesado caindo dos galhos de uma árvore. Pôde-se ouvir o estalo de pequenos galhos quando alguém caiu.

Mitya ficou lá por um longo momento e depois se virou para olhar a escuridão do céu. — Estou velho demais para essa merda, Sevastyan, —ele anunciou.

— Quem nos protegeu? —Perguntou o primo. — Não pode ter sido Vikenti ou Zinoviy.

Mitya virou a cabeça para encontrar os olhos de Sevastyan. — Eu não tenho a menor ideia. —Realmente não tinha.

— Eles acertaram você?

— Sim, algumas vezes. Não é ruim. No entanto, dói como uma cadela.

— Bom. Você mereceu. O que diabos estava pensando? Eu sou seu chefe de segurança. Se Vikenti e Zinoviy viram você me

protegendo, serei motivo de piada da minha equipe de segurança, assim como de todos os outros.

Mitya lhe lançou um sorriso fraco. — Eu disse para você não assumir a função. Não tenho muitas pessoas neste mundo que são importantes para mim. Você é.

Sevastyan balançou a cabeça e virou o rosto para o céu, a fim de esconder sua expressão. — Sente vontade de mudar?

— Não pela sua vida. Diga a Vikenti para trazer os produtos de limpeza aqui novamente e se livrar dessa bagunça. Espero que ninguém tenha ouvido os tiros e chamado a polícia. Felizmente, vivemos longe o suficiente para não termos muitos vizinhos.

— Eles estavam procurando um caderno de merda.

— Eu ouvi.

— Acha que estamos nesse caderno? —Sevastyan virou a cabeça para olhar para o primo.

— Há uma boa chance de todos nós estarmos. Estamos trabalhando para Donovan, limpando essa bagunça. Temos a polícia atrás de nós, nossas mulheres atrás de nós e agora teremos todos os chefes criminosos, daqui até o inferno, atrás de nós, — disse Mitya. — Acho que ficar aqui no chão será o melhor lugar

para nós. De fato, quando os limpadores chegarem, vamos fingir que estamos mortos e sair daqui.

Sevastyan riu. — Eu preciso dormir um pouco. Cada parte do meu corpo dói como o inferno.

— Não seja um bebê chorão. Eles atiraram em mim e você não me ouviu reclamar.

— Você está perdendo muito sangue?

— Como vou saber? —Mitya timidamente passou a mão nas costelas e estremeceu ao encontrar o ferimento. Seus dedos encontraram uma bagunça pegajosa. — Não esta ruim. Tenho mais dois, mas parecem que foram de raspão.

Sevastyan fez um som de descrença. — Temos que nos levantar, Mitya.

— Vá você, —disse Mitya. — Levante tudo o que quiser.

O vento mudou um pouco e trouxe consigo o cheiro de Vikenti e alguém mais, alguém mais evasivo, mas familiar. Mitya sentou-se rápido, estreitando os olhos. — Pensei que você colocou toda a equipe de segurança em Ania, —ele retrucou. — Você desobedeceu a uma ordem direta?

— Somente a que você queria que eu não viesse. —Sevastyan também se sentou, olhando em volta. — É ela?

— Eu conheceria o cheiro dela em qualquer lugar. —Mitya saberia. Havia algo belo na maneira como ela cheirava. Suave. Como o sussurro do vento tocando seu rosto. Um perfume natural. Ania não usava fragrâncias, mas cheirava como se usasse. — Ela está aqui, o que significa que escapuliu bem debaixo do nariz do seu pessoal de segurança. —Foi uma acusação.

— Vou arrancar o couro deles por isso, —prometeu Sevastyan. — Acha que ela planeja atirar em nós?

— Eu não ficaria surpreso, —respondeu Mitya. Sua mulher provavelmente estava segurando a *porr*a de um rifle Sniper apontado para o coração dele naquele exato momento. Ele suavizou sua voz. — Pense em todo o sexo que você vai perder, *kotyonok.*

— Só isso? —Sevastyan não estava impressionado. — Isso é tudo que você tem a oferecer a ela? Nem sequer disse *'todo o bom sexo'* ou *'o ótimo sexo'.* Quando se está negociando por sua vida, deve-se fazer todos os esforços.

— Eu levei um tiro, caralho. Não é fácil pensar quando se está sentido uma dor insuportável.

— Agora é insuportável. —Sevastyan parecia sarcástico. — Qual é?

— Você se importaria de se vestir, Sevastyan? —A voz de Ania saiu da escuridão. — Não me sinto tão confortável vendo você nu.

— Porque eu tenho um corpo maravilhoso, —Sevastyan falou para seu primo. — Ela não conseguiria se manter fiel a você se começar a comparar seu corpo ao meu. —Ele procurou Ania na vegetação, nas árvores e no jardim, mas não conseguiu vê-la.

— Ela é extraordinária, —disse Mitya, falando sério. — *Jewel* nem emergiu, mas ela passou pelos seus guardas, atravessou essa distância até aqui e nos ajudou.

— Eu não só ajudei, —disse Ania. — Salvei suas bundas. — Ela saiu por trás deles, o rifle apontado para baixo, embora o segurasse como se soubesse o que estava fazendo. Ania já havia demonstrado que sabia como usá-lo. Habilmente.

— Vai nos dizer o que está fazendo aqui? —Perguntou Mitya.

Ela jogou um kit de primeiros socorros no chão ao lado dele, colocou o rifle perto da mão e agachou-se para passar as mãos sobre o corpo dele. — Eu ouvi vocês dois discutirem mais cedo na sala de sua casa e me ocorreu que você não estava querendo me

matar, apesar das preocupações de *Jewel.* Seu leopardo é um idiota, Mitya. Ele deveria tranquilizá-la, não tentar dominá-la.

Um gemido escapou quando a mão dela deslizou sobre o corte no lado dele. Ania parou imediatamente e enfiou a lanterna no chão ao lado dele, iluminando onde a bala o havia acertado. Ele não se incomodou em olhar. Havia sofrido lesões suficientes para saber que essas não eram tão ruim.

— Ania, você estava segura com uma equipe de segurança ao seu redor. Por que veio atrás de nós?

— Eu não sou do tipo que fica em casa, Mitya. Você pode pensar que somos compatíveis, mas não fui criada para ficar na cozinha, e esse não é o meu sonho. Ouvi o que vocês dois conversaram e pensei muito sobre isso. Você assumiu uma tarefa muito difícil quando a maioria não a teria realizado.

Ela estava linda ajoelhada no chão ao lado dele, o olhar dela deslizando para longe dele quando o absolveu da culpa. Seu coração batia acelerado. Os nós em seu intestino começaram a se desfazer.

— Apesar de não duvidar que Sevastyan poderia ter feito isso por você, sei que você tem honra, e meu pai reconheceu isso e confiou em você. Devo lembrar que ele sempre foi um grande juiz

de caráter. Sinto muito pela minha explosão. Acho que tive um colapso ou algo parecido, mas não foi bom culpar qualquer um de vocês. —Seu olhar se desviou de Mitya para encarar Sevastyan. — Espero não ter machucado você, Sevastyan.

— Ninguém irá culpa-la pelo que fez ou disse quando seu pai a atacou e logo depois morreu, —disse Mitya imediatamente, enviando um olhar rápido para o primo.

Ele não precisava olhar. Sevastyan estava de costas para Ania, fechando o jeans. — Primazinha, eu gostaria de ter dito ou feito algo para ajudá-la. Ainda não sou bom em relacionamentos, mas estou tentando aprender.

As mãos dela estavam em Mitya, gentil enquanto limpava os ferimentos, mas ela ainda não olhava para ele, e ele precisava que ela fizesse isso. Não havia dúvida de que Ania estava emocionalmente frágil naquele momento e, como Sevastyan, ele não tinha idéia de como lidar com relacionamentos reais, mas queria aprender. Por ela.

Mitya não resistiu em colocar a mão no cabelo dela, enredando os dedos nos fios sedosos. — Sinto muito, Ania. Seu pai era um bom homem.

Ela assentiu. —Sim, ele era. —Ela não se afastou dele, e ele tomou isso como outro bom sinal. Apenas o fato de que ela os salvou do atirador e não os matou, o fez pensar que era um homem de sorte.

— Foi indolor?

Houve um som sufocado e Mitya lançou um olhar desamparado para Sevastyan. Ele tinha receio de falar sobre a morte de Antosha quando ela acabara de ter um colapso muito emocional.

— Rápido e indolor, *kotyonok.* Ele merecia uma morte honrosa e a teve. Eu me assegurei disso. Seu leopardo foi tratado com todo o respeito.

— Obrigada. —Ela não olhou para cima, mas passou muito tempo lavando a ferida.

— Como diabos você nos seguiu sem o nosso conhecimento? —Sevastyan exigiu, mudando de assunto. — Você não mudou de forma. —Ele se virou para ela, com as mãos nos quadris.

Ela encolheu os ombros. — Desci do telhado, roubei um carro ...

— Ania. —O coração de Mitya pulou uma batida. — Eles poderiam ter te pegado ou matado.

Ela revirou os olhos enquanto limpava a ferida e deu uma boa olhada para se certificar de que a bala tinha atingindo muita pele e músculo, mas nada vital. — Como se alguém pudesse me acompanhar se me perseguisse. Peguei uma estrada pouco conhecida que não é asfaltada e mal existe, mas a uso desde criança. Saí pela parte de trás da casa.

— Isso foi perigoso, —disse Mitya, ainda olhando para o céu. Pequenas gotas de suor pontilhavam seu corpo, mas ele não se afastou das mãos dela enquanto ela trabalhava, nem emitiu outro som de angústia, embora quisesse, não por causa da ferida, mas porque ela o aterrorizava com sua coragem.

— Na verdade não foi. Eu sabia que você viria atrás do guarda que nos traiu para matá-lo. Cheguei aqui primeiro e quando avistei os homens, subi no telhado e esperei. Se você não precisasse de mim, eu voltaria para sua casa. Meu pai me ensinou muito sobre táticas e se tem algo que aprendi com ele é que sempre homens como esses trazem apoio. Eu sabia que esses homens trouxeram um apoio e se prepararam para serem pegos por você, mas enquanto você estivesse os interrogando, o atirador deles atiraria em você e em seus homens.

— Quero estrangulá-la com minhas próprias mãos, — anunciou Mitya.

— E eu quero beijá-la, —disse Sevastyan. — Obrigado, Ania, você salvou nossas vidas.

— Salvou, —concordou Mitya, — porém Vikenti ou Zinoviy teriam puxado o bastardo fora da árvore e o matado. Mas também poderiam ter confundido Ania com o atirador e a matado.

— Nunca estive em perigo, —ela corrigiu. — Eu estava no telhado da casa disparando sobre vocês. O atirador estava em uma árvore de frente para a casa, atirando em você. Acho que Vik e Zen têm experiência suficiente para não cometer um erro como esse. — Ela aplicou pomada antibiótica e depois cobriu a área com gaze.

— Você vai ser uma grande dor na minha bunda, Ania, —disse Mitya. Sevastyan foi sábio quando puxou a conversa para longe de todas as emoções, discutindo com ela sobre a segurança dela e os perigos que passou por estar aqui. Esses eram assuntos mais corriqueiros e Ania podia simplesmente responder sem pensar muito, ou mesmo sentir, se necessário. — Não tem idéia do que eu quero fazer com você agora.

— Posso adivinhar. —Ela focou a luz da lanterna sobre o corpo, dele centímetro a centímetro, procurando por quaisquer outros ferimentos. — Claramente como você quer me estrangular com suas próprias mãos e não pode, e sendo um pervertido

retorcido que é, imagino que gostaria de me colocar sobre o seu joelho e bater na minha bunda.

— Exatamente, —ele concordou, — desde que eu não posso te estrangular ...

Ela ofegou e se inclinou para frente quando viu a perna dele. — *Você* é que é uma grande dor na minha bunda. Isso aqui tá muito pior do que desse lado e você sabia o tempo todo disso.

— Ainda não sou uma dor na bunda, mas vou ser, — prometeu. Ele fechou os olhos. — Agora, só quero descansar um pouco.

— Sevastyan, peça a Vikenti que traga o carro. Ligue para o médico, peça para ele ir direto para casa de Mitya e o avise que ele está perdendo muito sangue e poderá precisar de uma transfusão.

Mitya sorriu ao seu tom *mandão.* Sua mulher. Ela até poderia achar que não eram ompatíveis, mas podia aceitar o que eles faziam. Ania foi criada com um pé no mundo deles. O avô e o pai corriam com os leões. Eles aceitavam se sujar com eles.

— Seu avô roubou um caderno com informações que poderiam prejudicar muitas pessoas boas, —disse Mitya.

— Essa deve ser a razão pela qual ele não concluiu a entrega. Meu avô não desejaria ser responsável por qualquer mal que

acontecesse a essas pessoas. Especialmente se ele os conhecesse ou gostasse deles.

Ela estava sondando a ferida na coxa. Mitya sangrara muito e, embora isso fosse ruim, não era tão ruim assim. Era mais irritante. Doía, mas ele já esteve em situações piores.

— Esse caderno ainda está lá, Mitya, —disse ela.

— Bem, mas não quero que o procure, —ele aconselhou. — Você já ouviu falar sobre esse caderno?

— Não. Se meu avô contou ao meu pai, a informação nunca foi passada para mim. Meu pai teria me contado. Ele provavelmente teria contado a você. Precisamos do carro.

Mitya abriu os olhos imediatamente. — *Kotyonok.* —Ele sussurrou o carinho. — Vou ficar bem. Vou viver o suficiente para jogá-la no meu colo e puni-la por todas as suas rebeldias.

Mitya queria fazê-la rir, mas não teve sucesso. Ela parecia assustada. O olhar dela mudou dele para Sevastyan, procurando por apoio.

— Ele é o diabo, —disse Sevastyan. — Você não pode matar o diabo, primazinha.



— Já que estamos com o espírito de revelar segredos, acho que devo dizer que tenho uma audição excepcional. Deitada no telhado, o vento soprando em minha direção, eu pude ouvir cada palavra que todos vocês disseram.

Mitya olhou para o primo e balançou a cabeça levemente. Ele não queria que Ania soubesse sobre a vida dupla deles. Já havia o perigo de serem atacados por Lazar. Essa ameaça era muito maior, ou pelo menos havia sido até que Amory e Kris vieram atrás de uma evidência que poderia virar todos os senhores do crime contra eles. Ania pode ou não ter ouvido, mas ele não queria colocá-la em mais perigo. Esperava que todos pensassem que Ania era só um lindo colírio para os olhos no braço dele, que não tinha um cérebro na cabeça. Ela administrava os negócios de seu pai nos últimos três anos, mas estava o vendendo. Talvez ...

— Mitya. —Sua voz era muito suave.

Ele virou a cabeça com um pouco de esforço e olhou diretamente para ela. Olhando para sua dor, especialmente agora que seus olhos tinham ficado em um diferente tom ametista. Maravilhosos. Uma cor púrpura escura, mas com um toque cristalino. Sabia que a leopardo dela era bonita. Uma ferinha, causando estragos em todos eles, mas especialmente em Ania.



— Se eu pudesse colocar minhas mãos em toda a sua garganta, estrangularia você com elas, mas não posso. Porém posso fazer outro coisa, quando você adormecer, encontrarei algemas e o prenderei, então quando estiver imobilizado baterei em sua bunda e veremos se irá gostar disso.

Sevastyan se virou, tossindo, enquanto o carro subia pela estrada.

Ania olhou para Sevastyan. — Eu tenho câmeras em todos os lugares e certamente haverá um vídeo de Mitya cobrindo seu corpo com o dele, e só para você saber, *'Senhor Especialista em Segurança'*, da próxima vez que eu quiser ir a algum lugar e seu chefão mandão disser que não posso ir, espalharei esse vídeo, a menos que esteja do meu lado.

— Pelo amor de Deus, Mitya. Quem é essa mulher? — Sevastyan limpou o rosto manchando-o com sangue e a sujeira da mão. — Acho que eu estava errado sobre ela não ser compatível com você. Ela é a noiva do diabo.

Mitya encolheu os ombros largos. Ania estava debruçada sobre ele, limpando a laceração que sangrava profusamente em sua cabeça, onde uma bala roçou seus cabelos. Ela cheirava a pólvora, à noite, e a fragrância indescritível que era toda ela. Seus seios

estavam perto do rosto e tudo o que ele precisava fazer era virar a cabeça levemente e se aconchegar ali. Ela usava camiseta. Deve ter se despido para ir para a cama quando decidiu espionar. Ele teria que lembrar que Ania tinha uma audição excelente e que nunca seria aquela mulher relegada a segundo plano.

Teria que encontrar um bom equilíbrio para os dois. Ele não iria aceitar sua mulher carregando um rifle de atirador ou, pior ainda, que Sevastyan a colocasse para trabalhar na segurança de Mitya. Seu primo não iria deixar passar essa oportunidade. Ele virou a cabeça no momento em que ela se moveu para a frente, limpando o sangue com os lenços. A ação pressionou seus seios contra sua bochecha. Sentiu as curvas suaves e instantaneamente seu corpo reagiu.

Inferno. Estava com dor. Levou um tiro. E ainda assim, mesmo deitado no chão completamente nu, seu corpo reagiu a ela. Não eram os seios dela. *Bem. Certo. Era e não era.* O corpo dela sempre lhe dava uma ereção. Isso era apenas algo que os dois teriam que conviver. Mas, além disso, era a insolência dela que o fazia reagir. Ele gostava de sua atitude rebelde. O que era ridículo quando ele precisava que ela o obedecesse, mas ainda assim, essa atitude dava a ele um tesão do inferno. Seu pênis doía quase tanto quanto ou pior que seu corpo.

Ania sentou de volta em seus calcanhares e limpou o suor da testa com o braço. — Foi uma noite longa.

— Sinto muito pelo seu pai, baby, —ele disse baixinho. — Juro, Ania, não havia como evitar. Ele estava muito longe e não conseguiu, nem mesmo quando você o chamou. Quando seu pai me encarou, eu soube que ele confiava em mim para acabar com seu leopardo o mais rápido e sem dor possível.

Ele tinha que dizer a ela, mesmo que odiasse falar sobre isso novamente. Precisava contar a ela pelo bem deles. Mesmo que quisesse fazer qualquer coisa além de falar sobre algo que lhe causava dor e angústia.

Ania afastou os cabelos ensanguentados e emaranhado da testa dele com dedos gentis. — Eu sei, Mitya. Obrigada. Não deve ter sido fácil para você. Não sei o que fazer com *Jewel.* Ela aceitou seu leopardo, mas agora tem certeza de que ele nos matará quando ela emergir. *Jewel* está com muito medo dele. O que o seu gato disse ou fez para causar isso?

Mitya não sabia, mas tinha certeza de que iria descobrir. Os homens estavam lá, de pé sobre ele, prontos para transportá-lo para o carro.

Sevastyan e Vikenti colocaram seus braços debaixo dele. — Você está pronto?

Mitya respirou fundo e se fortaleceu. A dor estourou através dele, irradiando para fora através de todo o seu corpo, arrancando seu intestino. O suor escorreu. O ar saiu de seus pulmões, cru e ardente.

Zinoviy abriu a porta do banco traseiro e o colocaram no banco de couro. Sevastyan pegou o rifle e o colocou no porta-malas. Ania se aproximou de Mitya e Sevastyan entrou ao lado dela enquanto Zinoviy foi para os bancos da frente com Vikenti.

— Eu vou descobrir, baby. —Ele não tinha idéia. *Dymka* não tinha compartilhado com ele nenhuma conversa que tivera com a pequena fêmea, mas algo a havia perturbado. O que quer que fosse, quase lhe custou Ania. A leopardo ajudou a conduzir a tempestade emocional, alimentando a tristeza dolorosa de Ania, em vez de acalmá-la e consolá-la.

— Será que você tem um plano para me deixar?

Ele inclinou-se para o lado até sua cabeça estar no colo dela. Ela acariciou os cabelos dele, indiferente ao sangue que pingava nela ou no assento.

— Claro que eu tenho. É um bom também. Não faço muitas coisas sem um plano. Correr não iria funcionar. Você obviamente teria vindo atrás de mim. Eu sei que no funeral de meu pai muitas pessoas viriam, incluindo Drake Donovan. Ele é especialista em proteção. Eu ia pedir para ele me ajudar.

Mitya ficou quieto. Sevastyan também. Vikenti e Zinoviy olharam para ela.

— Ania, Drake é leopardo. Ele tem que cumprir as leis do mundo leopardo. Somos um par vinculado. *Jewel* aceitou *Dymka* como seu companheiro. Ele não pode interferir.

— Não como leopardo, mas ele administra uma agência de proteção e, segundo tudo o que sei, ele protege mulheres. Eu o teria abordado como mulher, não como leopardo. Eu teria dito a ele que estava aterrorizada e pediria sua proteção. O que ele poderia ter feito?

— Ele seria morto, —Mitya explicou em voz baixa, seu coração batendo mais uma vez. — Eu nunca teria permitido que ele te tirasse de mim. Eu o teria desafiado a lutar e ele não teria escolha a não ser aceitar. Eu o teria matado.

Ela ficou em silêncio, mordendo o lábio inferior, as sobrancelhas unidas em uma pequena carranca. — Mas isso seria pelas leis dos leopardos.

— Não vivemos separados, Ania. Homem e leopardo têm que cumprir as leis. —Mitya fez todos os esforços para manter sua voz suave. Estendeu a mão para pegar a mão dela, puxando-a da testa, apesar de odiar perder os dedos dela. — Conversaremos sobre isso mais tarde. —Porque, sinceramente, estava cansado demais para discutirem esse assunto.

— As luzes estão acesas. O carro do médico está na garagem, —Vikenti anunciou. — Ele já estava a caminho da propriedade de Ania, então estava perto.

— Graças a Deus, —disse Sevastyan. Olhou para Kiriil e Matvei, que pareciam culpados. Eles estavam bem na frente, prontos para serem severamente repreendidos por permitirem que Ania escapassem.



Nove

O FUNERAL do pai de Ania ocorreu no quarto dia após sua morte. Mitya organizou tudo. Ele parecia tão invencível, em pé, firme, ninguém suspeitaria que estava ferido de alguma forma. Organizaram o pequeno memorial na propriedade de Mitya, em vez da dela, porque não queriam que ninguém vagasse pela casa.

Os limpadores haviam chegado e percorreram toda a propriedade dela, passando pelos jardins, bem como por cada cômodo, limpando todas as evidências de que algo violento havia acontecido ali. Seu pai foi cremado como todos os shifters. Nenhuma evidência deles poderia permanecer. Mitya e sua equipe haviam planejado todos os detalhes, incluindo a adição de mais segurança. Eles fizeram isso para acomodar as diferentes famílias que compareceram ao funeral.

Quase todas as famílias criminosas estavam representadas. Fyodor Amurov e seu irmão estavam lá, junto com Joshua Tregre, Elijah Lospostos, Emilio Bassini e Fredo Lombardi. A família

Caruso e a família Anwar de Houston apareceram. Jake Bannaconni e Drake Donovan também chegaram com suas esposas. Muitas pessoas vieram prestar seus respeitos a seu pai.

Ania ficou muito perto de Mitya, sentindo-se tão triste que mal conseguia respirar. Mitya parecia estar bem atento com todas as emoções dela, porque ele a abraçava, segurando-a por baixo do ombro, às vezes respondendo por ela quando não podia convocar nenhum tipo de cortesia.

Ela gostou da presença de Evangeline e Ashe lá. Mesmo elas estando com as outras mulheres, estavam sempre atentas a ela e mais de uma vez vieram lhe distrair um pouco. Inevitavelmente, Mitya não teve escolha senão deixá-la com as mulheres enquanto alguns homens insistiam em falar com ele. Ele olhou para Evangeline e Ashe, como sempre, e elas se aproximaram de cada lado para protegê-la da multidão.

— Nós vamos trazer algo para você beber e talvez um bolo, — disse Evangeline. — Tenho certeza de que podemos encontrar um lugar tranquilo para nos sentar ...

Aproveitando que ela estava fora da proteção de Mitya, Alessandro Caruso veio até ela com o pai dele, Marzio. Ania teria evitado Alessandro se fosse possível, mas sabia que seria

terrivelmente rude fazer isso com o pai dele. Ela o deixou pegar na mão dela e se inclinar sobre ela como se pudesse beijar os nós dos dedos com o charme do velho mundo.

— Ania. Você se lembra de mim? Costumava ir com seu avô ou seu pai e se sentava no chão brincando enquanto conversávamos. Minha linda Ann lhe dava escondido guloseimas que seu pai proibia você de comer.

Ela conseguiu dar um sorriso sem graça. — Eu me lembro daqueles tempos. Eles foram maravilhosos.

— Seu pai foi meu amigo por muitos anos. Eu deveria tê-lo visitado com mais frequência, mas esses últimos anos foram difíceis para minha Ann, e deixei a maior parte dos negócios para meus filhos para ficar com ela. Me arrependo de não ter indo visitá-lo.

— Meu pai adorava Ann. Tenho certeza de que ele não iria querer que o senhor fizesse diferente.

Marzio Caruso olhou ao redor da sala e depois segurou o pulso dela com muita delicadeza. Seus filhos de repente estavam lá, todos os quatro, abrindo caminho em direção ao pai para a pequena sala próxima a sala de estar, a que poucas pessoas haviam

entrado. Ela viu imediatamente que estava cercada pela força de segurança dos Carusos.

— Gostaria de falar com você sozinha, Ania, e o assunto é extremamente particular, —disse Marzio.

Ania agarrou a mão de Evangeline, sua tábua de salvação, e olhou para Ashe, esperando que ambas ficassem perto. — Não tenho certeza de que seja uma boa ideia agora, —respondeu Ania, mantendo a voz firme. — A morte do meu pai me abalou muito. Não tenho outra família, e perdê-lo foi um golpe terrível.

— Eu sei o quanto vocês dois eram próximos, —disse Marzio. — Mas certamente tantos anos de amizade me garantem um pouco do seu tempo.

Ela não sabia como rejeitá-lo gentilmente. Assentiu para Evangeline e relutantemente soltou a mão de sua amiga. Evangeline e Ashe se afastaram, mas não foram muito longe. No momento em que as duas mulheres se distanciaram, Kiriil e Matvei se aproximaram.

— Ania, —Kiriil disse gentilmente. — Mitya deu instruções específicas.

Ania levantou o queixo em direção a Marzio, agradecida além de qualquer coisa, porque Mitya, mesmo fora de vista, estava

cuidando dela. — Senhor, se quiser falar comigo, meus guarda-costas deveram estar conosco.

Marzio franziu o cenho. — Eles reportarão cada palavra a Mitya.

— Não há escolha nesse assunto. —Ania já estava emocionalmente sobrecarregada e tinha medo de qualquer coisa que Marzio dissesse. Ela não se importava em ter essa conversa, e o chefe da família Caruso pôde ver claramente isso. Ele assentiu abruptamente.

Ania entrou mais fundo na pequena sala com Kiriil e Matvei, que imediatamente assumiram suas posições. Depois que a família Caruso entrou, todo mundo saiu, deixando-a sozinha com os filhos de Marzio e seus guarda-costas pessoais.

Ania estava extremamente agradecida novamente por seus dois guarda-costas, algo que não tinha pensado ser possível. Decidiu que tinha que sair da neblina em que estava e assumir o controle. Apontou as duas poltronas. — Você gostaria de algo para beber?

— Não, não, *cara,* sei que você falou com Alessandro e que ele lhe indicou que Donato gostaria de comprar o seu negócio. Isso é uma discursão para outra ocasião. O que tenho para lhe dizer agora

é algo que eu não gostaria de falar, porque temo que arruíne nossa amizade, e isso é muito valioso para mim.

Ania tentou impedir que suas feições mostrasse mau-humor. Ela não tinha a máscara inexpressiva de Mitya. — Por favor, continue, *signor*[22] Caruso.

— Marzio, Ania. Não precisamos ser formais. É o seu noivado com Mitya Amurov que está me afligindo. Este homem não é um bom homem. O pai dele é um dos piores na *Bratya.* Todo mundo tem medo dele. Há rumores de que o pai dele virá aqui para matar seu filho ou fazer negócios com ele. De qualquer forma, você não ganhará nada de bom com um homem como os Amurovs. Eles são violentos e não têm problema em matar mulheres e crianças. Lidam com coisas com as quais nunca pensaríamos em lidar. Eles assassinam qualquer um para manter sua palavra. Estes não são bons homens.

Marzio deu um tapinha na mão dela. — Eu não digo essas coisas de ânimo leve ou para incomodá-la. Pensei se deveria me aproximar de você ou não, mas não podia negligenciar meu dever com a amada filha de Antosha.

[22] **Signor:** significa Senhor em italiano.



— Eu aprecio que o senhor se preocupe o suficiente para falar comigo, —disse ela, sem saber como tranquilizá-lo. Agora ela sabia por que ele não queria uma testemunha. Ela não se atreveu a olhar para os guarda-costas, sabia que Mitya ficaria a par de tudo o que foi dito, provavelmente antes dela ter a chance de contar a ele. Era óbvio que Marzio foi sincero. — Mas o senhor faz negócios com Mitya. Todos fazem.

— Os negócios são uma coisa, permitir que um homem como esse tenha um tesouro como você é outra coisa. Alessandro me disse que sua fêmea está próxima ao *Han Vol Dan.*

Ania olhou para Alessandro. Os irmãos estavam do outro lado da sala, dando privacidade ao pai, mas ela sabia que eles podiam ouvir cada palavra.

— Tenho quatro filhos, todos bons homens. Todos dispostos a casar com você e tratá-la com o respeito que merece. Alessandro, em particular, gostaria muito de ter uma chance com você.

Ela se inclinou para o patriarca da família Caruso. Até agora, tudo o que Marzio havia dito era a verdade estrita. Podia ouvir o toque de sinceridade na voz dele. — Minha leopardo aceitou a reivindicação do leopardo de Mitya. Eles estão vinculados,

emparelhados. O senhor sabe que isso é algo sagrado. Além disso, a lei do nosso povo está estritamente do lado deles.

Ania ficou extremamente feliz por Mitya ter tocado nesse assunto *alguns dias* antes. Ela não sabia o que dizer.

— Sua fêmea não tem tanta certeza do vínculo quanto você pensa, —disse o homem mais velho, sua voz mais suave do que nunca.

Ania amaldiçoou sua leopardo rebelde. A relação com a sua fêmea era nova para ela, estava feliz por tê-la, mas não sabia o que fazer, pois *Jewel* estava com muito medo de *Dymka.* Ela tinha que ficar a sós com Evangeline ou Ashe para conversar.

— Eles estão vinculados, —ela repetiu. — Minha fêmea está nervosa, sim, mas aceitou o emparelhamento.

— Deve ser seu primeiro ciclo fértil, e ela pode cometer um erro.

Essa conversa era pior do que se Marzio estivesse conversando com ela sobre a morte de seu pai. Ania tinha medo de que esse assunto fosse o próximo. Olhou para a porta. Um dos filhos de Marzio, Benedetto, acenou para ela. Ele era um homem bom e muito sério. Não havia risada em seus olhos, apenas aquele olhar que lhe dizia que seu leopardo estava muito perto. Ela fez uma

oração silenciosa para que *Jewel* não decidisse de repente se levantar.

— Marzio, é tarde demais para ter essa conversa, embora eu aprecie sua preocupação.

— Ele pode ser desafiado.

Seu olhar saltou pela sala em direção a Alessandro. Ao mesmo tempo, seu coração disparou e todos os leopardos da sala ouviram os batimentos. Ela balançou a cabeça. — Não deixe seus filhos tentarem isso, Marzio, por favor. Primeiro, porque sei que sou a companheira de Mitya. Sei que eu sou. Não posso dizer honestamente que às vezes não fico aflita com isso, mas posso dizer que *sei que sou* a companheira dele, que devo estar com ele. E segundo, nenhum de seus filhos pode derrotá-lo em uma luta. Nenhum de vocês pode.

No momento em que as palavras saíram de sua boca, ela desejou poder retirá-las. Esses homens, seus filhos, eram fortes, saudáveis e cheios de orgulho. Ela acabara de lhes dizer que não achava que devessem desafiar Mitya ou o leopardo dele—o que ela não fez, mas deveria ter sido muito mais cuidadosa ao expressá-lo.

— Você conhece um pouco do passado dele, Marzio. Eu sei um pouco mais. Seu leopardo é uma máquina de combate. De

qualquer forma ... —Ela fez um movimento para ficar de pé. — Mitya é a minha escolha.

Marzio colocou uma mão gentil no joelho para impedi-la de se levantar. — Se a escolha é sua e não posso convencê-la a ouvir o motivo, terei que aceitá-lo. Esteja ciente de que você tem aliados na família Caruso. Seu pai era um amigo com quem eu me importava. Você sabe quem está por trás do suposto assalto? Ele falou comigo algumas vezes logo após o acidente e me disse na época que acreditava que toda a sua família havia sido atacada.

Ela ergueu o olhar para o de Marzio. Ele estava dizendo a verdade, tanto quanto ela podia dizer. Provavelmente havia discutido o assunto com o pai dela. Eles tinham sido amigos íntimos antes do tiroteio. Mas o que ela não poderia dizer agora, olhando para os olhos dele, era se Marzio era o maior inimigo de seu pai. Uma traição vindo dele teria sido devastadora para o pai dela. *Antosha teria lhe dito se suspeitasse que Marzio o tivesse traído?*

Era difícil resistir a olhar para Kiriil ou Matvei, mas olhar não teria feito nenhum bem a ela. Eles usavam máscaras inexpressivas e olhavam através dela, fingindo que não ouviram uma palavra do que foi dito.

— Meu pai discutiu isso comigo algumas vezes, mas ele não sabia de nada, assim como eu. Como o senhor, acredito que alguém atacou minha família. Eles fizeram alguns ataques contra mim também.

No momento em que ela admitiu ter sido atacada também, o ar da sala em que estavam ficou elétrico. Marzio de repente parecia diferente. Forte. Mais jovem. Sua postura ficou mais alerta. Ele também parecia furioso. — O que você disse? —Saiu em um sussurro, mas ao mesmo tempo alto, o som atravessou a sala com uma ameaça sombria.

Ania percebeu que realmente não conhecia esse homem mais do que conhecia Mitya, embora tivesse sido criada desde a infância, dentro e fora da casa dos Caruso. Como Mitya, nenhum dos irmãos demonstrou interesse nela até o leopardo começar a emergir. Havia algo como amor em um relacionamento entre os shifters leopardos? Ela sabia que Marzio amava Ann. Seu pai amou sua mãe. Seus avós sempre mostraram amor um pelo outro. Mas Mitya? Seus primos? Talvez eles não pudessem realmente amar. Os pais desses homens tentaram arrancar todos os tipos de emoções deles. Será que conseguiram?

Ela temia se apaixonar por Mitya, realmente amá-lo. Ele precisava de alguém para amá-lo, para mostrar-lhe o afeto, mas se

ele não retornasse seu carinho, o relacionamento deles não funcionaria. Ania precisaria saber se Mitya estaria com ela se não fosse o seu leopardo. Queria ser amada como seu pai havia amado sua mãe. Mesmo assim, ela assumiu o compromisso, prometeu a si mesma—a ele—que iria tentar.

— Ania? Alguém tentou te matar?

Ela assentiu devagar. — Na verdade, uma das vezes foi naquele dia que o senhor ligou pedindo que eu fosse ver os dois carros que foram vandalizados.

— Uma armadilha, e usaram a nossa família, —Marzio assobiou. — E mais de uma vez. Diga-me o que aconteceu.

Ele parecia o pai dela. — Eu estava quase em casa e eles usaram a mesma estratégia que usaram com os meus avós. Fui criada em torno de carros e dirigindo. Pude ver que era uma armadilha. Havia dois carros, um perseguindo e outro esperando. Fui capaz de escapar.

— Isso não faz sentido, ir atrás de você. Por que toda a sua família seria um alvo?

— Eu não tenho ideia. Meu pai e eu discutimos sobre isso, mas ele também não sabia.

— Seu pai teria contado a você? —perguntou Marzio. — Me perdoe, Ania, mas você é jovem e mulher. Isso não é algo que fazemos, falar sobre negócios como este com nossas filhas.

— Meu pai teve um único filho, uma menina, e ele sempre me tratou como trataria a um filho. Cresci aprendendo todos os aspectos do negócio, aprendendo a consertar carros e dirigir. Ele me ensinou que nossa palavra era a nossa honra e que nunca deveria ser quebrada. Meu pai costumava discutir comigo coisas que eu sabia que minha mãe ou avó não sabiam e eu não costumava a mencionar problemas com elas. Ele teria me dito se soubesse o porquê, simplesmente porque eu estaria em perigo.

Marzio encostou-se na cadeira de couro com encosto alto. — Isso não está certo. Eu esperava que você tivesse pelo menos um suspeito ou soubesse o motivo pelo qual sua família foi atacada.

Ela balançou a cabeça. — Eu não sei.

— Você sabia que seu pai transportava encomendas a várias famílias, incluindo a minha?

Alessandro e Benedetto se endireitaram de onde estavam encostados na parede e na porta. Até Cristo e Donato, os filhos mais novos, ficaram alertas. Claramente, eles não queriam que o pai falasse sobre esse assunto. Isso era comum em todas as famílias

de leopardo. Mulheres não eram permitidas. Ela tinha feito um compromisso com Mitya salvando sua vida quando ele estava sendo baleado, mas isso fora feito com o custo emocional do dia. Agora, duvidava de sua própria sanidade.

— Sim, claro. Meu pai e meu avô dirigiam. Eu estava sendo treinada para fazer o mesmo. De fato, depois que meu pai foi baleado, havia quatro contratos não cumpridos. Eu os realizei. — Ania teve que se esforçar para manter a voz muito uniforme, sem parecer desafiadora. Queria parecer prosaica, como se as mulheres fossem incluídas no mundo dos negócios desses homens todos os dias.

— Ania, meu desejo agora seria levar você para casa comigo e mantê-la segura, —disse Marzio. — Em vez disso, devo deixar que esse russo, esse homem com um passado que levanta muitas perguntas, proteja você. —Ele lançou um olhar desdenhoso para seus guarda-costas, como se fossem totalmente inferiores aos dele. — Ele não é um bom homem. Eu já vivi com muitos homens perigosos, mas este, esse homem que você escolheu, é o mais perigoso de qualquer um deles.

Ela não precisava que ele lhe dissesse isso. *Jewel* sabia disso e se retirou, tentando ser cautelosa. Ania parecia estar correndo em direção a Mitya novamente. Temia que a química física entre os

dois fosse tão explosiva que ela não estivesse enxergando as coisas como deveria. Foi necessária toda a sua disciplina para manter as mãos cuidadosamente cruzadas no colo. Queria esfregar as têmporas, elas estavam martelando com dor de cabeça, provavelmente por todas as lágrimas que derramou nos últimos dias.

Uma batida educada na porta indicou que eles não iriam mais ficar sozinhos e Ania ficou agradecida quando Benedetto se moveu, abrindo a porta para permitir que Evangeline enfiasse sua cabeça, com seu sorriso habitual. Ania percebeu que sua amiga estava preocupada e lançou-lhe um olhar dizendo que estava inteira, o que, felizmente, era verdade.

Marzio levantou-se imediatamente. — Estou tomando muito do seu tempo quando sei que tem outras pessoas que gostariam de prestar homenagem.

Ania levantou-se e o beijou em cada bochecha. Seus filhos, para sua surpresa, a beijaram em ambas as suas bochechas, Alessandro segurou suas mãos com força por um momento.

— Se mudar de idéia, me ligue, Ania. Se este for o primeiro ciclo fértil da sua leopardo, ela aceitará outro macho se o que escolheu primeiro não for o companheiro verdadeiro.

Ania não sabia mais o que fazer, então assentiu. — Obrigada, Alessandro. Eu realmente aprecio o seu interesse na minha leopardo.

— Em *você,* —ele corrigiu.

Ela lhe lançou um sorriso incerto e depois observou a família sair, Benedetto fechando a porta atrás deles, deixando Evangeline e Ania a sós com os guarda-costas dos Amurovs.

— Você está bem? —Evangeline perguntou. — Eu estava do lado de fora da porta, tentando ouvir um pouco da conversa e o que peguei é que parecem que eles querem que você deixe Mitya e escolha um deles como companheiro. Ashe mandou uma mensagem para Mitya, mas disse a ele que seus guarda-costas estavam com você. Ele enviou um texto dizendo que já tinha sido informado. —Ela enviou um sorriso a Kiriil e Matvei. — Irei assar algo especial para esses meninos.

— Eu gostaria que você assasse algo especial se eles não tivessem informado Mitya. Quando tudo acabar, estou contratando meus próprios guarda-costas leais a mim. —Ela olhou para os dois homens.

Kiriil sorriu.

Matvei cobriu um sorriso.

Ania os ignorou e se jogou de volta na cadeira. — Às vezes acho que estou ficando louca. *Jewel* parece ser uma leopardo muito popular, e ela nem emergiu. —Ania tentou não parecer amarga ou ressentida, mas não conseguiu evitar. Aproveitou a oportunidade para esfregar as têmporas.

— Querida, fale comigo. O que há de errado? —Evangeline assumiu a cadeira que Marzio havia deixado. — Eu sei que não nos conhecemos há tanto tempo, mas eu realmente quero ajudar.

— Você conhece Mitya muito melhor do que eu. Ele parece tão todo-poderoso. Quer obediência instantânea sem questionar. Ele é assustador, Evangeline, mas seu leopardo é pior. Eu deveria confiar em tudo o que ele diz e faz. Mas aprendi ser meu próprio guia. Não sou em absoluto um tipo de mulher que diz *"sim"* para tudo. Como podemos ser companheiros se não podemos ser o que o outro precisa? O relacionamento é apenas sobre os leopardos?

— Estou muito apaixonada por Fyodor, e ele está por mim. — Ela esfregou a mão sobre a barriga grávida. — Eu mal posso suportar ficar longe dele e, felizmente, ele é assim comigo.

— Seu caso pode ser uma exceção—pura sorte. Fyodor se apaixonou por você porque *é* você, Evangeline. Você é doce e acolhedora. Não questiona cada pequena coisa. Eu sim. —Ela

tinha que questionar, duvidar. Precisava ser assim porque alguém matou a sua família. Porque Mitya admitiu que os homens de sua família sempre mataram as mulheres que eles escolheram para ter seus filhos. Um pequeno arrepio a percorreu.

Evangeline se inclinou para frente. — Querida, por que acha que Mitya não a ama?

— Seria impossível em tão pouco tempo. O amor não acontece assim.

— O amor pode acontecer de várias maneiras. De qualquer forma, como você se sente sobre ele?

— Eu não sei. —Ania tentou ser honesta consigo mesma. — Penso nele o tempo todo. Eu me preocupo que ele faça coisas perigosas. Ele me contou sobre seu pai, e isso é assustador. Mas há esse medo terrível que simplesmente não desaparece.

— Medo de que?

— Eu não sei. Não sei dizer se sou eu ou *Jewel.* Só sei que quando penso demais, não consigo respirar. —Ela se forçou a ser honesta. — Eu me conheço, Evangeline. Não ficarei se não sentir que ele me ama. Não será suficiente que nossos leopardos se unam. Estou tentando me convencer de que será bom, mas apenas o sexo parece bom entre nós.



— Você precisa sentar com esse homem e contar a ele seus medos, Ania.

— Eu não quero que ele diga as coisas que acha que eu quero ouvir.

— Ele não é um leitor de mentes. Nenhum deles é. Mitya, Fyodor, Timur, Sevastyan e Gorya, na verdade todos eles viveram vidas extremamente difíceis quando crianças. Não sabem nada sobre um relacionamento. Eu também não sabia, mas Fyodor e eu resolvemos isso. Conversamos muito. Se vai estar com um homem como esse, precisa se comunicar com ele. Eles querem um lar e uma família, mas não sabem como conseguir essas coisas. Esperam que sejam nós que mostremos o caminho.

Ania recostou-se, esticando as pernas na frente dela. Estava muito cansada. O funeral foi exaustivo. Só de pensar em seu pai e na perda de cada membro de sua família a esgotara tão emocionalmente que ela não conseguia respirar. Seus pulmões pareciam crus e estavam queimando. Sentia a garganta igual. Seus olhos ardiam de lágrimas derramadas não derramadas.

— Mitya tem sido maravilhoso com tudo isso, —ela admitiu. Ele ainda estava machucado, e ela muito triste, então não tiveram seu sexo selvagem e louco. Tinha que admitir, precisava da

afirmação de que ele ainda a queria, mesmo que ela o apreciasse dando-lhe espaço. — Ele cuidou de todos os detalhes.

— Como deveria, —disse Evangeline. — Fale com ele, Ania. Diga a ele seus medos. Se conversarem, podem descobrir por que *Jewel* está tão assustada. Virar para outro homem não vai ajudá-la. Isso, com certeza, só vai te assustar mais. Mitya está comprometido com você. Eu sei que ele está porque Fyodor lhe perguntou diretamente. Ele nunca deixaria que outro reivindicasse você e ficasse sem resposta.

— Você quer dizer outro reivindicando a minha leopardo, — corrigiu Ania. — Como pode dizer que Fyodor realmente a ama e não esteja com você só por causa de sua leopardo?

Evangeline franziu a testa. — Sinto isso toda vez que ele me toca. Quando ele olha para mim. Está lá nas coisas que ele faz por mim.

Ania não pôde deixar de pensar que Mitya havia sido baleado várias vezes a poucos dias atrás, e, no entanto, ele planejara o serviço funerário de seu pai e ficara ao lado dela o tempo todo, sem deixar transparecer que estava machucado. Ficou perto dela, protegendo-a do escrutínio, da aproximação de muitas pessoas quando ela mal conseguia ficar em pé. Ele lhe deu forças durante

todo o funeral. Isso era uma demonstração de amor? Talvez suas ações falassem já que ele não conseguiu com palavras.

— Não sei por que tenho tanto medo de conversar com ele sobre isso. Acho que é porque se ele não reagir bem, me esmagará.

— Quando surge um problema, ele esmaga você?

Ela não poderia dizer que ele fazia isso. De fato, quando ficou com problemas na padaria de Evangeline, *Jewel* se exibindo na frente de Alessandro, provocando e flertando com seu leopardo, Mitya tinha sido maravilhoso para ela. Ele não a culpou nem um pouco. Mais de uma vez, Mitya reagiu de maneira muito diferente do que ela esperava.

— Não, ele tem sido gentil comigo, mas é terrivelmente *mandão.*

Evangeline lançou um sorriso presunçoso. — Todos eles são. Geralmente ignoramos isso, a menos que possamos ver que realmente importa para eles. Se for algo importante para mim, eu digo a Fyodor. Ele encontra uma maneira de lidar com o meu *'motim',* como ele chama. —Ela riu baixinho. — Eu realmente amo esse homem.

Acho que estou pronta para enfrentar a multidão lá fora. Está diminuindo?

— Na verdade não, mas Mitya e Sevastyan estão cuidando para garantir que todas as famílias sejam agradecidas por terem vindo. Eles fizeram as rondas várias vezes. Fyodor, Gorya e Timur também. Você é da família agora, então estamos fechando fileiras ao seu redor.

Isso fez Ania se sentir melhor. Muito melhor. Ela não tinha pensado que quando estivesse casada com Mitya, todos os outros estariam relacionados a ela. Gostou da ideia de ser recebida por todos da família, especialmente Evangeline e Ashe.

Outra batida na porta e Ashe apareceu, emoldurada na porta, linda como sempre. — Há um cavalheiro aqui que gostaria muito de prestar suas condolências pessoalmente, Ania, e ter algumas palavras com você, se estiver bem para isso.

Ela se afastou para permitir que Ania visse o homem atrás dela. *Bartolo Anwar.* Ele era chefe de uma das duas principais famílias criminosas de Houston. Havia a família Caruso e a família Anwar. A família de Bartolo estava em Houston há gerações. Os Carusos haviam migrado para lá da Flórida e tomado os portos.

— Claro. —Ania se levantou e foi até o homem mais velho, com as duas mãos estendidas.

Bartolo as pegou e deu beijos nos nós dos dedos. — Sinto muito pelo que aconteceu com seu *padre*[23], Ania. Ele era um bom homem.

Por alguma razão, a sinceridade em sua voz causou lágrimas. — Obrigado, *signor* Anwar. Você sempre foi um bom amigo para ele.

Atrás dele, os dois guarda-costas que ele nunca parecia estar sem, entraram na sala, olhando para Kiriil e Matvei, mas depois assumindo posições contra a parede. Bartolo havia perdido a esposa no parto muitos anos antes. Ele tinha dois filhos, Enrico e Samuele, além de uma filha, Giacinta. A filha estava muito doente, muito parecida com a mãe, e ela nunca parecia sair de casa. Bartolo e seus irmãos era muito protetores com ela.

— Por favor, entre e sente-se, —convidou Ania, acenando em direção às cadeiras. Elas eram os mais confortáveis na sala, embora Ania não tivesse encontrado um único sofá ou cadeira onde não pudesse ficar sentada por longos períodos de tempo. Quem comprou os móveis da casa de Mitya—e ela tinha certeza de que não era ele—fez um ótimo trabalho.

[23] Significa pai, em italiano

Bartolo entrou sem hesitação. Seus guarda-costas se separaram, movendo-se para os lados da parede e se posicionando para que pudessem ver facilmente a porta e qualquer um que tentasse entrar. Eles também estavam em frente a Kiriil e Matvei. Por alguma razão, isso fez Ania se sentir um pouco desconfortável.

Evangeline estava grávida e Ania a queria fora da sala. Não havia nenhum tipo de ameaça aparente para nenhuma das mulheres. Bartolo havia sido muito sincero em suas condolências.

— Evangeline, querida, você se importaria de pegar um café para mim? Acho que preciso de cafeína. —Ela esperava que Evangeline entendesse.

Evangeline assentiu. — Não se preocupe. Eu vou fazer um novo. Gostaria de tomar uma xícara de café? —Ela perguntou a Bartolo.

Ele balançou sua cabeça. — Não, obrigada. Estou comendo e bebendo sua comida deliciosa desde que cheguei aqui. Ouvi falar da sua padaria, mas não acreditava que algo pudesse ser tão bom quanto todo mundo estava dizendo. Eu estava errado.

Evangeline sorriu brilhantemente. Ania decidiu que Bartolo poderia ser uma ameaça para qualquer mulher, ele era muito

charmoso. Quando Evangeline saiu pela porta, os dois filhos de Bartolo entraram.

Ania enviou uma oração silenciosa para que eles não estivessem lá pelo mesmo motivo que Marzio parecia estar. Ela forçou um sorriso enquanto olhava para os dois homens. Não os conhecia tão bem quanto os irmãos Caruso. Os Anwars eram um pouco mais velhos e estavam sempre trabalhando.

— Faz muito tempo, Ania, —disse Enrico, o mais velho. Como seu pai, ele pegou a mão dela e apertou os lábios nos nós dos dedos com o mesmo charme que seu pai tinha.

— Sim, —ela concordou e depois enviou um sorriso para Samuele, esperando que não houvesse mais beijos em nenhuma parte dela. Mitya e seu leopardo ficariam furioso com todo esse cheiro de homens nela. Olhou nervosamente para os guarda-costas, mas eles pareciam fazer parte da parede, não humanos ou shifter—e isso não ajudou a aclamá-la.

— Ania, —Samuele cumprimentou. — Sinto muito por Antosha. Ele era um bom homem.

Ela assentiu, o que poderia dizer? Seu pai era um bom homem. Mesmo assim, ele estava a um pé do mundo de criminosos. Na

verdade achava que seu pai estava muito mais imerso nisso do que pensara.

— Desculpe incomodá-la com isso. Sei que não é um bom momento, —disse Bartolo. — Mas seu homem a guarda como um tesouro. —Ele olhou para os guarda-costas dela. — Ele é um homem ciumento. —Ele riu como se tivesse aprovado. Seus filhos sorriram um pouco. Sorriram, talvez.

Um pequeno calafrio percorreu sua espinha. Ela estava imaginando coisas? Está era a família que seu avô levara a encomenda três dias antes de sua morte. Seu avô tinha sido muito amigo do pai de Bartolo e assistiu Bartolo e seus filhos crescerem. Ela considerou, é claro, que eles eram os responsáveis em atacar sua família, mas não parecia certo. Agora, sentada com eles, simplesmente não sabia. Seu corpo estava reagindo como se estivesse em perigo, mas ninguém fez um movimento ameaçador em sua direção.

— Suponho que ele poderia ser. —Ania admitiu, sem saber para onde a conversa estava indo.

— Nós precisamos de um motorista. *Você* é esse motorista, Ania. Não há ninguém tão bom quanto seu avô ou pai. A

encomenda e pequena e deve chegar a Nova Orleans, para alguns amigos nossos lá.

Ela olhou para Bartolo, um pouco chocada. Era a última coisa que esperava ouvir. — Eu não dirijo para mais ninguém, não mais. —Essa era a verdade. Ela queria, sentia falta da adrenalina. — Estou vendendo meu negócio. Donato Caruso está comprando. Você pode falar com ele.

Bartolo balançou a cabeça. — Tem que ser você, Ania.

— Você sabe que Mitya nunca permitiria tal coisa, —disse ela suavemente, admitindo em voz alta. Ela não estava feliz em dizer isso. Ele a fez parecer uma mulher de *"do tipo sim"*, mas também era a melhor desculpa do mundo e uma que faria um homem como Bartolo entender. Ania até abaixou os cílios pata parecera o mais submissa possível. Ela teria sido uma boa atriz.

— Dobraremos o dinheiro.

O pagamento sempre era uma pequena fortuna. Dobrar seria ridículo, e isso só a deixava ainda mais desconfiada. Ania balançou a cabeça. — Você pode conversar com Mitya. Se ele concordar, eu dirigirei para você, mas, Senhor Anwar, existem vários bons motoristas. Mesmo se acha que alguém irá tentar interceptá-lo, existem dezenas de motoristas decentes.



— Não como você.

Ela tinha feito algumas corridas de rua. Realmente muitas corridas de rua. Essa tinha sido uma maneira de aprimorar suas habilidades de condução e obter a adrenalina que desejava. Mas sempre dirigiu nas ruas disfarçada. Ela prendia o cabelo e usava um pseudônimo, principalmente para que o pai e o avô não descobrissem que ela estava fugindo para correr. Ania fazia isso desde os dezesseis anos.

Havia muita convicção na voz de Bartolo, como se ele soubesse das habilidades de direção dela. *Mas Como?* Era impossível eles saberem, então por que continuar insistindo que ela dirigisse?

— Talvez, mas vou me casar com Mitya, e ele tem idéias muito fortes sobre o que sua esposa deve ou não fazer. Acredito que sua esposa dirigir, levando encomendas pelos país esteja sobre suas preferências. Como eu disse, você pode conversar com ele sobre isso. Não sou totalmente contra dirigir para você. —Ela deu um sorriso mais doce. Suas palavras eram sinceras o suficiente, não mentiras, porque *ela adorava* dirigir.

Felizmente, embora Mitya não queria ela envolvida de alguma forma, estava certa de que Sevastyan a incluiria—em particular é

claro—na equipe de segurança de Mitya. Sevastyan havia questionado ela duas vezes sobre suas habilidades com armas, mas ele estava mais interessado em suas habilidades de condução.

Bartolo suspirou. — Seu homem é difícil, Ania. Ele vem da Rússia. Seu pai é um grande *vor* lá e controla a maioria dos portos. Governa com punhos de ferro, muito sanguinário, e aniquila seus inimigos no momento em que eles se mostram. Mitya é um produto deste homem. Alguns dizem que ele é ainda mais cruel. Se é assim, não quero ficar do lado ruim dele, sugerindo que sua esposa dirija para nós.

Ania inclinou-se para ele e abaixou a voz como se estivessem conspirando. — Eu também não quero ficar do lado ruim dele. — Ela deu um pequeno sorriso, quase zombando dele.

Bartolo balançou a cabeça. — Garota, você está perdida para esse russo. Ele pode ser o melhor nos negócios, mas nunca saberá valorizar alguém como você.

— Sinto muito por não poder dirigir para você. —Em um nível, essa era a verdade estrita, mas, por outro lado, ela estava preocupada que a família Anwar poderia saber mais do que eles estavam dizendo sobre a morte de sua família. — *Signor* Anwar, Joshua Tregre está aqui. Ele é de Nova Orleans. É possível que ele

possa ajudar? Eu nunca o conheci, mas sei que Mitya e Sevastyan o conhecem. A esposa de Fyodor, Evangeline, é prima dele.

Bartolo levantou-se, balançando a cabeça, indicando que a reunião privada havia terminado. — Não, não, não se preocupe com isso. Vamos encontrar uma solução. —Ele caminhou até a porta, esperando seus guarda-costas saírem primeiro. Bartolo se afastou, virando-se para ela. — Você sabe por que sua família foi atacada, Ania?

Ela balançou a cabeça. As lágrimas queimando perto novamente. Tinha que parar de chorar toda vez que sua família era mencionada. — Não. Conversei várias vezes com meu pai sobre isso, mas ele também não parecia saber. Ele estava muito ... chateado. Considerava todos que ele trabalhou como amigos. Ele achava que algo relacionado com o trabalho poderia estar envolvido, mas ele não sabia se havia alguma razão para um amigo se tornar seu inimigo.

— Seu pai não tinha territórios para as famílias famintas de poder quererem agarrar. —Bartolo parecia como se estivesse refletindo em voz alta. — Carregava encomendas para outras pessoas, assim como para minha família. Ele poderia ter visto algo que os outros o queriam morto?

— Se viu, certamente não me disse. Se assim fosse, minha mãe e minha avó também viram? Meu avô? Eu sei que não vi, e ainda assim vieram atrás de mim.

Bartolo estava com um pé na porta quando ela contou. Ele parou. Congelado lá. Muito lentamente, se virou para ela, assim como seus filhos. — Ania, está dizendo que alguém tentou te matar?

Ela assentiu. — Sim, mais de uma vez.

Bartolo olhou para os filhos. — Descubra quem fez isso. Ela está protegida. Espalhe a palavra. Se alguém a atacar, é melhor recuar, ou seremos impiedosos indo atrás deles. Nossas famílias remontam um longo caminho, Ania. Um longo caminho. Você é uma de nós, e restam poucos shifters. Precisamos de todas as mulheres que ainda nos resta. Vejo por que Mitya cuida de você com tanta seriedade. Fiquei chateado quando soube que estava come ele, mas agora estou feliz.

Ele se inclinou e roçou as bochechas dela com os lábios secos. — Se precisar de mim, ligue para mim ou ligue para um dos garotos. Não importa a que hora, dia ou noite, Ania ligue, e nós viremos.

Isso a emocionou. — Obrigada, *signor* Anwar. Isso significa muito para mim. —Ele parecia tão sincero, quase com raiva. Não, ele estava com raiva. Os olhares que ele estava trocando com seus filhos a fizeram pensar que ele queria começar uma guerra.

Enrico e Samuele a abraçaram e seguiram seu pai para a grande sala, onde muitos dos convidados ainda estavam reunidos, Mitya e os outros deixaram o escritório. Ania podia ver Mitya procurando por ela. Ele a viu quase imediatamente, como se tivesse um radar. Murmurou algo para os homens e atravessou a sala até ela.

A multidão se separou para ele. Mitya era assim. Andava com calma, seus passos semelhantes aos de uma pantera, seguros e um pouco letais. Ela realmente parou para olhar para ele. Ele era um homem grande, um metro e noventa ou mais, ombros largos e peito largo. Tinha os músculos definidos como um leopardo e, quando se movia, era suave e quase preguiçoso, mas que poderia se tornar um borrão muito rápido.

Seu rosto era masculino e áspero. Uma mandíbula forte com uma barba rala. Aqueles olhos penetrantes e focados que poderiam derretê-la quando ele fixava seu olhar nela. Seu nariz era muito aristocrático, ou teria sido se não tivesse quebrado mais de uma vez. Isso, junto com várias cicatrizes no rosto, principalmente ao

redor do olho esquerdo, servia apenas para fazê-lo parecer ainda mais lindo para ela.

Mitya veio até ela, a mão dele segurando seu rosto, o polegar deslizando sobre sua pele. Ele inalou bruscamente. — Por que, *kotyonok,* você está sempre cercada por homens?

— Eu não sei. Simplesmente acontece. —Ela deu um sorriso hesitante porque ele não estava sorrindo. De modo nenhum.

— E por que eu recebo essas informações dos seus guarda-costas e não de você? —Seu tom era suave e seu polegar continuou acariciando sua bochecha.

Ela se inclinou na mão dele. — Provavelmente porque deixei meu celular lá em cima no quarto, mas fiquei muito agradecida por Kiriil e Matvei cuidarem de mim enquanto você cuidava de nossos convidados.

Ele inclinou a cabeça para roçar gentilmente os lábios dela. — Você parece cansada, baby. Vou fazer com que essas pessoas vão embora. Drake vai ficar com sua esposa no rancho Bannaconni. Elijah e Eli estão hospedados em um hotel perto da padaria. Acho que Joshua ficará com Fyodor. De qualquer forma, amanhã é outro dia. Eles voltarão amanhã, e você poderá visitar as mulheres enquanto eu tiver em reunião com os homens.

Eles definitivamente teriam que ter uma conversa, mas não agora, não com tantos convidados ainda lá. Todos vieram homenagear seu pai, e ela apreciou, mas queria que voltassem para suas casas. Mitya passou o braço em volta dela.

— Depois que todos saírem, Sevastyan fará uma varredura para garantir que não haja dispositivos de escuta em nenhum lugar ou câmeras deixadas para trás. —Mitya apontou para as escadas.

— Sabemos que ninguém subiu as escadas. Coloquei homens nas escadas para evitar isso.

— Alguém tentou?

Ele sorriu, parecendo um lobo satisfeito. — Vários, mas foram detidos e anotados. Suba e eu a encontrarei em meia hora. Não vou demorar mais do que isso para fazer todos se moverem.

Um banho seria exatamente o que ela precisava para resolver todos os problemas. Ela ainda achava surpreendente que o pesar poderia fazer o corpo doer tanto quanto a alma.

Ania olhou para o rosto dele e ela não pôde deixar de segurá-lo com as duas mãos. — Obrigada por cuidar de tudo isso para mim. Por cuidar de mim. Você foi baleado várias vezes quatro dias atrás, mas ainda fez tudo isso por mim, eu realmente aprecio isso.

— Eu sempre cuidarei de você, Ania.

Ela olhou nos olhos dele por um longo tempo, procurando por algo que ainda não tinha encontrado. Não viu nada. A verdade é que nem sabia o que estava procurando. Mas durante todo esse tempo, *Jewel* ficou muito quieta. Não havia um medo terrível vindo dela, pedindo a Ania para correr. Havia apenas esse homem que fez por ela algo inesperado e maravilhoso. Ela ficou na ponta dos pés e o beijou nos lábios.

— Um banho soa perfeito. Se você se despedir de todos por mim, agradeceria muito. Especialmente Evangeline. Ela parece cansada e essa noite ela me ajudou muito, interferindo quando precisei.

— Me desculpe, tive que me afastar por alguns minutos. Precisava avisar Bannaconni e Drake que há algo muito errado. Amory trabalhava para Drake, e depois passou um tempo trabalhando na casa de Bannaconni. Emma, sua esposa, costuma cozinhar para os homens que trabalham para eles. Seus funcionários fazem as refeições com o resto da família em sua casa. —Sua voz ficou dura. — Não gosto de pensar que Amory esteve sentado à mesa com Emma e as crianças, comendo a comida que ela preparou para eles e depois os traiu.

— Eu também não gosto, Mitya. Claro que você tinha que avisá-los. Pode haver aparelhos de escuta em sua casa. —Ela

colocou a mão no corrimão, de repente precisando ir a algum lugar quieto. Ania nasceu no mundo dos criminosos, mas sempre viveu à margem. Ela olhou em volta para os homens e mulheres na casa de Mitya. Quase todo mundo ali estava envolvido de uma maneira ou de outra no crime. Balançando a cabeça, ela se virou e subiu as escadas.

Dez

MITYA SE ABAIXOU para tirar sua mulher da banheira com a água fria. Ela adormeceu profundamente, enrolada como um gatinho afogado. Seu cabelo flutuava ao redor dela como a força de uma sereia. Longo e grosso, Ania tinha cabelos como a maioria das shifters tinha. Quando ele olhava muito de perto, podia ver vários fios claros listrados através dos fios escuros. Seus cílios eram grossos e longos, como os seus cabelos, e havia o mais leve salpicar de sardas espalhadas pelo seu elegante nariz.

Mitya amava a boca de Ania. Seus lábios eram cheios e formavam um arco perfeito. Quando ela sorria, mostrava dentes brancos e retos, com exceção de um dente que era um pouco torto. Ele gostava particularmente desse dente.

A água jorrou do corpo de Ania quando ele a puxou e a embalou contra seu peito. Imediatamente ela se virou para ele, buscando seu calor. O corpo dele estava sempre quente, e ela o usava como sua lareira pessoal. Com uma mão, Mitya envolveu uma toalha em volta dela, tentando absorver a água pingando dos cabelos dela. Seus cílios tremularam e depois se levantaram. Ela sorriu para ele e imediatamente seu coração doeu.

— Oi.

— Você ficou no banho por muito tempo. Está tremendo.

— Sua culpa, —declarou ela, aproximando-se mais ainda do corpo dele, como se pudesse entrar nele.

Ela não precisava fazer nenhum esforço, já estava lá dentro, abraçando seu coração, e Mitya não tinha certeza de como isso havia acontecido. Continuou secando-a, usando apenas uma mão enquanto se sentava na beira da cama. Ele a segurou contra ele com a outra, embora ela não tentou se afastar. Ania era geralmente esquiva com ele, como se a qualquer momento ela fosse fugir.

Ele inclinou a cabeça e inalou o perfume dela. Amava o cheiro dela. Tinha que admitir, mesmo que fosse apenas para ele, amava tudo nela. — Por que senti o cheiro de todos aqueles homens em você?

Ela lhe enviou outro sorriso, este um pouco travesso. — Você me deixou sozinha por muito tempo e eles simplesmente se aglomeram ao meu redor como se eu fosse um ímã.

Mitya sabia que ela estava brincando com ele, mas tinha sido a verdade. Ania simplesmente não estava ciente de que era a verdade. — Reconheci o perfume de Marzio Caruso. —Tinha que ser dito, e ele sabia que sua pergunta soou ríspida. Sentia um desejo assassino toda vez que Alessandro Caruso se aproximava de Ania. — Seus filhos também estiveram próximos a você.

— Marzio tinha muito a dizer. Eu estava nervosa no começo da nossas conversa, temia de que ele fosse o responsável pela morte da minha família. Eu não queria que fossem os Carusos. Meu pai era amigo deles. Bons amigos. Sabia que teria partido o coração de meu pai se ele descobrisse que Marzio foi quem ordenou o ataque a todos nós.

— Você não acredita que foram os Carusos? —Ele enrolou o cabelo dela com a toalha, absorvendo a água enquanto a segurava

perto dele. Ania não estava usando nada e sua pele brilhava como um pêssego, refletindo a luz que brilhava através das janelas ao longo do lado oeste do quarto e o teto de vidro acima. O teto tinha uma cobertura retrátil que cobria o vidro a maior parte do tempo, mas quando ele queria, podia abrir a cobertura e deixar a luz da lua entrar no quarto. Estava aberta agora.

— Sinceramente, não sei, Mitya, mas não me pareceu que Marzio está envolvido. Ele quis conversar comigo principalmente para me dizer que você é um homem com quem se faz negócios, mas não um homem para se casar. Marzio estava preocupado comigo.

— Entendi. E ele tinha uma solução para isso?

— Sugeriu que eu deveria me casar com um de seus filhos. E que a sua casa estará aberta para mim se eu precisar de um lugar para ficar.

Mitya fez o possível para permanecer relaxado. Sua mulher estava deitada em seus braços, nua, sonolenta, sexy como o inferno e totalmente relaxada. Ela não foi embora com Marzio, não que ela não pudesse decidir ir a qualquer momento. Ele precisava saber se tinha ou não um motivo para visitar Houston. Se ele não

gostasse do que iria ouvir agora, Marzio e seus filhos teriam uma vida muito curta.

— Você ainda está aqui, —apontou Mitya.

Ela deixou seus cílios caírem novamente. — É como dizem, melhor o diabo que você conhece. —Sua voz era provocadora. Seus cílios se ergueram novamente e seus olhos brilharam em um índigo vívido, um roxo profundo que sempre lhe tirava o fôlego.

— Mitya, eu não quero Alessandro Caruso. Não estou atraída por ele. Estou bastante atraída por você. Tanto, que todos os outros homens empalidecem em comparação.

Seu coração bateu forte. Ela era incrível. Mitya sabia que ela tinha reservas. Também sabia que ela estava com um pouco de medo dele. Certo, sendo sincero, com muito medo dele, mas ela teve a coragem de lhe dizer como se sentia.

— Isso é uma coisa boa, Ania. Não quero ter que lutar por você, mas se for preciso, certamente faria. Você vale mais que isso.

— Eu preciso descansar. Estou muito, muito exausta.

Ele já havia puxado os lençóis e os cobertores, então foi fácil contornar a cama, colocar um joelho no meio e depositá-la gentilmente no colchão. Ania rolou, enrolando-se como fazia quando queria dormir. Joelhos no peito, mãos dobradas sob o

travesseiro. Mitya usou a toalha para torcer o resto da água dos cabelos dela. Em algum lugar no quarto sabia que havia um secador de cabelo. Se ele não secasse seu cabelo com um secador, deixaria a cama do lado dela molhada.

— Mitya?

Ele correu para o banheiro e começar a vasculhar as gavetas. Se virou. — Sim, baby?

— Não desejo mais ninguém, além de você. É a *Jewel.* Algo está realmente errado com ela. Como é que vamos descobrir isso? Não sei o que fazer.

Ao contrário de Mitya, Ania não conhecia sua leopardo. *Jewel* não emergiu até que ela estivesse realmente no meio do *Han Vol Dan.* Agora, ela estava emergindo, abrindo caminho para a superfície, exigindo permissão para sair. Elas não haviam formado completamente seu vínculo de confiança uma com a outra. Ania estava aprendendo a conversar com a leopardo e isso levava tempo. Por outro lado, Mitya estava muito familiarizado com *Dymka* e seus modos cruéis e aterrorizantes.

Encontrou o secador e o trouxe de volta ao quarto para ligar. — Vou conversar com *Dymka* e descobrir qual é o problema. —Ele

ligou o secador e sentou na beira da cama, direcionando o calor através da massa de fios úmidos.

— Por favor, faça isso agora, Mitya. Ela afeta minha capacidade de pensar direito. Quando ela está muito perto da superfície, não consigo distinguir se o medo está vindo dela ou se sou eu.

Outra admissão direta. Mitya gostava dessa característica nela. Esse *por favor* torceu algo dentro dele. Uma parte dele gostava de ouvi-la dizer isso, a outra parte era uma massa agitada de dor de estômago. Não ouvia essas palavras com frequência. Não, essa não era exatamente a verdade. Ouviu sim, muitas vezes, quando a mando de seu pai, precisava extrair informações de alguém ou quando ia à caça de alguém que seu pai dizia ser um traidor ou que não pagara o dinheiro devido. Quando ele era o executor de seu pai, já ouvira essas palavras muitas vezes.

Ania começou a se virar na direção dele, mas como segurava o cabelo dela e ela não conseguia se mexer.

— Fique quieta, *kotyonok.*

— O que há de errado?

Ania estava muito ligada as emoções dele. Amaldiçoou baixinho. — Vou falar com ele agora. Apenas me dê um ou dois

minutos. O gato pode ser difícil. —Ele hesitou e depois confessou. Ela iria descobrir de qualquer maneira. — Isso foi um eufemismo. *Dymka* é temperamental, nervoso, impiedoso e cruel.

— Como você?

Não havia acusação ou julgamento. Também não havia humor. Ele tinha que assumir. — Como eu, —admitiu. — Ania, eu nunca machucaria você.

— Fale com o seu leopardo antes de me dizer isso. Tenho a sensação de que ele ameaçou *Jewel.* —Havia um pouquinho de acusação em seu tom agora.

Dymka. Ele não ia perder mais tempo. *Por que Jewel tem tanto medo de você?*

Sua pergunta foi recebida em silêncio. A paciência de Mitya instantaneamente acabou. *Porra, me responda agora. Você disse algo ou fez algo que a fez recuar. Pior, ela está disposta a renunciar ao vínculo com você e encontrar outro companheiro.*

Uma explosão de raiva cumprimentou essa declaração. *Isso nunca vai acontecer. Vou matar qualquer leopardo que tentar tirá-la de mim.*

Mitya tinha certeza de que *Dymka* faria exatamente isso. Seu leopardo era maior e mais forte que a maioria dos outros. Ele era muito mais experiente. Era um lutador desde que Mitya era criança e aperfeiçoou suas habilidades ao longo dos anos, lutando repetidamente com leopardos mais experientes até que ele era tão proficiente que outros o evitavam.

O que você fez? Ela está muito assustada. Ania também está passando por um momento difícil.

Houve um curto silêncio. *Ela emergiu na padaria.* Em vez de palavras reais, a imagem da padaria e os homens nela foram mostrados a ele. *Os leopardos a queriam. Todos eles. Eu podia sentir o cheiro neles. E um leopardo a alcançou. Ela é tão jovem que não percebeu o que estava fazendo e ainda gostou. Gostou de ter rivais à sua volta.* Mais uma vez, houve uma explosão de raiva.

Dymka tinha um pavio curto e não toleraria muito de sua companheira rebelde. Mitya suspirou. De certa forma, ele era do mesmo jeito. Não estava dando espaço para Ania se mexer. Ele a queria onde pudesse vê-la todos os minutos, e após a exibição de desobediência furtiva, de independência, passando por seus

guardas de segurança para segui-los, tinha que planejar outras maneiras de mantê-la segura.

Mitya também sentia o mesmo que *Dymka*, toda vez que Alessandro Caruso se aproximava de Ania, ele se tornava tão assassino e cruel quanto seu leopardo.

Se este é seu primeiro ciclo fértil, Dymka, ela tem medo e não sabe o que fazer.

Então deve confiar em seu companheiro.

Mitya quase gemeu alto. Isso soou como ele. Queria que Ania confiasse apenas nele e, de fato, exigia a confiança dela. Não conquistou essa confiança, não construiu uma conexão entre eles ao longo do tempo. *Não,* ele exigiu.

Quem foi o condutor dessas atitudes? Mitya? Ou *Dymka?* Cada um influenciava negativamente o outro? Mitya fez todos os esforços para ficar muito relaxado e calmo, na esperança de que seu leopardo mal-humorado o ouvisse. *Jewel tem tanto medo de você que está desesperada para escapar. Você a ameaçou?*

Houve outro breve silêncio e o coração de Mitya afundou. Essa resposta tinha que ser sim. O macho havia dito ou feito alguma coisa para assustar a pequena fêmea de Ania.



Eu sabia que você ficaria bravo comigo, Dymka formou imagens visuais na mente de Mitya. *Eu sei que não deveria. Ela já estava com muito medo antes disso. Eu disse que daria a ela a surra de uma vida se flertasse com outros machos ou, pior, se permitisse que eles a tocassem.*

Mitya respirou fundo. Ele conhecia seu leopardo, e sabia que havia mais do que isso que ele admitiu para Mitya. *O que mais? Quero tudo agora, Dymka.* Raramente usava esse tom com o leopardo. *Dymka* havia salvado sua vida tantas vezes. Além disso, sofreu incontáveis espancamentos quando Mitya era criança para salvá-lo.

Eu disse a ela que Ania sofreria ainda mais, que você bateria nela também para pagar pelas coisas que Jewel fez. A admissão saiu às pressas, como se o leopardo quisesse terminar logo com isso.

As imagens vindas de seu leopardo de Mitya em pé sobre Ania, com os punhos para cima e a fúria no rosto, Ania no chão, o deixaram doente. Ele não conseguia imaginar o quão pequena *Jewel* se sentia. Não é à toa que ela estava desesperada para proteger sua contraparte humana. A fúria o invadiu para rivalizar com a raiva de seu gato.

Eu nunca iria bater em Ania. Ou machucá-la de qualquer maneira. Eu eliminaria qualquer ameaça ao meu vínculo com ela, mas não importa o que ela fizesse, eu não machucaria Ania. Depois de viver com Lazar, você acha que ameaças como essa funcionam?

Funcionaram para Lazar.

Mitya forçou a calma. Desligou o secador, desconectou-o e o levou para o banheiro principal, precisando se mover. *Dymka* tinha razão. Ameaças haviam funcionado para seu pai. Ele frequentemente batia na esposa e nos filhos. Ele torturava até a submissão. Todo mundo o obedecia cegamente porque, se não, era pior para eles.

Esse é o tipo de relacionamento que você quer com Jewel? Que ela tenha medo de você? Mitya foi cauteloso em sua pergunta, escolhendo suas imagens com cuidado. Seu leopardo estava tão fodido assim? Porque, se ele estava, que tipo de esperança poderia ter para seu próprio relacionamento com Ania? O humor de seu leopardo definitivamente o afetava.

Eu quero que ela seja minha.

Pela primeira vez, Mitya sentiu o desespero no leopardo. Ele tomou outro fôlego, tentando entender o que estava acontecendo na mente do gato. *Explique-se.*



Estou com raiva o tempo todo e faço você se sentir assim. Você está feliz com Ania. Eu sinto. Estou em paz quando Jewel está perto. Não sinto raiva. É a primeira vez que me lembro que não quero matar. É a primeira vez que me lembro que você não quer machucar alguém. Jewel e Ania nos tornam melhores. Mas Jewel se levantou com outros machos por perto e ela os convidou ainda mais para perto.

Raiva e fúria voltaram instantaneamente à memória. O leopardo queria caminhar e Mitya deu-lhe isso, andando pela extensão do quarto principal e de volta, repetidamente como um animal enjaulado.

Ela arriscou o que tínhamos. Ela arriscou sua felicidade. Nossa paz.

Como se explica isso a um animal? Por mais inteligente que *Dymka* fosse, os traços do leopardo estavam enraizados em *Jewel.* A natureza a comandou durante um calor. Ele tinha que tentar fazer o gato entender.

Jewel nunca passou por um calor ao mesmo tempo que Ania. O impulso natural é muito forte. Todas as fêmeas podem ser muito amorosas e paqueradoras durante esse período. Ela se aproximará de você e depois te

rejeitará. É assim que é para elas. Jewel não tinha ideia de que aqueles homens estavam na padaria. Ela não tem controle sobre quando se levanta. Dymka, o que você fez, ameaçando-a, foi errado. Isso a afastou de você.

Houve um longo silêncio. Ele sentiu a necessidade de *Dymka* emergir mais forte do que nunca, mas saber que ele havia ameaçado Ania, mesmo através de Mitya, não o fez sentir que ela estava segura.

Eu nunca machucaria Ania.

Ela é frágil em comparação a você. Uma mordida, um golpe de sua pata, e você pode matá-la. Se você matá-la, mata Jewel e nos mata. Mitya deixou isso claro. *Se eu perder Ania, não vou continuar nessa vida.* Ele deixou isso claro também. Se o seu Leopardo precisasse de diretrizes e limites firmes, os daria ao gato.

Estou ciente. O tom era conciliatório.

Jewel pode muito bem tentar suprimir seu calor para evitar o ritual de acasalamento, Dymka. Isso não era uma ameaça, mas uma possibilidade muito real.

Mais uma vez, houve um longo silêncio. *Quero que Ania chame Jewel. Eu vou conversar com ela.*

Mitya não estava certo de que era uma boa ideia. Ania estava exausta, mas também ainda estava muito cautelosa com Mitya. Ela pode ter se comprometido com a relação deles e ele tinha certeza de que ela cumpriria esse compromisso, mas sabia que se a sua leopardo a pressionasse a correr, ela o faria. Ele não queria essa ameaça pairando sobre sua cabeça. Não quando sabia o que estava por vir. Ou quem.

Drake Donovan trouxe a notícia de que Sasha Bogomolov, na *Flórida*[24], enviou a ele a notícia de que havia rumores nas comunidades russas de que Lazar estava fazendo perguntas. Joshua havia lhe dito que o próprio Lazar o procurara, fazendo perguntas sobre Mitya, Fyodor, Sevastyan e Gorya. Ele queria saber sobre os locais onde eles vivem e quantos guardas tinham. Lazar estava oferecendo muito dinheiro por informações.

Mitya não queria compartilhar essas notícias com Ania até que ele cimentasse o relacionamento deles. Ela o achava autoritário. Ele queria que ela soubesse que havia uma razão pela qual precisava ser autoritário. Sua segurança era primordial. Para

---

24 

A **Flórida** é um estado situado no extremo sudeste dos EUA, com o Oceano Atlântico de um lado e o Golfo do México do outro. O estado conta com centenas de milhas de praias. A cidade de Miami é conhecida pelas influências culturais latino-americanas e pelo cenário artístico de destaque, bem como pela vida noturna, especialmente na sofisticada South Beach. Orlando é famosa pelos parques temáticos, entre eles o Walt Disney World.

complicar as coisas, havia uma ameaça muito real para ela. Se seu avô pegou um caderno que Amory havia preenchido com informações condenatórias sobre Jake Bannaconni e Drake Donovan, quem havia pedido essas informações? Quem contratou Amory em primeiro lugar e por quê? O caderno fora enviado de Nova Orleans para os Anwars em Houston, mas nunca chegou. O avô dela era o motorista.

Que tipo de coincidência era essa em que o seu pai fez uma entrega de Nova Orleans à família Caruso ao mesmo tempo em que seu avô fazia uma entrega aos Anwars? Seu avô se deu ao trabalho de olhar para o caderno? Ele sabia que era um pequeno caderno simples sendo transportado. Isso teria despertado sua suspeita? Essas informações estavam sendo enviadas para as duas famílias? Onde estava o caderno agora? Onde seu avô a escondera? A família Anwar suspeitava de Drake Donovan e Jake Bannaconni?

A maioria dos criminosos sabiam que Donovan não era alguém com quem brincar. E Bannaconni era famoso por derrubar empresas. Ele havia derrubado alguns negócios de propriedade da Máfia, mas a maioria daqueles que derrubou eram legítimos. Isso deixava a questão, o que mais havia naquele caderno?

Havia evidências contra Fyodor? Ou Mitya? Joshua? Inclusive Elijah? Todos eles se uniram para derrubar o pior das famílias criminosas. De certa forma, para Mitya, era tentar compensar alguns dos crimes horrendos que cometera trabalhando para o pai. Ele sabia que era o mesmo para Fyodor.

Mitya sabia muito bem que ele nasceu para ser um *vor.* Foi criado para ser o chefão. Para governar um covil. Não conhecia outra vida, nem era adequado a nenhuma outra. Tentou ser guarda-costas. Não queria que a tentação que o poder e corrupção podem trazer. Viu o que tinha acontecido com os líderes dos covis em seu mundo em casa. Ele viu evidências disso aqui em sua nova casa também. Amigos matando amigos.

— Mitya. —Ania sentou-se lentamente, puxando para trás os cabelos pesados, a ação elevou seus seios enquanto ela deslizava para trás para a cabeceira da cama. — O que há de errado? O que *Dymka* te contou?

— Ele quer acertar as coisas com ela.

— Você está muito agitado.

Era apenas uma observação, não uma acusação, mas por alguma razão, seu temperamento aumentou. Instantaneamente,



percebeu que *Dymka* estava com vergonha e não queria que sua mulher soubesse o que havia sido dito entre os dois.

Se você quiser que ela entenda e permita que você se aproxime de Jewel, tenho que fazê-la entender.

Mitya continuou a andar, tentando não olhar para Ania. As cobertas estavam em volta da cintura, mas ela levou as mãos aos cabelos, tentando domar a massa. Ele não pôde deixar de olhar. Gostava dos seios dela. Gostava de como eles eram perfeitos. Os montes macios, os pequenos mamilos duros que ficavam ainda mais duros para ele quando sua boca estava nela. As pernas dela se mexeram sob os cobertores, chamando a atenção dele para lá. Seu corpo respondeu apesar de estar tão agitado quanto ela havia observado.

Diga a ela. Ela vai me desprezar.

Esse é o seu julgamento sobre si mesmo, não o dela sobre você. Mitya esperava que isso fosse a verdade.

Ele voltou para a cama, parou perto dela, colocou as mãos na fivela do cinto e tirou as calças lentamente, agradecido por ter tirado os sapatos mais cedo. — Ele ficou com ciúmes quando os outros leopardos estavam cercando você na padaria. E furioso com

Jewel quando ela emergiu. Ele não entendeu que ela não tinha controle sobre o momento. Nem ele entendeu que uma mulher ...

Mitya parou quando percebeu que estava entrando em águas turvas. A camisa dele foi jogada no chão. — Uma leopardo fêmea, —ele corrigiu, — pode ser muito paqueradora durante um calor. Elas são vocais e muito amorosas. Chamam um macho e depois o rejeitam, são bastante cruéis. Dois minutos depois, elas se esquivam e chamam o macho novamente.

Ania começou a trançar o cabelo, os olhos primeiro no rosto, mas deslizando em direção ao pênis dele e depois recuando novamente. Mordendo o lábio, ela assentiu. — Eu pesquisei uma vez. Não há nada sobre shifters, mas há um monte informações sobre leopardos.

— Então você sabe. *Dymka* estava bravo com ela. Ele não sabia que ela estava se comportando naturalmente.

— Como uma maníaca sexual selvagem e fora de controle. — Ela corou. — Como eu fico com você. —Mais uma vez, seu olhar caiu para seu pau.

Sua ereção era grossa e muito proeminente. Mitya gostou que ela olhasse para ele, e ela obviamente gostou do que via.

— Acredito que é mútuo, Ania. E eu gosto. Eu sabia o que esperar, então tenho uma vantagem que sua leopardo e o meu não tinham. De qualquer forma, *Dymka* ficou com tanta raiva que a ameaçou com uma surra. Os leopardos podem ser extremamente duros um com o outro, de modo que não foi o pior que ele poderia ter dito. *Jewel* não gostou, mas acho que ela teria aceitado a ameaça se *Dymka* tivesse parado com ela por aí. Ele ameaçou que eu bateria em você.

As mãos dela congelaram em seus cabelos. Ele achou que ela ficou um pouco pálida.

Mitya se abaixou e agarrou os cobertores. — Você acha que eu bateria em você? Alguma vez achou isso?

Ania hesitou antes de responder. Quando respirou fundo, seus seios subiram e desceram. Ela deixou cair os braços. — Acredito que *Dymka* influencia muito você, e se ele estiver furioso ... —Ela não terminou, pareceu um pouco angustiada, como se estivesse aterrorizada com a possibilidade dele ficar zangado por ela considerar isso, mas no entanto não conseguiu evitar.

— Sempre existe esse medo, mas à medida que envelheci, fiquei mais forte. Muito forte. Eu tive que ficar para resistir ao meu pai. Ao fazer isso, descobri que tinha muito mais controle sobre

meu leopardo e suas mudanças de humor. Aprendi a lidar com ele e as várias emoções negativas que ele me trouxe. Sei absolutamente, sem dúvida, que nunca te bateria com raiva ou fúria. Eu desprezava meu pai por espancar minha mãe e nunca iria querer ser esse homem.

Alívio apareceu em seus olhos. Ele foi até o pé da cama, estendeu a mão e agarrou os tornozelos dela e os separou. O olhar dela saltou para o rosto dele. Selvagem. Púrpuro. Instantaneamente sensual. Tanto calor.

— Sei que está cansada, *kotyonok*, então não irei te obrigar a fazer nada além de sentar e descansar. Eu só quero saciar a mim mesmo.

Os dedos dele cercaram seus tornozelos e deslizaram pelas panturrilhas. Mitya amava a sensação da seda de sua pele. — De qualquer forma, no instante em que *Jewel* ouviu *Dymka* te ameaçar, ela não me queria para você, nem *Dymka* para ela.

— Isso faz sentido.

Ele poderia dizer que a respiração dela ficou presa na garganta. Parecia como se estivesse se esforçando para respirar. Ele continuou a acariciar as pernas dela, abrindo-as ainda mais, as mãos massageando os joelhos dela e logo acima deles. Mitya

gostava de apreciar a umidade que brilhava entre as dobras dela, por ele. Tão bonita. Dizia-lhe que ela gostava de seu estilo particular de fazer amor.

— Expliquei a ele que não somos Lazar. Não governamos pelo medo, principalmente nossas mulheres. Ele entendeu. Ele já sabia que estava errado, mas não sabia o que fazer para consertar as coisas. *Dymka* quer falar com *Jewel*. Eu disse a ele que teria que esperar. Quero meu tempo com você. Senti sua falta. —Ele tinha sido muito cuidadoso com ela, desde que seu pai morreu.

Mitya se inclinou e mordiscou a parte interna da coxa da perna esquerda, seguindo-a lambendo o mesmo caminho e depois usando os dentes, raspando para frente e para trás enquanto seguia a mesma trilha. Todo o corpo dela estremeceu, e ela teria fechado as pernas, mas ele as segurou, seu corpo entre elas. Ele as manteve abertas.

Mitya a encarou. — Baby, o que eu disse? Estou com vontade de saciar a mim mesmo. Isso significa que você não se mexe. Você fica onde eu te coloquei.

Ele mordeu sua coxa macia e sensível perto de sua entrada. Fez valer a pena, querendo que ela visse que ele poderia repreendê-



la de uma maneira sensual e erótica. Imediatamente sua língua lambeu, acalmando a mordida.

— *Ai!* —Ela olhou para ele, mas não afastou a perna.

Mais mel fresco derramou de seu corpo. Ele passou o dedo pela umidade dela e o levou a boca antes de mudar sua atenção para a coxa direita. Repetiu a mesma ação daquele lado, mordiscando, lambendo e depois raspando com os dentes suavemente. Como havia mordido a esquerda, era justo repetir a mesma ação na direita.

— *Ai!* —Ela gritou novamente e pegou o cabelo dele em seu punho.

Não tentou puxar a cabeça dele, o que foi uma coisa boa. Mitya sorriu contra a perna dela. — Você parece um pouco como uma ameixa, —ele mentiu, esfregando o interior de sua coxa. Para o alto. Perto de onde ela queria que ele a tocasse. Mas ele não a tocou.

Ania tentou ficar quieta para ele, mas se contorceu um pouco. Ele levantou a cabeça. — Mulher. Você não está ouvindo.

— Você está tornando as regras impossíveis de serem seguidas de propósito.

— Para que eu possa satisfazer minha necessidade de puni-la. —Ele inclinou a cabeça e lambeu o clitóris. O corpo dela inteiro estremeceu de prazer e seu punho apertou seus cabelos. Ele levantou a cabeça novamente.

— Por que precisa me punir? —As sobrancelhas dela se ergueram, mas seus seios, seu pescoço e rosto estavam corados. Seus mamilos eram pequenos e duros picos.

— Gosto de ver seu belo traseiro com minhas marcas de mãos nele. Também gosto de morder sua bunda, —ele admitiu. — E depois esfregar todo esse calor, vê-lo se espalhar pela sua linda buceta e eu receber os benefícios.

Ania quase engasgou. — Entendi.

— Se você não quiser que eu satisfaça esse meu lado, é melhor ficar parada. —Ele levantou a cabeça e de repente puxou seu corpo para baixo, usando as coxas dela, então ela deslizou ao longo do colchão até ficar deitada.

Ania soltou um pequeno grito e depois reprimiu uma risada. — Você é tão louco, Mitya.

— Estou com tanta fome, Ania, —ele respondeu, e segurou seu traseiro com as duas mãos para levantar os quadris dela da cama. Ele soprou ar quente sobre a buceta dela, meio esperando

que o vapor subisse. Podia sentir o calor derramar dela. — Se eu pudesse, eu te comeria cem vezes por dia, —disse ele, falando sério. — Eu amo o seu sabor.

— Qual é o meu sabor?

— Sabor de *você é minha*. —Ele inclinou a cabeça na direção dela e desceu a boca na sua fenda encharcada com seu próprio afrodisíaco. Para ele, o gosto dela tinha aquele sabor requintado de *favo de mel* selvagem, perfumado com frutas cítricas ou, às vezes, lavanda, como agora. O sabor dela tendia a permanecer na língua dele, lembrando-o com frequência do quão diferente ela era. Mitya a saboreou em cada mordida, lambida, sua boca, língua e dentes se movendo sobre ela. Sugou seu clitóris, apreciando esse sabor exótico.

A respiração dela parou e depois explodiu para fora. Tornou-se irregular. Difícil. Cru. Ania ofegou o nome dele. Soluçou. Ela não se mexeu, mantendo-se imóvel por mais tempo. Era impossível, assim como ele sabia que seria. Usou os dedos, o polegar, retirando o líquido e espalhando sobre ela. Quando ele enterrou um dedo nela e depois usou o polegar entre as bochechas de sua bunda, os quadris dela se sacudiram.

Sorrindo maliciosamente, ele levantou a cabeça, esperou até que os olhos dela estivessem abertos e então se moveu sobre ela, cobrindo seu corpo, pressionando os seios delas com o seu peito. Ania mal conseguia respirar. — Má, garota má, —ele sussurrou, emoldurando seu rosto com as duas mãos. — Você não deveria se mexer. —Ele desceu em sua boca, beijando-a, o sabor do mel dela ainda em sua língua. Ela não se afastou dele.

— Meu rosto está molhado de sua umidade, baby. Passe sua língua nele e o limpe para mim.

Ela não hesitou. A língua dela o lambeu no lado esquerdo do rosto, removendo o mel de sua buceta. Então ela o beijou, compartilhando cada gota com ele antes de fazer o mesmo no lado direito.

Seu pau estremeceu e pulsou. Quase explodiu. Ania era sexy além de suas imaginações mais loucas. No momento em que ela terminou, percebeu que ela estava lutando para respirar com seu peso esmagando-a no colchão, rapidamente ele ficou de joelhos e a rolou de barriga para baixo, prendendo as mãos sob ela. Antes que Ania pudesse se mover, ele estava entre as pernas dela novamente.



— Eu amo essa sua bunda, Ania, —ele compartilhou, esfregando os globos pequenos e firmes. Passou o dedo entre as bochechas da buda dela. A provocando. — Algum dia, baby, eu vou apresentar a você todos os tipos de coisas muito deliciosas e sujas. Agora, estou saciando a mim mesmo.

Ele não esperou. A mão dele era grande e cada tapa foi forte, deixando as bochechas vermelhas. Mitya variava a intensidade de forte e gentil, evitando um ritmo que a pele dela pudesse se acostumar. Ele parou abruptamente e começou a massagear, espalhando o calor, exatamente como disse que faria. Seus dedos mergulharam em sua vagina, encontrando-a mais escorregadia e mais quente.

Ele sorriu. — Amo como responde as coisas que faço com você.

Ania empurrou para trás com os quadris e ele imediatamente removeu os dedos e começou tudo de novo, estapeando seu traseiro. Pouco antes de ter certeza de que ela começaria a protestar, ele passava a massagear, esfregar, amassar. Espalhou beijos e depois mordeu no meio da impressão da mão.

A respiração dela sibilou, mas ela empurrou de volta para ele. Mitya repetiu imediatamente a ação do outro lado para ser justo.



Pegou os quadris dela e a puxou de joelhos, já sobre os dele. Segurou seu pau na mão e a penetrou subitamente, quase a derrubando de volta para o colchão. Ela gemeu alto. Entoou o nome dele. Ania se empurrou contra ele com cada impulso dele para frente.

Fogo correu por sua espinha, rugiu através de seu pênis. Seus músculos tensos eram tão quentes que ele sentiu a queimadura atravessar toda a virilha. Sentiu o coração dela pulsar em sua vagina e sabia que ela sentia o dele através de seu pênis. Os dedos dele se moveram para frente e para trás ao longo da abertura de suas bochechas. Ela estava escorregadia de sua umidade e ele empurrou o dedo nela, mais profundo do que nunca, de modo que pôde sentir seu pênis trabalhando nela.

Ania soluçou o nome dele e empurrou de volta para ele enquanto as terminações nervosas aumentavam seu prazer ainda mais. Ele não conseguia desacelerar, seus quadris movendo-se duramente, tão viciado nas chamas escaldantes que nunca mais queria deixá-la. O suor escorria por eles sem parar enquanto se dirigia dentro do corpo dela com força, e quando o primeiro orgasmo a atingiu, foi como um maremoto, impossível de parar. Sentir as contrações do orgasmo dela era tudo o que ele podia fazer. O corpo dela o engolindo, o apertando, ameaçando levá-lo

com ela. Ania gritou, mas ele continuou o ritmo através dela, o atrito entre seus corpos era incrível.

Ania desabou sobre os cotovelos, ele segurou os quadris dela com as duas mãos, puxando-a para ele com tanta força quanto ele afundava nela. Sua respiração entrava e saia de seus pulmões, tão difícil que ele não tinha certeza de que sobreviveria, mas isso não importava. Nada importava, exceto o tempo que passaria dentro do corpo dela, nesse lugar apertado e abrasador de puro prazer. Mitya continuou entrando e saíndo dela.

O corpo dela apertou em torno do dele. Espremendo-o como um torno. Por um momento foi como se tudo parasse. Prendeu a respiração. Então gozou, um tsunami além de tudo o que havia experimentado. Os músculos dela pareciam um milhão de línguas quentes de seda, apertando-o, sugando-o, ordenhando e bombeando, queimando até que o jorro quente de sua semente revestisse suas paredes repetidas vezes.

Mitya caiu sobre ela, levando-a ao colchão. Ambos estavam ofegantes, desesperados por ar. Ele não podia se mover, seu coração batia forte e seu pau pulsava. Cada ondulação do corpo dela apertava seu pênis sensível, mas ele não tinha força para sair dela. Ficaram ainda unidos por um longo tempo, apenas sentindo seus corpos e a maneira como queimaram juntos.

Eventualmente, Mitya se forçou a sair dela para não matá-la sufocada. Deslizou a mão pelas costas até a bunda, massageando suavemente cada bochecha dela. Ele amava a pele dela. Amava o que sentia ao tocá-la. Amava o fato de que não importa o que fazia, ela estava com ele o tempo todo. Ania nunca protestou quando ele caia sobre ela, mesmo que a esmagasse contra o colchão.

O rosto dela estava virado para longe dele, então ele aproveitou. — Sei que pensa que estou com você por causa do meu leopardo. Eu não estou, Ania. Estou com você por mim. Você me deu mais do que eu esperava ter um dia. Nunca pensei que qualquer mulher pudesse viver comigo. Ou suportar as coisas que eu preciso em uma companheira. Pensei que era impossível qualquer mulher me amar ...

No momento em que ele disse isso, a cabeça dela virou, os olhos o encarando. — Por que diabos você pensaria isso? —Ela exigiu. — Mitya, você é um homem maravilhoso. —Um leve sorriso apareceu em sua boca, erguendo os lábios e iluminando os olhos. — Sem os seus modos excessivamente e irritantemente *mandões,* você seria realmente maravilhoso.

Ele se inclinou para ela e beijou o seu nariz. — Você gosta do meu jeito extremamente mandão.

Ela fez um show revirando os olhos. — Eu gosto de você, com certeza.

Ele ficou sério instantaneamente. — Acha que poderia me amar, Ania? Se eu te der tempo? Existe alguma possibilidade? Prefiro saber agora a esperar para ver ...

— Você é tão bobo. Realmente acha que eu estaria aqui porque ameaçou vir atrás de mim se eu corresse? Eu procuraria ajuda de Drake, ou a uma das outras famílias. Estou aqui porque já descobri que não posso ficar sem você. Posso estar com medo e não sei se é porque *Jewel* está, ou se é porque tenho ainda algum senso de proteção, talvez uma combinação dos dois, mas saí de casa naquela noite porque a idéia de perdê-lo era demais para mim.

— Posso dizer-lhe sem reservas, Ania, não sei nada sobre amor, então não tenho certeza se essa é a melhor maneira de lhe dizer isso, mas sei com total certeza de que não posso mais continuar nesse mundo sem você. Se existe uma pessoa nesta terra, além de meus primos idiotas que me colocaram nessa bagunça, posso dizer que você é a pessoa que amo. E desde que foram eles que me meteram nessa bagunça, você está muito acima deles na linha de frente.

Ania começou a rir. Ela rolou de costas e olhou para o teto, os braços cruzados sobre o estômago, risos saindo dela como uma sinfonia dourada. — Você é muito louco. Seus primos idiotas te meteram em uma bagunça? E eu estou na linha de frente acima deles? Essa é a sua declaração de amor?

Seus olhos encontraram os dele e ela de repente rolou de novo, desta vez arremessando seu corpo sobre o dele, esparramando sobre ele, o riso desaparecendo de seus lindos olhos. — Essa é a melhor declaração de amor que eu já ouvi, e eu vou apreciá-la. Sinceramente, pensei que você não se importava comigo, Mitya, que seu interesse sempre foi por *Jewel.*

Os dentes dele roçaram suavemente a orelha dela. — É o contrário. *Dymka* tem muita sorte que *Jewel* o aceitou.

— É melhor ele ser bom com ela.

— Acho que ele aprendeu a lição. Deixe-me me limpar e encontrar uma toalha para você. Então deixaremos os leopardos conversarem e ver se eles podem esclarecer as coisas entre eles.

— *Jewel* está muito mal-humorada.

— Ela vai emergir muito em breve, e ficaremos mais selvagens. O sexo entre os leopardos é áspero e ocorre muitas vezes em um curto período de tempo, Ania. Quando isso acontecer, gostaria de

poder ser mais gentil, mas não será. Acho que *Jewel* está prestes a emergir, goste ou não.

— Você está dizendo que quando *Jewel* e eu não formos mais férteis simultaneamente, você e eu não teremos nosso sexo selvagem e louco? Porque não ficarei feliz com isso.

Ele sorriu para ela quando saiu da cama. — Não, baby, não estou dizendo isso. Só estou dizendo que a sua leopardo ficará surpresa se ela se recusar a falar com *Dymka*. Não vamos arriscar que ela suba sem que eu esteja por perto. De agora em diante, onde quer que eu vá, você também vai.

Ela não protestou, embora ele achasse que iria. Em vez disso, sorriu maliciosamente, o que o fez parar quando molhava e aquecia uma toalha para ela.

— Você está tramando alguma coisa?

— Porque pensaria isso?

Ania já estava acostumada com as ministrações dele agora. Apenas abriu as pernas e deixou que ele a lavasse. Ele gostava de cuidar dela. Ainda achava que ela estava tramando algo.

— Ania, —ele advertiu.

Ela sorriu e balançou a cabeça. — Eu não quero que *Jewel* suba sem você estar por perto. Lembra como foi horrível na padaria sem você? Se não se lembra, eu certamente lembro.

Ele não podia discutir com isso, apesar de ter ficado desconfiado.

Onze

— EU NÃO SEI por que os homens pensam que as mulheres é que são as fofoqueiras, —disse Evangeline, sentando na cadeira em frente a Ania. — Eles estão todos lá atrás, no escritório do meu marido, se é que se pode chamar aquilo de escritório—a coisa que ele mais faz lá dentro é só comer meus doces—estão falando de coisas que eu não devo saber.

Ania não pôde deixar de sorrir. — Você quer saber sobre o que estão falando?



— Absolutamente não. Gosto de assar meus bolos e vendê-los a clientes satisfeitos. A padaria é muito popular, acho que graças ao meu casamento com Fyodor. Este é o lugar favorito dos policiais e parece haver muitos policiais.

— Acho que é mais provável que sua padaria seja popular porque seus bolos são definitivamente os melhores. —Ania apoiou o queixo na palma da mão. — Como está a reforma da cafeteria? Sei que a parede foi derrubada e a construção havia começado, mas não ouço os martelos.

— Está sendo frustrante, —disse Evangeline, passando a mão na testa. — Não que eu queira que alguém venha trabalhar doente, mas o projeto original nos garantia que a obra levaria apenas algumas semanas. Acho que esta mais para alguns meses. Todo mundo parece ter contraído a gripe. O mestre de obra disse que ia contratar novos trabalhadores. Timur não ficou empolgado com a ideia e agora estão enrolando para resolver o problema.

— Timur é como Sevastyan, não é? —Ania observou. — Estou conhecendo todos um pouco melhor. —Ela franziu a testa e viu Evangeline pressionar a mão na boca. A mão dela estava tremendo. — Você ainda está doente? Pensei que isso desaparece após as primeiras semanas.

— Acho que geralmente é assim, —admitiu Evangeline. — Infelizmente, lembra-se de que eu lhe disse que tenho hiperêmese gravídica? Isso significa que fico muito doente e às vezes preciso de repor líquidos por uma intravenosa. No meu caso parece não estar indo embora. O pior é que isso pode acontecer novamente com outras gestações, o que não me deixa ansiosa por mais filhos.

— Isso é terrível, Evangeline, —Ania simpatizou. — Eu odiaria isso. —Ela olhou em volta da bela padaria. Claramente, Evangeline havia colocado seu coração e alma em seus negócios. — Você ama este lugar, não é?

Enquanto continuava a conversa, Ania praticou observar as pessoas na calçada passando. *O que eles estavam vestindo? Como eles eram? Altura. Peso. Cor de cabelo. Ela poderia identificá-los novamente?* Sevastyan falou muito sobre a maneira do andar. De como alguém se movia. Ele disse a ela que qualquer um poderia disfarçar a aparência, mas poucos poderiam mudar a maneira como andam. *Os carros na rua.* Que ela prestasse muita atenção aos grupos na rua. Alguém andando perto da padaria. De quem entrava na padaria. A pessoa entrou carregando algum pacote? Quando saiu, ainda estava carregando o pacote?

Ania precisava praticar muito a observação. Por outro lado, ninguém poderia igualar suas habilidades de direção. Ninguém



poderia competir com ela em vistoriar um carro à procura de bombas ou qualquer coisa fora do comum. Carros eram a coisa dela. Ania poderia nomear todas as marcas, modelos, cores, motores, podia praticamente dizer a Sevastyan que tipo de janelas estavam em um carro.

Ela não disse uma palavra a Mitya sobre trabalhar na força de segurança dele. Mitya perderia a cabeça. Ele era tão protetor com ela que mal podia ir ao banheiro feminino sem cinco homens a seguindo. Ainda assim, não iria desistir da ideia. Sevastyan não a queria como guarda-costas, mas queria que ela dirigisse. Eles até discutiram maneiras de fazer Mitya concordar com ela o levando para dar umas voltas por aí.

Havia apenas um pequeno problema ao longo do caminho. *Sexo.* Mitya gostava dela no banco de trás com ele por um motivo. No momento em que o carro estava em movimento e a tela de privacidade se fechava, ele queria a boca dela nele, ou queria seu pau nela. Ele tomava um gole de bebida e derramava na pele, sobre os seios e o umbigo dela. Uma vez ele encheu a boca de champanhe e borrifou uma pequena quantidade nela, depois passou quase todo o caminho de casa, sugando cada gota que encontrou nela. Mitya *adorava* sexo no carro. OK. Mitya amava sexo em todos os lugares. Às vezes, a levava para a varanda da casa deles. Lá fora nos jardins.

Uma vez no telhado, quando a levou para ver as estrelas. Não importa onde estavam, sempre estava disposto a ser criativo. Ania duvidava que ele desistisse de fazer sexo no carro só para que ela pudesse dirigir. Com toda a honestidade, ela não tinha certeza de que iria desistir de sexo no carro com ele apenas para dirigir. Ela adorava tanto quanto ele.

Ania suspirou e continuou observando aqueles que passavam. Segundo Sevastyan, o tráfego de pedestres aumentou bastante nas últimas semanas. Isso era bom para os negócios de Evangeline, mas não tão bom para aqueles que faziam a segurança do local.

— Fyodor também queria expandir essa sala, —disse Evangeline. — Mas depois de ver quanto tempo está levando para a construção da cafeteria de Ashe, eu disse que não. Não quero que meus clientes ouçam os martelos soando o dia todo. Na verdade, eu ia ver se Fyodor poderia encontrar uma maneira deles trabalharem à noite depois que eu fechasse. Sei que é um inconveniente, mas talvez se pagarmos mais valerá a pena para a equipe.

— Essa é uma boa ideia. Timur também iria gostar.

Evangeline fez uma careta. — Não iria. Timur gosta de poder ver todo mundo como um falcão. E se ele não estiver aqui



embaixo? E se colocaram algo na cozinha? É assim que ele pensa. Timur preferiria que eu deixasse a padaria e ficasse em casa. Ele pensa que, quando eu tiver os gêmeos, é o que farei.

— Você não vai fazer isso?

Evangeline balançou a cabeça. — Eu já estou planejando um berçário aqui na padaria. Estive desenhando, do jeito que eu fiz nesta padaria e no café de Ashe. Fyodor e Timur são donos de todos os edifícios. A do lado da cafeteria ficará vazia em dois meses. Perguntei a ele se eu também poderia ter aquele lugar. — Ela deu um pequeno sorriso. — Eles acham que eu quero expandir a padaria mais ainda. Mas na verdade, quero fazer um berçário e uma sala de brinquedos aconchegante para os gêmeos. Dessa forma, posso tê-los aqui por perto enquanto estarei trabalhando.

Ania riu baixinho. — Acho você incrível, Evangeline. Como faz isso? Sempre acreditei que eu era uma mulher forte, mas Mitya começa a distribuir decretos e eu simplesmente pareço entrar na fila. Você não discute, apenas faz o que quer.

Evangeline encolheu os ombros. — Você tem que escolher suas batalhas com homens como Fyodor e Mitya. Aliás, como todos os primos. Há certas coisas que realmente são importantes para eles. A segurança é uma coisa muita séria para eles. Muito

importante. Costumo observar o rosto de Mitya quando ele está perto de você. Ele acha que o sol, a lua e as estrelas giram em torno de você. Isso é perigoso, porque seu fator de proteção já é enorme. Junte isso à maneira como ele te ama e você não tem muita chance de ganhar uma discussão quando se trata de questões de segurança. Simplesmente não vai acontecer. Você tem que se resignar a isso.

Ania balançou a cabeça. — Eu já senti a vantagem dele ser assim algumas vezes. Mesmo assim, amo dirigir em alta velocidade. Sempre foi minha fuga. Às vezes, tinha a necessidade de descarregar uma grande quantidade de adrenalina, e eu saía furtivamente e corria nas ruas. Considerei fazer isso uma ou duas vezes. Mas depois fazemos sexo selvagem e a vontade passa. —Ela riu de si mesma, mas ao mesmo tempo se sentiu um pouco culpada por Mitya poder contorná-la tão facilmente.

— Você acha que correr é um grande desejo seu? Porque se assim for, precisa falar sobre isso.

Ania sabia que não era. — Não. Às vezes eu só quero a adrenalina da alto velocidade. Sexo com Mitya é melhor.

— Querida, se realmente o ama, precisa dar as coisas que ele precisa. Você realmente precisa fazer essas corridas de rua? Não, provavelmente não. Gosta, mas não é algo que precisa ou deseja

com cada fibra do seu ser. Então ceda a sua corrida, agarre Mitya e tenha a sua adrenalina com ele.

Evangeline olhou em volta e gesticulou. — Esta padaria representa minha independência. Minha capacidade de superar a minha infância. Eu preciso disso. Talvez não para sempre, mas o faço agora. Tive que sentar com meu homem e o deixei saber exatamente o que a padaria significa para mim.

— E ele entendeu?

— Depois de algumas conversas. O problema é que, para esses homens, quando eles te amam, quando você é o mundo deles, eles ouvem porque a querem feliz. Timur não se importa tanto com a minha felicidade quanto se preocupa com a minha segurança. Ele amaldiçoa muito, mas acomoda o que eu preciso. Agora, Ashe. Se ela disser que quer a padaria e é importante, esse homem plantara bananeiras com as mãos para dar a ela. Ainda assim, Ashe permanece dentro dos limites que ele lhe dá para sua segurança.

Evangeline inclinou-se para ela. — Mas você merece ter o seu sonho, Ania, seja o que for. Você vendeu o negócio da sua família, então deve haver algo que sempre desejou secretamente.

Ania olhou para o seu *latte* como se isso desse respostas. — Sempre pensei que teria que assumir os negócios da família. Não

sou muito feminina, mas ... —Ela hesitou e olhou em volta novamente. — Se eu não estivesse dirigindo, o que eu adoraria fazer para Sevastyan, não me importaria em tentar projetar carros.

— Por que você não deveria fazer isso?

— Não é prático. Meu pai não ficou tão empolgado quando falei com ele sobre isso. —Uma onda de calor deslizou sobre Ania e seus seios de repente ficaram inchados e doloridos. Seus mamilos pressionaram seu sutiã de renda, esfregando, machucando, mas ao mesmo tempo provocando uma chama de desejo. Ela tocou a língua no lábio superior. — Com licença, Evangeline, acho que preciso ir ao banheiro feminino.

Ania se levantou e começou a andar no momento em que a pequena campainha por cima da porta soou. Olhou para cima e seu coração deu um pulo quando Alessandro Caruso entrou pela porta.

Você é uma coisinha horrível, ela sussurrou para *Jewel. Você nem fala com Dymka, mas no momento em que ele aparece, você fica assim, rolando e tentando transar.*

Ela nem acenou com a mão antes de praticamente correr para o banheiro. Pequenas gotas de suor pingavam entre seus seios. Seu clitóris pulsava e latejava como uma chama viva. Ela queimava

entre as pernas. Olhou-se no espelho e pôde ver que seus olhos estavam dilatados, um roxo escuro que lembrava dois *amores-perfeitos*[25] brilhantes pressionados em seu rosto. Ela agarrou a pia enquanto outra onda de calor a atravessava, e seu sexo apertou com força. Mal podia respirar.

Jewel, o que está fazendo? Não posso trair Mitya. Não vou. Irei me trancar neste banheiro antes disso acontecer.

Jewel parecia estar em um estado de completo caos. Medo, necessidade, fome e desespero, todos misturados em uma terrível tempestade agitada. *Eu sinto muito.*

No momento em que a leopardo se desculpou, Ania percebeu que as duas não podiam estar fora de controle. A leopardo não tinha ideia do que estava acontecendo com ela. Ela ainda estava com muito medo de *Dymka.* Sua gata havia ficado todos esses dias muito quieta, enrolada em uma pequena bola miserável enquanto a fome e a necessidade continuavam a inundá-la. Ela atrasou sua subida. Prolongou a agonia. Tudo para salvar Ania de Mitya e seus punhos.

---

25  Amor-perfeito

Ania respirou fundo várias vezes para tentar superar a necessidade crescente que chegava em ondas. Estava pegando fogo. Cada parte do seu corpo ardia tanto que queria gritar. Não podia imaginar o que a pobre pequena *Jewel* estava passando e, no entanto, a gata se escondeu, recusando-se a permitir que seu companheiro tivesse acesso a ela para que Ania estivesse segura.

Nós podemos lidar com isso, bebé, Ania entoou. Ela respirou profundamente, abaixando a cabeça, tentando não desmaiar de agonia. *Me dê um minuto e eu vou nos tirar daqui.*

Deveria ter corrido para os fundos, onde ficava a cozinha. Onde Mitya estava aparentemente em outra reunião interminável com Fyodor. Os primos gostavam de se reunir e conversar. Não podia ser tudo negócio, mas eles fingiam que era.

— Ania? *Kotyonok?*

Ela fechou os olhos, saboreando o som da voz dele. Seu salvador. Ele estava sempre lá. Sempre pronto para fazer o que fosse necessário. Sabia que Mitya estava muito consciente da condição dela nesse momento. Quando ele abrisse a porta do banheiro feminino, sentiria o cheiro de seus hormônios em fúria. Cada homem e seus leopardos na padaria provavelmente estariam cientes.

— Diga-me o que fazer, Mitya. —A voz que saiu não era dela. Foi sensual. Pecadora. Pura tentação. Mais baixo que seu próprio tom, misturado com a necessidade do calor de sua leopardo. — *Jewel* está muito assustada e eu também. Está lutando contra isso e eu não sei como ajudá-la.

— Pode chegar ao carro?

Ania engoliu em seco. Parecia um longo caminho a percorrer, mas se ela e Mitya enlouquecessem no banheiro de Evangeline, nunca mais conseguiria encarar ninguém. — Eu tenho que conseguir, —decretou, não certa de que pudesse.

Sentia a pele muito esticada e coçava por toda parte. Onda após onda de algo movendo-se abaixo de sua pele, o que aumentou o desconforto. Suas roupas pareciam um peso terrível para ela, e o tecido só aumentava a irritação, queria rasgá-lo e arrancá-lo para que nunca mais a tocasse.

— Venha aqui. —Mitya estendeu o braço. Ele tirou o casaco. Quase sempre usava esse casaco longo. *Gabardine*[26] longo e pesado. Todos os primos usavam.



26 **Gabardina** é um tecido têxtil robusto com o seu fio muito junto, utilizado para o fabrico de fatos, sobretudos, calças, uniformes, quebra-ventos e outro vestuário.

Ela foi até ele, seus pés presos em sapatos que pareciam pequenos demais. Cada passo doía. Continuou respirando, concentrando-se em sua pequeno leopardo, tentando convencer a gata de que ela sabia o que estava fazendo, de que estava confiante e no controle. Quando alcançou Mitya, levantou os olhos desesperados para ele.

— Vamos resolver isso, baby, —ele cantarolou suavemente.

Mitya passou o casaco pelos ombros dela, envolvendo-a em seu calor. Em seu cheiro. Nele. Seu coração deu voltas e depois bateu forte. Tudo o que Mitya fazia era cuidadoso. O braço dele seguiu o casaco, passando-a por baixo do ombro, ao lado do corpo. Dobrando-a com força, a frente de suas costelas, abrigando-a completamente.

— Temos que nos apressar, —ela sussurrou.

A resposta de Mitya foi abrir a porta do banheiro e sair com ousada confiança. Sevastyan, Vikenti e Zinoviy estavam esperando, os dois irmãos andando de cada lado deles, Sevastyan liderando o caminho e Miron ficando na retaguarda. Eles saíram da padaria como um grupo, Ania mantendo a cabeça baixa. Ela sabia que os clientes normais nunca teriam idéia de que algo estava

errado, mas todo shifter saberia que ela estava no cio—incluindo Alessandro.

O carro estava bem em frente ao prédio, estacionado em fila dupla, forçando o tráfego a contorná-lo. Sevastyan abriu a porta traseira do lado do passageiro e Ania entrou. Ao fazê-lo, Mitya puxou o casaco e também entrou. A tela de privacidade já estava levantada. Mas isso não importava. Nada importava além de chegar ao corpo de Mitya. Precisava de um lugar. *Jewel* precisava de um lugar espaçoso. Estava quase chorando e tinha que forçar o ar em seus pulmões e acalmar a mente.

— Para onde podemos ir, Mitya? Acho que não posso esperar. *Jewel* está sofrendo, e tenho que trazê-la à superfície. Ela precisa dele. Está apavorada, mas precisa dele. —Ania tirou suas roupas enquanto explicava sua angustia, indiferente ao fato do carro não ter se movido porque Mirón ainda não estava no banco do motorista. Ela só tinha que tirar o tecido ofensivo da pele.

— Sevastyan nos levará para a região montanhosa. Liguei com antecedência, irão nos deixar perto do rancho Bannaconni ou Perez, os leopardos poderão correr lá. Eles terão muito espaço. Levará a maior parte da noite para voltar para casa.

A confiança em sua voz a firmou. O fato dele já ter pensado na melhor maneira de prover *Dymka* e *Jewel* a surpreendeu. Ela não tinha a clareza necessária para pensar tão à frente. O melhor que podia fazer era não perder a cabeça ali e decepcionar sua leopardo.

Mitya também estava tirando a roupa, mas não tão rápido o suficiente para ela. Ania jogou a blusa e o sutiã no chão e ajoelhou-se entre as pernas dele. Sua boca encontrou o pau dele e imediatamente seu mundo se concentrou ali. Ele estava quente. Duro. A forma e a sensação dele a surpreenderam. A circunferência dele estendeu seus lábios, mas era uma sensação incrível tê-lo em sua boca. Na sua língua. Ela o lambeu, deixando-o molhado e liso e se alimentou das gotículas que vazava da coroa larga. O gosto dele a fez se contorcer em necessidade.

As mãos dele desceram para os seios dela, amassando as curvas suaves. Cada movimento dos dedos dele e o roçar de seus polegares em seus mamilos a fez sentir como se chamas tivessem tocando-a sem parar. Ela arqueou em suas mãos, mesmo quando o tomou mais fundo em sua boca. Queria engoli-lo inteiro. Queria que o gosto dele ficasse com ela sempre. Suas mãos foram para o saco pesado, apertando e massageando suavemente, não tão duro quanto ele amassava seus seios.

Ania precisava que ele fosse mais duro. Precisava tanto dele que as lágrimas vazavam de seus olhos e sabia que estava corada por todo o seu corpo, sua temperatura havia subido muito alto.

— Ania, amo toda vez que você chupa meu pau. Nada é mais sexy, mas agora, preciso estar dentro de você. Coloque-se no assento, em suas mãos e joelhos.

Mitya usou sua voz dominante, a que era de veludo áspero, a que ninguém, e menos ela, ousava desobedecer. Ela relutantemente deslizou sua língua dele e imediatamente se afastou, olhando pela janela enquanto subia no assento.

As mãos de Mitya deslizaram possessivamente sobre seu corpo e, em seguida, a penetrou, achando-a pronta para ele. Sem qualquer preâmbulo, ele entrou nela. Duro. Ania gritou quando o fogo a envolveu, passando pelo corpo, passando pelo sexo, pela barriga e pelos seios e depois diretamente pelo cérebro. As chamas pareciam rugir sobre ela e ela se empurrou em direção a ele, precisando que Mitya fizesse alguma coisa. Qualquer coisa que impedisse essa terrível queima.

Ele passou o braço em volta da cintura dela e se lançou contra ela de novo e de novo. Isso não era suficiente e ela não conseguia parar de soluçar. Implorando. O corpo dele martelava

apressadamente o dela, empurrando-a para a frente no banco até que seus seios ficaram colados contra a janela. A frieza do vidro era boa contra sua pele quente. Mas não era suficiente. Nada parecia apagar o fogo que queimava fora de controle através de seu corpo.

— Mitya. —Ela lamentou o nome dele. Mitya tinha que ajudá-la. Ajudar *Jewel.*

— Vamos sair daqui em um minuto ou dois, baby, —ele assegurou suavemente.

Os limites do carro a estavam matando. Ela precisava de espaço. Precisava se mover. Precisava que ele fosse mais duro. Que fizesse qualquer coisa para apagar o fogo terrível que a atravessava.

A calma de Mitya salvou sua sanidade. Ela se agarrou a isso enquanto o corpo dele continuava a penetrar o dela. Mitya agarrou seus quadris com força enquanto entrava e saia nela. Cada vez que seu pau se movia através de suas dobras apertadas e relutantes, o atrito enviava ondas de calor abrasador e prazer selvagem corria por ela. Era violento, brutal, era o sexo mais incrível que já experimentara, mas não era suficiente.

Ia morrer se as chamas não parassem. Estava sendo consumida por elas. Comendo-a viva de dentro para fora. Não

tinha ideia de quanto tempo o corpo de Mitya bateu no dela, mas de repente o carro parou e puxou para o lado da estrada. Mitya se retirou, suas mãos a segurando com força.

— O que está fazendo? —Ela lamentou. Não pode parar. Não pode.

— Confie em mim, baby. Será melhor aqui fora.

Ele abriu a porta e a arrastou para a fraca luz do dia. Os outros carros estavam fora de vista. O carro havia sido deixado ao lado da estrada, as cercas lhe dizendo que estavam perto do rancho de Bannaconni. Eles estavam em uma estrada particular, mas ainda à vista de todos que passavam. Isso não importava. Nada importava além de fazer o fogo parar. Mirón estacionou o carro, saiu e entrou em um dos outros, desaparecendo na estrada para deixá-los em privacidade. Ela não tinha ideia de onde estava Sevastyan.

— Mitya. —Sua voz estava cheia de urgência.

A brisa batia fresca em sua pele. Havia gotas de água no ar, uma névoa muito fina ou uma promessa de chuva—não importava, sua pele quente a absorvia.

Mitya a pegou com mãos duras, a girou e a levantou sobre o capô do carro. Ele abriu as coxas dela e ela caiu para trás, jogando os braços para fora, tentando não escorregar. Então gemeu alto,

indiferente se o vale inteiro a ouviu. A boca de Mitya estava lá, mais quente que o inferno, devorando-a. Comendo-a viva, sua língua sacudindo com força o clitóris inflamado. Seus dentes o encontraram e puxaram, mordendo com força o suficiente para desencadear uma explosão. As ondas rolaram por todo o corpo dela como chamas.

Mitya levou o seu tempo comendo-a, seus dedos trabalhando nela, na frente e atrás, entrando profundo e, em seguida, na superfície. Revezando-se, indo suavemente e depois áspero. Sua boca nunca parou de se mover, a língua a apunhalando profundamente, depois lambendo, os dentes mordendo até que ela gritou com necessidade, dor e prazer se misturando para adicionar ao passeio quente e selvagem. Não era o suficiente. A queimadura ficou mais quente até que ela se contorcia, fora de controle, implorando por algo que não entendia.

Mitya a puxou para fora do capô, a girou e a empurrou, dobrando-a na cintura, abrindo as pernas. Então a mão dele estava lá, estapeando as bochechas rosadas de sua bunda, deixando-as em um vermelho brilhante, enviando aquelas chamas por todo o corpo. Cada golpe era uma labareda de fogo e irradiava de dentro para fora, um calor abrasador vindo do fundo do seu corpo, de

modo que chamas subiam pela espinha e pelas pernas, lambendo as coxas, até que tudo era um inferno.

Mitya a levou selvagemente, meio enlouquecido com o impulso de seu leopardo e do calor de sua mulher. O corpo dela era dele e ele o usou, montando-a com força, acariciando, mimando, batendo e mordendo quando a necessidade o impulsionava. Seu pau parecia aço em brasa, tão duro que poderia quebrar. Ania estava tão apertada e quente, que ele pensou que poderia queimar enquanto estava dentro dela, e ainda assim nada poderia impedi-lo de tê-la. Nada. Ninguém.

Mitya sabia que estava agindo como um homem possuído, mas isso não importava. Ele queria rastejar para dentro dela, permanecer naquele paraíso que era mais inferno que o céu ou mais céu que inferno, a loucura reivindicando os dois. Seus gritos o levaram adiante. O jeito que ela empurrou sua doce bunda de volta para ele, desesperada por seu pênis, procurando sua mão. A maneira como ela reagiu quando ele enterrou o dedo e depois dois entre as bochechas dela enquanto a fodia cada vez mais forte. Tudo se juntou em um vórtice rotativo de completo prazer.

Ambos haviam saído do controle. Eles se moviam juntos em uma dança selvagem, enquanto o calor e as chamas os queimavam vivos. Mitya sentiu seu corpo crescer mais quente e mais duro.

Sentiu o dela se contrair cada vez mais. Então Ania gritou novamente, um som longo e baixo em algum lugar entre êxtase e tormento. O corpo dela apertou o dele e ele sentiu o mesmo êxtase e tormento. O aperto era cruel, mas era tão bom que não conseguia pensar direito. Seu pênis estremeceu com força, enquanto os músculos sedosos de sua vagina o ordenharam como dedos rígidos e habilidosos. Jorro após jorro de sêmen quente disparou dele, salpicando as paredes de seu canal, cobrindo-a com ele. Marcando-a como dele.

Sua respiração veio em um gemido cantarolado, uma música suave, quase comovente. Ele se afastou dela, virando-a em seu braço e tomou sua boca. Seus beijos eram como chamas rastejando através de seu corpo, mexendo seus sentidos, deixando-o louco.

— Ela precisa sair, baby, —ele sussurrou, descansando a testa na dela. Ania tinha os olhos fechados e ele esperou, sentindo a pele dela se mover enquanto sua fêmea lutava contra a emersão natural. Mitya esperou e ela o encarou com aqueles olhos roxos escuros, encharcado de medo, cobertos com uma ferocidade sombria que lhe dizia que *Jewel* estava muito, muito perto. — Você tem que ajudá-la, Ania.

— Diga-me como.

Ele mal reconheceu a voz dela. Sua leopardo estava tão perto que afetava os padrões da voz de Ania. Ele sentiu as ondulações sob a pele dela novamente. O empurrão da leopardo em seu corpo.

— Fale com ela. Tranquilize-a. Convença-a. Diga como ela ficará livre e seu companheiro a achará tão sedutora quanto eu acho você.

O olhar de Ania se agarrou ao dele por um longo momento e ele sabia que ela precisava de quase tanta segurança quanto a sua leopardo. O corpo dela ainda estava em chamas. Inflamado. Seus quadris pressionaram com força os dele, se esfregando. Ela encontrou sua coxa, montou e se esfregou, uma visão tão sexy que seu pau rapidamente ficou duro como um diamante.

— Você pode entrar em mim? Quero montá-lo, Mitya. Deixe-me ter seu pau.

Ele sabia que não deveria. Inferno. Com quem ele estava brincando? Não havia como parar. Ele a levantou em seus braços e esperou que ela envolvesse as pernas ao redor dele. Ele se enterrou em lava quente, respirando, roubando-o completamente de todo o bom senso. No momento em que Ania o embainhou, o fogo familiar estava lá instantaneamente. Ele a deitou no capô do carro novamente, apoiando apenas o traseiro dela, para que

pudesse entrar e sair dela enquanto dava instruções. Não era fácil pensar, mas era necessário.

— Tente se conectar com ela agora, enquanto estamos fodendo. Isso é um acasalamento, é disso que ela precisa. A sensação do pênis de seu parceiro entrando nela, apagando o fogo para ela. Compartilhe, Ania. Compartilhe com ela como você se sente. A beleza. A selvageria. O equilíbrio entre o brutal e a bem-aventurança. Atraia-a para a superfície.

— Eu não consigo pensar.

Suas mãos foram para os seios, então apenas a força de seu corpo a manteve em sua posição. Toda vez que ela deslizava em sua direção, ele batia seu corpo nela, levando-a de volta ao capô. Seus dedos eram ásperos, puxando. Rolando. Beliscando. — Faça isso, porra.

Ania assentiu, seu olhar agarrado ao de Mitya. Ele era muito forte. Seu rosto estava esculpido em uma máscara de pura sensualidade. A luxúria estava lá em todas as linhas. Nos olhos dele. Chamas pareciam queimar em seus olhos, transformando-os naquele azul ártico profundo. Suas mãos eram quase tão duras quanto seu pênis, mas ela queria mais. Queria sentir os dentes

dele. Queria a boca nele. Ela queria ... só queria. Sua mente era muito caótica, mas seu corpo estava em um frenesi de necessidade.

Não havia desobediência a Mitya quando ele usava esse tom, precisava superar o fogo que a atravessava e alcançar sua leopardo. Era a única maneira disso parar. Se não parasse, Ania temia que enlouqueceria. O suor de seu corpo a fez deslizar pelas costas ao longo do capô do carro. Ela ainda podia sentir a queimadura das mãos dele quando bateu em sua bunda, e entre suas penas estava tão lisa e quente que pensou que iria implodir. Ou apenas queimar.

— Caralho, Ania. Faça o que eu digo ou eu vou parar.

Ele não podia parar. Não havia como parar. Ania olhou para o céu. O sol estava se pondo, de modo que listras cinzentas deslizavam através do fogo laranja tentando atravessa as nuvens que rolava pelo céu. Com cada golpe chamas se espalhavam pelo corpo dela e ao mesmo tempo listras apareciam em sua pele. Ania alcançou profundamente *Jewel.*

Jewel. Bebé, vou ajudá-la. Estarei com você a cada passo do caminho.

E se ele me machucar?

Ela sentiu a leopardo tremer. Ambas sabiam que ela estava tão perto que não havia como voltar atrás. *Jewel* não tinha escolha. Ela

havia se levantado e os hormônios em fúria estavam fazendo o resto. Assumindo as duas. Não dando escolha.

Se ele fizer isso, será a última vez, porque depois iremos embora. Juro que, se Dymka te machucar, Jewel, nos levarei para longe daqui, onde nunca nos encontrarão. Morreria por deixar Mitya, mas se ele não pudesse controlar seu leopardo, Ania não podia ficar com ele.

Ania soube o momento em que *Jewel* aceitou seu destino. Mitya parecia saber também. Provavelmente, *Dymka* estava muito perto da superfície e dizia a Mitya exatamente o quão perto *Jewel* estava. Ele a sentiria. Reconheceria o cheiro dela e o quão pronta ela estava.

Mitya aumentou sua velocidade e mudou o ângulo, erguendo as pernas para que pudesse atingir aquele lugar dentro dela que enviava fora da borda. Ela caiu rapidamente, seu corpo inteiro, levando Mitya com ela, de modo que parecia que o mundo desapareceu, jogando os dois juntos em um éter de fogo de puro prazer. Ania se ouviu choramingando o nome dele. Soluçando. Entoando. Quando conseguiu respirar, abriu os olhos, os tremores secundários ainda a sacudiam, ele a deixou abaixar as pernas ao redor dele e a tirou do capô.

— Chame-a, Ania. Ela está pronta. Chame-a. —A voz dele estava rouca, quase como uma serra.

Olhando nos olhos dele, podia ver o leopardo. Ao contrário de *Jewel,* ao contrário de Ania, ele estava calmo. Aqueles olhos geralmente cruéis estavam firmes, âmbar ao invés de amarelos, totalmente focados nela. Observando. Esperando.

Ania respirou fundo. *Agora, Jewel. Você pode correr livre. Provoque-o. Seduza-o. Brinque.*

Jewel obviamente tinha se decidido, porque a próxima coisa que Ania percebeu era que ela estava no chão, de quatro, com a pele como se estivesse desfiando, pequena demais para acomodar os ossos, muito mais grossa que a dela. Sua mandíbula doía, esticada, alongada, dentes enchendo sua boca tão rápido que ficou aterrorizada, seu coração batendo fora de controle.

A mão de Mitya acariciou sua cabeça, acalmando-a. — Respire, *kotyonok*, você está indo muito bem. Sua leopardo está quase fora. Relaxe e deixe-a assumir. Você ainda estará lá. Você sentirá a liberdade também. Estarei com você o tempo todo.

Sua voz era firme. Mitya era o homem com quem sempre se podia confiar. Sua voz sustentava aquele tom aveludado que significava que ele estava no comando e precisava ser obedecido.

Ania forçou seu corpo trêmulo a relaxar e permitir que a mudança acontecesse. Era ao mesmo tempo emocionante e aterrorizante. Seu corpo parecia que estava desmoronando. Doía. Cada junta. Cada osso. Seus dentes. Essa dor era a pior. Ou talvez fosse seu crânio. A coceira era horrível.

A mudança real parecia lenta e instável, como se *Jewel* se empurrasse, recuasse e depois se empurrasse novamente. Como Ania, ela não tinha ideia do que estava fazendo. A fêmea iria passar definitivamente o seu primeiro ciclo fértil com Mitya. Ela não tinha nenhuma experiência passada para recorrer.

Então, de repente, pêlos apareceram cobrindo seu corpo, pêlos bonitos e surpreendentes. Eram espessos e longos, a camada interna era de uma linda cor branca. Não dourado, mas branco puro com rosetas pretas largas. As rosetas eram muito espaçadas, cada uma quase um círculo perfeito de cor preta densa. A pelagem era impressionante e diferente, mas definitivamente de *Amur*[27], uma pelagem de inverno que era tão bonita e diferente, que *Jewel* teria sido incansavelmente caçada na natureza apenas por isso.



27 **Leopardo-de-Amur** (Panthera pardus orientalis) é a subespécie de leopardo mais setentrional, a qual habita hoje em dia os montes Sikhote-Alin. É também conhecido como leopardo-siberiano e leopardo-do-extremo-oriente.

Mitya passou a mão em seus pêlos, murmurando sua aprovação. *Jewel* era pequena, pesando não mais de que trinta quilos, mas ela era compacta e elegante, com músculos tensos movendo-se sob o pêlo grosso. Mitya mudou de forma com facilidade, mostrando sua experiência. A transformação foi feita rapidamente, talvez um a três segundo no máximo, seu corpo grande de repente completamente diferente, um momento atrás estava em pé sobre duas pernas, agora, *Dymka* estava lá, aqueles olhos intimidadores completamente focados em sua companheira.

Dymka era grande para um leopardo-de-Amur. A maioria dos machos grandes pesava cerca de cinquenta quilos. *Dymka,* claramente, estava mais perto de noventa quilos de puro músculo lutador. O grande corpo de *Dymka* deixava *Jewel* ainda menor, elevando-se sobre ela enquanto estava ao lado dela, seu queixo deslizando sobre seu traseiro possessivamente.

Jewel tremeu por um momento e depois olhou nos olhos dele. Ania sentiu o impacto. *Dymka* estava transmitindo algo importante para a fêmea. Ania tentou ajustar a imagem que ele oferecia a linguagem humana. *Você está segura comigo. Ania está segura comigo. Protegerei vocês duas com a minha vida. Mitya fará o mesmo.*

A garantia foi feita colocando imagens na mente de *Jewel,* assim como Ania fazia quando falava com sua fêmea. *Dymka* era muito melhor nisso. Ele tinha muita prática em se comunicar com Mitya.

Jewel levantou a cabeça, lançou um olhar de flerte a *Dymka* e depois saltou para longe dele, indo em direção ao campo onde a densa vegetação parecia uma porta de entrada para as árvores do outro lado. No momento em que começou a correr, uma dor explodiu ao longo de seu quadril, na perna direita, como se algo tivesse raspado seu pêlo ao longo de seu quadril e arrancado um longo pedaço de sua pele. *Dymka* bateu com força no lado dela, derrubando-a, então ela rolou uma e outra vez, o corpo maior dele empurrando o dela. Eles acabaram em um emaranhado de membros logo após os primeiros limites da mata.

Dymka a levantou, o corpo dele entre o dela e a estrada. Ela percebeu que havia escapado por pouco de ser baleada. O macho já estava protegendo-a. Ele queria que ela corresse em direção às árvores, mantendo-se escondida no mato. *Jewel* correu, *Dymka* atrás dela, protegendo-a da estrada enquanto corria para as árvores, com o coração na garganta.

O som de um fuzil disparado e o estrondo do impacto de uma bala, enviando folhas e videiras girando no ar antes de se

estabelecerem no chão, a impeliram de espionar mais. Ela conseguiu sair ilesa das árvores e correu logo além delas antes de tropeçar, seu coração batendo tão forte que mal podia respirar. *Dymka* também parou, de pé perto dela, protetoramente, usando a língua áspera para lamber suavemente o ferimento do quadril direito. Então, um som mais profundo anunciou uma segunda arma na mistura.

Sevastyan, disse Mitya com confiança. *Ele vai matar o atirador.*

Ania queria fazer todo tipo de perguntas. Ela não tinha certeza de como recuperar o corpo para perguntar, ou de como empurrar imagens na mente de Jewel, *Dymka* poderia lê-las. Ela tentou.

Você acha que Alessandro nos seguiu? Ania usou a imagem do irmão Caruso mais velho e uma imagem dele seguindo-os.

Saberemos em breve. Se seguiu será morto. Vikenti, Zinoviy, Mirón e Sevastyan vão caçar quem fez isso se ainda não o mataram. Havia frustração nas imagens que ele transmitia, então ela sabia que era Mitya fornecendo as informações. Parecia que Mitya queria caçar pessoalmente quem atirou neles.

Você tem que mudar. Eu preciso verificar o ferimento.

Jewel precisava de *Dymka* desesperadamente. Não havia nada a ser feito sobre o atirador agora. Sevastyan cuidaria disso. Ela

conhecia o primo de Mitya o suficiente para saber que ninguém escaparia dele. Sua fêmea merecia seu tempo. Ela estava queimando, quase como se estivesse com febre, e esse fogo só o seu companheiro poderia apagar.

Jewel está bem. Foi apenas um arranhão superficial. Felizmente, ela estava pulado, flertando com Dymka e a bala apenas a roçou. Jewel quer um tempo com seu companheiro. Eu digo que devemos dar-lhes esta noite. Você pode olhar o ferimento pela manhã.

Ania se viu esperando o veredicto. Todos eles esperaram. *Jewel. Dymka*. Ela. Isso lhe disse, mais do que qualquer outra coisa, que era Mitya quem estava no comando de todos eles. Ele tinha o controle. Ania esperava que ele sempre o usasse com sabedoria, porque ela nem sempre o seguiria cegamente. Não foi criada dessa maneira.

Não gosto da ideia de não poder cuidar da minha mulher, mas confio na sua palavra quando me disse que não está gravemente ferida.

Havia tanta relutância quanto aviso em seu tom. Triunfo estourou através dela. *Ele a ouvira.* Cada vez mais Ania começava a acreditar que ele faria isso, a ouviria atentamente e a levaria em consideração.



Você sabe o caminho de casa, pequena Jewel, ela sussurrou para sua fêmea. *Leve o seu tempo com Dymka. Não o deixe obrigá-la a fazer nada que não esteja pronta.*

Jewel fungou um pouco. Não se ouvia mais tiros e Ania e Mitya lhe garantiram que o atirador estava sendo caçado, então *Jewel* estava de volta ao seu comportamento sedutor. Ela tinha seu companheiro perto e seu corpo estava exigindo, precisando da atenção dele—mas ainda não. Não poderia ser tão fácil para ele. Ela queria que ele ganhasse o direito de tê-la. Ele era um gato grande e, infelizmente, não haveria outros leopardos para desafiá-lo. Ela teria gostado disso. Gatos competindo por sua atenção.

Sua pequena assanhada.

É bom que ele saiba que os outros me querem. Serei mais valiosa para ele.

Eu acho que você já é valiosa o suficiente.

Jewel começou a se afastar de *Dymka,* lançando-lhe olhares maliciosos e se esfregando nos troncos das árvores para espalhar seu aroma sedutor. Ela ficou bastante vocal, ronronando enquanto vagava pelas árvores, rolando no chão para espalhar seus feromônios por toda parte. Esfregou-se ao longo das árvores e pedras e ronronou continuamente.

Dymka andava atrás dela, mostrando paciência que Ania não tinha pensado que ele era capaz. Ele não tentou se aproximar de *Jewel* até que ela começou a correr, jogando folhas nele e furtivamente passando as garras ao longo de troncos de árvores. A cada poucos metros, diminuía a velocidade para permitir que *Dymka* a circundasse, aproximando-se quando se agachava. Se ele chegasse perto demais, ela o rejeitava com um golpe de sua pata. Ele saltava para longe, rápido demais para ser pego.

Jewel gostou da atenção e, não estando pronta ainda para o macho, ela se aproveitou, o levou para um riacho, brincou na água, jogando o líquido no ar e dançando por alguns minutos antes de correr novamente em direção a propriedade de Mitya. Estavam a vários quilômetros de distância. Eles tinham que atravessar a propriedade de Eli Perez. Fazia fronteira com a enorme propriedade de Bannaconni.

Os dois leopardos haviam penetrado profundamente na propriedade de Perez, indo em direção a um bosque de árvores, *Jewel* vocalizando repetidamente, sua chamada se tornando mais amorosa e urgente a cada quilômetro que passava. Ficara muito escuro e mais de uma vez ela havia descansado, *Dymka* a protegendo, tendo o cuidado de ficar a uma pequena distância. *Jewel* continuou a rejeitar os avanços de *Dymka*, mas ele foi

persistente, ficando perto o suficiente para que ela soubesse que ele não iria a lugar nenhum.

Jewel vocalizou novamente. Para horror de Ania, três machos rugiram em resposta. *Jewel* estremeceu quando *Dymka* ganhou vida e rosnou de volta. Sua resposta era mais do que um desafio. Transmitia uma fome de batalha, uma necessidade tão profunda quanto aquela que o levava a acasalar. Ele aceitou o desafio e disse aos outros machos que o iniciassem.

Doze

PROFUNDAMENTE NO corpo de *Jewel,* Ania temia que eles tivessem atravessado terras particulares, terras pertencentes a shifters. Shifters que trabalhavam para Bannaconni e Perez. Era possível, até provável, que os machos tivessem ouvido a jovem

fêmea chamando um companheiro. Seria natural que os machos respondessem ao chamado de uma fêmea no cio.

Mitya. Não podemos deixar os machos lutarem entre si.

Jewel fungou um pouco. Ela podia ser tímida, mas gostava da ideia de ter machos lutando por ela. Ania a ignorou e se estendeu novamente para Mitya. Em vez do habitual homem calmo e firme, em seu lugar, encontrou um ser ansioso para aceitar o desafio que os três recém-chegados haviam rugido.

Mitya. Alguém tinha que ser a voz da razão. *Vamos correr.*

Houve uma breve hesitação e um calafrio percorreu sua espinha. *Jewel* também sentiu, então ficou quieta. Esperando. Por alguma razão, Ania sentiu como se houvesse um machado bem acima do seu pescoço. *O que é? Apenas me diga.*

Esses leopardos não são locais, kotyonok. São homens do covil do meu pai. Reconheço as vozes de seus leopardos. Antigamente, eles soltavam seus leopardos em Dymka para caçá-lo.

Ania se viu tremendo violentamente, enterrando-se profundamente dentro de *Jewel.* Ela conhecia um pouco da história de Mitya, porque ele a compartilhou, mas também sabia que Mitya havia amenizado a história—que havia sido muito pior do que ele havia lhe contado.

Podemos correr?

Não tenho intenção de desperdiçar minhas forças correndo. Dymka irá derrotá-los, mas enquanto dois atacar Dymka, o terceiro irá atrás de Jewel.

Ania se amaldiçoou por estar tão imersa no calor frenético do cio de *Jewel* que não pensou em preparar um sacola com armas em volta do pescoço. *Como eles chegaram tão perto. Sem vocês saberem?*

Ania teve que trabalhar para suprimir o desejo de pressionar *Jewel* para se virar e correr. Mesmo se o fizesse, com três machos grandes vindo lutar com *Dymka,* um facilmente iria atrás dela. *Jewel* não tinha experiência em batalha. Nenhuma. Sua leopardo estava pegando fogo, desesperada por seu companheiro, mas os outros três machos estariam neles em questão de minutos.

Nós vamos descobrir isso. Claramente existem traidores. Jewel terá que ser protegida, Ania. Esses machos são máquinas de combate. Assassinos. Eles vão despedaçá-la.

Mesmo que ela esteja no cio?

Dymka rugiu uma forte rejeição a ideia de qualquer um dos três se aproximar de *Jewel. Eles a matariam. Esses leopardos são condicionados a desejar sangue e lutar.*

Ania sabia que isso era verdade. Ainda assim, *Jewel* estava em seu primeiro ciclo fértil. Ela poderia ser a companheira escolhida de qualquer um deles. Isso poderia dar aos três machos motivos para esperar antes que eles decidissem matá-la.

Você tem armas na sua mochila, Mitya? Porque, naturalmente, Mitya nunca perderia o controle ao ponto de sair sem uma sacola no pescoço. Pelos menos não da maneira como ela tinha perdido.

Uma faca.

Dê-me isso. Derramou confiança em sua voz, tanto para ela quanto para Mitya.

Eles não tinha, muito tempo para discutir e Mitya não perguntou o que ela pretendia fazer. Ania assumiu o controle de *Jewel* e mudou para a sua forma humana. Ficou de pé, trêmula por conta da mudança, sentindo o corpo como se ainda não tivesse se recuperado. Não demorou muito para notar *Dymka,* ele era um leopardo enorme, um dos maiores que já tinha visto. Isso não deveria tê-la surpreendido, porque Mitya era um homem grande, mas ainda assim, quando olhava o leopardo através dos olhos de Mitya, não esperava que ele fosse um animal tão intimidador

O leopardo estava agitado, andando de um lado para o outro, rugindo seu desafio, *Dymka* emitiu um rugido violento que

reverberou pelo vale. Ania não sabia ao certo o quão perto estavam da fronteira da propriedade de Eli Perez, mas tinham que estar mais perto da propriedade de Mitya do que de Bannaconni. A noite estava silenciosa, o som viaja para mais longe durante a noite, então, esperançosamente, o som dos leopardos que desafiavam *Dymka* por *Jewel*, iria ser ouvido por Bannaconni e Perez.

— Oi, *Dymka,* —ela cantarolou suavemente. — Preciso da faca na sacola em volta do seu pescoço. —Ania tentou não ter medo do gato furioso, mas ele era extremamente intimidador de perto.

Dymka virou a cabeça e a olhou com chamas vermelhas nos olhos. Seu coração acelerou até que pensou que poderia desmaiar de puro terror. Ania não estava vestida. As roupas, por mais frágeis, dariam a impressão de serem capazes de proteger ao enfrentar um leopardo selvagem e brutal. Ela tentou caminhar com confiança em direção ao gato que andava nervosamente. A confiança foi embora quando ele varreu a terra, enviando uma nuvem de folhas, galhos e pedaços de detritos. Ainda assim, ela se forçou a colocar um pé na frente do outro até estar bem na frente dele.

De perto, ele a superava, embora estivesse em quatro patas e ela em pé com as suas duas pernas. Ele era um gato grande e, no entanto, podia se mover rapidamente. Ela o viu correr velozmente.

Isso lhe deu confiança. *Dymka* e Mitya exalavam confiança. Ania sabia que eles estavam preocupados com o terceiro gato, aquele que iria atrás de *Jewel.* Ela tinha que encontrar uma maneira de lidar com isso. O gato teria experiência. *Jewel* não tinha.

Ania tocou com a mão o pêlo de *Dymka* porque foi impossível resistir o desejo de sentir a sua maravilhosa pelagem. Ele era lindo. Sob o pêlo, sentiu os músculos tensos se movendo, ondulando, deslizando sob a pele do gato. Habilmente, ela abriu o zíper da sacola, tirou a faca e impulsivamente deu um beijo no topo da cabeça do leopardo.

— Boa sorte, *Dymka.* Mantenha Mitya em segurança e eu vou manter *Jewel* em segurança. —Ania fez o pacto com ele, precisando que ele garantisse que o seu homem não fosse capturado, machucado ou morto.

O grande leopardo lambeu seu rosto, sua língua áspera raspando sua pele. Gatos podiam remover a pele do osso com a língua, mas a dele era gentil, um gesto de camaradagem. Ela virou-se e correu para o único local que sentia que *Jewel* poderia pelo menos permanecer protegida por um curto período de tempo.

Correu para a árvore, onde sentiu que *Jewel* tinha a melhor chance de parar o macho que a procuraria. Eles estavam se

aproximando, seus desafios cortantes atravessando a noite, fazendo com que a adrenalina inundasse seu corpo.

Qual é o seu plano? Mitya sibilou. Ele já estava se movendo em direção à árvore que ela havia escolhido usar. Era alta, mas o tronco não era particularmente resistente, e os galhos rapidamente se tornaram finos e irregulares.

Anos atrás, quando eu tinha apenas dez ou onze anos, meu avô me levou para pescar. Conversamos longamente sobre todo tipo de coisa e ele acabou me mostrando como fazer lanças e armadilhas.

Enquanto falava, começou a afiar o maior número possível de paus pequenos, mas grossos. Ela apontou para o chão debaixo da árvore. Por ter chovido recentemente, o chão estava macio. Assim que terminou um pequeno espeto, começou a afiar outro. Tinha sido um dia especialmente divertido com o avô, e ela acalentou essas lembranças.

Pratiquei fazendo as lanças e as outras armadilhas que ele me mostrou. Ania era o tipo de pessoa que se dedicava a praticar algo até que fosse extremamente competente naquilo, foi assim para aprender a dirigir e atirar.

Mitya mudou de forma no momento em que entendeu o plano dela e rapidamente começou a ajudá-la a empurrar as lanças no

chão. Elas não tinham mais do que vinte e cinco centímetros e era fáceis de serem empurradas para dentro da terra macia. Em questão de minutos, prepararam uma área letal debaixo da árvore. Ania rapidamente subiu na árvore, colocando as lanças improvisadas em alguns galhos frágeis.

— *Jewel* é pequena, —disse ela. — Esses galhos podem suportar o peso dela, mas não irão suportar o peso de um macho. Se eu conseguir que ele suba atrás de mim e caia nessas lanças, podemos salvá-la.

— Essas lanças não vão matar um leopardo, Ania.

— Eu não tenho que matá-lo. Apenas atrasá-lo. Espero machucá-lo o suficiente para que você não precise lutar tanto para matá-lo.

Mitya passou o braço em volta do pescoço dela. Cheirava selvagem. Feral. Até sua pele parecia diferente, como se seu leopardo estivesse tão perto que a pele pudesse romper a qualquer momento.

— Eu sou louco por você, mulher, —ele sussurrou.

Ele a beijou, e ela não conseguiu pensar direito por um momento. Eles se separaram, e Mitya mudou de forma em uma fração de segundo, afastando-se dela rapidamente. *Dymka* teria que

lutar contra dois leopardos muito experientes e ele não poderia se distrair. Ele tinha que manter a atenção centrada no seu leopardo.

Ania sabia que seu plano era bom. Tinha muita sorte por *Jewel* ser tão pequena que a árvore suportaria seu peso. Rapidamente, ela juntou algumas pedras e as levou para a árvore e as colocou nas forquilhas dos galhos. Depois, de encontrar um bom galho que suportaria o peso de *Jewel,* ela voltou a correr pela árvore e chamou a fêmea para retomar sua forma.

Foi muito mais fácil na segunda vez. Ania teve um pouco de medo de mudar de forma sem Mitya ali, mas ela se soltou mais rápido e não doeu tanto agora que sabia o que ia acontecer. *Jewel* não teve tanto medo de emergir como antes.

Podemos fazer isso, Jewel, Ania tranquilizou com tanta confiança quanto pôde. *Dymka é imparável. Eles não podem derrotá-lo. Ele lutará até a morte por você.*

A fêmea estava desesperada, no meio de seu calor, e ela não conseguia parar de esfregar seus feromônios atraentes em todos os lugares, em todos os troncos das árvores, nos arbustos, nos troncos caídos. *Jewel* espalhou seu perfume sedutor pelo chão que levava à pequena árvore que Ania havia escolhido como segura.

Sua leopardo não queria estar segura. Queria que os machos brigassem por ela. *Dymka* precisava provar que ele era o macho mais forte, mais feroz, que a merecia. E se *Dymka* não a machucasse ou machucasse Ania, então ele seria sua escolha. *Dymka* deveria apenas provar que ela estava certa em sua escolha por ele.

A leopardo se certificou de que o chão, os troncos caídos e todos os arbustos fossem preenchidos com seu aroma tentador e cativante. Era exatamente o que Ania queria que ela fizesse. Atrair o terceiro gato para longe de *Dymka.*

Um rugido do gato macho fez com que *Jewel* levantasse a cabeça e ela se virou para olhar o prado que se separava da outra linha de árvores. Três gatos explodiram do mato e o coração de Ania quase parou. Eles não eram tão grandes quanto *Dymka,* mas isso só significava que eram um pouco mais compactos. Seus pêlos, mesmo à distância, pareciam esfarrapados e rasgados, velhas cicatrizes em cima de outras cicatrizes impedindo que o pêlo crescesse em alguns lugares. Pareciam muito mais experientes em luta do que ela acreditava.

Jewel, vá para a árvore agora.

Jewel tinha em mente mostrar aos três invasores pelo o que eles estariam lutando, mas uma vez que ela viu os rostos surpreendentemente ferozes dos gatos, seus olhos amarelos cruéis rodeados de vermelho, narizes enrugados em rosnados e dentes manchados, ela não queria mais nada com eles. *Jewel* quase tropeçou nas próprias patas para chegar à árvore.

Ania a forçou a parar bem na base do outro lado onde eles haviam colocado as lanças. *Cubra-os com folhas, Jewel,* ela repreendeu. *Temos que fazer com que o gato venha até nós do outro lado e, depois, quando você subir, venha para este lado. Ele não pode suspeitar que há lanças aqui.*

Ela tentou não se irritar com sua fêmea. Como Ania, *Jewel* não tinha ideia do que estava fazendo. *Sei que você está com medo e também está com calor, mas precisa confiar em mim para nos guiar nessa situação. Se você se recusar a me ouvir, não teremos chance. Esses gatos estão aqui para nos matar, não para se tornarem seus companheiros. Mesmo que algum deles se acasale com você, ele a matará mais tarde.*

Jewel não queria acreditar, mas agora, vendo-os atravessando a campina, os olhos ardendo, não pareciam gatos no meio de uma chamada frenética de acasalamento, ela não tinha escolha a não ser aceitar. Todo seu instinto a advertia de que, se não ouvisse Ania, elas iriam morrer. *Jewel* jogou folhas com as patas e depois

deu a volta na árvore, fazendo o mesmo antes de se esfregar no tronco exatamente onde ela planejava escalá-lo.

Agora, Jewel. Lá veremos melhor. Eles estão quase em Dymka.

Ania não duvidava de que os proprietários dessas terras ao redor deles ouviram os terríveis desafios dos quatro machos. Havia satisfação nisso. Bannaconni e Pérez saberiam que havia problemas. Sevastyan nunca esteve longe de seu primo. Ele viria também. Eles apenas tinham que aguentar.

Jewel subiu na árvore, usando as garras para escalar. Ania a instruiu a subir pelo lado em que elas precisavam que o macho desavisado subisse, mas para chegar aos galhos mais altos, ele teria que dar a volta para o outro lado. Os galhos mais altos eram visivelmente mais fracos e rangiam ameaçadoramente, enquanto tomavam o peso de *Jewel.*

O coração de Ania estava batendo forte, esperando que ela não tivesse julgado mal sobre os galhos suportarem sua leopardo. Outro rugido quase parou seu coração. Eles alcançaram *Dymka,* pulando ferozmente nele, os três, esperando derrubá-lo rapidamente. Ela não percebeu que estava quase mudando de forma, forçando *Jewel* a virar na direção que queria, para poder

assistir à terrível luta que estava ocorrendo a uma curta distância da relativa segurança da árvore.

Um gato, com pêlos escuros desgrenhados e espetados, pulou em *Dymka* por trás, esperando quebrar sua espinha. Outra garra cravou nos quartos traseiros de *Dymka*, tentando arrastá-lo para trás enquanto o terceiro foi para sua garganta. As garras de *Jewel* agarraram o tronco da árvore com força enquanto Ania se perguntava o que deveria fazer. Talvez ela devesse ter tentado ajudar Mitya em vez de se esconder na árvore como uma covarde.

Quando ela decidiu descer, puxando suas garras do tronco, *Dymka* derrubou o leopardo de pêlo escuro espetado, jogando-o na direção do que arranhava sua parte traseira, os dois gatos inimigos se chocaram em um emaranhado de patas e garras. *Dymka* ficou de pé sobre as patas traseiras, *de pé,* rasgando e cortando o terceiro gato com garras letais, abrindo a barriga, mirando nos órgãos genitais com velocidade sobrenatural.

O terceiro gato caiu para trás e *Dymka* estava em cima dele, indo para a matança com uma mordida sufocante na garganta. Sua boca se fechou sobre o gato caído, mas o Leopardo já estava se contorcendo, voltando a se levantar, então *Dymka* arrancou um pedaço da pele do animal. O gato de pêlo escuro espetado o atacou de novo, enquanto o outro gato, o que tinha uma cicatriz

particularmente longa onde o pêlo não cresceu mais, circulou e tentou alcançar a cabeça de *Dymka.*

Ania podia ver que os leopardos inimigos haviam lutado juntos antes. Seus movimentos eram coordenados. Deliberadamente, ela pediu a *Jewel* que os chamasse, uma chamada de acasalamento, uma fêmea necessitada, chamando por um companheiro. *Jewel* o fez imediatamente, sua chamada genuína e um pouco desesperada.

A natureza era natureza, não importava como suas contrapartes humanas tentassem eliminá-la deles. Todos os machos viraram suas cabeças em direção a essa chamada. *Dymka* aproveitou a vantagem, passando suas garras sobre os olhos do leopardo com a cicatriz, arrancando-os com as garras afiadas, de modo que o animal gritou de dor e tentou saltar, o sangue escorrendo de seus olhos. *Dymka* seguiu o gato ensanguentado, sem vontade de abrir vantagem, enquanto o de pêlo escuro espetado pulou para derrubá-lo.

Ania, dentro do corpo de *Jewel*, gritou, o que fez *Jewel* fazer o mesmo. A voz da fêmea entoou durante a noite, uma sinfonia de necessidade, chamando seu companheiro. Ania e *Jewel* assistiram horrorizadas quando o leopardo de pêlo escuro espetado pousou com força nas costas de *Dymka,* suas garras cavando fundo, seus

dentes indo cruelmente para a parte de trás do pescoço. *Dymka* rolou no último segundo possível, torcendo sua coluna flexível, de modo que ele parecia quase dobrado ao meio. A maior parte do seu peso corporal era pura musculatura, músculos fortes espalhados por todo o corpo. Quando o grande macho rolou sob o gato de pêlo escuro espetado, usou suas garras e dentes para arranhar a barriga do leopardo, abrindo mais lacerações.

O terceiro gato, com a pelagem mais vermelha que os outros, desviou o olhar da luta, farejou o ar várias vezes, de repente virou-se e começou a correr em direção à árvore de *Jewel.* Ania não conseguia acalmar o batimento cardíaco. Ela e *Jewel* quase caíram da árvore aterrorizadas. O gato parecia invencível enquanto corria na direção delas.

O vento aumentou e soprou para eles, carregando pequenas gotas de água. Tentáculos de névoa começaram a rastejar através do vale para as colinas, movendo-se lentamente, parecendo uma mão gigante esperando para envolvê-los. *Jewel* virou a cabeça para olhar entre o gato vermelho e *Dymka.* O gato com os olhos feridos e sagrando corria em círculos, indicando que ele, certamente, havia perdido a visão. Era o gato de pêlo escuro espetado que estava lutando com *Dymka* agora, e ele claramente era bom em batalhas. Os dois gatos se chocaram em uma luta até a morte. Os dois

combatentes cortaram um ao outro, procurando fraquezas um no outro.

Dymka circulou, mantendo seus movimentos tensos, certificando-se de que não estava dando aberturas ao outro gato, tendo o cuidado também de não ser empurrado em direção ao leopardo sangrando e cego, não poderia esquecer por nenhum momento que o gato cego ainda podia ser perigoso.

Ele reconheceu os três gatos. O que ele cegou era um homem chamado Taras, um tenente de seu pai. Ele era um homem particularmente cruel, muito feio tanto em sua aparência quanto em suas ações. Gostava de machucar os outros, e muitas vezes fazia seu leopardo perseguir, matar e comer crianças pequenas. O gato de Taras o perseguira repetidamente, certa vez Taras fez seu leopardo emboscar Mitya em um prédio e escondido pulou nas costas de Mitya, derrubando-o no chão e o rasgando. Mitya ainda tinha as cicatrizes nas costas, o leopardo rasgou sua carne quase até os ossos. Quando criança, ele vivia com medo de Taras, assim como a maioria das crianças no covil. Lazar havia permitido que seu comportamento passasse sem controle.

O leopardo de cor avermelhada era um homem que todos desprezavam, incluindo Lazar, mas o *vor* o mantinha por perto porque sua reputação com as mulheres aterrorizava o covil e o

divertia. Ele se chamava Albert e nenhuma mulher, independentemente da idade, estava a salvo dele. Ele não se importava onde estava, ou onde estava a mulher ou a criança, fazia o que desejava com eles. Às vezes, ele simplesmente as estuprava, mas na maioria das vezes as torturava sexualmente. Ninguém se atrevia a interferir suas ações cruéis. Ele gostava de machucar os outros, e as pequenas fêmeas eram sua primeira escolha como alvo.

O leopardo de pêlo escuro espetado era um dos homens mais confiáveis de Lazar. Kronya costumava *"disciplinar"* Mitya, espancando-o e depois fazendo com que seu leopardo rasgasse *Dymka* em pedaços ao capricho de Lazar. Kronya estava acostumado a pular nos machos mais jovens na frente de Lazar e espancá-los. O problema era que, como ele gostava demais de cumprir seu papel de carrasco e com muita frequência, os machos jovens ficavam muitos danificados após o espancamento e Lazar simplesmente ordenava ao seu braço direito que os matasse, ou deixassem lá, morrendo lentamente pelos viciosos ferimentos sofridos. Muitas vezes, Mitya recebia as punições de Kronya. O homem tinha um grande prazer em machucá-lo, e uma vez levou sua punição um pouco longe demais por *'acidente'*, de modo que Mitya foi um daqueles jovens machos deixados lá para morrer, deitado e ensanguentado no chão.



Kronya se estendeu para ele agora. Mitya. Seu pai não está aqui para te salvar dessa vez.

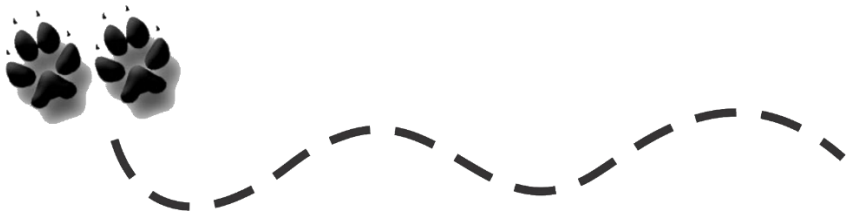
Mitya não respondeu. Seu pai não o salvaria se ele estivesse lá. Muito provavelmente foi quem ordenou que os três homens o matassem. E ele não sentia que havia algo a dizer para esse homem covarde e cruel.

Dymka visualizou o ombro desprotegido de Kronya e cravou suas presas em volta do pescoço do leopardo inimigo, rasgando do pescoço até as costelas, de modo que listras vermelhas de sangue escorriam do pelo. *Dymka* pulou para trás enquanto Kronya tentou retaliar, virando-se e atingindo-o com as patas dianteiras. *Dymka* pareceu hesitar e Kronya girou seu lado ferido afastado do grande gato.

Dymka atacou, usando seu peso e músculos densos para derrubar o gato inimigo. Ele usou as patas para se impulsionar com velocidade espantosa, um aríete, batendo no lado de Kronya, derrubando-o. O leopardo de Kronya deslizou pela terra, fazendo folhas e terras girarem no ar, misturando-se com a neblina e o nevoeiro.

Dymka atacou o leopardo, suas presas se fecharam ao redor da garganta do gato com um estalo vicioso, dirigindo para a mordida

sufocante que acabaria com a vida de um dos homens mais confiáveis de seu pai. Enquanto ele mordia com grande satisfação, Taras, guiado pelos sons da batalha e meio louco de raiva e dor, rasgou os quartos traseiros de *Dymka.*



ANIA assistiu o leopardo de cor avermelhada correr em sua direção, parando apenas para cheirar o aroma sedutor de *Jewel.* Ele pulverizou com a sua urina sobre os arbustos e árvores enquanto ia de um lugar para outro, reivindicando *Jewel* para si. O gato rugiu, chamando-a para ele. *Jewel* se encolheu, tentando mudar de novo para Ania.

Vamos resolver isso, bebé, Ania murmurou. *Ele é grande demais para chegar até você. Os galhos não aguentarão o peso dele. Dymka virá quando precisarmos dele.*

Ela nem podia ver os leopardos através da névoa cada vez mais espessa. Isso era igualmente bom. Precisava manter a concentração. Este leopardo assustava muito *Jewel*—e ela, se fosse sincera. Tinha que acreditar que *Dymka* viria se precisasse dele.

Jewel estava ficando desesperada, precisando de um companheiro. Aquele fogo que queimava tão quente também se transferia para Ania. Cada parte dela doía e queimava ao sentir a necessidade frenética de *Jewel.* O macho estava perto agora, aproximando-se do lado da árvore onde o perfume de Jewel era mais potente e onde ela queria que ele ficasse. O leopardo olhou para ela com olhos brilhantes e malignos.

Ele parecia cruel. Totalmente mau, como se tivesse sido possuído por um demônio. As feições malévolas do gato não eram nenhum efeito da luz, não com o nevoeiro e a noite caindo rapidamente. O que havia dentro desse leopardo estava completamente corrompido.

Ania estremeceu e agarrou o controle sob *Jewel* mais forte. Ela tinha que estar no controle o tempo todo, evitando que sua leopardo mudasse de forma, precisava manter o foco principal e a atenção do outro leopardo nela.

A criatura rugiu um comando. Claramente ordenando a *Jewel* sair da árvore. *Jewel* se encolheu, mas não se mexeu. Ela ficou muito quieta olhando um pouco desafiadora para o macho. Ania estava orgulhosa dela. Sabia que a fêmea estava sofrendo, estava desesperada por um companheiro, mas não cedeu à natureza. Ela seguiu a liderança de Ania e permaneceu no lugar.

O macho bateu as garras retráteis no tronco da árvore. Essas garras poderiam ser usadas para cortar, segurar, matar, lutar ou escalar. Na ponta de cada dedo do pé, um ligamento unia uma garra retrátil ao osso. Músculos, tendões e ligamentos permitiam que as garras da frente fossem usadas como navalhas. Elas eram armas letais quando necessário, e agora, o macho rasgava a casca, afiando-as com intenção mortal.

Mantendo os olhos em *Jewel,* perdendo o olhar aterrorizado da leopardo com o seu olhar malicioso, o macho começou a subir. Ania esperou até que o gato estivesse mais próximo do local onde ele teria que dar a volta na árvore para o outro lado e subir mais.

A cabeça dele apareceu entre os galhos, e ela mudou uma das patas de *Jewel* para a forma humana, ou pelo menos tentou. Não foi tão fácil quanto pensou que poderia ser. A metade superior do corpo mudou, deixando a cabeça, o tronco e os braços expostos. Os olhos amarelos brilharam. O nariz enrugou em um rosnado quando ele levantou os lábios para expor os dentes sujos.

Ania jogou uma pedra no rosto do gato. Ela o golpeou com muita força, usando a força de sua leopardo. A pedra o atingiu bem no nariz e o animal deslizou para trás. Ele uivou de raiva enquanto cravava as garras no tronco para não cair.

Ania queria se mover, continuar seu ataque usando mais pedras, mas se manteve firme em seu lugar. Ele poderia alcançá-la se ela fosse para os galhos mais baixos. Os galhos eram mais fortes e aguentariam o peso dele. Não aguentaria o peso dos dois, mas definitivamente o dele, se o gato se apoiasse nesses galhos mais grossos a alcançaria.

Ele voltou a subir, seus olhos cheios de manchas num mar de ódio. O vento soprou e ela sentiu o cheiro dele. A brisa refrescou o corpo quente de sua leopardo, mas trouxe a promessa de mais névoa. Ela queria ver claramente. Precisava ver claramente. Mais do que qualquer outra coisa, tinha que aguentar mais, precisava manter *Jewel* e a si mesma vivas até que *Dymka* pudesse alcançá-las. Alcançou outra pedra ao lado do tronco da árvore e a fechou em seu punho. Seus olhos encontraram os do horrível leopardo e então ela viu o homem olhando para ela. Ele era tão cruel quanto o seu leopardo, ainda mais, porque ele era quem comandava o animal.

Ania não esperou a reação dele. Ela jogou a pedra no rosto do gato, batendo em sua boca aberta com força suficiente, esperando quebrar alguns dentes dele. Seu segundo arremesso atingiu o olho esquerdo no centro do olho e o animal deslizou uma segunda vez,



mal se segurando, enganchando suas garras no tronco da árvore para não cair no chão.

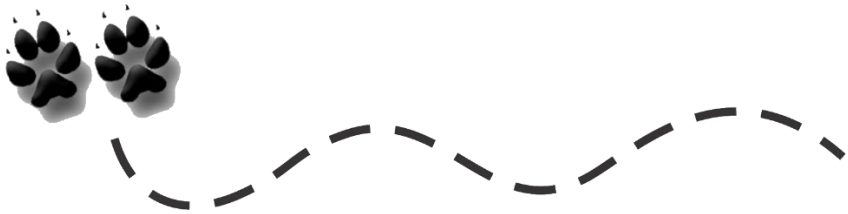
Enfurecido, o animal rugiu repetidamente, gritando seu ódio e necessidade de retaliação. De vingança. O som rolou sobre as colinas, o vento aumentando e o levando ainda mais longe. Ania, tremendo de frio e medo, mudou para que Jewel enfrentasse o macho enlouquecido. Ele olhou para cima e viu apenas o rosto da fêmea.

Ela soltou outra chamada, a necessidade em sua voz era muito real. O vento pegou seu perfume e o espalhou pelas árvores, levando-o longe. Por um momento, o macho pareceu desorientado, como se não soubesse exatamente o que estava fazendo. Ele hesitou e depois começou a subir em direção à fêmea novamente.

Ania não tinha certeza se o homem sob a pele do leopardo sabia o que estava fazendo. Alcançar *Jewel* e arrancá-la da árvore? Acasalar com ela? Havia um plano? Ela esperou, contando os segundos, esperando sua chance. *Jewel* permaneceu muito quieta, a isca para atrair um predador perigoso.

Uma rajada de vento pegou a árvore e a balançou. *Jewel* teve que cavar suas garras no galho e aguentar até o vento diminuir.

Outra rajada fez as copas das árvores vizinhas quase se chocarem umas nas outras. Ela não contava com o tempo virando contra ela. O leopardo vermelho estava em uma posição muito melhor. A parte mais abaixo na árvore era mais estável. Não balançava do jeito que a copa da árvore estava balançando. Era como se a árvore estivesse tentando derrubar *Jewel*.



AS GARRAS pontiagudas perfuraram os quartos traseiros de *Dymka* e o puxaram, arrastando-o de cima de Kronya. Quando Taras o puxou de cima do outro leopardo, Kronya deu um pulo e se levantou, pulando em direção a *Dymka* em um movimento claramente coordenado que ele havia usado inúmeras vezes com o outro leopardo. *Dymka* fez o inesperado. Em vez de encarar Kronya, ele pulou no ar e, usando sua coluna flexível, se contorceu em voo para pousar nas costas de Taras com todo o seu peso.

Dymka colidiu com Taras com tanta força que empurrou o outro leopardo no chão. Todas as quatro patas se estenderam para o lado. Houve um estalo audível e o leopardo choramingou e gritou. O leopardo de Taras tentou se levantar repetidamente, mas

não conseguiu se mover. Tentou até mesmo engatinhar, usando as patas para se empurrar para frente, mas era impossível.

Sabendo que o gato agora não podia mais ajudar Kronya, *Dymka* se afastou, circulou o gato caído e, o tempo todo observando o leopardo de pêlo escuro e espetado, disparou para dar a Taras a mordida sufocante. Imediatamente, como *Dymka* sabia que ele faria, Kronya atacou. *Dymka* virou-se para pegar a barriga do gato enquanto Kronya se jogava nele. *Dymka* estripou o gato de Kronya, enganchando as garras mortais na barriga, usando o impulso do leopardo e sua imensa força para ajudar a rasgar a carne.

Dymka se afastou dos dois gatos. Olhou para a árvore onde Ania decidiu ficar. Ele não podia ver *Jewel* através da névoa espessa. Viu vislumbres de Albert enquanto seu gato tentava abrir caminho até a árvore para chegar a *Jewel. Dymka* estava relativamente ileso. Os três gatos o subestimaram. Estavam acostumados a ir atrás de leopardos juntos, a vítima os temia e mal conseguia se defender.

Mitya havia aprendido a combatê-los. Estudou a fraqueza de cada um deles por anos. Observou como eles lutavam contra suas vítimas. Como eles os emboscavam. Mitya e *Dymka* estavam na melhor forma e sabiam que, quando viessem, o subestimariam,

como seu pai faria. A única coisa que poderia derrotá-lo estava na árvore e sozinha, defendendo-se de um assassino que gostava de caçar mulheres.

Dymka voltou sua atenção para Kronya. O gato também estava olhando na direção da árvore em que Albert subira. Um olhar malicioso apareceu em seu rosto e imediatamente um calafrio percorreu a espinha de Mitya. Kronya rugiu para Albert, claramente ordenando ao outro leopardo para matar *Jewel. Dymka* pulou em Kronya, onde estava deitado ofegando pela dor, sabendo que se ele se mexesse, deixaria o intestino para trás. *Dymka* caiu com força nas costas do leopardo, cravando as garras nos ombros enquanto ele dava uma mordida sufocante, cortando abruptamente os grunhidos do leopardo de Kronya.

Um forte silêncio se estabeleceu sobre a encosta e o prado, como uma mortalha escura da morte. Kronya não lutou. Ele sabia que já estava morto. Ele nem tentou adiar o inevitável, nem mesmo para ganhar mais tempo para Albert. Apenas deixou *Dymka* matá-lo.



ELE ESTÁ *vindo e está com muita raiva, Jewel* sussurrou para Ania.

É isso que estamos esperando, Ania assegurou, fazendo todo o possível para despejar confiança em sua voz.

Ambas estavam queimando. Ania estava tão desconfortável que queria gritar. E quente. Não importava que o nevoeiro estivesse frio e a brisa se transformasse em vento de verdade, a temperatura de seu corpo estava subindo. *Jewel* estava em pior condição, ofegante, com flancos agitados, com o corpo agachado ali, na forquilha do galho em que ela estava empoleirada.

Ania fez o possível para avisar a leopardo repetidamente para não se mexer. O galho não tinha mais do que alguns centímetros de espessura e se curvava e balançava para cima e para baixo com cada respiração ofegante e irregular que *Jewel* dava.

O macho de pêlo avermelhado tinha uma aparência sinistra. O pêlo dele molhado por causa da névoa, parecia quase como se o sangue tivesse tingido a pelagem. Era uma imagem tão assustadora que Ania temia nunca mais esquecer. Aqueles olhos que a encaravam haviam passado de um amarelo doentio para um vermelho escuro. Eles brilhavam como os olhos de um demônio,

fixados em *Jewel*—focados completamente. Sem piscar, um predador que estava inteiramente focado em matar sua presa.

Deixe-o vir, Ania sussurrou. Era tudo o que ela podia fazer para não tremer, mas *Jewel* estava tão assustada que ela tinha que mostrar coragem.

O gato se aproximou até que *Jewel* estava olhando diretamente em seus olhos triunfantes e ele avançou estendendo sua pata dianteira para frente, em um esforço para bater sua garra na gata menor e derrubá-la do galho.

Ania mudou de forma parcialmente o mais rápido que pôde, indiferente do quanto conseguiria controlar que partes do corpo mudariam. Era apenas o braço e a mão que importavam. Repassara os movimentos centenas de vezes em sua cabeça. Pegou a lança subitamente e o golpeou na garganta do gato. Sangue esguichou, um grande fluxo dele. *Jewel* tentou se afastar. Ania a segurou implacavelmente em seu lugar.

O gato de pêlo avermelhado caiu da árvore, seu corpo de lado, tentou girar no ar e falhou. Caiu com força, enfiando as lanças profundamente em um lado de suas costelas. Ele gritou horrivelmente, rugindo entre cada grito de dor. O leopardo se debateu, tentando se soltar das lanças enterradas no chão.

Ela não teve tempo de colocar muitos deles e a terra estava muito fofa, de modo que o leopardo conseguiu se levantar. O ferimento na garganta foi profundo, o sangue não parava de fluir. Ele olhou para a árvore e seus olhos encontraram os de Ania. Seu coração quase parou. O leopardo iria subir novamente e estava muito, muito zangado.

Mitya. Ela disse o nome dele suavemente, e um calafrio percorreu sua espinha.

O leopardo pulou em direção ao tronco da árvore e ficou ali por um momento, seus olhos a observando enquanto o sangue escorria pelo seu peito. Ele arranhou a casca cavando profundamente, para poder escalar o tronco centímetro por centímetro. Pata a pata. Ganhando terreno enquanto subia mais alto.

Ania sabia que ele estaria esperando que ela o esfaqueasse de novo com a lança. Ela precisava se lembrar que ele poderia ser como Mitya, capaz de mudar com uma velocidade incrível. Se ele puxasse a lança das mãos dela, poderia atacar *Jewel*, derrubá-la da árvore e fazê-la cair no chão abaixo. Mesmo que conseguisse escapar das lanças que estavam fincadas no chão e a terra fosse macia o suficiente para não matá-la da queda, ainda poderia ficar

atordoada ou quebrar uma perna. Ania não podia permitir que isso acontecesse.

Jewel poderia escapar do macho? Ele estava gravemente ferido. O sangue jorrava de sua garganta e pontilhava sua pelagem no lado esquerdo. Ainda assim, tinha poucas chances contra ele. Enquanto *Jewel* permanecesse no galho, era mais provável que ficassem fora do alcance do homem.

Ania não desviou os olhos do gato que arranhava seu caminho pelo tronco da árvore. O vento soprava em seu rosto e ela ficou muito quieta, mesmo que as gotas de água no ar estivessem muito frias em sua pele. Ania não se importava que o homem horrível que levava seu leopardo a tanta depravação pudesse ver sua parte superior do corpo nua. O olhar dele encarou os seios dela, e se isso servisse para distraí-lo, que assim fosse. Ela só tinha que esperar por Mitya. Ele viria. Ela sabia que ele viria.

O gato conseguiu chegar logo abaixo do galho onde estava *Jewel.* Ania calculou seu peso. Se ela mudasse de forma completamente, poderia subir para o próximo galho e duvidava que, mesmo em sua forma humana, o macho pudesse alcançá-la. Se ela tentasse pisar na pata ou na mão dele, ele poderia agarrá-la.

Todas as possibilidades passaram por sua mente. Ania ficou muito quieta, a mão segurando a lança. Ela o deixou ver. O deixou pensar que ela estava com medo e agitada. Ele esperaria isso. Ele não pensaria que ela estaria usando seu cérebro. Orquestrando. Planejando. O leopardo levantou a pata dianteira em direção a ela, lenta e furtiva, as garras embutidas avançando em direção à perna de *Jewel.*

Ela moveu o braço e o olhar dele encarou a lança. Ele se preparou, esperava que ela usasse. Ela viu que ele estava pronto para tomar a lança dela, mas mesmo assim Ania puxou o braço para trás, como se estivesse prestes a golpear o rosto dele novamente. Em vez disso, ela mudou de forma completamente e o chutou o mais forte que pôde na garganta. Ele, surpreendido com o golpe furtivo, caiu para trás da árvore e pousou quase em cima de *Dymka.*

O grande gato macho já havia subido, pronto para arrastar o leopardo avermelhado da árvore, mas Ania havia dado um chute muito forte e muito bem colocado. Seu pé palpitava e doía, sentindo como se tivesse quebrado todos os ossos, mas sabia que era apenas uma dor momentânea. Ela odiava ver seu pé sujo do sangue do gato, então voltou à sua forma de leopardo e disse a *Jewel* para começar a descer da árvore.

Abaixo deles, *Dymka* administrou a mordida sufocante no leopardo de pêlo avermelhado e então instantaneamente rugiu um desafio para qualquer outro gato que ousasse se aproximar de sua fêmea. *Jewel* se arrastou para o chão e correu um pouco para longe da árvore e do leopardo morto embaixo dela.

Dymka correu entre os gatos mortos, voltando imediatamente para os dois que despachou primeiro. Ele deu um tapa no chão, lançando folhas e galhos no ar enquanto atacava os leopardos mortos, rugindo seu ódio por eles.

Então ele correu de volta para o terceiro gato, circulando-o, enviando terra e folhas sobre os restos em golpes desdenhosos de sua pata antes de se virar para *Jewel.* Ela correu dele, indo em direção às árvores mais profundas, onde um riacho se movia pela área cultivada. *Jewel* não foi muito longe antes que a natureza assumisse o controle e rolou, ficou de pé e olhou para seu companheiro, flertando.

Jewel se afastou mais dois metros ou três e se agachou. Antes que a leopardo pudesse repreendê-lo ou mandá-lo embora, *Dymka* estava sobre ela, seu corpo mais pesado cobrindo o dela, seus dentes afundando em seu pescoço, fundo o suficiente para tirar sangue, mantendo-a no lugar enquanto ele acasalava com ela.

Durante o resto da noite, enquanto voltavam para a propriedade de Mitya, os dois gatos fizeram sexo violento a cada vinte ou trinta minutos. Isso durou horas. Quando não estavam fazendo sexo, *Dymka* ficou perto dela, esfregando seu corpo ao dela, esfregando seu pescoço. A língua dele lambia as marcas de mordida no pescoço dela e ela tentava acalmar suas feridas de batalha.

No momento em que chegaram em casa, *Jewel* estava exausta e tropeçando com o esforço de caminhar. Se não fosse por *Dymka* a incentivando a seguir em frente, ela teria simplesmente se deitado e dormido. Quando chegaram à varanda, *Jewel* se encolheu em uma pequena bola e apoiou a cabeça nas patas.

Mitya mudou de forma, seu rosto sombrio, sua boca tensa. — Ania, *kotyonok,* você precisa mudar de forma para mim.

Muito cansada.

— Eu sei. —Ele foi paciente.

Mitya olhou em volta à procura de Sevastyan. Furioso com o fato de um atirador quase ter atingido sua mulher e com os três leopardos que seu pai havia enviado os atacando. — Você não pode dormir aí. Apenas mude e eu vou levá-la para o quarto.

Ania fez isso, embora pudesse ver que foi um esforço e ela quase não conseguiu. Ela também, como ele, precisava de um banho. No caso dela, provavelmente um banho iria diminuir as dores. Ele tinha trabalho a fazer, mas antes disso, precisava cuidar dela. O calor do ciclo fértil continuaria por pelo menos uma semana, e não importa o que acontecesse ao seu redor, nem *Jewel* nem Ania iriam ser negligenciadas.

Treze

— **TEMOS DUAS** facções chegando até nós, —explicou Mitya. — Não há dúvida sobre isso, embora seja possível que eles agora estejam trabalhando juntos. Lazar está fazendo a sua jogada. Ele não faria isso a menos que tivesse certeza de que tem alguma vantagem. Isso significa que ele tem aliados e pode ter alguém infiltrado aqui. Nós sabíamos que ele viria atrás de nós algum dia.

Isso não é novidade. Logo o veremos novamente e temos que decidir como vamos lidar com isso.

Mitya olhou em volta da sala. Estes eram os homens que ele deveria confiar com sua vida e a vida daqueles que amava. Mitya não confiava tão facilmente. Fyodor, seu primo, o trouxera de volta ao mundo em que se sentia mais confortável. O mundo de crimes, fraudes e traições. Os homens que estavam nesta sala eram, supostamente, os mais confiáveis, que faziam parte de uma aliança forjada no inferno e escrita em pedra. Fyodor confiava em cada um deles. Mitya ... não muito.

A confiança era conquistada, muitas vezes através de situações de vida ou morte. Ele se colocou entre Fyodor, Evangeline e balas. Quase perdeu a vida, mas seu primo sabia agora, com absoluta certeza, de que Mitya nunca o trairia, que ele estava disposto a dar sua vida por ele e sua família. Isso era confiança. Foi assim que foi conquistada.

Jake Bannaconni era um homem de negócios. Ele era dono de uma fazenda de gado. Considerado um homem cruel, disposto a desmontar qualquer empresa, e seus inimigos tinham que ter cuidado porque ele encontrava sempre maneiras legítimas de destruí-los. Ele era um homem que muitos temiam, mas nunca houve um sussurro de que ele fosse algo além de legítimo. Não

havia um pingo de nada ilegal anexado ao nome dele. De alguma forma, e Mitya não entendia completamente como, Bannaconni fazia parte dessa aliança. Bannaconni parecia não ter nada a perde e quando alguém não tem nada a perder—como a vida deles, por exemplo—Mitya não tinha certeza de que estaria tão comprometido quanto precisava.

Ele andou pela sala e virou-se, encarando Drake Donovan. — Amory Binder trabalhou para você em Bornéu. Você o atestou. Conseguiu emprego para ele com Bannaconni e depois o enviou para mim. Você pediu a Sevastyan que o contratasse.

Havia Donovan. O precursor de toda essa Aliança, aquele que organizou maneiras de se livrar dos piores elementos criminosos no mundo dos shifters—homens que subiram ao topo para se tornarem senhores do crime e reivindicar territórios. A visão de Drake era eliminá-los permanentemente e dominar seus territórios, extinguindo os piores crimes e mantendo um certo nível de sanidade.

Não era uma má idéia, apenas colocava aqueles que estavam envolvidos na Aliança a trabalharem em um perigo dobrado que uma vida dupla traz. Eles eram caçados constantemente pela polícia. Suas famílias sempre carregavam a mancha dos criminosos

na sociedade legal e, se a Aliança fosse descoberta pelas famílias criminosas, seriam caçados e mortos.

Drake assentiu. — Sim. Amory veio para minha equipe em *Bornéu*[28] altamente recomendado. Eu já estava aqui nos Estados Unidos trabalhando com Jake na época. De acordo com os membros da equipe e conversando com cada um deles, Amory fez seu trabalho de maneira exemplar. Quando ele pediu um emprego aqui nos Estados Unidos, não hesitei. Muitos shifters querem vir, mesmo que seja apenas para experimentar o trabalho aqui. Ele passou por treinamento adicional e foi colocado com Joshua pela primeira vez.

Joshua Tregre era primo de Evangeline. Ele agora era parente de Fyodor, o que o tornava da família. Mitya gostava do homem. Ele era muito firme, muito calmo. Mas gostar e confiar eram duas coisas diferentes. De fato, fez questão de colocar Joshua na única cadeira da grande mesa redonda que tinha menos proteção.

Amory voltou para Nova Orleans. Evidentemente, ele trabalhara para Joshua, que reivindicou o território de Nova

---

28 

Bornéu, uma imensa ilha de terreno acidentado no Arquipélago Malaio, localizado no Sudeste Asiático, é dividida entre os estados malaios de Sabá e Sarawak, o estado indonésio de Kalimantan e a pequena nação de Brunei. Ela é conhecida pelas praias e pela antiga floresta tropical, que abriga uma incrível biodiversidade de animais selvagens, como orangotangos e leopardos-nebulosos. Em Sabá, encontra-se o maior pico da ilha, o monte Kinabalu, com 4.095 metros de altitude, e, na costa, fica a ilha Sipadan, um famoso ponto de mergulho.

Orleans. Mitya não acreditava em coincidências. Ele permaneceu em silêncio, esperando Joshua falar. Demorou alguns momentos, o que não surpreendeu Mitya. Joshua era um homem pensativo e escolhia suas palavras antes de falar.

— Amory era um bom trabalhador. Evan é um dos melhores no que faz e foi responsável pelo treinamento de Amory. Ele não tinha queixas do garoto e disse que Amory tinha reflexos surpreendentes e que iria muito longe na recuperação de prisioneiros, além de ser guarda-costas. Eu o vi várias vezes, mas na maioria das vezes, Amory não trabalhou de perto com minha equipe. Ele foi transferido dentro de três meses para ajudar a proteger a família de Jake logo após o treinamento. Acredito que ele pediu essa transferência, mas posso verificar com Evan apenas para ter certeza. Ele está do lado de fora da porta.

Sevastyan, sempre quieto e raramente notado quando estava parado, saiu de sua posição, onde poderia alcançar Mitya, se necessário. — Quem eram os amigos de Amory quando ele estava com você?

Joshua franziu a testa e tamborilou com os dedos sobre a mesa. — Amory saia com dois membros da equipe que eu não conhecia muito bem na época. Eu acabara de ser nomeado para assumir o território que Rafe Cordeau possuía. Acredito que foi Eli Perez

quem matou Cordeau. Eli trabalhava para a *DEA*[29] e estavam atrás de Rafe há algum tempo. Rafe foi atrás da mulher de Eli, Catarina. Com Rafe morto, o território estava aberto para qualquer uma das famílias criminosas que queriam se expandir, então fui colocado nessa posição. Sendo novo, tive que ir devagar e descobrir em quem confiava ou não.

— Então, houve vários homens de Rafe que ficaram com você? —Sevastyan persistiu.

Joshua assentiu. — Sim. Evan e os outros, meu pessoal, os observavam de perto. Não posso dizer que todos se integraram à minha família, mas trabalharam duro e não me deram problemas. Os dois homens com quem Amory se tornou amigo são Colten Schultz e Fargo Day. Como eu disse, eles fazem o trabalho deles e parecem bons homens, mas nunca se aproximaram de nenhum membro da minha equipe.

Drake fez uma careta. — Os homens têm acesso à sua sala de controle, Joshua? Todos podem ser observados e gravados a partir dessa sala.

---

29 A **Drug Enforcement Administration** 'DEA' é um órgão de polícia federal do Departamento de Justiça dos Estados Unidos encarregado da repressão e controle de narcóticos. O órgão foi criado em 1973.

Joshua balançou a cabeça. — Apenas meus homens mais confiáveis são permitidos na sala de controle. Colten e Fargo não estão entre eles.

— Alguém da antiga equipe tem permissão para entrar lá? — perguntou Sevastyan.

— Apenas um. Um homem chamado Palmer Blanchard. Ele vem de uma antiga e respeitada família de shifters no pântano. Ele e seu irmão são os únicos que restam.

— Amory passou um tempo com ele? Ou com o irmão dele? Presumivelmente, o irmão também trabalha para você, —disse Mitya.

Joshua assentiu. — Sim, ele trabalha. O irmão de Palmer, Louis, é especialmente bom com os habitantes locais. Confiam nele, conversam com ele e informam sobre qualquer coisa fora do comum em nosso território. Vi Amory com Louis uma ou duas vezes, mas não com Palmer. Novamente, isso não me surpreende. Palmer é sério e tranquilo, Louis é extrovertido e aberto.

— Alguém além de Amory pediu ou se ofereceu para trabalhar para Jake? —Mitya persistiu.

— Vários dos meus homens, —disse Drake. — Eles vão lá para trabalhar em estreita colaboração com Jake. Ele tem ameaças de

morte o tempo todo e elas vêm de fontes confiáveis. É um local onde o trabalho é muito movimentado e intenso e, portanto, um local popular para se trabalhar.

Fyodor enviou um sorriso para Jake. — É bom saber que todo mundo quer você morto.

Jake sorriu. — Eu sou muito popular.

Isso surpreendeu Mitya. O homem não fazia parte do crime, mas tinha ameaças de morte *credíveis,* o suficiente para atrair alguns dos homens de Drake.

— Trey Sinclair foi outro, —disse Drake. — Ele trabalhou comigo na floresta por um bom tempo e depois veio aos Estados Unidos e pediu para trabalhar com Bannaconni. Existem outros. —Ele olhou para Jake.

O rosto de Jake se estabeleceu em linhas duras. — Eu não posso imaginar que Trey iria trair a mim ou a minha família. Ele está comigo na maioria das vezes como guarda-costas particular. Todos os homens que trabalham para mim o fazem há algum tempo. A maioria guarda minha família. Trey e Jerico são meus guarda-costas pessoais e eles vêm comigo em todos os lugares, inclusive no meu escritório. —Havia uma ponta na voz dele, como se a idéia de que alguém questionasse aqueles homens o irritasse.

Mitya sabia que Trey Sinclair e Jerico estavam na sala ao lado com alguns dos outros guarda-costas que não tinham sido autorizados a participar da reunião. Agora Jake sabia o porquê. Mitya não iria pedir desculpas, não importa o quão chateado Jake estivesse. Os guardas podem ser inocentes, mas se não, eles têm acesso a Jake e a todas as informações que passam por suas mãos.

— A família de Ania foi assassinada. Todos eles. Ela passou por três tentativas antes de se tornar minha noiva. Desde então, tivemos algumas outras tentativas. Parece que seu pai e seu avô concordaram em transportar encomendas para duas famílias diferentes em Houston. Seu avô pegou um pacote em Nova Orleans e deveria ter levado a encomenda para a família Anwar, em Houston. Seu pai também pegou uma encomenda em Nova Orleans e o levou para a família Caruso, em Houston. O pacote que o avô de Ania estava levando nunca chegou a Houston. Supostamente ele nunca o entregou.

Houve um pequeno silêncio. Mitya olhou para Joshua. Ele ocupava o território de Nova Orleans. Foi Joshua quem falou primeiro.

— Não fui eu quem enviei esse pacote. Até onde eu sei, ninguém veio à minha casa buscar algo para entregar em outro lugar.

— Havia alguém que estava chateado porque você assumiu o cargo de Cordeau? Alguém que queria esse território? —perguntou Mitya.

Joshua encolheu os ombros. — Eu não tenho idéia. —Ele indicou aqueles ao redor da mesa. — Fui convidado a assumir a posição e, como um idiota, concordei. Eu não tinha idéia de encontrar Sonia e ter que pedir que ela compartilhasse essa vida comigo. Faço meu trabalho e mantenho esse território, mas nunca tive um ataque contra mim.

— Estou em Nova Orleans, —disse Drake. — Minha esposa é de lá e continuamos a morar lá. O covil estava realmente uma bagunça e eu o assumi. Existem crimes lá, e às vezes parece que nunca podemos lidar com isso, mas se houver um chefe específico que queira eliminar Joshua, não tenho ideia de quem poderia ser.

Jake recostou-se na cadeira, os olhos ardilosos em Mitya. — O que estava no pacote? Eu acho que você sabe.

Mitya podia ver por que Jake era considerado uma força a ter cuidado. Aqueles olhos diziam muito, e parte disso era o leopardo intenso e focado perto da superfície. Ele estava esperando. Ele sabia que o pacote tinha algo a ver com ele.

— Tive um pouco de tempo para interrogar o outro shifter que estava com Amory. Não encontramos o pacote, mas ele e Amory estavam procurando. O parceiro de Amory alegou que Jake, Drake e outros eram os verdadeiros inimigos. Por verdadeiros inimigos, acho que ele quis dizer que vocês dois estão trabalhando conosco. Ou que estamos trabalhando para vocês. Informações como essa podem matar a todos.

Mitya caminhava de um lado para o outro, sua energia agitada e acumulada, seu corpo lhe dizendo que seu leopardo estava tão carente por sua fêmea quanto ele por Ania e que os dois estavam também preocupados pela segurança das duas. — A questão importante aqui é: *há algo por escrito que poderia nos ligar? Que poderia ligar a todos que estão nesta mesa? E tinham provas?*

Tecnicamente, ele não estava sentado à mesa—e era proposital. Os outros poderiam atribuir isso ao seu leopardo e ao calor de sua fêmea, mas a verdade, era porque confiava somente em seus primos—e em mais ninguém. Mitya era o mais novo membro a subir ao trono do chefe do crime. Ele havia tomado o território de Patrizio Amodeo depois que Fyodor matou o homem por atacar Evangeline.

Mitya estava ciente de Ania no andar de cima em sua cama. Sozinha. Ela estava exausta e sofrendo. Precisando dele e, no

entanto, tinha que estar em aqui em baixo, fazendo negócios com outras pessoas das quais não tinha certeza em suas lealdades. Na Rússia, poderia ter matado todos eles e sair diretamente de um banho de sangue para acalmar sua mulher. Felizmente, Mitya já estava muito além disso. *Evoluindo.* Era assim que gostava de pensar sobre si mesmo, mas se conhecia. Ele era o assassino em que seu pai o havia moldado. Era preciso disciplina para se controlar. Mitya estava determinado a trabalhar no fortalecimento dessa disciplina todos os dias para nunca correr o risco de se tornar o que seu pai queria que ele fosse.

— Absolutamente não, —disse Jake. — Isso seria loucura. Não há nenhuma trilha que nos leve a nenhum de vocês além da nossa amizade. Homens fazem alianças o tempo todo. Drake deixou claro que ele se move entre os dois mundos porque precisa das informações e das boas graças das várias famílias. Os que estão aqui, sentados à mesa não são as únicas famílias com quem ele é amigo, e isso é muito deliberado. Quanto a mim, sou conhecido por ser amigo de Drake. Sou conhecido por me associar a homens que vivem e trabalham nas sombras. Ninguém nunca questionou quem são os meus amigos.

— Alguém parece questionar, —disse Fyodor. — E eles claramente trabalharam e viveram ao seu redor. Deve haver

evidências contundentes naquele caderno para que eles o desejem tanto.

Jake balançou a cabeça. — Não há nada concreto, que eu possa garantir. Eles podem ter suspeitas, mas metade do mundo desconfia do que eu faço.

— Jake. —Drake falou calmamente. — Essas pessoas forão capazes de matar uma família inteira para recuperar esse caderno. Tem que haver algo nele. Por que não fizeram outra cópia e a enviou novamente ou não usaram uma versão eletrônica? Os Dovers são bem conhecidos e estavam fora dos limites e nunca deixaram de estar. Quem matou essa família fez inimigos. E isso é outra coisa. Quem os matou têm que ser muito poderosos para não ter seus nomes sussurrados pelas ruas. Sua família pode estar em perigo. A minha. De Joshua. Certamente, a de Mitya. Todos nós nesta sala temos interesse nisso. —Ele mudou o olhar para Mitya. — Você tem o caderno? Ou Ania?

Mitya manteve o rosto como uma máscara sem expressão e seu corpo relaxou. No fundo, nós torceram em seu intestino. — Não. Se eu tivesse a maldita coisa, saberia qual é o problema e quem está vindo até nós. —Mitya esfregou a barba rala que começava a crescer cinco minutos depois de se barbear. — Meu melhor palpite é que alguém suspeitou de Jake e, por qualquer

motivo, começou a observá-lo. O que você poderia ter feito para chamar a atenção para si mesmo?

— Eu viso empresas que lavam dinheiro, —disse Jake. — Eu as compro e as destruo, o que acaba encurralando aqueles que precisam lavar dinheiro. —Ele deu de ombros. — Faço isso há anos. Drake apenas me ajudou a me concentrar mais nas empresas suspeitas.

Joshua tamborilou com os dedos sobre a mesa. — Essa é a ligação, Jake. Antes de Drake, você provavelmente escolhia aleatoriamente empresas para desmontar. Agora você tem como alvo especificamente as empresas da máfia.

— Eu não cometo erros assim, —Jake negou. — Sempre me certifiquei de fazer as duas coisas.

— Se um de seus guardas de confiança for um traidor, ele poderia ter ouvido uma conversa entre você e Drake? Algo que ele poderia escrever e mostrar a alguém? —Joshua persistiu.

— Isso é sempre uma possibilidade, —Jake admitiu. — Mas seria como se você acreditasse que Evan o traiu, ou Sevastyan, a Mitya. Você acreditaria que Timur trairia Fyodor? Você tem que colocar as coisas em perspectiva. Eu confio em Trey e Jerico. Eles

estão comigo há algum tempo e trabalharam com Drake antes disso.

— Ninguém quer acreditar que alguém de nossa extrema confiança nos trairia, mas meu próprio pai e meus tios nos traíram. Meu pai matou o pai de Gorya. Tudo para quê? E depois há o pai de Joshua. Nesta sala, todos nós já vimos traição pelas pessoas que amamos. É um fato triste da vida, especialmente na vida que escolhemos, —disse Mitya. — Temos um problema e não sabemos o quão profundo isso é. Se não conseguimos encontrar o caderno, não temos ideia de quem são nossos inimigos.

— A família Anwar é uma das mais antigas de Houston, — disse Drake. — Eles mantiveram esse território exclusivamente até a família Caruso se mudar da Flórida para Houston e assumir os portos de lá. Que tipo de acordo foi firmado entre as duas famílias? Ninguém sabe, mas elas nunca entraram em guerra, e não houve uma única morte pela tomada de controle.

Fyodor olhou para cima. — É possível que o caderno estivesse sendo entregue para convencer a família Anwar a ficar do lado de quem está por trás disso.

— Essa é definitivamente uma possibilidade, —disse Elijah Lospostos. — Temos Fyodor, Mitya e eu, conhecidos em nosso



mundo como criminosos. Drake, Eli e Jake são conhecidos como os mocinhos, trabalhando com policiais. Eli era um policial. Somos todos amigos. Definitivamente, isso daria a alguém uma desculpa se eles estivessem procurando razões para duvidar de nós.

— Como é que vamos encontrar esse caderno? —Perguntou Eli. Ele estava esparramado, com os pés na frente dele, mastigando um palito de dente como se não tivesse nenhum cuidado no mundo. Foi ele quem o ajudou a se livrar dos corpos dos três shifters em sua propriedade.

— Ainda não sei, —admitiu Mitya. — Espero que Ania tenha algumas idéias. Este não é o melhor momento para ela agora. — Ele olhou para a porta novamente, sabendo que ela estaria queimando em breve.

Ele tinha que convocar uma reunião e tentar descobrir quem poderia ser o traidor, mas ouviu o toque da verdade em cada palavra dita. Várias vezes olhou para os primos, todos eles, exceto Gorya, estavam na sala. Fyodor, Sevastyan e Timur não haviam indicado que ouviram uma mentira. Gorya estava com os guarda-costas, esperando descobrir se algum deles era o inimigo.

— Existe também a possibilidade de meu pai, Lazar, ter conseguido entrar no país. Seus três tenentes entraram sem fazer

um único estrondo ou sussurro de um boato. Alguma ideia? — Mitya jogou isso lá fora, observando seus rostos com cuidado.

— Se eles vieram por *Miami*[30], teríamos sido informados imediatamente. Sasha Bogomolov dirige Miami. Ele teria nos dito imediatamente. Ele sabe que Lazar e Rolan, seu tio, pretendem atacar vocês. Ninguém vai entrar em Miami sem o conhecimento dele.

— A menos que um de seus homens esteja trabalhando para as mesmas pessoas que Amory estava trabalhando, —disse Drake. — A família Caruso administra o porto em Houston. Eles poderiam ter vindo dessa maneira.

— Alessandro Caruso continua rondando Ania, apesar dela admitir que, antes de tudo isso, nunca esteve interessado nela, — disse Mitya. — O velho queria que ela me largasse e escolhesse um de seus filhos. É compreensível, mas o momento parece suspeito, já que nenhum deles se aproximou dela depois que o pai foi baleado.

---

30 

Miami é uma cidade internacional no extremo sudeste da Flórida. Sua influência cubana se reflete nos cafés e lojas de charutos que ocupam a Calle Ocho, em Little Havana. Nas águas de cor azul-turquesa da Biscayne Bay ficam Miami Beach e South Beach, um bairro glamouroso conhecido por suas construções coloridas em art déco, areia branca, hotéis para surfistas e casas noturnas famosas.

— A verdade, senhores, —disse Drake, — é que todos devemos ter cuidado e vigiar as costas um do outro. Não basta confiar cegamente. Certifiquem-se de que vocês saibam em quem estão confiando, porque estão colocando suas vidas nas mãos deles e das pessoas que vocês amam. —Seu olhar se moveu sobre Jake, mas ele não o apontou.

— Quando Lazar atacará você novamente, Mitya? —Joshua perguntou. — Podemos ficar por um tempo se isso ajudar.

Mitya balançou a cabeça. — Quem quer pegar Jake e Drake está em algum lugar dentro ou nos arredores de Nova Orleans. O problema se origina lá, tenho certeza. Precisamos de olhos e ouvidos nessa área. Observe os homens dos quais você não tem certeza das suas lealdades. Veja para onde eles vão, com quem eles conversam. Temos um inimigo em comum e ele é paciente. Ele é tão paciente que coloca pessoas infiltradas onde precisa para ativá-las quando necessário. Drake parece ser a pessoa que eles procuram para treinamento e também para validação. Se Drake os apoia, ninguém questiona.

Isso era verdade. Mitya era o único que não os aceitava porque não confiava em Drake como todos os outros. E ele teve Lazar como pai. Isso significava que tinha pouca confiança ou fé em alguém, muito menos em um estranho.

— Começarei a revisar todos que se candidataram ao trabalho ao mesmo tempo que Amory. Além disso, posso investigar as várias pessoas com quem Amory se relacionou. Um padrão pode surgir, —disse Drake.

— Acho que terminamos aqui, —disse Mitya. — Agradeço a todos que vieram, especialmente para o funeral de Antosha. Isso significou muito para Ania. Ela precisava ver que seu pai era muito respeitado. Os últimos anos foram difíceis.

— O que planeja fazer com a propriedade dela? —Perguntou Fyodor.

— Ela quer mantê-la por enquanto, —disse Mitya. Ele não olhou para Sevastyan. Esperava que seu primo comprasse a propriedade para morar lá.

— Eu entendo isso, não quer romper os laços. Evangeline ainda tem a casa dela também, —disse Fyodor. — Ela tem dificuldades sempre que eu falo sobre vender.

— Você nos contou o que Ania fez naquela árvore, —disse Elijah. — Ela é forte. Ter vizinhos que nem mesmo reconhecem você ou fingem ser seus amigos e depois fala pelas suas costas é extremamente difícil para mulheres e crianças. —Ele sabia por

experiência própria. Sua família trabalha no ramo do crime há gerações.

Sua Ania pode ter sido forte, mas isso a afetou. Colocar uma lança na garganta de um homem não era tão fácil quanto parecia em um filme. Ela viu os resultados instantaneamente. O horror do que fez se espalhou pelo rosto dele. Ela foi salpicada com o sangue dele. Havia repercussões em ser corajosa. Mitya amaldiçoou que precisaria fortalecer suas defesas em vez de compartilhar a cama com ela. Ania precisava ser abraçada. Ou talvez fosse ele quem precisasse ser abraçado.

Os outros se despediram, mas Drake, Jake, Eli, Joshua e Elijah levaram quase uma hora para realmente partirem. No momento em que se foram, Mitya e seus primos foram até um canto da sala onde ficava a lareira e onde era menor e mais aquecido. A lareira estava acesa para combater o frio que a chuva tinha trazido do lado de fora. Como sempre, por ser legitimamente paranóico, Sevastyan garantiu que não houvesse dispositivos de escuta no escritório. Ele já havia varrido a sala de reuniões e declarado que nenhum dispositivo de escuta ou gravação havia sido deixado para trás.

— Jake tem espiões em sua propriedade, —anunciou Timur. — Ele não quer acreditar, e eu não posso culpá-lo.

— É uma loucura não acreditar em nós, —disse Mitya.

— Ele acredita em nós, —disse Timur. Tomará cuidado. Não só isso, armará armadilhas para pegar os espiões. Jake é um homem inteligente e não tolerará um traidor perto de sua família.

— Pode ter muitos deles lá, —alertou Mitya. — Parece que esses espiões treinaram com Drake a fim de não levantar nenhuma suspeita. Do trabalho com Drake foram para Jake. Todos nós temos homens treinados na **Donovan Security Company**. Sua palavra tem sido ouro. Não há muitos shifters, e eles precisavam de empregos que permitissem aos seus leopardos ter alguma liberdade. Drake fornece isso, além de um serviço muito real para as famílias que precisam deles. Não apenas guarda-costas, os sequestros tornaram-se tão comuns que é necessário alguém para entregar dinheiro ou recuperar a vítima.

— Alguns desses homens trabalharam em Bornéu por pelo menos um ano. Jake e Drake se uniram à idéia de livrar o mundo criminoso dos shifters a menos tempo do que isso. É muito recente. Elijah foi o primeiro a lançar a idéia. Então, por que esses homens estavam sendo enviados para treinar com Donovan? —Perguntou Fyodor.

— Ele é o melhor do mundo no que faz, —disse Timur. — Sua reputação é impecável.

— Acha que quem está por trás disso começou a suspeitar quando Jake começou a desmontar empresas que lavavam dinheiro? —Perguntou Sevastyan.

Mitya deu de ombros. — Podemos especular para sempre, mas o ponto principal é que temos um inimigo e que ele está vindo atrás de nós. Podemos não ser o alvo principal, mas estamos na mira deles porque somos vistos como *"amigos"* de Drake e Jake.

— Estamos deixando de fora Eli Perez, —disse Timur. — Ele era do DEA. Deve ter feito inimigos. Eli é responsável por um número impressionante de prisões e condenações. Passei muito tempo pesquisando. Ele derrubou Rafe Cordeau, embora não tenha recebido crédito por isso, nem o deseja. Isso poderia lhe trazer mais inimigos.

— Eli está nesse mundo a muito pouco tempo, —apontou Mitya. — Não há muita possibilidade de que tenham conseguindo infiltrar espiões em sua equipe. Quem começou a orquestrar tudo isso, já faz há alguns anos. Eli se tornou parte disso recentemente.

— Temos uma *aranha* grande e feia sentada em sua teia em algum lugar, esperando que alguém pise nela para que ela possa devorá-lo, —disse Gorya.

— Acredito que Lazar tenha encontrado essa '*aranha*' uma ou duas vezes, mas não sabe o que ela é capaz, —disse Mitya.

Ele conhecia o pai. Fez questão de conhecê-lo. Lazar acreditava que ele era muito superior a qualquer outro homem andando na terra. Ele se considerava mais forte e mais inteligente. O melhor de todos. Acreditava que tinha o direito de fazer o que quisesse, porque tinha esse direito. Nunca pensaria que alguém seria capaz de suprimir seu ego por um objetivo maior. Quem quer que seja essa '*aranha*', ela não precisa dos holofotes, e isso a torna duplamente perigosa.

— Será que Lazar vindo até nós neste momento, não passa de uma coincidência? —Sevastyan perguntou, mas havia um leve indício de descrença em sua voz. Como Mitya, ele não acreditava em coincidências.

— Eu não disse isso, —disse Mitya. — Acho que essa '*aranha*' usa qualquer coisa para sua vantagem. Lazar estava nos procurando. Não seria tão difícil ajudar Lazar a nos encontrar e até oferecer para apoio para entrar no país sem ser detectado. Lazar

acharia que essa '*aranha*' tem medo dele e queria favores devidos. Eu acho que não importa para a nossa '*aranha*' o que irá acontecer com o Lazar ou com a gente. Ele quer seu caderno.

Houve um silêncio. Os primos se entreolharam por um longo tempo. — Sabíamos que Lazar viria, —disse Fyodor com um suspiro. — Sinto muito por Ania, Mitya. Você merecia cuidar dela e da sua leopardo, sem se preocupar com seu pai tentando matá-lo.

Mitya assentiu, porque o que diria? Ania era sua prioridade, mas quando alguém estava tentando matá-los, ele não tinha escolha a não ser defendê-los.

— Estamos indo, Mitya, mas fique atento e se proteja.

— Fyodor, você tem vários shifters de Drake trabalhando para você, assim como eu. Assim como Joshua tem.

Mitya olhou para Timur, querendo que ele entendesse o tamanho do problema em que estavam. Lazar poderia pagar milhões de dólares pela cabeça de qualquer um deles. Esse era um tipo comum de negócios no ramo deles. A '*aranha*' poderia ordenar que alguém puxe uma arma na mesa de jantar e mate toda a família. Era muito mais difícil quando não se sabe quem são seus inimigos.

— Eu entendo, —disse Timur. — Vou investigar cada um dos homens que contratamos da agência de Donovan novamente. E ficarei de olho neles.

Gorya assentiu. — Vamos garantir que Fyodor e Evangeline estejam seguros. Evangeline não consegue mais se mover rápido. Ela está muito doente. Eu gostaria que ela se afastasse da padaria pelo menos durante o resto da gravidez.

Fyodor suspirou. — Eu não acho que isso vai acontecer. Vou ficar com ela lá daqui em diante até que o problema com Lazar seja resolvido e essa '*aranha*' se mostre.

— Timur, você e Gorya estão em risco de ambos os inimigos também, —apontou Mitya. — Só porque escolheu ser o chefe de segurança não significa que serão poupados. Exatamente o contrário. Você está entre eles e a presa deles.

Timur sorriu para ele. — Não gosto muito de ser chamado assim, Mitya. Sempre gostei de ser o predador. —Ele se espreguiçou. — Você precisa de mais alguma coisa de nós?

— Não. Todos vocês acreditam em Drake e Jake? Que eles não fazem parte disso de nenhuma maneira? —Mitya foi obrigado a perguntar. Ele achava que não, mas a conspiração fazia parte de sua vida desde que vivia com o pai.

Todos os primos balançaram a cabeça. — Drake e Jake estão do nosso lado, —disse Fyodor. — Acredito que todos os homens sentados naquela mesa são confiáveis.

Mitya desejou que sentisse o mesmo. Ele estava tentando. Queria ter amigos em sua vida que pudesse contar quando precisasse—que sua família pudesse contar. Tinha feito um esforço para começar a confiar mais, mas depois de tudo que aconteceu nesses últimos dias, voltou a ser o homem desconfiado e cuidadoso que sempre fora. Não deixaria mais ninguém entrar. Cuidaria dos primos da melhor maneira possível. Eles eram sua única família e eram vulneráveis. Fyodor tinha uma mulher que amava. Timur também. Isso os tornava alvos para um homem como Lazar.

Fyodor dirigiu-se para a porta, virou-se e inesperadamente segurou os ombros de Mitya com força. — Fique seguro, Mitya. Cuide de suas costas o tempo todo. Não podemos nos dar ao luxo de te perder.

Mitya assentiu, um nó duro inesperadamente bloqueando sua garganta. — Isso também vale para todos vocês.

Sevastyan os acompanhou enquanto Mitya subia as escadas, precisando estar perto de Ania. Ele entrou no quarto e respirou profundamente, tentando sentir o cheiro dela e avaliar o quão perto

estava de precisar dele novamente. O cheiro dela estava por toda parte, uma fragrância sedutora que se instalou em seus pulmões e o fez se sentir inteiro.

Mitya deu dois passos mais perto da cama e percebeu que ela não estava nela. Os travesseiros estavam empilhados e cobertos com o cobertor, como se ela estivesse embaixo, mas Ania não estava lá. Seu coração quase parou e ele lutou contra o rugido de raiva. Rapidamente, correu para o banheiro principal, mas ela também não estava lá. Ele se virou lentamente, olhando para as janelas que dava para uma ampla varanda. *Alguém entrou? Isso foi possível?* Ania poderia ter sido levada bem debaixo do nariz de todos aqueles shifters que estavam na reunião?

Ele abriu as portas de vidro para a varanda e se viu fechando os olhos em alívio. O cheiro de Ania era pesado lá fora. Estava chovendo, mas o teto acima impedia que os móveis ficassem encharcados. A alguns metros da porta havia duas cadeiras e uma pequena mesa. Ania estava enrolada em uma das cadeiras almofadadas, olhando para a chuva prateada, um cobertor a cobrindo. Ela virou a cabeça e sorriu para ele enquanto se aproximava.

— Sua reunião acabou?



Ania estava muito serena, enquanto ele estava em um ataque de nervos. Ele quase perdeu a cabeça, se transformando em um leopardo furioso só porque ela não estava em sua cama e porque sentiu medo. *Medo.* Essa não era uma palavra que associava a si mesmo com frequência.

— Pensei que alguém havia subido aqui e sequestrado você. — Ele não quis fazer soar do jeito que saiu. Sua voz era um grunhido de repreensão. Uma acusação.

— Depois do que aconteceu antes, posso garantir, querido, que eu não permitiria que ninguém me sequestrasse. Isso me deixaria com tanta raiva que eu teria matado qualquer um. —Ela levantou o cobertor e ele viu a arma que ela segurava no colo. Ao lado de sua cadeira havia um rifle com mira.

O alívio de que ela tinha saído para a varanda preparada foi tremendo. Por outro lado, Mitya detestava que Ania precisasse se preocupar em ter que levar armas só para se sentar na varanda e observar a chuva. Ele não podia culpá-la por querer estar lá fora. Estava frio e bonito com as gotas prateadas caindo. A chuva no telhado parecia música.

Embora Mitya entendesse, ainda queria sacudi-la. Ela o assustou. Ele não reagiu muito bem. Nem o seu leopardo. Mitya

se forçou a sentar na cadeira ao lado dela. — A reunião não nos deu nada de novo, *kotyonok.* —Sua voz estava afiada com decepção. — Eu estava esperando por algo. Qualquer coisa. Sei que Lazar está aqui. Ele deve ter entrado por Houston. Tenho certeza disso, mas não sei quem o ajudou.

Ela fechou os olhos. Podia ver a sombra dos cílios dela contra a única luz do quarto. Não gostou que ela estivesse exposta pela luz. Não havia casas ou telhados por perto para um atirador ficar à espera, mas havia colinas. Ele se levantou, entrou no quarto e apagou a luz. Quando voltou, havia lágrimas no rosto dela. A visão quase o quebrou. Mitya se abaixou, a pegou—cobertor e tudo—e sentou-se na cadeira, segurando-a perto.

— A família Caruso administra as docas em Houston, —ela sussurrou. — Alessandro entrou na padaria justamente quando *Jewel* estava subindo. Ele nos viu sair.

Ele deu um beijo na têmpora dela. Gentil, porque ela precisava de gentileza, mesmo que a menção de Alessandro fizesse Mitya e *Dymka* querer rasgar algo—ou alguém—à parte. — É por isso que você está chateada? Você acha que isso significa que Alessandro ou sua família traiu seu pai e você? —Ele tentou não parecer nada além de calmo.

Ela balançou a cabeça negando. — É o sangue. Tomei banho e lavei o meu pé. Até tomei dois banhos, mas não consigo tirar o sangue daquele homem de mim. Sinto como se ainda estivesse suja, Mitya. Repasso em minha mente o momento que o sangue me atingiu. Adormeci na cama, mas essa lembrança me acordou. Quando o chutei, espirrou sangue por todo o meu pé e perna.

Mitya apertou os braços em volta dela. — Você sabe que o sangue não está na sua pele, baby. É assim que nos sentimos quando se tira a vida de alguém. Não é para ser fácil. —Era fácil para ele. Muito fácil, mas ele sabia que não estava certo.

— Aquele homem, por pior que fosse, era filho de alguém. Irmão de alguém. —Havia um soluço em sua voz.

Ele não disse que Albert havia conquistado seu lugar no escalão superior de Lazar, ajudando seu pai a matar sua própria mãe. Ela não precisava ouvir essa merda. — Eu não sei o que faz um homem ficar ruim, mas ele era. Ele machucou muitas mulheres. Você deu um basta nisso. Nunca mais ele será capaz de machucar uma criança ou mulher novamente. —Ela precisava ouvir isso pelo menos. Ele pressionou o rosto dela em seu ombro e depois acariciou seus cabelos suavemente, balançando-a.

— Sei que tive que fazer aquilo para nos salvar, mas não sabia que ele levaria um pedaço de mim quando morresse.

Ele respirou fundo para não reagir. — Albert era o pior dos tenentes do meu pai. Ele era um indivíduo muito doente. Ele não se importava com quantos anos elas tinham, idosas ou muito, muito jovens, Albert gostava de torturar mulheres. Aquele homem não tem um pedaço de você vivo ou morto. O sangue dele não está em você, Ania.

Ele ajeitou o cabelo dela em seu punho e puxou a cabeça dela para trás, para que pudesse olhar nos olhos dela. — Ele não tem nenhuma parte de você. Eu poderia lhe contar as coisas que ele fez, mas essas coisas são tão *vis* que você nunca as tiraria da cabeça. Esses três homens eram cruéis e gostavam de machucar outros mais fracos que eles. Meu pai é o pior de todos eles.

Seus olhos procuraram os dele e então ela assentiu, seus cílios baixando. Mitya tomou sua boca. Aqueles lábios trêmulos. O conhecimento do que ele estava dizendo estava nos olhos dela, afundando lentamente, mas ele não a queria pensando em Albert, Taras ou Kronya. Ele queria que ela esquecesse que eles alguma vez existiram. Mitya podia assumir o fardo daqueles homens *vis*, mas não queria que nenhuma parte deles tocasse Ania.

No momento em que a beijou, seus lábios se movendo sobre os dela, sentiu o fogo familiar explodir profundamente dentro de seu ser. O combustível que Ania parecia derramar em sua garganta, se espalhou por suas veias e artérias, entrando em sua barriga e acendendo uma labareda tão quente e selvagem que, quando atingiu sua virilha, ele já estava em chamas.

Ela sempre se entregou completamente a ele. Ania nunca se conteve. Ela entregou-se a ele, entregou-se aos seus cuidados, e ele amava isso nela. Suas mãos se moveram sob o cobertor e a encontraram nua sob uma camisa grande demais para ela. Segurando em sua cintura, ele se afastou o suficiente para olhá-la.

— Você está vestindo minha camisa.

Ela apertou os lábios na garganta dele e, em seguida, deu-lhe um olhar que dizia que não ficou feliz por ele ter interrompido os beijos por algo tão mundano.

— Não é como se eu tivesse roupas aqui, Mitya. Pensei em sair furtivamente e ir em casa pegar um pouco, mas sabia que você não iria gostar. E Sevastyan disse que se eu fugisse de novo, insistiria para que você me castigasse. —Ela sacudiu a cabeça, fazendo o cabelo esvoaçar, os olhos pegando fogo, a postura do corpo indicando *"apenas tente"*.

Mitya não pôde deixar de rir. Sevastyan poderia pensar que ele conseguiria intimidar Ania, mas Mitya não achava que alguém pudesse—com exceção dele, e isso não iria durar muito.

— Está certa, eu não iria gostar que fugisse. Suas habilidades são extraordinárias, mas os guardas são todos leopardos.

— Assim como meus avós, meus pais e Annalize, —disse ela, presunçosa. — Eu tive que aprender a ser ainda melhor em fugir do que as outras crianças. Tornou-se uma espécie de jogo. Eles sabiam que eu tentaria e fizeram o que podiam para impedir que eu saísse sozinha, principalmente, para as corrida de carros. Adoro as corridas de rua. Poderia ser anônima. Ninguém sabia quem eu era. Eu gostava disso.

Ele puxou o cabelo dela. — Eu não vou gostar que fuja para ir às corridas de rua. Você terminou com isso.

Ela encolheu os ombros. — Prometi a você e mantenho minha palavra. Mas vou manter minhas habilidades. Isso é importante para mim.

Ele começou a desabotoar os botões da camisa, desembrulhando-a como um presente. — Mais tarde, vamos pegar suas roupas. Tenho planos para esta manhã. —Ele olhou para o

céu, já se tornando claro com o amanhecer. — *Dymka* também os tem.

Quatorze

DYMKA ESTAVA lhe dando um inferno. Cada passo que Mitya dava, doeu como um filho da puta. Ele não conseguia parar de pensar em sexo. Não conseguia parar o sangue quente correndo por suas veias. Ania estava sendo conduzida com a mesma força, de modo que, embora estivesse tentando arrumar suas coisas, esfregou o corpo ao longo da cama sedutoramente. Inconscientemente. Mas Mitya viu todos os detalhes e inalou os feromônios que ela estava soltando a cada respiração que dava.

Mitya ficou perto de Ania enquanto se movia pelo quarto, tirando as roupas das gavetas e do armário. Ela as dobrou meticulosamente, colocando cada item na mala. Vagou pelo

quarto várias vezes e depois voltou a escolher outras peças de roupa para levar. Ele sabia que a viagem para a casa dela seria emocional e iria tomar seu pedágio sobre ela. Não ajudava que o calor da sua leopardo a estivesse incomodando tanto.

A cada peça de roupa escolhida ela levantava os braços e alisava o cabelo, sacudia a cabeleira comprida e grossa e voltava a dobrar as roupas. Cada vez que fazia isso, seu corpo parecia que estava o açoitando com um chicote flamejante, enviando faixas de fogo direto para seu pau.

Ania usava apenas a camisa dele e nada mais. Ele gostou dela em sua camisa. Ela escolheu uma de suas camisas sociais, azul clara com mangas compridas enroladas no punho. A barra tocava quase seus joelhos. A camisa era mais comprida nas costas e na frente, mostrando suas coxas e, às vezes, quando ela caminhava ou pegava algo, mostrava a curva suave dos quadris. Mitya sabia que não deveria ter pensamentos inapropriados quando Ania estava tão emotiva. Era difícil observá-la enquanto ela escolhia cada item, e ele não pôde deixar de pensar em outras coisas, especialmente quando a linguagem corporal dela era descaradamente sedutora.

— Ania, temos homens que farão a mudança e estão vindo embalar tudo. Você só precisa de algumas roupas, apenas o

suficiente para usar nos próximos dias. —Sua voz soou mais rouca do que ele pretendia.

Ela olhou para ele, franzindo o cenho. — É difícil saber do que vou precisar.

Ele não queria dizer que se dependesse dele ela só precisaria vestir a camisa dele. Temia que no momento em que dissesse algo ela poderia mudar de ideia de novo sobre o que levar, então manteve a boca fechada.

Quando eles acordaram, fez amor com ela lentamente. Suavemente. Queria que ela sentisse o que ele estava sentindo quando a olhava ou a tocava. Os leopardos assumiram o controle quase no momento em que terminaram, saltando para fora da casa, explorando a área cultivada e parando a cada quinze ou vinte minutos para acasalar. O calor de *Jewel* os dominava, e o fato de terem tido tantas interrupções, o calor parecia mais intenso. Mitya sentia-se impulsionado toda vez que via ou cheirava Ania. Ele mal conseguia manter as mãos para si e sabia que ela também estava sofrendo.

A constante queima tinha que ser difícil de lidar, mas Ania tentou. Ele sugeriu que fossem até a casa da família dela para pegarem algumas roupas e procurarem por qualquer coisa que

apontasse na direção de onde seu avô escondera o pacote que ele roubou. Ania obedeceu sem protestar, mesmo que ela só tinha a camisa dele para usar e o material, sem a proteção de um sutiã, acabasse esfregando seus mamilos, tornando a queimadura ainda mais insuportável.

Dymka era sempre áspero quando acasalava com *Jewel*, mas quando eles não estavam acasalando, ele a acariciava e a lambia, mostrando afeto na maneira como ele cuidava dela. Ele não era o tipo de gato que gostava de brincar, então correr com *Jewel* por riachos e pular troncos, rolar juntos em folhas, era uma enorme expressão de como o seu leopardo se sentia em relação a sua companheira. De certa forma, essa aspereza foi transferida para Mitya.

Mitya gostava de sexo violento. Ele também não era um homem de brincar, a menos que fosse uma brincadeira sexual com a sua mulher. Mas ele tentou. Por Ania, ele tentou. *Dymka* era um animal perigoso e sempre agitado e nervoso. Isso significava que Mitya também era assim. Agora que *Dymka* tinha uma companheira, o leopardo a queria a todo momento, e Mitya não era diferente.

Os leopardos dormiram entre as sessões de acasalamento. Eventualmente, Mitya instruiu *Dymka* a levar *Jewel* de volta para

casa. Uma vez lá, precisou carregar uma Ania extremamente cansada para o andar de cima, a banhou e a colocou na cama, puxando a cortina, e as telas de privacidade para permitir que eles dormissem, o que fizeram durante a maior parte do dia.

O emergir, Mitya sabia, era extremamente difícil para uma mulher. Ania tinha olheiras e hematomas espalhados pelo corpo. Ela tinha marcas de dentes nela. Com a pele pálida, as marcas escuras ficavam destacadas. Ania parecia cansada, mas determinada. Com tudo o mais acontecendo também, e as perdas que sofreu, Mitya não poderia culpá-la se ela quisesse se esconder de todos, mas Ania não era assim. Ela tinha determinação. Quando a vida a derrubava, ela se levantava e continuava.

— Você se importaria se entrássemos na suíte de seus avós?

Ania se virou lentamente, dobrando um par de jeans e sentou na beira da cama. Ele não pôde deixar de notar como a camisa subiu em seus quadris e ela esfregou as coxas para aliviar a queimação que simplesmente não iria embora por nenhum deles.

— Eu não me importo, Mitya, mas a suíte foi limpa. Depois que eles morreram, Annalize entrou e empacotou tudo. Ela deu roupas e outras coisas para os brechós. Não havia nada na suíte que indicasse um pacote vindo de seu trabalho. Ele nunca disse

uma palavra sobre qualquer problema para qualquer um de nós, incluindo meu pai.

— Você se lembra de como ele agiu depois que roubou o pacote?

Ela assentiu. — Ficou diferente. Todos nós notamos isso. Se retirou, ficou isolado. Quando minha avó tentou falar com ele, ele a atacou, o que, acredite, nunca tinha feito. Olhando para trás, acho que vovô não sabia o que fazer, mas não queria envolver nenhum de nós no que ele julgou ser um grande problema que envolvia uma ou mais famílias.

Ela bateu na coxa, o único sinal de nervosismo, e depois fechou a mala. — Podemos ir lá agora. Você deve se lembrar, na época, nenhum de nós sabia que ele tinha ficado com algo que não deveria. Mesmo depois que meu pai foi baleado, não suspeitamos imediatamente. Nós sabíamos que eles haviam sido jogados da estrada e que suas mortes não foram realmente um acidente, mas não sabíamos o porquê. A princípio achávamos que uma pessoa louca os perseguiu e que acabaram evolvidos aleatoriamente no acidente.

— Onde está Annalize? —Ele tentou não suspeitar da mulher. Ela era leopardo, mas agia como se não soubesse o que estava

acontecendo quando Antosha lutava com seu leopardo para impedir que ele emergisse. Ela limpou a suíte e, se o avô de Ania escondeu o caderno lá, Annalize o encontrou.

— Annalize deve estar no apartamento que eu consegui para ela, você sabe disso. Eu disse que ela poderia ficar aqui, mas ela não queria ficar sozinha. Não posso culpá-la. —Ania olhou ao redor do quarto e depois suspirou. — Não me sinto mais em casa. Annalize é família para mim, e quero ter certeza de que ela sempre será cuidada.

Ele não tinha nenhum problema com isso. Desde que Annalize fosse realmente o que parecia, ele esperava oferecer a ela uma posição em sua casa. Assim que Ania começasse a ter seus filhos, eles precisariam de uma babá. Annalize poderia ser bastante útil.

— Baby, deixe isso, —disse Mitya quando Ania começou a vasculhar suas gavetas novamente. — O pessoal da mudança está vindo para arrumar suas coisas.

— Não gosto da ideia de estranhos tocando minhas roupas. — Ania passou as mãos pelo corpo, claramente inconsciente de que estava fazendo isso. Por duas vezes, segurou os seios e roçou os dedos sobre os mamilos através do material da camisa que usava. Nas duas vezes ela ofegou e corou.

Seu pênis estava tão duro que pensou que morreria se desse um passo. Era difícil pensar, mas um deles precisava permanecer são. Eles só tinham que ir até a suíte de seus avós e então poderia descobrir como fazer amor com sua mulher sem machucá-la. Ela precisava de cuidados, não mais sexo violento, embora observando-a, não tinha tanta certeza disso também. Tentar fazer a coisa certa não era fácil.

Ania desceu as escadas, parecendo muito confortável em sua camisa, como se estivesse usando um vestido elegante. Ele se perguntou se ela usava calcinha por baixo. Enquanto desciam as escadas, Mitya deslizou a mão pela curva das costas dela, encontrando a bainha da camisa e passando a mão por baixo do tecido. Os nós dos dedos roçaram a pele nua. O calor subiu na espinha dele.

— Amo sua bunda, Ania. —Ele queria que ela se distraísse. Precisava que ela fosse com ele até a suíte. A casa havia se tornado um memorial, um santuário para os mortos. Ele queria que Ania permanecesse entre os vivos. Sua família se foi e só restaram fantasmas.

Ele abriu a mão para apalpar a bochecha esquerda da buda dela enquanto caminhavam, sentindo os músculos se flexionarem. O polegar dele deslizou sobre sua pele macia e firme.

Ela olhou para ele por cima do ombro, e seus olhos tinham uma luxúria escura. — Você gosta de todo o meu corpo.

— Isso é verdade. Eu não me importaria de deitá-la nessas escadas e tirar um tempo para comer você. Estou me sentindo um pouco como o *Lobo Mau.*

O riso dela o recompensou, derramando-se de modo que as notas pareceram ouro para ele. Um pequeno arrepio percorreu sua espinha e ela empurrou de volta na mão dele. — Você está sempre se sentindo como o Lobo Mau. Não tente me enganar e agir inocentemente.

— Você é má, —disse ele. — Muito má.

Ania atravessou o longo corredor, passou pelo quarto do pai, parou em frente uma porta e a destrancou com as chaves que havia pegado no seu quarto. Quando abriu a porta, ela recuou para permitir que ele passasse primeiro. O quarto estava imaculado, como se tivesse acabado de ser impecavelmente lavado. Se foi Annalize que o limpou, fez isso como um ato de amor. Ninguém mantinha quartos vazios tão intocados.

Ele olhou ao redor. Havia muito pouco mobiliário e nada pessoal. — Annalize encontrou alguma coisa que ele deixou especificamente para seu pai ou você?



Ela começou a balançar a cabeça e depois franziu a testa. — Ele tinha um diário e havia anotações para meu pai. O diário deve estar na mesa do escritório de meu pai.

— Você o leu?

— Meu pai me mostrou algumas anotações, mas o conteúdo era afetivo. Principalmente sobre minha avó e eu. O resto, manteve para si mesmo. Mas, Mitya, se houvesse algo sobre um pacote que meu avô não entregou à família Anwar, meu pai teria me contado quando eu pedi.

— Talvez, Ania. E talvez, como seu avô, ele quisesse mantê-la segura.

— Eu não acho que fiquei muito segura, Mitya. Se esse era o objetivo dele em não me contar, ele não fez um bom trabalho.

Ela não parecia amarga, embora suas palavras pudessem ter sido compreendidas assim. Ania parecia triste. Mitya passou o braço em volta do pescoço dela e a levou para fora da suíte dos avós. Estava frio e parecia vazio. Ania precisava se sentir quente e despreocupada. Ele tinha que dar isso a ela. Mais do que tudo, Mitya queria fazê-la feliz.

Enquanto ela liderava o caminho para a sala, seu corpo deslizava sutilmente ao longo do dele. Ele sentiu todas as curvas.

Dentro dele, seu leopardo o arranhava, tão consciente dos feromônios que ela estava liberando quanto ele. Ania parecia deslizar contra todas as paredes do longo corredor, de modo que seu cheiro sedutor enchia toda a área, do chão ao teto. Ele a respirava a cada passo que dava.

Mitya sentiu como se estivesse enlouquecendo. Em seus ouvidos trovões rugiam. Ele se sentia nervoso. Tenso. Uma pequena parte dele, pensava nos negócios que precisava resolver. Mas a maior parte era tudo sobre desejo. Luxúria. Fome. Um tipo de fome que cortava a alma, deixando-o desorientado e sentindo como se houvesse uma britadeira abrindo sua cabeça.

Foi necessária uma tremenda disciplina para permanecer focado no que precisava fazer. Para manter sua mente na razão dele estar naquela casa. Ania saiu de debaixo do seu ombro, o que deveria ter dado algum alívio, mas então seus olhos caíram para o corpo dela enquanto ela se movia muito sedutoramente através do corredor para o escritório do outro lado da sala.

A mesa do pai dela era uma mesa de madeira antiga, o que o surpreendeu. Ele esperava que Antosha teria uma moderna mesa de vidro. Ania passou a mão sobre a madeira e depois puxou outra chave. Abriu a gaveta superior, enfiou a mão lá dentro e tocou em algo que ele não podia ver. Imediatamente uma pequena gaveta

escondida se abriu de uma das duas peças curvas de madeira que formavam as pernas.

Mitya estava mais interessado na maneira como ela se abaixou para abrir a gaveta, dando-lhe uma visão do traseiro dela. Queria mordê-la. Em vez disso, esperou enquanto ela se agachava, com as pernas ligeiramente afastadas, o suficiente para ver a sua umidade brilhando nos cachos que cobriam seu monte.

Ele fechou o punho sobre o comprimento duro de seu pau. Ela olhou para cima e sorriu para ele. Sabia exatamente o que estava fazendo com ele. Mitya queria pegar todo aquele cabelo selvagem em sua mão e enfiar o pau na garganta dela. Sevastyan e os outros estavam muito próximos. Ele quase gemeu alto quando ela moveu as pernas, supostamente para se aproximar da pequena gaveta secreta. Mitya mal conseguia respirar, mas de alguma forma o cheiro dela chegou aos pulmões dele.

Ele queria rugir. Queria levantá-la e se enfiar nela nessa mesa. Agarrá-la aqui mesmo. Poderia prová-la em sua boca. Desejo quente. Luxúria pura. Tudo isso o afogava como uma onda de loucura.

Ania pegou o diário e o segurou para ele. Mitya o pegou, o olhou superficialmente e depois o enfiou no bolso.

Ela deliberadamente passou a língua pelos lábios, molhando-os. Olhando para ele. Seu pênis parecia uma adaga. Diamante duro. Titânio. A mão dela deslizou para a frente da calça dele.

— Pena que não estamos sozinhos. Minha boca ficaria tão bem ao redor do seu pau, não é? —Ela sussurrou. — Mas, como sempre, estamos cercados por todos esses guardas. Aposto que gostaria das coisas que eu poderia fazer com você. Ou melhor ainda, as coisas que você poderia fazer comigo.

— Pare de me provocar, *kotyonok*, —ele avisou. — Eu particularmente não dou a mínima se eles estão aqui ou não. Continue me provocando e ficará de joelhos, me chupando, bem na frente deles.

Ania riu porque sabia que não era verdade. Ele nunca toleraria que seus homens a observassem fazer sexo com ele. Os leopardos eram uma coisa, sua contraparte humana era algo completamente diferente. Sua ameaça era um blefe e os dois sabiam disso. Bem, ele pensou que sabia, mas o rugido estranho em sua cabeça e a britadeiras perfurando seu cérebro lhe diziam o contrário. Mais alguns minutos e Ania não estaria segura.

Ele chamou Sevastyan rispidamente, e pediu que providenciasse trazer o carro e colocasse a mala dela dentro dele.

Mitya apoio Ania na parede e a beijou. Suas mãos deslizaram por baixo da camisa, por sua barriga até os seios, massageando os montes macios e perfeitos. A maneira como podia senti-los em suas mãos. Tão macios. Suaves. Perfeitos. Queria devorá-la. Torturá-la. Reivindicar cada parte dela para si. O beijo era áspero, mas ela gemeu e ofegou, dando-lhe ainda melhor acesso à boca.

A cabeça dele começou a zumbir, e ele já estava completamente fora de si apenas com os beijos dela. Mitya beliscou e puxou seus mamilos. Áspero. Tão áspero quanto os beijos dele, então Ania ofegou e empurrou os seios ainda mais nas mãos dele. Uma das pernas dela se fechou ao redor dele e ela se esfregou em sua coxa, tentando alívio.

— Não aqui, baby, —ele sussurrou. — Você sabe que não deve provocar um leopardo. —Ele se recusou a permitir que ela gozasse ali.

O desejo enlouquecedor estava lá nos olhos dela. Quase tão desesperador quanto o dele. Mitya sorriu maliciosamente, desceu sua mão e encontrou sua buceta, enfiando os dedos nela profundamente, fodendo-a dessa maneira, mas parando quando os quadris dela avançavam para encontrar os dele. De vez em quando ele esfregava seu clitóris e ela ofegava e tentava montar a mão dele do jeito que tinha feito com na sua coxa. As calças dele estavam

manchadas do creme dela, e Mitya se sentiu tão selvagem e feroz quanto seu leopardo.

— Estamos prontos para vocês, —Sevastyan chamou, sua voz tensa.

— Os leopardos estão nos enlouquecendo, —disse Mitya. — Vamos precisar de um pouco de privacidade.

— Entendi, —disse Sevastyan. — Todos nós e nossos leopardos estão muito conscientes disso, Mitya.

Não havia nada que Mitya pudesse fazer sobre isso. O corpo de Ania estava derramando feromônios que enlouqueceriam os leopardos machos, mas Sevastyan insistia na presença de guarda-costas. Eles estavam sob ataque e precisavam de seus melhores homens ao seu redor. A leopardo e sua contraparte humana estavam deixando todos loucos.

— Depressa, baby, vamos para o carro. —Mitya quase arrastou Ania para fora de casa, com a mão na parte de baixo das costas, empurrando-a pelo caminho até o carro. — Leve-nos pela estrada até que eu o avise para parar, —ele disse a Mirón e abriu a porta de trás.

Em vez de apenas escorregar rapidamente para o assento, Ania fez um show para entrar no carro, ela colocou as mãos primeiro,

dobrou-se, de modo que as bochechas firmes de sua bunda apareceram por baixo da camisa e se arrastou para dentro lentamente, seu traseiro balançando em convite.

Com o coração batendo forte, Mitya deu um tapa na sua bunda com força. A marca da mão dele surgiu imediatamente, um farol vermelho brilhante em sua pele pálida. O som e a visão daquela marca de mão vermelha em seu traseiro enviaram um raio através de seu pau. O suor escorreu em seu corpo.

— Mova-se.

A risada dela o provocou, e ela diminuiu o passo, olhando-o sedutoramente por cima do ombro. Mitya a golpeou de novo e se inclinou para mordê-la. Ania gritou em necessidade e se deitou de barriga para baixo no assento, esfregando os mamilos sobre o couro através da camisa dele. Seu traseiro nu estava no ar, um convite que ele não pôde resistir.

Ouviu seu próprio rugido, fora de controle. Raios continuavam atingido seu pau no mesmo ritmo que continuava estapear o traseiro dela. A cada tapa ouvia seus gemidos, seu pau doía tanto que ele pensava que poderia ficar louco. Apalpou a bochecha quente da sua bunda e, em seguida, deslizou os dedos em sua buceta acolhedora, colhendo seus líquidos e espalhando

sobre suas dobras, seu clitóris e depois entre as bochechas de seu traseiro. Antes que ele pudesse enfiar o dedo em seu pequeno e apertado buraco, ela se afastou no banco para permitir que ele entrasse no carro.

No momento em que as portas do carro se fecharam, sem prestar atenção aos homens no banco da frente, Mitya subia em cima dela, desabotoou a camisa e a abriu, expondo seus seios cheios e redondos. As mãos dele desceram na fivela do cinto, abrindo-o às pressas e arrastando as calças dos quadris, descendo pelas pernas e tirando-as. Mitya nunca precisou tanto se livrar das próprias roupas. O toque do tecido em sua pele parecia uma abominação. Seu pau se enfureceu livre—enorme agora, tão furioso e faminto quanto um leopardo selvagem.

Sevastyan levantou a tela de privacidade xingando, lembrando a Mitya que ele estava tão fora de si que não pensou em pedir para subir a tela. Sua fome frenética o levou ao limite. Ela o enlouqueceu com a sua provocação.

— Preciso da sua boca, mulher, —ele ordenou, sua voz rouca. — Agora mesmo. Quero enfiar meu pau na sua garganta, enchê-la comigo. —Foi o que ele fez. Não queria ser gentil ou amável. Não queria ter que se preocupar com nada além de prazer. Seu prazer. Quente, brilhante, um milagre de pura sensação. Ela poderia fazer

isso com a boca. Ania podia fazer coisas com a boca que ele não achava possível. O que ela não sabia era que ele estava ensinando-a, e cada lição era uma exploração instrutiva e quente. Seu pau ardeu no inferno de sua boca, desesperado pelo que só ela poderia lhe dar.

Seu pênis estava tão quente que ele pensou que poderia explodir. Ania escorregou no assoalho do carro, ajoelhada aos pés dele. Mitya abriu as coxas dele para acomodá-la. Ela parecia perfeita ali, olhando para ele, seu rosto quase inocente enquanto suas mãos acariciavam as coxas dele e depois se acomodaram em torno de seu saco pesado. Não era onde ele queria sua boca, mas a sensação quando os dedos dela acariciaram e gentilmente amassaram seu saco foi incrível. Em seguida a língua dela começou a lambê-lo como uma gatinha, era assim que ele a chamava em russo. A língua dela cobriu cada centímetro de suas bolas, puxou a pele sensível, e então traçou com a ponta para cima e para baixo entre as bolas dele e o seu traseiro.

Ele queria fechar os olhos e saborear a sensação, mas não conseguiu. Precisava olhar para os olhos dela. Apreciar seus seios balançarem a cada movimento que ela fazia. Não resistiu o desejo de beliscar seus mamilos, de observar o rubor deslizar sob sua pele. Ele os puxou, esticando-os, o suspiro dela lhe dizendo que havia

criado dois pontos quentes de dor que espalharam chamas de seus seios para seu sexo.

— Vamos mudar de posição. Vire-se. Sente-se no chão, encoste suas costas contra o assento e depois apoie a cabeça nele.

Ania obedeceu sem fazer nenhuma pergunta. A parte de trás da cabeça repousou no assento, a garganta dela ficou esticada. O coração dele bateu forte quando se moveu na frente dela. Havia muito pouco espaço, então ele se virou, ficando de frente para ela, montando-a, seu pau posicionado sobre sua boca.

Ania olhou para o pau dele e o saco pesado, os olhos arregalados. Ele colocou uma mão no encosto do banco e a outra ao redor de seu pênis.

— Você pode tocar minhas coxas ou bolas, baby, mas não meu pau. Eu o controlo, não você.

Ele observou o movimento da garganta dela enquanto engolia saliva, apreensão em seus olhos. Mitya não a culpava. Seu pau parecia maior do que de costume. Estava quase louco de tanto desejo por ela. Sentiu como se cada célula de seu corpo gritasse pelo corpo dela, pelas coisas que ela poderia fazer com ele. Queria rugir de fúria, de fome, de necessidade.

— Abra sua boca.

Ania lambeu os lábios e suas entranhas se apertaram. Ele se abaixou e beliscou o mamilo dela com força. Quando ela ofegou, ele segurou seu pau e empurrou metade dele em sua boca aberta. O calor o cercou. Inundando todos os seus sentidos.

— É isso aí, baby, *porra,* me engula. Sugue-me. Assim. Apenas me chupe. —Ele não conseguia fechar os olhos para saborear a sensação de sua boca quente e úmida em torno dele, porque a visão dos lábios dela se esticando ao redor de seu pau era a coisa mais erótica que já tinha visto. A maneira como ele havia a posicionado, não dava nenhum escolha a Ania. Seu pênis a prendeu lá, junto com o peso de seu corpo. Ele controlava tudo, e ela sabia disso. Ela tinha que aceitar o que ele exigia.

Ania o chupou com força, suas bochechas esvaziando e sua língua o chicoteando com fogo puro. Um raio riscou sua espinha. Ele jogou a cabeça para trás e rugiu quando o prazer ardente tomou conta dele.

— Mais forte, —ele advertiu, empurrando mais fundo.

Ania engasgou e tentou se afastar dele, mas era impossível. Ele esperou até que ela se acomodasse e depois balançou a cabeça. — Pode fazer isso, *kotyonok*, você já me levou mais fundo. Pense no meu pau, em como você gosta de satisfazê-lo, em como pode fazê-

lo se sentir melhor do que já fez. —Ele deixou que ela respirasse e depois se empurrou fundo. — Ele é só seu, todo seu, feito para você, feito para lhe trazer prazer. Lembre-se como se sente quando ele está entre as suas pernas. Chupe forte. Faça-o se sentir bem. Só você pode fazer isso, Ania. Só você pode me fazer bem.

Ania chupou com mais força, seus olhos arregalados, lacrimejando. Ela começou a lutar um pouco pelo ar novamente e com relutância, ele se afastou para deixá-la respirar. Desta vez se empurrou um pouco mais fundo.

— Você vai me levar até o fim desta vez, —disse ele. — Mais forte, Ania. Eu quero que você me chupe.

Ela tentou obedecer, a boca trabalhando, a língua provocando. Ele a deixou respirar e depois empurrou fundo até sentir a resistência de sua garganta. Ela não recuou, mas ele a viu lutar para se conter. Adorava vê-la lutar por ele. Pelo o prazer dele. Sua mulher, dando tudo o que ele pedia mesmo quando não era fácil.

— Relaxe para mim.

O pensamento dela lutando por ele, lutando contra a necessidade de respirar, controlando seu reflexo de vômito, seu medo, tudo por ele, era alucinante. O conhecimento aumentou seu prazer. Observando seus lábios se esticarem impossivelmente ao

redor da circunferência de seu pau, vendo sua garganta enquanto tentava engoli-lo, seu nariz lutando por ar, olhos marejados, mas cheios de luxúria sombria, que só intensificaram o êxtase de sua boca quente e sedosa.

— É isso aí, baby. Leve-o todo. Engula-me. Chupe tudo de mim. —Suas bolas estavam muito contraídas.

As mãos dela subiram sob o saco de veludo e ela começou a acariciá-lo. Os dedos dela se fecharam ao redor de suas bolas e ele pensou que explodiria na garganta dela, mas lutou para se conter. Não queria que isso acabasse.

Os lábios dela brilhavam e quando ele se afastou para permiti-la respirar, seu pau estava molhado e quente. Ele se empurrou novamente na sua boca e começou a bombear longos golpes. Mantendo a cabeça dela para trás no assento enquanto a enchia.

— Engula, Ania. Engula-me, —ele disse enquanto se afundava em sua garganta. — Use seus dedos em você.

Ela lutou para obedecê-lo, e então os músculos tensos de sua garganta contraíram e o estimularam ainda mais. Era o paraíso, um lugar que ele não queria sair. Os dedos dela deslizaram pela barriga e desapareceram entre as pernas dela. No momento em que ela começou a se acariciar, relaxou ainda mais. Ania se entregou

completamente a ele, e ele demorou-se, observando-a usar os dedos nela mesma com uma das mãos e com a outra acariciar seu saco enquanto ele se empurrava dentro e fora de sua boca, e depois mais fundo em sua garganta.

Sentiu suas bolas se contraírem ainda mais quando o atrito aumentou e ficou tão quente que ele sabia que não poderia durar. Seu pênis cresceu, engrossou, empurrando os limites dela ainda mais. — Você vai gozar, baby? Mais rápido. Goze comigo

Os dedos dela aumentaram freneticamente o ritmo quando ele empurrou seu pênis profundamente, seus quadris se empurrando dentro dela. Sua mente estava coberta por uma névoa vermelha e um trovão rugiu em seus ouvidos.

Os olhos dela o encararam e, mesmo com a boca cheia dele, ela conseguiu acenar com a cabeça para dizer que iria gozar.

— Goze, baby, solte-se. Engula cada gota, não deixe escapar nenhuma, —ele ordenou, e a idéia de sua mulher obedecendo uma ordem sua era mais uma excitação.

Os olhos dela ficaram completamente molhados quando o pênis dele inchou ainda mais e começou a tremer e pulsar enquanto a semente disparava por sua garganta. Jorro após jorro. Ele a

observou engoli-lo, mesmo quando o corpo dela entrou em erupção em um orgasmo ardente.

Quando seu pênis parou de se mexer e pulsar, Mitya se retirou lentamente. Ania respirou fundo, a cabeça ainda para trás, os olhos atordoados e aquecidos. Ela nunca pareceu mais bonita para ele. Ele não se mexeu, equilibrando-se com o balanço do carro, pernas abertas sobre o corpo dela, seu pau semiduro sobre ela.

— Certifique-se de limpar cada gota, *kotyonok*. —Sob sua pele, podia sentir o calor do seu leopardo, empurrando-se para a superfície, precisando de sua companheira. O grunhido em sua voz e as demandas eram todas de seu leopardo, um predador dominante faminto por mais.

A língua dela era calmante, uma lima aveludada enquanto o limpava, da mesma forma que todas as fêmeas de sua espécie limpavam seu companheiro. Ele saboreou essa emoção, adorou observá-la, desejava que eles pudessem começar tudo de novo, mas o caos em seu cérebro recuou o suficiente para funcionar corretamente. Os leopardos precisavam correr livremente, acasalar-se novamente e passar algum tempo juntos.

Seus homens eram leopardos e podiam sentir o cheiro dos feromônios que *Jewel* e Ania estavam exalando, além de ouvirem

tudo o que disseram—e fizeram—um ao outro. Mitya não tinha ideia de como apaziguar a situação com as necessidades de seu leopardo e a necessidade de Sevastyan de mantê-los seguros.

Ele tocou o rosto de Ania, esfregando o polegar sobre a bochecha dela em uma pequena carícia. Muito gentilmente, quando ela terminou, ele a ajudou a se sentar e abriu a tampa de uma garrafa de água para dar a ela. Ania bebeu agradecida.

Mitya continuou acariciando seu rosto e depois seus lábios depois que ela bebeu. Esfregou a água fria em torno de seus lábios, sabendo que tinham que estar doloridos. Tudo nela provavelmente estava dolorido. Ele precisava desse do contato mais do que ela.

— Gostaria de poder ser gentil com você, baby, —ele disse suavemente, sendo honesto com ela. Ania merecia gentileza. — A porra do meu leopardo está me empurrando com força. Eu não posso culpá-lo. Toda vez que ele precisa de sua companheira, algo parece acontecer e atrapalhar o acasalamento deles. Isso o deixa louco. Ele quer caçar. Ele acha que precisa protegê-la.

— Ela está desesperada para sair, —disse Ania. Sua voz tensa. Rouca.

Ele estremeceu, e sua mão foi para a garganta dela, dedos acariciando suavemente. — Desculpe, *kotyonok,* você provavelmente está machucada.

Ania sorriu brevemente, olhou para ele, mas não fez nenhum movimento para se levantar do chão. Parecia exausta. — Já estou toda machucada, mais um ou dois não vão fazer diferença.

Ele odiava isso. Sabia que ela estava certa, mas ainda odiava. Seu corpo estava coberto de hematomas, ferimentos, marcas de dentes e evidências de um acasalamento selvagem.

— Você pode se levantar?

Ela deu outro sorriso fraco. — Provavelmente, mas acho que vou ficar aqui por um minuto ou dois até saber que estou sob controle. *Jewel* está chateada comigo e isso torna tudo muito mais desconfortável.

— *Dymka* está assim também, Ania.

— Eles precisam ter tempo juntos, Mitya. Não existe algum lugar onde possamos ir, onde podemos deixá-los passar alguns dias juntos sem uma ameaça?

O primeiro pensamento de Mitya foi não. Como poderiam partir quando ela tinha uma facção desconhecida tentando matá-



la, e o pai dele finalmente estava se movendo para matar todos eles? Mitya controlou a primeira reação negativa e considerou o pedido dela.

— Não sei se conseguiríamos, Ania. Sevastyan tem tudo para cuidar de nós em casa.

Ela encolheu os ombros. — Mas nossas casas são muito grandes e provavelmente seria mais fácil e levaria menos esforço para nos proteger em algum lugar menor. Mais íntimo. Os leopardos não teriam tanto espaço para correr, mas provavelmente não se importarão, desde que não sejam interrompidos constantemente.

Ania pressionou a garrafa de água fria na testa. — Pelo menos pense nisso, Mitya.

Ele queria lhe dar a lua, mas sabia onde quer que fossem, iriam levar seus problemas com eles. Os leopardos não iam correr livremente sem incidentes. De fato, cada vez que emergiam, o risco era maior de serem atingidos. Um atirador de elite era muito mais difícil de capturar do que se poderia pensar. Bastava uma pessoa com um rifle deitado na encosta de uma colina.

Ela inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. — Sabemos mesmo o que queremos um do outro, Mitya? Sinto que apenas



corremos em círculos. No pouco tempo que passamos juntos, a única coisa que fazemos é sexo selvagem e louco e, então, algo terrível acontece. Eu não te conheço e você não me conhece.

Mitya afundou no banco, a coxa ao lado da cabeça dela. Afundou os dedos nos cabelos dela e puxou os fios sedosos. — Eu sei que estamos assim agora, baby. Muitos casais leopardos estiveram juntos em suas vidas passadas uma ou duas vezes. Eles têm memórias das suas antigas vidas, mesmo que não se lembrem claramente delas, e a atração entre eles existe, por isso o *Han Vol Dan* acontece de forma mais suave. Eles sentem que já se conhecem. Nós não tivemos isso. Estamos construindo as nossas primeiras memórias juntos. O ciclo fértil de *Jewel* não vai durar mais de uma semana, e as coisas esfriarão o suficiente para nos dar espaço para respirar.

Ania esfregou a mão na coxa dele, mas não respondeu. Mitya não gostou do silêncio dela. Ele puxou suavemente os cabelos dela. — *Kotyonok*, você está exausta. Perdeu seu pai. Há pessoas tentando matá-la por motivos que desconhecemos. Acho que você tem todo o direito de questionar o que está acontecendo. Eu só quero que se lembre de uma coisa, que sou aquele homem que vai te defender. Não importa o que aconteça ao nosso redor, eu não vou a lugar nenhum.

Ela tomou outro longo gole de água. — Eu sei. Eu sei. Estou só ... cansada.

— Vou mandar Sevastyan virar o carro e nos levar de volta para casa.

Ela apertou a garrafa na testa novamente. — Ainda temos que deixá-los sair. *Jewel* não vai se acalmar até que esteja com *Dymka.*

Mitya não teve coragem de lhe dizer que isso não mudaria nada. *Dymka* estava ainda mais chateado e mais mal-humorado do que *Jewel* ou Ania. E tudo o que Mitya podia fazer era controlá-lo. Seu próprio humor também não era muito melhor. A situação toda estava fodida.

— Vamos para casa. —Ele pegou suas calças.

— Acho que ainda não consigo encarar nenhum deles, —disse Ania baixinho. — Eu nem sei o que estou fazendo quando estou assim. Não consigo pensar.

Ania estava chorando. Ele ouviu o lamento na voz dela. Lágrimas. Quando olhou para baixo, ele podia ver seus cílios úmidos e lágrimas escorrendo pelo rosto. Seu coração vacilou. Revirou. Ele se abaixou, a pegou pela cintura e a ergueu facilmente em seu colo. Mitya estava agradecido pela força do seu leopardo, pela força do seu corpo. Ania era pequena e carregá-la era fácil.

Ele segurou a lateral do rosto dela, o polegar roçando as lágrimas. — Sei que parece que isso nunca vai acabar, mas prometo que vai. Nós vamos resolver isso juntos, Ania. Eu não te escondi nada. Fui sincero sobre o tipo de homem que sou.

— Eu sei, —ela sussurrou. — Sinto muito, só estou me sentindo um pouco sobrecarregada. Parece que não há amor no que fazemos. Parece até que não consigo mostrar o que estou sentido a você.

Ele tinha sido egoísta. Não havia dúvida sobre isso. Ele se conhecia; sabia que quando o seu leopardo estivesse no comando de seus desejos seria egoísta novamente. — Suponho que pense que tudo que fizemos não pareceu ser amor, e sei que precisa disso. Mas a maneira como se entregou a mim, isso me pareceu ser amor.

— Não me interprete mal. —Ela ainda não olhava para ele. — Eu gosto de tudo que fazemos. Adoro quando você é assim, adoro as coisas sensuais que diz, o quão pode parecer forte e todo meu. Gosto de cuidar de você, mas nem sempre me sinto confiante sobre nós.

Ele puxou a cabeça dela, forçando-a a olhar para ele. — Você não se sente confiante sobre nós? —Ele repetiu, atônito. Franziu a

testa, não deixando que ela desviasse o olhar. — Ainda acha que estou com você por causa do meu leopardo?

Ela encolheu os ombros. — Ninguém sequer olhava para mim até que ela entrou no cio, Mitya. De repente, há homens por perto, interessados, dizendo como me acham bonita. Ninguém disse isso antes.

— Nós não nos encontramos antes, Ania. Naquela noite, quando te vi na chuva, soube que você era minha. Eu sabia disso. Não houve um momento de dúvida. —Ele inclinou a cabeça para dar um beijo nos lábios dela. — Eu me apaixonei tão profundamente por você que nem sei o que fazer sobre isso. Não sou poeta, baby, e nunca vou ser. Não tenho palavras bonitas. Mas quando te toco, mesmo quando sou áspero, *especialmente* quando sou áspero, isso é verdadeiro e honesto. Esse sou eu me sentindo tão intenso que mal estou no controle. Para um homem como eu, perder o controle, Ania, tem que ser por amor.

Ela inclinou a cabeça para trás, apoiando-se contra o ombro dele, olhando nos olhos dele. Ele viu a leopardo dela perto da superfície, mas também a viu, aqueles olhos índigos que podiam derreter seu coração a cada momento. Os olhos dela vasculhavam os dele, como se procurassem por sua alma. Se era isso que Ania

precisava achar para ter certeza de que era amada por ele, então encontraria uma maneira de dar isso a ela.

— Vamos para casa, baby, e deixaremos que os gatos tenham o tempo deles. Podemos conversar sobre isso em um ambiente particular. —A mão dele escorregou para o pescoço dela, tentando aliviar um pouco da sua tensão. — Nunca mais quero que sinta que não é amada. Para mim, o que sinto é tudo sobre você. Não haverá outra mulher na minha vida. Nunca. E quando eu morrer, vou morrer sabendo que a encontrarei em mais oito ciclo de vida.

Ela lhe enviou um sorriso hesitante. — Você pode se arrepender disso.

Ele balançou a cabeça. — Essa é a única coisa que tenho certeza absoluta, Ania. Não tenho dúvidas. Mas posso entender por que você teria. Sou um amante egoísta ...

— Você também é generoso. Eu quis dizer o que disse, adoro o seu jeito. Mesmo que nem sempre me sinta confiante.

— Pois deveria ...

Um carro se chocou na lateral do carro deles. Um tiro soou e depois outro. Algo atingiu o vidro do lado do motorista. O carro saltou e balançou para o lado, quase fora de controle. Mitya pegou Ania pelos ombros, empurrando-a em direção ao chão. As mãos

dela já estavam abotoando a camisa, fechando-a quando ela se virou em direção à janela para tentar ver.

— Fique abaixada, —ele murmurou. — Sevastyan, abaixe a tela de proteção, agora.

Na escuridão, podiam ver outros dois carros perseguindo-os. Flashes iluminaram a escuridão quando balas atravessaram o ar em direção a eles. O para-brisa e o vidro da janela lateral do carro racharam. Um SUV bateu neles, empurrando-os para o lado, lançando Ania para fora do assento. Mitya tentou pegá-la, mas ele estava vestindo suas próprias calças e não a alcançou.

O para-brisa quebrou no lado do motorista, Mirón foi atingido e se inclinou para o lado, afundando no banco. Sevastyan pegou o volante, mas o peso do pé de Mirón estava no acelerador. O carro ficou fora de controle, girando em círculo ao lado do SUV.



Quinze

ANIA PRATICAMENTE pulou do banco traseiro para a frente, gritando com Sevastyan para arrancar Mirón de trás do volante. Ela deslizou atrás do homem ferido, se movendo tão rápido que Mitya não teve chance de puxá-la de volta para ele.

— Cintos de segurança, —Ania gritou, as mãos no volante, o carro miraculosamente e impossivelmente deslizando ao redor do SUV como se estivessem em alguma cena de filme.

Sevastyan usou a força de seu leopardo, arrastando Mirón para o lado do passageiro e para longe de Ania. Ela olhou pelo espelho retrovisor interno e pelo os retrovisores laterais. Como Ania conseguia ver qualquer coisa com o carro girando e com tudo acontecendo tão rápido, ele não sabia. Como Sevastyan, Mitya puxou armas dos compartimentos e sentou atrás do motorista do carro com o objetivo de proteger o máximo possível esse lado. Não foi fácil com o carro girando, mas ele conseguiu.

— Cintos de segurança, —Ania gritou uma segunda vez.

Obviamente, a mente dela deveria estar concentrada em controlar o veículo, e não nos seus passageiros, mas nessas circunstâncias nenhum homem iria mencionar isso.

O carro parou de girar e se afastou do SUV e do outro carro que os perseguia. Sevastyan tinha o telefone na mão e estava enviando mensagens para seus homens. — Eles não estão muito longe, —relatou. — Pode lidar com isso, Ania?

— Não me insulte, —disse Ania. Ela olhou para Mirón. — Qual a situação dele?

— Ele está resistindo, —Sevastyan respondeu laconicamente.

Os dois carros encostaram e tentaram imprensá-los, posicionando-se de ambos os lados do carro deles. Mitya soltou duas rodadas de tiros, esperando impedir que o atirador mirasse em Ania. Ele detestava que ela estivesse exposta dessa maneira. A janela do lado do motorista *era* à prova de balas. Não deveria ter rachado. Agora Ania seria o alvo dos atiradores que queriam parar o veículo.

De repente, ela pisou no freio e, no momento em que os dois carros estavam a alguns centímetros à frente, Ania girou o pesado Town Car como se fosse um leve carro esportivo. Mitya quase acabou no banco da frente com os outros. O carro voou de volta

pela estrada, afastando-se de sua residência e voltando para a estrada principal.

Mitya olhou para o velocímetro. Ania acelerava e não mostrava sinais de diminuir. Ele olhou para ela e viu uma mulher fria, suas mãos firmes no volante, olhos concentrados à frente, enquanto o coração dele batia como um trem de carga descontrolado. Mitya detestava não estar no controle. Ela conseguiu transformar um carro executivo em um foguete de estrada. Ele não tinha idéia de que alguém pudesse dirigir nesse tipo de velocidade.

Uma longa curva sinuosa que saía da estrada principal, sinalizava a entrada para a autoestrada, uma grande *caminhonete*[31] saiu acelerada de uma estrada lateral, um trecho sem pavimento, praticamente uma trilha. A caminhonete deveria ter conseguido bater neles e enviá-los para as rochas e colinas do outro lado da estrada. Mas, de alguma forma, e Mitya honestamente não sabia como ela fez isso, Ania girou o carro mais uma vez, escapando do novo ataque. A respiração saiu dos pulmões dele quando olhou mais uma vez para a caminhonete que quase os tirou da estrada.

---

31  Caminhonete

Isso tinha que acabar antes que essa corrida insana os fizesse bater nas rochas.

— Caralho! —Mitya gritou no topo de seus pulmões. — Vire, Ania. Foda-se, vire.

Ela não hesitou e os girou de volta, levando-os direto para o para-choque da caminhonete que os atacou. Ania foi rápida e eficiente, como tudo que fazia. Mitya não perdeu tempo, ainda do lado do motorista, se levantou e se sentou do lado de fora da janela do carro. Sevastyan fez o mesmo e, em um movimento rápido e furioso, se sentou na janela no lado do passageiro. Ambos atiraram quase simultaneamente, quase esvaziando suas armas nos quatro homens da caminhonete. Mitya atirou mirando nas cabeças deles. Ele não reconheceu nenhum dos homens, e honestamente estava pouco se importando saber quem eles eram.

Ania buzinou demoradamente, arrancando-o de seu ataque furioso a caminhonete. Mitya olhou para cima e viu dois carros correndo na direção deles. Ele e Sevastyan saíram das janelas e sentaram novamente dentro do carro, enquanto Ania dirigia para a estrada.

— Sente-se melhor? —Ela perguntou.



Havia diversão na voz dela? Ele a encarou pelo espelho retrovisor. Havia uma pitada de riso nos olhos dela. — Droga, Ania, você poderia ter sido morta.

— Improvável, —ela respondeu. Insolente.

Mitya não sabia se a beijaria ou se a viraria sobre o joelho dele, se sobrevivessem. Ela não deveria estar se divertindo tanto. Mirón estava vazando sangue por todo o banco da frente. Sevastyan parecia que iria atirar nele e em Ania se pudesse, e ele queria matar todos os filhos da puta nos dois carros restantes. Mitya já teve o suficiente. Esses homens não eram de Lazar. Nenhum deles que acabara de atirar. Mitya conhecia os homens dos covis de sua terra natal, e não reconheceu nenhum deles. Não tinha nem se quer certeza de que esses homens era leopardos.

Olhou para o chefe de sua segurança. — Você reconheceu algum deles?

O carro fez uma longa curva em alta velocidade e parecia que seria arremessado a qualquer momento da estrada. Mas, mais uma vez, Ania provou sua competência. Mitya se viu agarrado ao banco, os dentes cerrados, quando ela trocou de pista no último segundo antes de se chocar em uma pequena Van que corria com

a metade da velocidade deles. O Town Car se distanciou da Van antes que o seu motorista conseguisse encontrar a buzina.

— Diga-me o que quer que eu faça.

Ania estava falando com *Sevastyan,* não com ele. Mitya não sabia por que isso o enfureceu. — O que *eu* quero que você faça, — ele retrucou, — é levar esses bastardos direto para a nossa armadilha. Sevastyan, quero pelo menos um deles vivo. Dois seria melhor. Pegue o telefone e providencie isso. —Ele derramou comando em sua voz.

Mitya nasceu para liderar e, naquele momento, estava levando seus inimigos para uma armadilha. Sua mulher dirigia o carro e ele tinha que aceitar isso. Ele teria uma palavra ou duas com Sevastyan assim que tudo terminasse. Claramente, havia algum acordo entre os dois. — Deixe-os nos alcançar, Ania, mas apenas dê-lhes vislumbres até que tenhamos tudo pronto.

Ania assentiu. — Eles estarão na estrada, enfiados no meio do tráfego.

— Espero que não tenhamos policiais hoje à noite, —disse Mitya. — Mas se tivermos, despiste-os.

— Claro. —Ela parecia confiante.

Era difícil não ter fé em Ania, quando ela estava tão à vontade com as manobras de alta velocidade que fazia.

Mitya mandou uma mensagem com uma mão, segurando sua arma na outra. Ele precisava avisar seu primo Fyodor. Contar o que estava acontecendo era imperativo. Seu primo precisava saber que o inimigo era persistente. Quem quer que tivesse enviado a encomenda para a família Anwar os perseguia. Ele não tinha ideia de quem ou por quê, mas estava determinado que essa armadilha armada para eles, teria uma reviravolta ao favor deles.

— Preciso de um helicóptero para transportar Mirón e uma equipe cirúrgica de plantão, —disse Sevastyan. — Já liguei para o hospital. Estarão esperando no nosso ponto de pouso. Ania, pode retornar e nos levar de volta a estrada que vai para casa?

— Nasci e fui criada nas colinas acima de San Antonio. Conheço todas as saídas e estradas secundárias. Isso nos dará um pouco de vantagem. Fui ensinada a dirigir nessas estradas por meu avô e meu pai. Conheço atalhos que duvido que nossos perseguidores saibam que existem. Isso significa que sim.

Ania entrou e saiu do tráfego, mantendo a velocidade constante enquanto se dirigia para a saída que precisavam chegar.

Ela escolhia as vias mais rápidas, saia e voltava para a pista, cortando os carros a sua frente.

— Os garotos estão nos esperando antes das terras de Bannaconni. —Sevastyan lançou um rápido olhar para Ania. — Pode nos levar lá antes que eles nos alcancem?

Ania nem se dignou a responder.

Mitya respirou fundo e deixou-se admirá-la. O passeio, agora que não estavam girando loucamente e sendo jogados por todo o carro, era tranquilo, apesar de viajarem em alta velocidade e das mudanças de pistas que ela precisava fazer de vez em quando. Ania estava absolutamente confiante ao volante do carro. Mitya estava acostumado a direção de Mirón, que sempre travava o volante e passava metade do tempo olhando no espelho retrovisor, em vez de se concentrar no que estava à frente deles.

Como guarda-costas, Mirón era um dos melhores—como motorista, nem tanto. Ele se ofereceu e tentou sinceramente melhorar suas habilidades. Talvez não fosse uma má idéia deixar sua mulher dirigir, mas ele gostava da foda do banco de trás. E não estava disposto a desistir disso. Não gostava de sair de carro por aí antes, mas agora tinha a melhor desculpa para sair.

— Você conseguiu parar o sangramento de Mirón? —Ele perguntou enquanto espiava pela janela traseira, observando o SUV se aproximar um pouco mais deles. O Audi, o segundo carro que os perseguia, ficou preso atrás de um Cadillac vermelho. Quando o motorista do Cadillac percebeu que havia alguém em seu para-choque, se assustou e rapidamente mudou de faixa sem sinalizar, e o Audi fez o mesmo. O Audi quase se chocou com o Cadillac. Mitya sorriu um pouco, tinha certeza de que Ania não teria cometido esse erro.

Ania repentinamente atravessou o tráfego, cortou dentro e fora dos carros, cronometrando perfeitamente cada manobra para que alcançassem a saída antes que o SUV pudesse manobrar e fazer o mesmo. O SUV não teve tempo de ajustar sua manobra e acabou passando direto e entrando na pista de auto velocidade. Em questão de segundos Ania fez uma curva e passou por baixo do viaduto, voltando à estrada na direção em que Sevastyan queria que ela fosse.

— Droga, Ania, você os perdeu, —retrucou Mitya. — O plano era que eles nos seguissem.

— Eles nos seguirão, —ela assegurou, aliviando o acelerador enquanto subiam na outra rampa que levava para cima do viaduto

novamente. — Se eu não fingisse despistá-los, eles suspeitariam e talvez não nos seguiriam.

— Eles não estão atrás de nós agora. —Mitya apontou o óbvio. Ele queria explodir em alguém. Estava muito furioso. Teve o suficiente desses homens vindo atrás deles por algum motivo misterioso que ninguém sabia.

— O Audi é rápido e nos alcançará logo, o SUV pegará a próxima saída a mais ou menos um quilômetro e meio pela estrada. Não se preocupe.

— Nós não estamos em um piquenique, —ele rosnou. Mitya detestava que Ania estivesse nessa situação de perigo. Ele não queria arriscar que ela pudesse se machucar. Também não a queria por perto quando ele fosse interrogar os prisioneiros que sobrevivessem. Planejava fazer com que as últimas horas na Terra desses homens não fossem agradáveis. Deus sabia, Ania já tinha todos os motivos para fugir dele. Não queria que ela visse a verdadeira face dele e o que ele era capaz de fazer com outro ser— ou quão bom era nisso.

Os olhos de Ania encontraram os dele no espelho. — Eu sei, querido, —ela respondeu suavemente. — Estou bem ciente de que

esses homens não brincam. Perdi minha família para eles. Não vou perder você, nem Sevastyan ou Mirón para eles também.

Havia determinação em sua voz. Havia mágoa também. Mitya queria se chutar. *Dymka* rondava logo abaixo da superfície com um implacável e impiedoso desejo de matar. O leopardo não estava sozinho nessa necessidade. Mitya tinha o mesmo desejo implacável, cruel e impiedoso de matar, só que ele iria torturar cada pedaço de informação que pudesse arrancar deles primeiro. *Dymka* recuou um pouco quando teve certeza de que Mitya estava na mesma página que ele.

Quando o leopardo recuou, permitiu a Mitya controlar melhor sua raiva e diminuir o nível de ferocidade. Ania já estava aflita com o relacionamento deles, e podia senti-la se afastando. Ela disse a ele que sentia que não o conhecia. Torturar e matar esses homens, mesmo que sejam inimigos, pode não ser a melhor maneira de convencê-la de que ele estava fazendo o possível para mudar sua vida.

— Audi se aproximando atrás de nós, —ela relatou enquanto acelerava na estrada, de alguma forma encontrando um pequeno espaço para espremer o carro deles até a pista do meio, e então rapidamente entraram na pista rápida passando pelo tráfego.

Ania diminuiu o ritmo a uma velocidade tranquila e enviou um sorriso satisfeito no espelho quando um carro da polícia deslizou silenciosamente atrás do Audi, tentando pegá-los.

Mitya vislumbrou o SUV percorrendo o trânsito. Não havia tanto tráfego indo nessa direção, estavam longe da cidade em direção às colinas e região vinícola. O SUV avistou o carro da polícia e foi forçado a desacelerar também. Ania dirigia com a velocidade um pouco acima do limite, e ela acrescentou um e, em seguida, mais dois quilômetros por hora. Afastaram-se dos dois carros que os perseguiam

— Estão todos a postos? —Mitya perguntou a Sevastyan. Ele não pôde evitar a voz cortada.

— Sim.

— Apenas o nosso pessoal?

— Só os de estrita confiança, —disse Sevastyan. — Fyodor e Timur também trouxeram as equipes de confiança deles. Desta vez, não alertamos Bannaconni ou Perez. Nós vamos lidar com isso. Fyodor tem um lugar que podemos levar os prisioneiros.

O olhar de Ania deslizou para o dele no espelho e então seus olhos estavam de volta na estrada. Mitya ignorou o desconforto que se arrastou no olhar dela.

— Como diabos o vidro quebrou na janela de Mirón? Era para ser à prova de balas e novo. Da forma como quebrou pareceu vidro já degradado pelo sol.

— Equipei o carro há algumas semanas, —disse Sevastyan. — Substituí tudo por segurança. Jeremiah foi quem levou o carro porque Mirón estava ocupado. —Sevastyan não apontou que eles estavam tentando manter Mitya a salvo enquanto seu leopardo enlouquecia com o de Ania, mas olhou para ela.

— Jeremiah? O mais novo? De jeito nenhum esse garoto é um traidor.

— Precisamos nos preocupar com ele, Mitya, —disse Sevastyan. — Ele veio de Bornéu, assim como Amory. Drake o recomendou, assim como Amory. Ambos trabalharam para Jake Bannaconni por sugestão de Drake. Ele poderia ser um dos implantados.

— O rapaz não é um implantado, —disse Mitya. — Você sabe muito bem que ele não é um implantado. Ele tem *TDAH*[32] ou algo parecido, Sevastyan. De maneira nenhuma alguém o recrutaria

[32] **TDAH** é uma sigla que representa o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. Trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento. As características centrais são a dificuldade em regular a atenção e controlar impulsos e hiperatividade.



para uma operação secreta de longo prazo. Não é ele. Onde você levou o carro para equipar?

Houve um pequeno silêncio. Ania olhou para Sevastyan. Mitya viu a mão dela tremer pela primeira vez. Seu desconforto não tinha nada a ver com o fato de que a saída deles estava chegando rapidamente. Ania manobrou o carro até a pista lenta.

— Levei o carro para Houston. A família Anwar equipa carros como o nosso, —disse Sevastyan.

Ania sabia disso. Claro que ela sabia. Cresceu em torno de todas as famílias de San Antonio, Houston, provavelmente em outros lugares também. Conhecia cada empresa que tivesse a ver com carros ou com as famílias criminosas. O avô e o pai haviam preparado Ania para assumir o negócio da família. Eles eram amigos de Bartolo Anwar, seus dois filhos, Enrico e Samuele, e ela provavelmente também conheceu a filha de Bartolo, Giacinta.

— Estão nos seguindo, —Ania anunciou. — Nenhum policial os seguindo, estão vindo em auta-velocidade.

Mitya olhou para trás. — Mova-se, Ania, mantenha-nos na frente deles.

Ela acelerou imediatamente e usou uma estrada que ele nunca havia percorrido, um atalho, ele presumiu. O chão não era de

asfalto e sim de cascalho, pedra e rocha cravados com piche. Ela não diminuiu a velocidade, mesmo quando fez uma curva acentuada na estrada. Era uma estrada de mão única muito estreita, com valas fundas de drenagem pluvial de cada lado. Mitya e Sevastyan trocaram um longo olhar, e Mitya balançou a cabeça. A mulher dele era um pouco assustadora com sua confiança e habilidades de direção, mas sexy como o inferno.

— Mirón?

— Resistindo. Consegui controlar sangramento, mas ele precisa de um médico. Pagarão por isso, —reiterou Sevastyan.

— Os carros estão se aproximando muito rápido, —disse Mitya a Ania.

Ela nem olhou para ele, mas continuou dirigindo pela estrada estreita. Havia água nas valas e, ocasionalmente, um bueiro muito grande. Ania parecia relaxada, como se estivesse dirigindo sem pressa em uma estrada rural, sem correr em alta velocidade sobre o que equivalia a cascalho.

Ele viu o passageiro no carro da frente enfiar a cabeça pela janela, arma na mão. Mitya se jogou para o lado do passageiro e imediatamente baixou a janela. O motorista acelerou. Ania de repente pisou no freio. O Audi tentou fazer o mesmo quando

percebeu que eles iam bater. O atirador acertou a moldura da porta e Mitya acertou a cabeça do atirador. Ania pisou no acelerador assim que o outro carro tocou no para-choque deles. Se Ania não estivesse dirigindo em alta velocidade, teriam se chocado com o carro de trás, mas Mitya mal sentiu o toque.

Ania os tirou da estrada estreita, manobrando o Town Car abruptamente em uma curva, subindo em direção a uma estrada de terra, poeira cobriu o ar atrás deles e Mitya não conseguia nem ver os outros carros. Então ela fez outra curva rápida e eles estavam na estrada principal que levava às propriedades de luxo nas montanhas.

— Estamos a uns oitocentos metros das terras de Bannaconni. Diga-me para onde quer ir, —ordenou Ania.

— Vamos passar pela estrada do gado.

— Você quer que eu os deixe se aproximar de nós?

— Absolutamente. Deixe-os a vista. Vamos interceptá-los mais à frente, quero que vejam para onde estamos indo.

— Eles são leopardo, —lembrou Mitya. — Vão querer mudar de forma quando perceberam que estão encurralados.

— Estamos preparados, —disse Sevastyan.

— Vou soltar *Dymka*, —disse Mitya. — Ele vai chegar mais rápido. Deixe Fyodor e os outros saberem.

— Não gosto disso, Mitya, —Sevastyan advertiu. — *Dymka* é difícil de proteger, assim como você quando se transforma em um canhão solto.

— Quero você com Ania, —disse Mitya. — Estou falando sério, Sevastyan. Não quero nenhum arranhão nela. —Mitya já estava arrancando suas roupas de novo, chamando seu leopardo furioso, alimentando o animal com sua própria ira. Eles os perseguiram várias vezes. Mataram a família de Ania. Mitya teve o suficiente.

— Mitya, é meu trabalho protege-lo.

— Seu trabalho é fazer o que eu peço que faça. Ela é o meu mundo Sevastyan. Você a proteje.

Ania abriu a boca uma vez para se opor, mas os olhos dele encontraram os dela no espelho e ela desistiu, vendo como ele realmente estava. Mitya não iria ouvir mais merda nenhuma de mais ninguém. O carro acelerou um pouco quando os dois carros que os perseguiam ganharam velocidade para alcançá-lo.

— Assim que vocês passarem pela nossa barreira, dirija direto para casa, —ordenou Mitya a Ania. — Direto para a casa. Quero-a no quarto seguro, mesmo que você tenha que carregá-la até lá.

Ania entrou na estrada de gado e abruptamente acelerou, desviando de um caminhão carregado de gado com um reboque cheio de feno acoplado nele. O caminhão passou por eles e bateu no primeiro carro que os perseguiam. Outro caminhão bateu por trás do segundo. Imediatamente o som de tiros encheu o ar quando os homens escondidos debaixo do feno abriram fogo contra os perseguidores no Audi e no SUV.

— Pare. —Mitya abriu a porta e mudou de forma antes que Ania pudesse parar o carro completamente.

O enorme leopardo saltou do carro e correu em direção aos dois carros encurralados entre dois caminhões de gado. O Audi e o SUV não podiam avançar ou recuar. Os tiros mataram dois ocupantes, o motorista e o passageiro da frente do Audi. As portas dos fundos se abriram e um leopardo saiu correndo em zigue-zague, tentando chegar aos limites da vegetação, usando a proteção de seus comparsas quando esses enviaram tiros de volta.

Dymka mudou imediatamente de direção e foi atrás dele. O leopardo era grande, quase preto com rosetas espalhadas em seu

pelo. *Dymka* aumentou sua velocidade para impedi-lo de escapar. Ele bateu com força na lateral do leopardo preto, desequilibrando-o, de modo que o leopardo rolou pela pequena encosta em que estavam. *Dymka* o seguiu, rugindo seu desafio, desafiando o leopardo preto a se levantar e lutar.

O leopardo rolou mais uma vez e pulou, usando sua coluna flexível para girar o corpo em direção a *Dymka*, erguendo-se no ar nas patas traseiras e se chocando com o gato de Mitya. Os dois leopardos, armados com dentes e garras afiadas, caíram juntos, rasgando um ao outro, tentando alcançar a barriga e os órgãos genitais. Eles atingiram o chão ao mesmo tempo, cortando os focinhos e tentando encontrar uma vantagem para alcançar o pescoço do adversário e dar a mordida sufocante.

A pele frouxa e os músculos fortes impediram que os leopardos acabassem imediatamente e efetivamente a luta. Eles se separaram e rodearam um ao outro. Mitya sentiu a satisfação feroz de seu leopardo como se fosse dele. *Dymka* se divertiu com o desafio da luta, e esse leopardo era um bom adversário, merecia sua atenção.

O leopardo preto fingiu um ataque, vindo em direção ao pescoço e, de repente, se virou para ir até os quartos traseiros de *Dymka*. O oponente tentou agarrar *Dymka* com as duas patas da frente, procurando cravar fundo e arrastá-lo para trás e depois jogá-

lo no chão. *Dymka* previu o ataque e estava pronto. Usando sua velocidade e força incríveis, dobrou seu corpo ao meio, enquanto girava para encarar o outro leopardo e seguir em frente, passando por baixo da cabeça, diretamente no pescoço. *Dymka* agarrou o gato com a sua mandíbula, os dentes mordendo profundamente.

O leopardo preto lutou bravamente, arranhando-o com as garras da frente, mas *Dymka* era grande e forte. Ele sacudiu o oponente com força, levantando-o e depois, segurando com mais firmeza a garganta, o desceu prendendo-o ao chão. Eles se encararam, olho no olho. Mitya esperava que pudesse poupar este para interrogar mais tarde, mas pôde ver que o leopardo não iria se submeter. O ódio e a determinação estavam lá, mesmo sabendo que a submissão poderia salvar sua vida.

Enquanto *Dymka* o segurou o leopardo preto lutou, até que ficou imóvel e a vida desapareceu dos olhos dele, deixando um magnífico leopardo morto. Mitya amaldiçoou quando *Dymka* se afastou do corpo, rugindo sua vitória. O felino caminhou para longe, batendo na grama e na terra com a pata e depois correndo de volta para o leopardo morto e batendo nele. Mitya levou vários minutos para fazer com que seu leopardo controlasse sua natureza e voltasse para a batalha.

O som de tiros havia desaparecido. Ele viu Fyodor e Timur de pé ao lado dos dois carros. Havia corpos no chão. Fyodor acenou para ele, apontando para a encosta em frente a eles. *Dymka* virou a cabeça e, em seguida, deixando os outros limparem o local e, esperançosamente, levarem qualquer prisioneiro vivo de volta para casa, correu morro acima, procurando o fugitivo solitário que Fyodor indicou ter ido por lá.

Levou apenas alguns minutos antes que *Dymka* capturasse o odor do leopardo. O felino puxou os lábios para trás em um rosnado e torceu o nariz em uma exibição de aviso. O leopardo entrou em um bosque de árvores na extensa propriedade de Bannaconni. *Dymka* o seguiu sem hesitar, vislumbrando as marcas que o leopardo deixou durante sua passagem, folhas machucadas em um arbusto e o cheiro inconfundível de sua urina proclamando que o território lhe pertencia.

Sem aviso, uma bala roçou o ombro de *Dymka*, uma chama quente e brilhante de dor o atravessou. O grande leopardo se esquivou e rolou, ficando de pé do outro lado do mato que seu oponente havia marcado. Ele se arrastou de volta para as árvores e se agachou atrás de uma vegetação mais alta, o ventre se arrastando no chão, tomando cuidado para não mover nenhum galho e acabar revelando seu abrigo. Isso não impediu de alguém

disparar sua arma repetidamente em direção ao local onde Dymka havia surgido.

O shifter parece que teve o bom senso de levar uma sacola com ele, algo que Mitya não tinha feito. Ele estava muito ansioso para lutar, para desafiar outros leopardos e dar ao seu gato mal-humorado e perigoso um alivio. Também esperava poder interrogar um dos homens que tentaram matá-lo. *Queria ele morto? Ou queria Ania morta?*

Ele e Ania haviam encontrado o diário de seu avô. Deveria ter lido todas as anotações que antecederam à sua morte, talvez isso tivesse lhe dado uma pista sobre quem estava por trás dessa trama para iniciar uma guerra.

Dymka continuou se arrastando para a frente. O atirador correu depois de ter disparado o primeiro tiro e enquanto corria disparou uma rajada de balas, mas *Dymka* sabia tudo sobre esse estratagema. O gato havia urinado seu odor ofensivo em todos os lugares, esperando que *Dymka* não fosse capaz de rastreá-lo. Esperando que ele se sentisse intimidado pelo leopardo reivindicando o território como seu. *Dymka* se enfureceu, ansioso para atacar o inimigo, mas ele era um lutador experiente e não cometeria o erro de apenas correr atrás do homem armado. Mitya

tinha certeza de que o inimigo havia deliberadamente usado a arma na esperança de que *Dymka* o seguisse.

Os leopardos eram notórios por se voltar contra seus inimigos e caçá-los. *Dymka* não foi exceção, mas ele também aprendeu lições sobre técnicas de luta desde que era um filhote muito pequeno, quando o pai de Mitya fez com que seus tenentes soltassem seus leopardos nele. Às vezes, o leopardo de Lazar se juntava ao frenesi do ataque ao filhote. *Dymka* aprendeu ser paciente em um mundo muito difícil.

Dymka circulou ao redor para ficar atrás do homem. Ele o visualizou. O homem estava em uma árvore, nu, pronto para mudar de forma quando necessário, girando de um lado para o outro, tentando detectar seu inimigo. *Dymka* avançou, usando a habilidade de sua espécie de se mover lentamente e rasteiramente. Ele não podia assustar o homem enquanto estivesse na árvore, então ficou muito quieto, sem mover uma única folha de vegetação.

Segundos se passaram. Os tiros haviam cessado há muito tempo. O som dos motores dos caminhões podia ser ouvido à distância. *Dymka* nem sequer mexia a cauda. Seu olhar fixo nunca deixou sua presa. O homem demorou-se, estudando o terreno ao seu redor, usando mais do que os seus sentidos humanos,

confiando em seu leopardo para encontrar qualquer inimigo próximo.

Dymka estava na direção do vento e não movia um músculo se quer. Apenas esperava com a paciência aprendida nas lições que tomou enquanto crescia dos cruéis leopardos da sua juventude.

Eventualmente, o homem começou a descer da árvore. Mitya o estudou, tentando reconhecê-lo, mas podia jurar que nunca tinha visto o homem antes. Ele tinha a pele mais escura, como se passasse algum tempo ao sol. Parecia exausto, embora fosse ainda jovem, talvez vinte e poucos anos. Mitya não reconheceu este homem entre os seus inimigos. Ele não era russo. O homem escorregou uma vez, raspando as costas na casca da árvore e xingando em um idioma frequentemente falado na Bolívia—*Aymara*[33]. Isso o chocou.

Drake Donovan definitivamente tinha laços na Bolívia e em toda a América do Sul e Central. Tinha laços praticamente em todo o mundo. A vingança era contra Drake? Se era, não explicava por que, depois que o avô de Ania foi morto, seu pai foi baleado e ela foi atacada.

---

[33]  Aimará ou Aimara (em aimará: aymará) é um povo estabelecido desde a Era pré-colombiana no sul do Peru, na Bolívia, na Argentina e no Chile.

Dymka não se mexeu quando o homem pulou os últimos metros, aterrissando, olhando ao seu redor. *Dymka* estava a cerca de três metros dele, escondido em uma vegetação mais alta, misturando-se com o ambiente.

Além da mochila que usava no pescoço, o homem estava nu e não parecia ter pressa em se vestir. Claramente, pretendia mudar de forma e viajar como um leopardo através da fazenda Bannaconni. Ele deu um passo cauteloso na direção de *Dymka*, ainda segurando a arma.

Dymka manteve os olhos na arma. O homem deu outro passo, ainda olhando em volta, por alguns segundos relaxou o braço da arma. O grande leopardo atacou, explodindo de dentro da vegetação, cruzando a curta distância em meio segundo. *Dymka* passou uma pata na arma, enviando a arma pelo ar e quase cortando o braço do homem.

Imediatamente, o homem tentou mudar de forma, seu corpo contorceu-se rapidamente, mandíbula alongou, pêlos começaram a romper a pele. *Dymka* o segurou o tempo inteiro, seu corpo pesado prendendo seu inimigo, os dentes se fechando na garganta.

Mitya tentou controlar *Dymka*. Eles precisavam de um prisioneiro para interrogar, mas não havia como parar *Dymka*

depois que ele entrava no frenesi do ataque, principalmente quando estava tão enfurecido e frustrado por causa do *Han Vol Dan*. Ele matou o homem e depois arrastou o corpo pela encosta, de volta ao grupo de homens esperando por ele.

Mitya esperou até *Dymka* soltar o corpo, deixando-o cair quase aos pés do primo, e então ele mudou de forma. — Prisioneiros? — Foi a primeira palavra que saiu de sua boca. Precisava de um prisioneiro. Apenas um. Dois seria melhor, mas um resolveria. Precisava chegar ao fundo dessa bagunça.

Fyodor balançou a cabeça. — Desculpe, Mitya. Estão todos mortos.

Mitya pegou um jeans que Timur jogou para ele e vestiu com a facilidade de uma longa prática. — Que diabos, Fyodor? Ninguém vivo? Isso é uma merda.

Fyodor encolheu os ombros. — Restaram dois vivos. Ninguém atirou neles. Um se rendeu. Ele colocou as mãos no ar e todos nós cessamos o fogo. O outro atirou na nuca do amigo e depois atirou em si mesmo. Não havia muito o que fazer.

— Vamos precisar da identidade deles. Alguém tem que conhecê-los.

— Eles são definitivamente de fora do país, —disse Fyodor. — América do Sul, eu creio. Nenhum deles tem identificação. Suas roupas são novas. Nenhum deles tinha nada que pudesse revelar suas identidades. —Enquanto Fyodor falava, olhava o ombro de Mitya, onde o sangue vazava de seu braço em um fluxo constante. — Precisa cuidar desse ferimento.

Mitya olhou para o ombro dele, um pouco surpreso ao ver o sangue. A dor havia desparecido enquanto lutava com o segundo leopardo, e ele considerou o corte na pele como nada mais do que um incômodo.

— Você parece um inferno, Mitya, —disse Timur enquanto jogava uma toalha na direção dele. — Sevastyan está furioso. Parece que sua mulher não foi muito cooperativa com ele, e isso o deixou realmente zangado.

Mitya ficou imediatamente alerta. Sevastyan não era um homem que ficava furioso com frequência, mas quando o fazia, ninguém estava seguro. — Não foi cooperativa? —Ele repetiu.

— Ela joga sujo, —continuou Timur. — E é aparentemente muito hábil em luta.

Mitya fechou os olhos por um momento e enviou algumas maldições para o universo. Ania estaria tão furiosa quanto

Sevastyan. — Talvez seja bom esperar um pouco antes de voltar para casa. Vou ver se a esposa de Jake pode fazer algo com esse meu ombro.

— Covarde, —disse Fyodor. Ele fez um sinal para os seus homens tirarem os caminhões da estrada e sumirem de vista. Eles empilharam os corpos nos reboques de feno. Os mortos passariam por um pente fino, suas impressões digitais seriam tiradas, fotografias seriam feitas, reconhecimento facial, fariam tudo o que pudessem fazer para identificar os homens que tentaram matá-los.

— Algumas coisas me incomodam, —disse Timur enquanto caminhava com Mitya em direção ao carro esperando por eles. — Esses homens não tinham nada com eles que os identificassem, mas no carro da frente havia uma caixa de fósforos do porto de Houston. Nenhum deles fumava ou, se fumava, não carregava cigarro, mas, convenientemente, há uma caixa de fósforos identificando o porto e, especificamente, do restaurante Caruso.

Mitya também não gostou. Ele deslizou no banco de trás, dando espaço para Fyodor entrar. Timur sentou no banco do passageiro da frente. Seus homens continuariam com a limpeza. Entraram em contato com Bannaconni avisando-o da emboscada e do que havia acontecido, não queriam que Bannaconni fosse pego de surpresa. Sua segurança tinha que ter ouvido os tiros, e

eles não queriam que as autoridades fossem chamadas até que todas as evidências se fossem. Todo corpo de leopardo tinha que ser descartado adequadamente. Isso significava que era necessário queimá-los, mas Mitya queria identificar os homens e de onde vieram. Queimá-los imediatamente poderia impedir que isso acontecesse.

— Encontramos no SUV um anúncio de uma empresa que fabrica vidro à prova de balas, a empresa pertence aos Anwars. — Timur continuou. — Isso não é tudo, Mitya.

Pelo tom da voz de Timur, Mitya sabia que não iria gostar do que seu primo diria. Ele enrolou o braço com a toalha e se inclinou para frente, tirando garrafas de água do pequeno refrigerador. Entregou uma garrafa para cada um de seus primos. — Diga logo.

— Havia evidências que apontava para você, evidências que fazem parecer que você teve algo a ver com a morte da família de Ania. Coletei tudo e tomei cuidado para não tocá-lo, vamos tentar levantar impressões digitais desse material, mas ...

— Que tipo de evidências?

— Encontrei uma arma, do mesmo tipo que foi usada para atirar em Antosha Dover. Estava em uma sacola e tem sua impressão digital nela. Fyodor encontrou a impressão, ele a

escaneou e testou, usando o scanner de impressões digitais. Estamos todos no banco de dados do FBI. Seu nome apareceu instantaneamente, Mitya.

Mitya ficou calado, franzindo a testa. O carro já estava em movimento, levando-o de volta à sua casa—de volta para Ania e Sevastyan. — Isso não faz muito sentido, a menos que alguém queira começar uma guerra entre todas as famílias.

— Uma guerra? —Gorya ecoou. Ele estava dirigindo e olhou por cima do ombro para o primo. — Por que alguém iria querer começar uma guerra? Não faz sentido. Ninguém ganharia com isso.

— Que outra explicação existe? Por que mais estariam planejando plantar evidências contra as duas famílias de Houston e contra mim? Quem está por detrás disso provavelmente possui outros itens que pode espalhar para incriminar algumas das outras famílias, —disse Mitya.

— Se isso for verdade, —respondeu Fyodor, — então o caderno que estava sendo enviado para família Anwar deve conter evidências incriminatórias, produzidas ou não, contra Drake Donovan e Jake Bannaconni. Estão nos manipulando.

Houve um pequeno silêncio. Mitya bebeu metade da sua garrafa de água gelada. Colocou a cabeça para trás e fechou os olhos. Se a arma tivesse sido encontrada pela polícia, poderia ter sido preso pelo assassinato de Antosha. *Ania acreditaria que ele era inocente?* A relação deles ainda era muito delicada.

Jewel desconfiava muito dele, acreditando que ele poderia machucar Ania. Os dois leopardos tiveram um começo difícil e ainda não estavam totalmente vinculados. Ele certamente não tinha convencido Ania de que ela era o mundo dele. Não teve chance. Nem *Dymka*. Cada vez que tentavam finalizar o vínculo, algo catastrófico parecia acontecer.

Essa falta do vínculo estava lentamente deixando *Dymka* insano com ciúmes, raiva e frustração sexual. Por sua vez, o humor de *Dymka* acabava influenciado o próprio humor de Mitya. Isso não tornava fácil mostrar amor e ser gentil com sua mulher. Ele queria bater em alguma coisa. Achou que *Dymka* acalmaria seu humor sombrio depois do desafio e da luta com os dois grandes leopardos, mas agora, mesmo que lutasse novamente, sabia que não resolveria.

Mitya estava inquieto e nervoso, sentindo como se tivesse que encontrar uma maneira de ligar Ania a ele tão permanentemente que ela nunca pensaria em deixá-lo. Se não fizesse isso, estranhos

poderiam separá-los. Ele não sobreviveria. Havia sobrevivido a muitas coisas, mas agora tinha provado algo bom, algo milagroso, e não podia voltar ao vazio em que viveu por tanto tempo. Tinha que encontrar uma maneira de fazer Ania perceber que ela estava no centro do mundo dele.

— Lazar está orquestrando isso? —Perguntou Fyodor. — Você o conhece melhor do que ninguém, Mitya. Ele está por trás disso?

Mitya pensou em seu pai. Ele era um homem frio e cruel que não amaria nada mais do que iniciar guerras entre famílias criminosas em outro país e depois sentar para assistir à diversão. Ele assumiria a autoria, porque seu ego era tão grande que precisava que outros soubessem e reconhecessem o quão superior era. Mas ele também era o tipo de homem que gostava da satisfação instantânea. Seu pai estava há tanto tempo no comando de tudo dentro do covil e dos territórios circundantes, que se achava merecedor de ter tudo o que quisesse e quando quisesse.

Seu pai veio atrás dele assim que descobriu onde ele estava e, de fato, tinha certeza de que Lazar começou a colocar em prática seus planos de puni-lo e matá-lo quase imediatamente quando Fyodor começou a usar o nome Amurov abertamente.

— Não. Isso não parece com ele. Não me interpretem mal, Lazar está aqui. Está perto. Entrou pelo porto de Houston, tenho certeza disso. Não sei se a família Caruso o ajudou, acho que sim, talvez sem perceber que estavam trazendo um inimigo, mas, de qualquer forma, ele está aqui e não estaria se não achasse que tinha algum tipo de vantagem sobre nós.

Fyodor suspirou. Mais uma vez, houve silêncio enquanto os primos contemplavam a avaliação de Mitya. Foi Gorya quem levantou a pergunta que todos tinham em mente.

— Se não é Lazar, então quem é? Nós somos o seu principal alvo? Ou somos apenas parte do quadro geral?

— Droga, —disse Mitya. — Se acontecer mais alguma coisa, vou perder Ania. Nosso relacionamento é muito delicado agora. Ania não está segura sobre a nossa relação. Isso vai adicionar mais pressão. —Ele passou a mão pelo cabelo e estremeceu quando seu ombro protestou. — Preciso de uma folga de merda. Bastava um pouco.

— Leve-a para jantar amanhã à noite lá em casa, —sugeriu Fyodor. — Ela gosta de Ashe e Evangeline. Quanto mais incentivarmos o contato dela com as nossas mulheres, mais se sentirá segura e desejará ficar entre nós. Ania precisa perceber que

não está sozinha. As mulheres a ajudarão sempre que ela precisar de alguém com quem conversar.

Mitya era egoísta o suficiente para querer que sua mulher, sempre que precisasse desabafar, viesse falar com ele. Mas não podia dizer que o jantar era uma má ideia. Então se viu concordando. — Obrigado, Fyodor. Ela vai gostar de ir. Será bom apreciar um bom jantar sem drama.

Fyodor riu baixinho. — Não prometo a você que não haverá drama. Por experiência própria, quando as mulheres se reúnem, o drama vem junto. É algum tipo de fenômeno natural.

— Como está Evangeline? Ela está pronta para receber visita? —Perguntou Mitya.

Houve um pequeno silêncio novamente. Gorya olhou pelo espelho retrovisor e Timur se virou para olhar completamente para o irmão.

Fyodor suspirou. — Ela está muito doente. Não consegue manter a comida no estômago. Pode se tornar grave. Temos uma enfermeira em casa agora, pronta para colocar Evangeline no soro. Na verdade, montei uma pequena área na padaria na sala dos fundos, onde Vera pode colocar uma intravenosa nela, se precisar. Também coloquei uma cama para ela lá.

Um barulho saiu da garganta de Timur, parecendo mais como um rosnado furioso. — Ela não deveria estar trabalhando. Você precisa parar de querer satisfazer todos os desejos dela e começar a pensar na saúde dela, Fyodor. Você vai se culpar se ela perder os gêmeos.

— Quero Evangeline feliz. Até agora, os bebês não mostraram sinais de que estão em perigo. Evangeline quer filhos, e a última coisa que ela fará é arriscar perdê-los. Ela vai parar quando achar que precisa ou se o médico lhe disser que precisa. Você não entende a importância dessa padaria para ela, Timur.

— Se chegar a ser demais, ao ponto dela arriscar a vida para continuar trabalhando, o que irá fazer, Fyodor? —Exigiu Timur. — Porque essa é uma possibilidade muito real.

— Então queimarei aquela padaria até o chão sem o conhecimento dela. Prometerei a ela uma nova e levarei o meu tempo para fazê-lo. Inferno, posso atrasar qualquer projeto de construção. Eu faço isso o tempo todo. Entretanto, Timur, se ela precisar desta padaria para a sua realização pessoal, eu darei a ela.

Mitya admirava Fyodor. De verdade. Ele amava o homem, mas não concordava com ele. Timur também não. Mitya teria queimado a padaria há muito tempo se ele pensasse que poderia

matar sua mulher. O seu jeito de pensar e agir fazia parte do problema que ele tinha com Ania. Sua mulher era inteligente. Possuía a capacidade de ler as pessoas. Era um dom que ela tinha. Ela o leu e sabia que ele era perigoso. A leopardo dela sabia. Mitya era implacável quando sentia que era necessário. Cada vez que Ania estava determinada a se comprometer com ele, algo acontecia, e ela se deparava com a personalidade dele. Isso não ajudava sua causa nem um pouco.

Mitya não estava ansioso para encontrá-la depois de ter ordenado a Sevastyan que fizesse o que fosse necessário para colocá-la no quarto seguro. Sevastyan era tão cruel quanto Mitya. Embora parecesse um pouco mais gentil, Sevastyan era um homem que faria o que fosse necessário para concluir o trabalho. Ele pensava como Mitya: '*Resolva a situação antes que vire um problema*.' Sevastyan queimaria a padaria também.



Dezesseis

ANIA OLHAVA furiosa para Mitya da cama onde Sevastyan a prendeu. Ela estava deitada de costas, com as mãos algemadas—algemas de verdade, não aquelas que se usa em joguinhos sexuais. Elas machucaram seus pulsos. Se fosse honesta, provavelmente as algemas não teriam machucado se ela não tivesse enlouquecido e lutado. Ela sabia que não conseguiria se soltar das algemas de aço, mas tentara.

Não ajudava que Sevastyan a assistisse, de braços cruzados sobre o peito, com aquele olhar desapaixonado no rosto, aquele que a enfureceu. Ele não tinha dito nada, apenas a encarava com aquele jeito irritante e sem piscar os olhos.

Ela o chutou várias vezes antes dele decidir prendê-la com as algemas. Tinha dado dois excelentes chutes nele, enfiando a ponta do pé profundamente no intestino dele, fazendo Sevastyan soltar um grunhido. Então ela o chutou na coxa com força. Tinha certeza

de que havia deixado a perna dele dormente, mas ele era Sevastyan e não iria dar a ela a satisfação de deixá-la saber que foi atingindo.

Sevastyan esperou que ela o chutasse de novo, agarrou o tornozelo dela com a força do inferno, bateu uma algema nele e depois a prendeu na cama. Ele nem sorriu, apenas deu a ela aquele olhar vazio. Ania não lutou mais. Teria que pegá-lo de surpresa. Ele não pegaria a outra perna, não se ela pudesse evitar.

Sevastyan andou ao redor da cama, algemas penduradas em suas mãos, e ela o olhou com cautela. *Onde ele conseguiu todas essas algemas? Elas já estavam no quarto seguro? E se sim, pertenciam a Mitya?* Duvidava disso. Mitya teria algemas acolchoadas, não aquelas que machucava a pele e deixavam contusões.

Sevastyan se moveu com uma velocidade sobrenatural, agarrou o seu outro tornozelo, o prendeu com outra algema com facilidade praticada, em seguida, prendeu a outra extremidade da algema aos pés da cama e, quase em um único movimento, ele agarrou seus pulsos e os prendeu nas colunas da cabeceira da cama. Ele a olhou cuidadosamente e depois virou-se, deixando-a sozinha, caminhando em direção a porta como se não se importasse com nada no mundo.

Sevastyan não sabia, mas Ania acreditava em vingança. E ela tinha tempo de sobra para pensar como faria isso, como tornaria a vida dele miserável. Mas então o tempo passou e ela transferiu sua raiva para Mitya. Afinal, isso foi culpa dele. Foi ele que deu ordens naquela voz falsamente tranquila, mas ardente de fúria, mas ao mesmo tempo tão fria como gelo, aquela voz que esperava que todos o obedecessem. Claramente, Sevastyan estava descontente com as ordens, da mesma forma que ela. Não, isso foi culpa de Mitya.

Ania olhou para Mitya quando ele entrou no quarto e então notou a toalha ensanguentada que ele havia enrolado em seu bíceps e ombro. — O que aconteceu?

Mitya olhou para o ombro como se não fosse nada e ignorou a aparente gravidade do ferimento. Ele usava apenas um jeans azul claro, solto nos quadris e estava descalço. Parecia incrível vestido assim, mas sempre parecia.

— Foi só um arranhão. O atirador não era muito bom. Ouvi dizer que você deu a Sevastyan um pouco de trabalho.

— Sevastyan é um completo bastardo, mesmo que seja seu primo.

— Ele estava seguindo ordens.

Seus olhos azuis deslizaram sobre ela. A maneira como o olhar dele a percorreu e o tom de sua voz provocou um pequeno arrepio na espinha.

— Tire as algemas, Mitya.

A sobrancelha dele se levantou. — Não acho que você esteja em posição de me dar ordens, *kotyonok*. De fato, se eu fosse você, começaria a ser boazinha. Você está encrencada.

Fez uma cara feia para ele. — Por que eu estaria encrencada? —Ela exigiu. — Não fui eu quem saiu distribuindo ordens a todo mundo, decidindo para onde eu teria que ir e ordenando ao seu primo bastardo que me empurrasse para este quarto e depois me *algemasse* na cama. —Ela puxou as algemas. — Tire-as.

Mais uma vez, aqueles olhos azuis se moveram sobre ela e desta vez ele não se incomodou em tentar esconder as chamas brilhando lá. Mitya era o pecado encarnado. Seus seios doeram instantaneamente, seus mamilos pressionados com força contra a camisa que ela usava. Ania ainda não tinha roupas além da camisa muito grande de Mitya. Sevastyan a arrastou para o quarto seguro e, quando ela lutou com ele para sair de lá, ele a algemou muito friamente na cama.



De repente, Ania percebeu que suas pernas estavam abertas e a camisa tinha apenas dois botões fechados. O olhar de Mitya caiu para a junção entre as pernas dela. Ela queria se contorcer sob seu olhar e fechar as pernas. Em vez disso, sentiu o calor escorregadio começar a umedecer suas dobras nuas

— Preciso de um banho. —Mitya se afastou dela e entrou no banheiro embutido no quarto seguro. O quarto era como um pequeno apartamento, mas muito luxuoso.

— Mitya. —Ania murmurou o nome dele, mas ele a ignorou, nem mesmo se virou para olhar para ela.

Ania mordeu o lábio inferior e estudou a coluna da cama que sua mão direita estava presa. *Seria possível deslizar a algema para cima da coluna e retirá-la?* Sevastyan prendeu a algema em torno de uma parte mais estreita entre as grandes esferas de madeira que compunham a coluna ornamentada. Não havia como ela passar as algemas sobre as esferas que subiam na coluna.

Ania respirou fundo e ouviu a água correndo no chuveiro. Mitya estava definitivamente de mau humor e não parecia nada feliz com ela, embora tivesse uma protuberância bastante impressionante em seus jeans, não que isso fosse novidade, Mitya parecia sempre estar duro ou semiduro perto dela, o que achava ser

uma vantagem. Bom, não estava tão certa sobre isso agora. Não que se importasse de brincar um pouco de *bondage*[34]. Isso poderia ser divertido, mas não com o humor que ele estava.

Ania tentou ignorar o fato de que quanto mais ficava ali, espalhada como uma estrela do mar em cima da cama, mais o fogo entre as pernas dela aumentava. Também não havia nada que pudesse fazer. Não conseguia aliviar o desejo com os dedos, nem esfregar as coxas. Seu coração acelerou e até seu estômago revirou lentamente em antecipação.

Pareceu uma eternidade antes de Mitya sair do banheiro, secando os cabelos molhados, outra toalha enrolada frouxamente em volta da cintura. Ele não olhou para ela, mas foi até o painel de controle de iluminação e imediatamente o quarto mergulhou na escuridão. Ele mexeu em alguma coisa, e luzes fracas no teto acima da cama acenderam, derramando sobre ela, iluminando seu corpo.

A respiração dela ficou presa na garganta. Ania não esperava isso, a fez se sentir muito vulnerável, muito mais do que as algemas. Poderia aceitar brincar com as algemas. Seria algo



34 ***Bondage*** é uma prática BDSM que consiste em prender, amarrar ou restringir consensualmente um parceiro para fins estéticos, eróticos ou sensoriais.

divertido que poderiam rir juntos. Mas as luzes iluminando seu corpo a fizeram se sentir exposta. Era estranho que as algemas a fizeram se sentir como seu brinquedo sexy. Ela gostava de fazer o papel de ser seu brinquedo. Mas essas luzes ...

Mitya abriu as gavetas e puxou as alguns itens, voltou e colocou os itens em uma pequena mesa de cabeceira. Ela virou a cabeça para tentar ver o que ele colocou lá, mas não conseguiu. Ania umedeceu os lábios, olhou para ele, mas instantaneamente engoliu qualquer coisa que planejava dizer. Mitya tinha aquele olhar novamente.

— Você se lembra de quando conversamos, e deixei bem claro que, quando eu lhe pedisse algo que fosse pela sua segurança, esperava que você concordasse em fazer?

Ania tentou pensar em alguma resposta inteligente, mas Mitya estava ali, sem piscar, olhando para ela sem se mexer ou falar. Teve a sensação de que ele poderia ficar assim a noite toda se quisesse. Ania assentiu.

— Quero que você me responda, Ania.

— Lembro, —ela disse. — Mas ...

— Não há *'mas'*. Tínhamos um acordo.



— Mitya, —ela protestou, seu coração acelerando. *Por que gostava tanto dessa mistura de apreensão e excitação toda vez que ele usava esse tom? Quando ele tinha esse olhar?* O sangue dela corria tão quente por suas veias que tinha receio de queimar de dentro para fora.

— Você concordou, Ania, —ele disse tranquilamente. — Você me deu a sua palavra.

Ela não tinha certeza que tinha dado sua palavra. Não lembrava de ter prometido nada. Ania balançou a cabeça negando, mas não tinha certeza do que poderia dizer para sair dessa encrenca em que estava metida.

Mitya ainda se erguia sobre ela, movendo lentamente a toalha pelo cabelo. Ele parecia gigantesco. Ela sabia que ele era um homem grande, mas deitada na cama, as luzes brilhando sobre o corpo dela como uma marquise, se sentia pequena e um pouco impotente.

— Você está com raiva de mim? —Ania não gostou que a sua própria voz soou hesitante.

Ele continuou a olhá-la com aquele olhar concentrado e intenso. Os mamilos dela pareciam dois diamantes duros, e ela ficou muito feliz que pelo menos a camisa os cobria. Mitya podia ver a umidade brilhando em suas dobras nuas e não havia nada

que ela pudesse fazer sobre isso. Quando percebeu que quanto mais se contorcia e lutava, mais a camisa subia pelos quadris, resolveu ficar muito quieta.

Mitya balançou a cabeça lentamente. — Estou. Você não pode tratar meus homens como tratou Sevastyan quando sabe que eles só estão seguido minhas ordens. Eles não têm escolha a não ser seguir minhas ordens. Você torna a vida deles muito mais difícil por nenhuma outra razão senão querer fazer birra, sabendo que eles não podem retaliar seus ataques.

Ania piscou. Chocada. — Fazer *birra?* —Ela ecoou.

Mitya jogou a toalha para um lado e segurou o pé dela na mão dele, o pé que ela balançava sem parar. Ele começou uma massagem lenta, seu olhar ainda no rosto dela. — Como você chama o que fez com Sevastyan quando o chutou sem parar enquanto ele tentava te colocar em um quarto seguro, seguindo minhas ordens?

Pensando dessa forma, talvez parecesse uma birra. Ela estava completamente furiosa por Sevastyan forçá-la a ser trancada em um quarto sem sequer saber se Mitya estava vivo ou morto. Mas Mitya estava certo, Sevastyan estava seguindo suas ordens.

— Não gostei de ser forçada a um quarto seguro enquanto você estava em perigo, —ela murmurou, abaixando os cílios. Ania detestava admitir que ele estava certo.

— Isso não é uma desculpa, Ania. Você sabe que não é. —A voz dele era uniforme, muito baixa, mas convincente, segurando uma nota de censura e um pouco de raiva com a qual ela não estava acostumada.

A mão dele deslizou pela panturrilha dela e depois subiu para acariciar sua coxa. Ele continuou olhando para ela, sem tirar os olhos do rosto dela. De alguma forma, isso a deixou ainda mais quente.

— Eu não gosto que você ataque meus homens. Não é certo, você sabe que eles não podem revidar seus ataques, —ele reiterou.

Sevastyan não teve problema nenhum em revidar colocando algemas nela, pensou, mas manteve a boca fechada. De qualquer forma, Mitya estava certo. Ela chutou Sevastyan, e o pior que ele fez foi prendê-la usando algemas. Foi humilhante na hora. Agora estava envergonhada por seu comportamento.

— Nós vamos nos casar logo e você irá se comprometer totalmente comigo. Não haverá divórcio. Nunca. Somos shifters e vamos viver de acordo com as regras dos shifter. Você não precisa

gostar das minhas decisões. De fato, assim como hoje, haverá momentos em que você não gostará nada. Mas você não vai embora. Resolveremos juntos ...

— E se não chegarmos um acordo? —Ela disse calmamente, seu coração batendo muito rápido.

— Então as coisas serão do meu jeito. Com o tempo, aprenderá a confiar em mim. Eu te amo. Você sempre será o centro do meu mundo. O negócio em que estou envolvido é perigoso e não vou deixar isso passar para você ou nossos filhos. Quando eu ordenar que se esconda em algum lugar que sei que estará segura, não questione, não discuta.

— Mitya. —Ela balançou a cabeça.

Ele se inclinou sobre ela, pegou a camisa e puxou, abrindo os dois botões que mantinham as duas metades do material juntas. Sua expressão neutra diante de sua agressividade repentina, tanto que fez seu coração bater forte no peito e o sangue bater forte em seu clitóris. Mitya estendeu a mão para a mesinha de cabeceira e levantou uma tesoura. Ele cortou a camisa em tiras e depois tirou os pedaços do corpo dela sem remover as algemas. Agora as luzes brilhavam sobre sua pele nua, criando sombras e cavidades quase amorosamente.

— Sim, Ania, é assim que vai ser. Você me ama. Eu sei que me ama. —A mão dele deslizou entre as pernas dela, dois dedos mergulharam em suas dobras profundamente, fazendo-a choramingar. Ele ergueu os dedos para luz bem na frente dos olhos dela. — Você me quer assim. Algemada, esperando que eu faça qualquer coisa com você. Faz se sentir excitada como o inferno, não é?

Ania considerou mentir, mas não se pode mentir para o companheiro e se safar. Além disso, a evidência brilhava nos dedos dele diante dos olhos dela. Ela assentiu devagar. Ele pressionou os dedos nos lábios dela, forçando-a a abrir a boca para que ele pudesse empurrar os dedos para dentro. — Chupe-os, limpe-os do jeito que chupou meu pau esta tarde.

Seu clitóris pulsava com a sensualidade crua de seu comando. Sua vagina apertou. *Por que se sentia tão impotente e compelida a fazer tudo o que ele lhe dissesse? E por que ela o amava tanto? E ele? Será que ele a amava tanto quanto ela?* Ania chupou os dedos dele, provando a si mesma, provando sua necessidade por ele. Sua fome por ele.

— Estou dando um fim a sua indecisão sobre nós, *kotyonok*, e não serei um homem que tolerarei que as minhas decisões sobre a sua segurança sejam questionadas. Hoje não gostei do seu

comportamento e você nunca mais agirá assim. Você vai pedir desculpas ao meu primo.

Isso seria algo amargo de engolir. Sevastyan pode até merecer um pedido de desculpas, mas ele era um idiota ás vezes. Ela sabia que Mitya viu em seu rosto que a última coisa que queria era dizer ao primo que sentia muito por qualquer coisa.

O olhar no rosto de Mitya a assustou quando ele se levantou. Ele pegou a toalha que tinha na cintura com uma mão, puxou e jogou para o lado. Seu pau estava em pé. Grosso. Feral. Enorme. O olhar dela desceu para a ereção dele e ficou preso lá. Mitya era incrível. Só de olhar para ele a lembrou do gosto selvagem dele. Ela lambeu os lábios.

O que eles haviam feito antes tinha sido inesperado e até um pouco difícil, mas ela adorou e queria fazer novamente. Ela amava a sensação e a forma do pau dele, o calor e a seda sobre o aço. Ele era bonito e podia fazê-la sentir-se muito bem.

Mitya colocou um joelho na cama ao lado do quadril dela e inclinou a cabeça em seu seio. Chupou o monte esquerdo, levando-o para dentro de sua boca quente. Sua língua era perversa, sacudindo e lambendo o mamilo e, em seguida, pressionando o pico endurecido no céu de sua boca. Os dentes dele roçavam para

frente e para trás, alternadamente gentis e depois duros, fazendo-a sentir prazer e dor ao mesmo tempo. Cada vez que seus dentes mordiam, um raio descia de seus mamilos para seu clitóris.

Mitya puxou e soltou o mamilo e em seguida voltou a dar atenção a ele, chupando e provocando com a língua e os dentes. A respiração dela saiu em soluços irregulares. Mitya levantou a cabeça, suas mãos se moveram, deslizando um pequeno anel sobre o mamilo, apertando-os. Ela ofegou, olhou para baixo e o viu torcendo um grampo.

— O que está fazendo? —O fogo se espalhou. Continuou se espalhando. O calor não permaneceu em seu mamilo, mas se espalhou por seu corpo, até que achou que poderia se desfazer. Ela não sabia dizer se estava sentindo prazer ou dor, apenas que sua vagina pulsava, cada terminação nervosa, desde os seios até o sexo.

Mitya não respondeu. Ele inclinou a cabeça em seu peito direito e começou tudo de novo. Ania se sentia impotente para fazer qualquer coisa que não fosse ficar ali, parada, assistindo as luzes brilharem nos cabelos úmidos de Mitya. Ele usou a boca sem piedade, habilmente. A língua dele era uma arma de prazer, os dentes se movendo entre dor e prazer, até a cabeça dela girar e ela gritar de necessidade. Seus quadris não paravam de se mover, por mais que tentasse mantê-los quietos. Mais uma vez, seus dedos

estavam puxando, rolando e beliscando, puxando o mamilo, deixando-o duro e, em seguida, o apertando com o grampo. Fogo subiu. Quente. Selvagem. Fora de controle. Espalhando através dela até que queria implorar para ele fazê-la gozar.

Mitya sentou na cama, olhando-a com o mesmo olhar intenso e concentrado. — Eu já te disse as regras, Ania, e o que espero de você, mas parece que acha que não estou falando sério. Eu estou. Não vou deixar você ir. Vou te fazer feliz todos os dias da sua vida, mas você seguirá as poucas regras que estabeleci para você.

Ela balançou a cabeça, tentando formar um pensamento coerente quando seu corpo estava tão perto de gozar. — Não são poucas regras, Mitya, isso é uma ditadura. Eu sabia que você seria assim. E isso é um dos motivos da minha hesitação.

Quase preguiçosamente, Mitya se abaixou e sacudiu os três pequenos sinos que caíam do *grampo de mamilo*[35] ao lado do seu seio. Os sininhos soaram um pouco abafado e ele os pegou e puxou. Ania ofegou e tentou se sentar mais para impedir que o fogo explodisse através de seu mamilo.





35 Grampos de mamilo com sinos.

— Se você quer chamar de ditadura, que assim seja. Você me quer. Você *nos* quer. —Ele puxou o grampo novamente, seu olhar encarando-a, enquanto ela tentava respirar fundo. — Você quer isso, não é? Qual outro homem saberia do que você precisa, *kotyonok*?

Ania não conseguia desviar do olhar dele. A luz iluminava o rosto dela, mostrando a ele todos os seus desejos. Revelando exatamente quais eram as suas necessidades. Não havia como se esconder dessa luz. Ela amava o que ele estava fazendo e ao mesmo tempo estava com medo. Essa emoção do desconhecido aumentou a intensidade de seus desejos, isso e o modo como ele a olhava, sem expressão. Mitya simplesmente a olhava como se ela pertencesse a ele. Como se o corpo dela pertencesse a ele e ele pudesse tocar livremente seu coração.

Ania adorava aquele olhar no rosto dele. Ela o amava. *Como isso aconteceu?* Foi apanhada em algo que não entendia, mas sabia que Mitya era o homem para ela. — Sim, —admitiu em tom baixo.

Ele se inclinou e deu um beijo em sua boca. — Quero te lembrar de uma única coisa e espero que não se esqueça, *kotyonok*, estou loucamente apaixonado por você. Sei que você tem dificuldade até mesmo em compartilhar seus sentimentos por mim, mas você os tem. Posso ver nos seus olhos. Não tenho problema

em confessar os meus, logo porque mais cedo ou mais tarde teria descoberto que me tem enrolado no seu dedo.

Ele puxou a pequena corrente de sinos novamente, enviando fogo através do corpo dela. Mitya olhou para o pé dela, aquele que ela não conseguia parar de mexer, e então se levantou e gentilmente o pegou na mão. A mão dele subiu até o tornozelo dela e esfregou a algema.

— Isso dói?

— Estou tentando ficar quieta, para não machucar, mas machuca de qualquer maneira.

A chave, evidentemente, estava na mesinha onde ele colocara vários itens. Ele abriu a algema e esfregou o pé dela delicadamente em torno do tornozelo e depois passou mais alguns minutos examinando sua pele. Suas mãos eram carinhosas e afagava os machucados. Ela sentiu cada um de seus toques como se fossem tentáculos de desejo subindo em sua perna e se estabelecendo profundamente em sua vagina ardente.

Mitya esfregou um creme calmante no seu tornozelo, o enrolou em algo macio e depois, para sua consternação, fechou a algema ao redor novamente.



— Mitya. —Ela se moveu, e seus seios de repente se tornaram pontos duplos de fogo. Uma tempestade de chamas cintilou sobre sua pele e se estabeleceu em seus mamilos. Os raios irradiaram para fora, atirando como um relâmpago para baixo em direção aos seu sensível clitóris

Ele sorriu para ela enquanto tirava a algema da outra perna. Mitya demorou-se a esfregar o pé e depois o tornozelo antes de aplicar o creme, enrolar com o material macio e recolocar a algema. Ele continuou em silêncio, se levantou, deu a volta na cama e abriu a algema, liberando o braço direito dela. Ania tentou puxar o braço para baixo imediatamente, mas Mitya o agarrou, tomado posse e o massageado do ombro à mão. Parecia o paraíso.

— Depois de ver esses machucados, decidi que desta vez, você não precisará se desculpar com o cretino do meu primo. Ele está vivendo na idade das trevas. Se ele não se importa que as suas mulheres sintam um pouco de dor que não tenha nada a ver com erotismo, é problema dele. Mas não vou permitir isso para você, não importa o quanto amo te ver assim, na minha cama, esperando que eu faça o que desejar. Não aceitarei desculpas, vou falar com ele sobre o uso de outra maneira de te conter.

— Me conter? —Ela queria parecer indignada, mas seu corpo estava sobrecarregado. O que ela precisava era gozar. A tensão cada vez mais forte estava matando-a. Ela precisava ...

— Um toque de dor aqui e ali serve para melhorar a experiência, não piorar. A menos que eu esteja te punindo. Isso é diferente.

Seu corpo inteiro parecia apertar com necessidade sexual. Ele a estava deixando louca com a maneira como massageava e esfregava seu braço, mão e até cada um de seus dedos. — Punir-me? —Ela quase chiou.

Ele aplicou a loção no pulso dela e depois o envolveu em tecido macio antes de mais uma vez algema-la. — Sim, *kotyonok*, puni-la. Não posso deixar você escapar com o que fez hoje à noite. Você precisa aprender essa lição.

— Eu não tenho cinco anos, Mitya.

— Se você tivesse cinco anos, não estaria na posição em que está agora, Ania. —Ele sacudiu os sinos com os dedos e depois rodeou a cama para chegar ao outro lado. O fogo que estava a apenas um fôlego brilhou através de seu corpo enquanto os sinos tocavam.

Ania ofegou, seu corpo ficando mole. O olhar dela continuava se desviando para o pau dele. Mitya estava incrivelmente duro. Ele gostava do que estava fazendo com ela, isso era evidente. Quando ele pegou a outra mão e começou a massagear, ela lambeu os lábios e sua mente se encheu de lembranças dele. Do peso de seu pênis, de como ela gostava da forma e espessura. Da ponta quente, larga e lisa como seda. O eixo era grosso, quente ao toque e parecia pesado em sua língua. Quando ela o pegou na boca sem que ele estivesse no controle, teve que se esforçar para engoli-lo pela metade, mas estava determinada a agradá-lo, sabia que com o tempo e com a prática seria mais fácil.

— Você não está prestando atenção.

O olhar culpado dela saltou para o rosto dele. — Estou sim, — ela mentiu. E estava, só não era para o que ele estava dizendo.

— Acho que vou mudá-la de posição.

— Se tirar as algemas, fico em qualquer posição que você quiser, —ela ofereceu.

Ele abriu as quatro algemas. — Vire-se. Deite-se de bruços.

Ania o fez com relutância, olhando-o com cautela. Os sininhos no grampo de seus mamilos tocaram e balançaram loucamente, enviando todos os tipos de sensações através dela. No momento

em que ela deitou em cima de seus mamilos duros, gemeu alto, o fogo queimou nos picos endurecidos, enviando chamas que lamberam seu clitóris.

Ele esticou os braços dela e os prendeu em uma posição antes de empurrar alguns travesseiros sob sua barriga, levantando o traseiro dela no ar. Ele não esticou as pernas dela, mas a forçou a ficar de joelhos e trancou os tornozelos nas laterais da cama. Ania estava indefesa novamente e se sentindo mais vulnerável do que nunca.

A cama afundou e sua respiração ficou presa na garganta. As mãos dele foram para os quadris dela. Mãos grandes. Ele passou as mãos nas bochechas do traseiro dela. E então sua boca estava lá. Ali mesmo. Comendo-a. Devorando-a. Deixando-a louca tão rápido que ela viu cores riscando sua visão. Se sentia quente. Escaldante. A língua dele, uma arma perversa que ele usava como mágica, alimentando-a de prazer. Muito prazer. Nada importava, desde que ele nunca parasse. Ela estava perto, muito perto, seu corpo se enrolando, desesperado para gozar.

Mitya levantou a cabeça e limpou a mandíbula nas nádegas dela, sua barba raspando sobre a pele sensível.

— O que está fazendo? Não pare, —Ania lamentou.



— Sinto muito, —disse ele. — Eu tentei lhe avisar que isso não é para o *seu* prazer? Isto é só para o *meu.* Você não merece sentir prazer.

As mãos dele amassaram as bochechas do traseiro dela, o polegar deslizando entre sua buceta nua, coletando o líquido liso que derramava de seu corpo. Ele esfregou ao longo da costura de suas nádegas várias vezes. Cada vez que ele pressionava mais fundo no seu ânus, seu coração batia forte. Não havia como impedir seu corpo de derramar mais líquido quente, dando a Mitya a certeza de que ela estava excitada com tudo o que ele estava fazendo.

Sem aviso, ele bateu em sua nádega esquerda com força suficiente para fazê-la pular. O fogo se espalhou por todas as terminações nervosas. Mais líquido vazou. Ele o recolheu e usou para pressionar entre as nádegas dela. Desta vez, ele empurrou um dedo profundamente em sua vagina, de modo que os músculos de seu canal se apertaram e o seguraram em um torno de seda ardente. Seu polegar acariciou seu ânus escorregadio e depois empurrou para dentro.

A respiração dela ficou presa na garganta. Seu corpo inteiro clamou pelo dele. Cada terminação nervosa estava viva e inflamada. Ele começou a bombear o dedo e o polegar dentro e

fora dela. Lutando para respirar, ela começou a montar a mão dele, empurrando-o mais fundo, desesperada para gozar. Tão perto. Estava tão perto.

A outra mão dele desceu com força, batendo na nádega direita de novo e de novo. O tempo todo os dedos dele se empurraram profundamente nela, curvando-se para encontrar aquele ponto que poderia lançá-la, esfregando-se dentro dela por um momento. Mitya alternava os tapas nas nádegas, tornando-as vermelhas, enquanto o corpo dela estremecia e implorava para gozar. Ela estava sempre no limite. A necessidade a deixando louca. Ania olhou para ele e ouviu sua própria voz implorando.

A mão livre dele acariciou as marcas vermelhas deixadas pelas mãos dele, espalhando fogo sobre a pele dela, de modo que percorreu cada nervo e transformou-se em uma tempestade de chamas queimando através de seu sexo.

— Mitya. —Ania quase soluçou seu nome.

— O que foi, *kotyonok*? Precisa de alguma coisa? Você não gosta disso? —Ele se ajoelhou na cama, seu corpo entre as pernas dela, a mão nas costas dela, prendendo-a ali enquanto pressionava a cabeça larga de seu pênis contra a abertura quente e escorregadia.



— Preciso de você. —Ela se viu balançando para frente e para trás. Cada vez que se movia, os sininhos tocavam o lençol e puxavam seus mamilos, enviando relâmpagos diretamente para seu clitóris quente e pulsante, sentindo-se como se fosse explodir de necessidade.

— Eu estou aqui.

— Seu pau, —ela especificou. — Preciso dele dentro de mim.

Ele se inclinou sobre ela, a cabeça larga de seu pau deslizando sobre suas dobras nuas, provocando-a, tentando-a, deixando-a louca. — Adoro ver que precisa de mim. Amo ouvi-la implorar pelo meu pau. Adoro especialmente quando você o adora com a sua boca. O que eu não amo, baby, é você se colocar em perigo apenas para provar que é igual e que pode fazer o que quiser.

— Mitya. —Sua respiração veio em pequenos soluções. Ela não conseguia mexer o corpo para obter alívio, só podia esperar e rezar para que ele desse a ela.

— Sim, baby. Esse é o meu nome. Eu sou seu homem. Vou te dar a porra do mundo, qualquer coisa maldita que quiser, mas você tem que saber que está morando com um ditador e tem que ficar bem com isso. —Sua mão desceu na nádega direita, esfregando-a

depois, espalhando as chamas. — Quando eu disser para vir para o quarto seguro, você vem, caralho.

Ania fechou os olhos, incapaz de parar de balançar, incapaz de parar de se empurrar em direção ao pau dele. Aquele belo instrumento que aliviaria o seu tormento. Seus seios doíam, cada veia em seu corpo pulsava com o sangue quente correndo por elas.

— Estou esperando uma declaração sua, Ania.

— Sim. Eu irei. —Ela ouviu o soluço em sua própria voz. Um apelo.

Seu pênis bateu profundamente, e o fogo a envolveu. Os músculos dela o apertaram fortemente, prendendo-o a ela. Ele parou, a cabeça de seu pênis tocando em seu colo do útero, apenas segurando lá. Ania sentiu o coração dele bater através daquele eixo grosso. Ela sentiu a veia latejando, pulsando com poder.

— Você nunca colocará meus homens na posição em que colocou Sevastyan hoje. Se você bater neles ou chutá-los e eles acabarem revidando, saiba que eu os matarei. —Ele se inclinou sobre ela, a boca contra a orelha dela. — Não estou dizendo isso da boca para fora. Não é uma ameaça vazia. Se algum homem bater em você, eu o matarei. Se Sevastyan tivesse perdido a paciência e batido em você, eu o teria matado. Meu primo. Um

homem que amo e respeito. Um homem que apenas fez o que eu pedi. Entende o que estou dizendo, Ania? Você nunca mais os coloque, ou a mim, nessa situação.

Ela assentiu com a cabeça quando os dentes dele se fecharam sobre sua orelha e ele moveu os quadris, enviando uma carga de eletricidade através do corpo dela.

— Entendi, —ela sussurrou. E realmente entendeu, mas agora não conseguia pensar em mais nada. Seu corpo estava em chamas, todos os sentidos sobrecarregados. Trovões rolaram por sua mente. O caos reinou em seu cérebro. Havia apenas um pensamento. O pau de Mitya. Seu pau lindo e perfeito. Ela precisava desesperadamente.

Ele se ajoelhou, pegou o cabelo dela em seu punho e puxou a cabeça dela para trás. Seus quadris começaram a se mover em um mergulho duro que a fez gritar. Não havia como deixar de gritar e gemer alto. Ela não se importava quem ouviria. Mitya se movia nela com absoluta confiança, do jeito que ele fazia tudo. Ele sabia exatamente o que estava fazendo e deu tudo a ela. Penetrando-a profundamente. De novo e de novo. Mudando o ritmo de áspero para suave: *excruciantemente devagar, mas tão quente que ela mal conseguia respirar. Martelando como uma máquina, uma britadeira, uma rápida invasão brutal que a fez soluçar por mais.*

Ania não conseguia se mexer. Ele a prendeu efetivamente. Ela só podia aguentar o que ele lhe dava, todo aquele calor delicioso. O fogo. Os raios. Cada mergulho brutal fazia seus seios esfregarem-se ao longo do colchão, de modo que os sinos tocavam e puxavam, esticando seus mamilos e seios, disparando relâmpagos após ataques, direto para seu clitóris.

Parecia durar para sempre, aquela onda selvagem crescendo e crescendo, tão grande que ameaçava tirar sua sanidade. Ela não conseguiu encontrar o ar, o mundo começou a girar com a euforia que veio com o atrito entre os corpos deles, enquanto seus músculos se enrolavam mais apertados ao redor de seu pênis. Ela não queria que terminasse, mas precisava gozar.

Ania sentiu o pau dele ficar mais grosso, empurrando contra o tecido sensível, os pequenos músculos desesperados que tentavam se alongar ainda mais para permitir que ele colocasse sua reivindicação em seu interior. Então seu pau empurrou com força, e o toque quente de sua semente cobriu sua vagina, provocando um tsunami que rolou sobre ela, fazendo-a cair, lançando-a para longe de seu corpo, em outro lugar onde flutuava em êxtase absoluto.

Seu corpo palpitava e queimava, pulsando com aqueles raios, e as luzes estouraram atrás de seus olhos. Ela ouviu a voz dele a

acalmando. As mãos dele acariciavam sua pele. Ele a aliviou e imediatamente liberou seus tornozelos. Ela apenas esticou as pernas e deixou que os tremores secundários a consumissem.

Nada a havia preparado para isso. Nenhum orgasmo que já teve chegava perto disso. Ania ouviu seu próprio coração trovejando em seus ouvidos, enquanto ele lhe soltava as mãos. Ela puxou os braços para perto do corpo e os colocou perto da cabeça, puxando e dobrando os joelhos em uma posição fetal. A ação enviou outro orgasmo rolando através dela.

— Preciso que deite de frente, *kotyonok*, —insistiu Mitya, as mãos dele a colocando na posição que queria.

Ela sentiu os dedos dele em seus seios. — O sangue vai voltar rápido, baby, e você vai sentir.

Antes que ela pudesse responder, ele tirou o grampo de seus mamilos. Cada terminação nervosa explodiu com a estimulação quando o sangue correu imediatamente de volta ao seu mamilo super sensível. Ania abriu a boca para gritar, mas nenhum som surgiu. Os olhos dele se fixaram nos dela, Mitya inclinou a cabeça e chupou o mamilo no calor suave da sua boca.

Ela não sabia se era a estimulação do sangue voltando ou a boca dele provocando mais terremotos, mas seu corpo parecia empenhado em fazê-la sentir mais orgasmos.

Ele levantou a cabeça, parecendo perverso. — Ainda há outro grampo para remover, *kotyonok*.

Ela balançou a cabeça. Foi doloroso o tirar o primeiro. Não importava que a dor se transformou em prazer. Sua mente rejeitou a ideia de tirar o outro grampo.

— Não pode ficar aí, Ania, —disse Mitya com uma voz razoável, a voz que ele usou quando lhe disse que ela nunca deveria colocar seus homens na posição em que colocara seu primo. Ele estava sendo razoável—mas seu tom de voz dizia que ele também estava no limite. — Você não pode ficar com os grampos por mais de quinze minutos. E você não está acostumada a eles. Ficará muito sensível pelos próximos dias. Tenho que tirar agora.

Seus dedos tocaram os sinos e depois puxou a correntinha, observando o rosto dela, observando a queimadura sensual subir em seus olhos. Era fácil ver a ondulação em sua barriga quando outra onda a atingiu.

— Gosto que você seja sensível. Vocês duas estão no cio e vão precisar de nós. Muitas vezes. —Ele tocou os sinos e os observou

balançar. Puxou. E puxou novamente, com mais força. Torturando-a. Seus dedos foram para o grampo, movendo-os com uma lentidão excruciante.

Ela prendeu a respiração, seu coração batendo muito rápido. Iria doer quando o grampo se soltasse e o sangue voltasse. O olhar dela se agarrou ao dele. Ela sentiu cada volta daquele parafuso. A liberdade repentina. Um alívio e depois uma onda de dor que rasgou seu corpo, queimando através das veias até seu núcleo.

Ania alcançou Mitya, o agarrou pela nuca e puxou a cabeça dele na direção do seio dela. Ele não facilitou, e seu olhar nunca deixou o dela. — Por favor, —ela sussurrou.

Mitya lambeu o seu mamilo e depois puxou o peito dela para sua boca mágica. Em segundos, a dor se transformou em outra coisa, aquela sensação incrível que enviou outro orgasmo através dela, tão forte quanto o último. Ania ofegou através da onda de prazer, sentindo cada golpe de sua língua, os movimentos e lambidas, a sucção que permitia que seu corpo gozasse generosamente.

Ele limpou o rosto dela e depois inclinou a cabeça para lamber as lágrimas dela. — Está tudo bem, baby. Foi apenas intenso.

Talvez avassalador, mas eu tinha você o tempo todo. Não deixaria nada acontecer com você.

Ela sabia disso. No fundo de sua alma, sabia que Mitya não deixaria nada acontecer com ela. Ele estava certo, Ania nunca havia sentido algo assim antes, e era intenso e avassalador. Não iria querer isso todos os dias, mas sabia que um dia estaria disposta a fazer isso novamente com ele.

Mitya beijou seus olhos e seu rosto molhados. — Estou bem aqui, Ania, e não vou a lugar nenhum. —Ele sentou-se e a puxou em seus braços, balançando-a suavemente. Mitya puxou uma das mãos dela, virando-a para inspecionar o leve machucado que surgia sob sua pele. — Estou pesando seriamente em bater em Sevastyan.

Ela apertou o rosto no peito dele. — Onde no mundo ele conseguiu essas algemas?

Mitya deu de ombros, os ombros largos rolando expressivamente. — Meu primo é muito sombrio. Ninguém sabe de onde ele tira essas merdas ou por quê. Pelo menos eu sabia que havia com forros de proteção opcionais.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele. — Como você sabia? Já esteve nesta quarto com alguém assim antes? —Ela não pôde

deixar de prender a respiração. Ania sabia que certamente não era a primeira mulher dele. Poderia também não ser a primeira mulher com quem ele brincou assim. A julgar por sua experiência, provavelmente nem mesmo perto. Mas não queria que alguém tivesse compartilhado essa cama com ele.

— De jeito nenhum, Ania. As únicas pessoas que sabem sobre o nosso quarto seguro são a família. Você é minha família. Vamos providenciar a licença de casamento e nos casaremos. Eu não me importo com a cerimônia, desde que aconteça e rápido.

— Uma pequena cerimônia, —ela disse imediatamente.

Ele assentiu. — E rápida, assim que a papelada estiver pronta. Iremos ao escritório do secretário do condado de Bexlar pela manhã e obteremos a licença. Há um período de espera de setenta e duas horas que pode ser dispensado. Nós vamos tirar proveito disso.

Da maneira como ele afirmou cada palavra, provavelmente achou que ela discutiria. Ania não queria discutir, queria dormir com Mitya em volta dela. Ela tinha um milhão de perguntas para fazer sobre o que havia acontecido mais cedo e se ele descobriu algo importante, mas não conseguiu formular as perguntas. Já

podia sentir *Jewel* pressionando-a, desesperada por seu companheiro.

— Parece bom, —ela concordou. — Acha que se não tivéssemos tanto sexo louco, os leopardos não ficariam tão frenéticos para estarem juntos? —Havia uma nota melancólica em sua voz, ela não podia evitar. Amava o sexo com Mitya. Qualquer tipo de sexo. Mas estava tão exausta que não tinha certeza de que poderia andar em linha reta, muito menos pensar em linha reta.

A mão dele deslizou para a nuca dela, os dedos massageando, tentando aliviar seus músculos tensos. — Sei que é difícil para você, Ania. Eu deveria ter mais cuidado com você. Eu gostaria de dizer que é *Dymka* influenciando minhas ações, mas não é. Não sou um homem gentil e nunca serei.

Ela virou o rosto para a garganta dele, acariciando-o. — Gosto de você do jeito que é. Só não estou conseguindo respirar o suficiente e meus músculos já estão doloridos e ficarão piores depois que *Jewel* sair para passar a noite com *Dymka*. Eles fazem sexo a cada quinze minutos.

Sua risada suave era música para ela.

— Invejo a resistência desses gatos. Vamos lá, *kotyonok*, vamos tomar um banho de banheira por alguns minutos antes de deixarmos os nosso leopardos correrem.

Ele a levantou em seus braços e a levou para o banheiro principal. Eles sentaram na beira da banheira enquanto ela enchia. — Você salvou nossas vidas hoje. Mirón, Sevastyan e eu. Me assustou muito, mas você estava em completo controle o tempo todo.

Ela não abriu os olhos, mas se sentiu mais satisfeita do que tinha o direito de estar. Somente porque o elogio veio dele. De Mitya. Achava que ele não iria querer falar sobre isso, muito menos elogiá-la.

— Sério, Ania, nunca vi ninguém dirigir assim. Você foi mais do que impressionante. Fiquei orgulhoso de você.

Ela sorriu e virou o rosto contra o peito dele. — Sou muito boa em dirigir e adoro.

— Agora eu tenho um grande dilema. Ter o melhor sexo no banco de trás ou ter a melhor motorista de todo os Estados Unidos dirigindo para mim.

Seu coração quase explodiu. Os olhos dela se abriram. Ania tinha que ver a expressão dele, ver se ele estava falando sério. Ele

a olhava com tanta ternura e orgulho que ela quis chorar. — Talvez possamos ter os dois. Vou dirigir algumas vezes, e deixaremos Mirón ter seu emprego de volta parte do tempo. —Ela planejou pedir a Sevastyan que a agendasse para dirigir quando houvesse uma possibilidade de perigo para Mitya. Ania teria que voltar às boas graças com Sevastyan.

Mitya deu um beijo nos lábios dela e depois a abaixou gentilmente na água quente. A vida passou de assustadora para boa.



Dezessete

MITYA ESTAVA sobre a cama olhando para o rosto de Ania. Dois dias se passaram sem respostas, mas foram dias movimentados. A coisa mais importante que havia acontecido para ele foi ter conseguido a licença para o seu casamento com Ania. Os leopardos tiveram duas noites inteiras juntos, e era por isso que Ania dormia profundamente, mesmo que já fosse tarde da manhã. Ele fechou as telas de privacidade para escurecer o quarto, querendo que ela dormisse o maior tempo possível. Até Sevastyan mencionou que ela parecia frágil.

O amor invadiu. A emoção surgiu do nada, oprimindo-o. Não havia como descrever a Sevastyan como ele se sentia sobre Ania, mas tentou. Sevastyan era muito desligado das emoções, e isso preocupava Mitya. Ele sabia como era ter que dormir com barras nas janelas e fechaduras nas portas, por causa do risco do seu leopardo emergir fora de controle.

Com um pequeno suspiro, Mitya se afastou resolutamente da cama e desceu as escadas, onde sabia que os outros o esperavam. Seus primos—Fyodor, Timur e Gorya—jogavam sinuca enquanto o esperavam pacientemente. Fyodor e Timur tinham esposas, mulheres que amavam e que mantinham próximas. Eles entendiam que algumas coisas, como garantir que sua mulher dormisse tranquilamente, importavam. Gorya não mostrou sinais de aborrecimento, mas não faria de qualquer forma. Ele não era esse tipo de homem.

Sevastyan fazia a ronda pela casa, provavelmente pela centésima vez. O homem nunca parecia dormir, e andava por aí, desconfiando de todo mundo. Sevastyan não ficou muito contente com o fato de Fyodor ter trazido o primo de sua esposa, Joshua, do território de Nova Orleans. Eles precisavam de aliados, e Fyodor confiava em Joshua. Sevastyan não confiava em ninguém, e Mitya não podia culpá-lo. Sevastyan não se deixava enganar facilmente e realmente não conhecia Joshua. O que Mitya sabia sobre Joshua poderia fazer Sevastyan mudar de ideia.

Joshua nasceu em uma família shifter nos pântanos nos arredores de Nova Orleans. Seu avô era um criminoso que acreditava que ele tinha direito a qualquer mulher que ele desejasse—incluindo nora ou neta. O pai de Joshua tentou tirar sua

esposa e filho desse ambiente, mas eles foram traídos, e seu pai foi morto. Sua mãe o levou para a floresta tropical em Bornéu, onde conheceram Drake Donovan. Joshua assumiu um território desocupado em Nova Orleans, quando o chefe do crime Rafe Cordeau foi morto.

O ponto principal era que Joshua tinha laços fortes em Nova Orleans. Ele administrava o território onde Amory trabalhara e era amigo de alguns dos shifters que ficaram para trabalhar para Joshua. Joshua também tinha fortes laços com Drake Donovan. Laços muito fortes.

Em quem eles poderiam confiar? Qualquer um dos shifters que Donovan enviou a eles poderia traí-los e matá-los. Era assim que Ania se sentia? Sozinha em sua casa, seu pai morrendo aos poucos? Ela não sabia, mas ele tinha alguém de olho em Annalize também. Mitya esperava que Annalize não tivesse sido comprada por quem queria os pegar. Ela tentou entrar em contato com Ania várias vezes e, todas as vezes, a mulher não tinha um único motivo decente.

Mitya pressionou os dedos contra os olhos. A mulher dele não aguentaria muito mais. Se fosse honesto, era ele que não queria que Ania tivesse que suportar mais nada, mesmo sabendo que ela

poderia aguentar o que viesse. Ela era forte. Sairia disso tudo ainda mais forte.

Mitya foi até a janela e ficou de frente a ela, com as mãos nos bolsos, uma atitude que deixaria Sevastyan louco. Ele estava plenamente consciente de que se tornava um bom alvo exposto assim, perto da janela. Costumava ficar na frente da janela, como uma espécie de desafio ao pai. Lazar estava se aproximando. Ele não sabia como, mas podia senti-lo. Fazia muitos anos desde que acordara de um sono profundo e encontrou seu pai em pé sobre ele, pronto para matar seu próprio filho. Quando muito jovem acabava se machucando por não estar ciente do perigo por perto. Enquanto crescia esses incidentes haviam aprimorado suas habilidades de sobrevivência. Agora, podia sentir que Lazar não estava apenas no país, mas em algum lugar próximo. Mitya ficou parado na janela, olhando para as colinas, imaginando se havia alguém lá em cima com um rifle Sniper apontando para ele.

— Mitya, afaste-se da janela, —retrucou Sevastyan, entrando na sala por uma porta lateral. — Vikenti e Zinoviy encontraram rastros nas colinas, a apenas cinco quilômetros da casa. Nós seguimos os rastros. Alguém está nos espionando.

— Quem? —Perguntou Mitya, virando-se para o primo. Sevastyan era um mestre em rastreamento. Se alguém do covil de seu pai na Rússia deixou esses rastros, ele os reconheceria.

— Eu já te disse para se afastar da porra dessa janela. — Sevastyan virou as costas para Mitya e atravessou a sala. Os jogadores de sinuca largaram os tacos e de repente ficaram muito atentos, assistindo o drama se desenrolar entre os primos.

Mitya fez uma cara feia para seu chefe de segurança. — Você vai superar o que aconteceu?

— Provavelmente não. Da próxima vez, vou cortar a porra do seu coração e acabar com isso de vez, —Sevastyan estalou. — Quem tem que tomar as decisões para onde o nosso pessoal deve ir e quando, sou eu, não você, caso contrário o meu trabalho é uma perda de tempo. —Ele caminhou até o outro lado da sala, pegou uma garrafa de vinho, derramou uma pequena quantidade em uma taça e o bebeu em um único gole.

Mitya nunca tinha visto Sevastyan se comportar dessa maneira. Nunca. Sevastyan estava sempre no controle de suas emoções o tempo todo. Mitya realmente enfureceu o seu primo e, nos últimos dois dias, Sevastyan foi brusco ao ponto de ser grosseiro. E ele estava certo. Sevastyan era chefe de segurança. Era



responsável pela segurança de Mitya e agora de Ania. Ele seria responsável pela segurança de seus filhos quando os tivesse. Mitya não tinha sido justo com seu primo.

Afastou-se da janela e sentou-se à mesa que montaram para a reunião. — Você tem razão, Sevastyan. Eu estava errado. —Era difícil admitir em voz alta, especialmente na frente de seus outros primos, dos guarda-costas e de Joshua, mas Sevastyan merecia. Ele sempre foi dedicado e competente. Arriscou sua vida repetidamente para manter Mitya seguro. — Não vai acontecer de novo.

Sevastyan não era homem de fazer outro implorar. Ele apenas assentiu com a cabeça e depois diminuiu as luzes da sala. Sevastyan já havia enviado instruções a seus homens para ficarem vigilantes, manter contato constante e adicionar patrulhas extras ao longo das colinas onde um atirador de elite poderia sentar-se com um rifle e tentar dar um tiro certeiro em algum deles.

Os outros se reuniram ao redor da mesa. Joshua não fez perguntas, apenas esperou para ver o motivo da convocação.

— Além do fato de Lazar estar definitivamente no país e por perto, temos um novo inimigo, —começou Mitya. — Um que não temos ideia de quem seja. Ele parece trabalhar por debaixo dos

panos e usou Drake Donovan para implantar seu pessoal em todos os nossos territórios—mais especificamente, em nossas equipes de segurança. Todos usamos shifters para proteger nossas famílias. Não há muitos, e poucos são treinados na maneira como Donovan os treina. Todos nós seguimos suas recomendações.

Mitya pegou a jarra de água gelada. — Gostaria de poder dizer que sei mais do que isso sobre esse inimigo, mas não sei. Só que ele é poderoso o suficiente para que, em vez de serem feitos prisioneiros, eles se suicidem.

Seus primos ficaram tão chocados com isso quanto ele. Os shifters não tiravam a própria vida, não quando isso significava matar o leopardo também. Isso não acontecia. Ele atualizou Joshua nos últimos acontecimentos. — Fui atacado, apesar de Ania estar comigo, então ela pode ter sido o alvo. Eles seguiram nosso carro. Foi um ataque muito coordenado. —Mitya olhou para Sevastyan.

Seu primo não gostava de ser o centro das atenções. Ele havia assumido o controle do covil do pai quando Rolan morreu, mas Sevastyan não queria fazer parte da crueldade do covil mais do que Mitya queria fazer parte do covil de Lazar. Sevastyan não parecia desconfortável. Nunca pareceu. Ele parecia quase entediado, mas

Mitya sabia que ele estava alerta e observando cada detalhe, cada expressão.

— Eles sabiam a nossa localização e sabiam aproximadamente o momento em que passaríamos em determinados pontos, — continuou Mitya. — Conseguimos virar o jogo sobre eles e montamos nossa própria armadilha, mas no final nenhum deles sobreviveu. Isso inclui quem matou o parceiro e depois se matou.

Joshua estendeu as mãos, estudando as palmas como se isso fosse lhe dar respostas. Ele olhou em volta da mesa para os outros. — Vocês todos acham que temos inimigos implantados em nossos territórios?

— Que outra explicação existe, Joshua? —Perguntou Fyodor. — Você conheceu Amory e o encontrou enquanto ele trabalhava para nós em mais de uma ocasião. Amory trabalhava para esse inimigo desconhecido. Ele veio da **Donovan Security Company**. Com as mais altas recomendações.

Joshua sentou-se ereto, seus olhos azul-esverdeados ficando duros como diamantes. — Não tem como Drake estar envolvido nisso. Não é possível. Eu o conheço há anos. Se alguém estiver recrutando seus funcionários, ele os encontrará, mas ele não está por trás disso ou de forma alguma faz parte disso.



— Você apostaria sua vida nisso? —Mitya exigiu.

— Absolutamente. Drake Donovan não está envolvido, — disse Joshua. Ele passou a mão pelos cabelos loiros e depois balançou a cabeça. — Posso entender por que vocês pensariam isso. Eu posso.

Ele olhou em volta da mesa para os primos russos. Dois deles haviam conquistado territórios atingidos por homens como Rafe Cordeau, homens dispostos a cometer qualquer tipo de crime por dinheiro e poder. Os shifters russos nasceram para essa vida, foram criados em um ambiente inacreditavelmente cruel. A tensão se estendia a um ponto gritante. A confiança entre eles era frágil.

— Drake é absolutamente inocente. Ele seria o primeiro a investigar e punir os traidores se descobrisse evidências de que seus negócios estavam sendo usado por um inimigo desconhecido. Eu sei, porque no momento em que você nos informou sobre a morte de Antosha, ele entrevistou cada um de seus funcionários. Ele fez isso antes, então não há como Drake facilitar a vida desse inimigo, tenho certeza de que ele já está de olho.

— Joshua, —Fyodor inclinou-se para ele, — mesmo que Drake seja inocente, como você acredita que ele seja, não temos dúvidas de que há muitos espiões infiltrados em nosso território,

espiões que vieram da **Donovan Security Company**. Drake não os conhecia antes de conduzir as primeiras entrevistas, e todos eles são encorajados, durante o treinamento, a se tornarem bastante discretos para trabalhar para nós. Você, com certeza, tem um ou mais funcionário indicado por Drake. Isso significa que, a qualquer momento, alguém próximo a você, alguém em quem confia, pode sacar uma arma, colocá-la na cabeça da sua mulher e apertar o gatilho.

Fyodor fez uma pausa para Joshua entender a gravidade da situação. Sonia, a mulher de Joshua, era sua vida. A idéia de um guarda-costas de confiança repentinamente se voltando contra eles era abominável.

— Acredito que todos nós temos pelo menos um infiltrado em nossas equipes, —disse Mitya. — Todos eles têm um denominador comum. Drake Donovan. Temos que decidir o quanto realmente confiamos em qualquer um dos outros da Aliança o suficiente para mantê-los informados cem por cento. Podemos nunca obter outras informações além das que temos agora.

Mitya voltou sua atenção para Joshua. Fyodor confiava nele, ou não o teria trazido para a reunião. Todos concordavam que, entre eles sentados ali, Joshua era quem mais conhecia os outros não presentes e, junto com Fyodor, decidiriam se poderiam

expandir seu círculo de confiança. Havia risco. Quanto mais pessoas envolvidas, maiores eram as chances de um dos inimigos implantados terem acesso a eles.

Alguém estava tentando iniciar uma guerra, e estava fazendo isso semeando a desconfiança e a dúvida entre todas as famílias do crime. Eles tinham que saber, sem sombra de dúvida, quem eram seus aliados. Não podiam revelar informações que poderiam acabar no ouvido do inimigo.

Fyodor sabia que Elijah Lospostos foi um dos primeiros a participar da Aliança com Drake. Os Lospostos eram conhecidos internacionalmente como uma família criminosa cruel que governava com mão de ferro. Eles tendiam a assumir o controle, engolindo territórios menores para aumentar os seus. Elijah, como os russos, havia nascido na vida de crime e queria sair—pelo menos esse era o seu discurso. Haveria uma maneira mais eficaz de assumir o controle do que colocar famílias umas contra as outras?

— Temos que ir com cuidado, —disse Mitya. — Sei que tenho que lidar com Lazar, mas pelo menos o conheço, sei como meu inimigo pensa e como ele vai me atacar. Sei até mesmos os motivos dele em me atacar. Mas este outro inimigo é totalmente desconhecido, e nós não somos os únicos alvos. Joshua, eles

tinham vários itens que planejavam usar para incriminar várias famílias, tanto com a polícia quanto para virar as famílias umas contra as outras.

Joshua respirou fundo. — Então, segundo você, seja quem for essa pessoa, ela planeja iniciar uma guerra colocando as famílias criminosas uma contra as outras. Todas as famílias.

Mitya assentiu devagar. — Essa é a minha conclusão. Como não faço ideia do porquê e nem quem possa ser essa pessoa, tenho que levar em consideração a possibilidade de que eu não seja o verdadeiro alvo. Mas de alguma forma, tropecei na linha de fogo.

— A família de Ania era um alvo, —disse Sevastyan, sua intromissão inesperada. — Foi assim que você tropeçou na linha de fogo deles. Através dela. —Ele olhou em alerta e levantou a mão para indicar silêncio.

A porta do escritório se abriu e Ania entrou na sala, como se tivesse acabado de sair do chuveiro. Seu cabelo estava úmido e puxado para trás em uma trança longa e grossa. Seu rosto estava limpo de toda maquiagem, não que ela usasse muita, mas agora parecia uma jovem adolescente, não a mulher adulta que ele conhecia. Seus jeans finos abraçavam seu corpo, agarrando-se às suas curvas. A blusa que ela usava a cobria, mas ainda mostrava o

volume de seus seios. Só a visão de Ania fez o corpo inteiro de Mitya se acender.

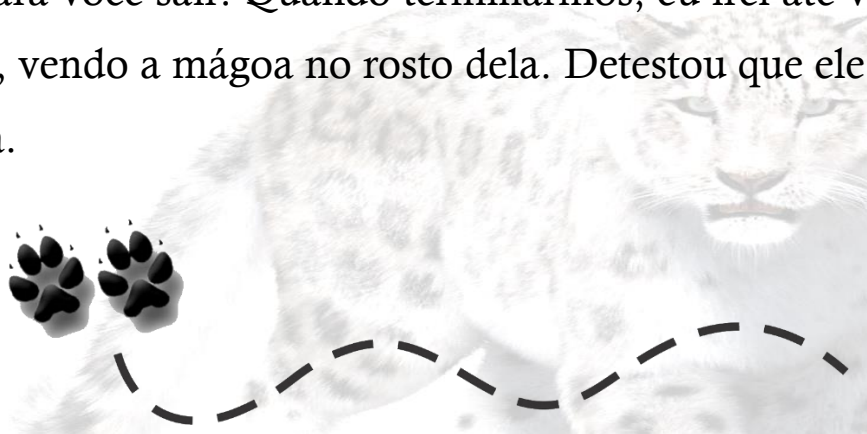
Ele sorriu para ela e estendeu o braço. — Você acordou.

— Sim. E você está tendo uma reunião. —Havia um pequeno indício de acusação em sua voz. Ania olhou para cima e sorriu para os outros. — Olá a todos. Eu não sabia que estavam vindo. Teria providenciado um lanche ou pelo menos um café.

— Não vamos demorar, —assegurou Mitya.

— Suponho que essa é a dica para eu sair, especialmente quando você parecia estar falando sobre minha família. —Ela manteve o tom suave, mas ele ouviu a mordida de acusação em sua voz. Ele não podia culpá-la. Se tivesse ouvido alguém falando sobre sua família, iria querer saber o que estavam dizendo.

— Sim, *kotyonok*, —ele disse mais gentilmente possível, — essa é a dica para você sair. Quando terminarmos, eu irei até você e ... Ele parou, vendo a mágoa no rosto dela. Detestou que ele quem a colocou lá.



ANIA encolheu os ombros. Não podia culpar inteiramente Mitya. Tudo bem, podia culpá-lo de algumas coisas. Mas a maior parte era dela. Ela criou expectativas de que as coisas iriam funcionar entre eles. Amava tudo nele, mas não a vida que ele levava. Não quando uma boa parte de quem e do que ele era não podia ser compartilhada com ela. Ania nunca o teria realmente. O pouco que tinha dele, por melhor que fosse, não compensava sua falta de proximidade com um homem que amava. Um momento, tudo era maravilhoso e, em seguida, o chão parecia se abrir e ela cair bruscamente, como se estivesse em uma montanha-russa. Ania pensou que a relação deles havia progredido, mas olhando para ele, sabia que se enganara.

Doía saber que ele falava sobre a família dela com outras pessoas e não com ela. O pior é que ela sabia que as coisa seriam assim quando decidiu entrar nesse relacionamento. Ania cresceu à margem das famílias do crime. Todos sempre a trataram muito decentemente, mais do que isso. Eles foram amigáveis e agradáveis. Por anos, Ania não sabia que essas famílias estavam envolvidas em negócios obscuros e ficou chocada quando descobriu.

Ela ignorou o braço estendido de Mitya. Não estava prestes a jogar esse jogo na frente de seus amigos: *Mitya a puxaria para ele,*

daria aquele sorriso que sempre a derretia, a beijaria, a deixaria sem fôlego, roubaria seu coração e depois a dispensaria, porque ela era só um pouco mais do que um enfeite em seu braço, ou um brinquedo em sua cama, um que era extremamente fácil em ser controlado com sexo.

Ania virou as costas para os homens sentados ao redor da mesa e saiu pela porta, as costas rígidas, os ombros retos. Ela meio que esperava ouvir risadas seguindo-a, mas em vez disso houve silêncio. Continuou andando.

A casa de Mitya tinha uma planta semelhante à que ela havia crescido, só que um pouco mais ornamentada. Também não parecia aconchegante. Quando ela se mudou, ficou animada ao perceber que a casa precisava de trabalho para transformá-la em um lar. Ania gostava de decorar os ambientes, de deixá-los mais calorosos e a casa mais convidativa. Sua mãe era designer de interiores e crescera assistindo e ajudando-a a transformar casas. Agora, olhando a sua volta, toda a emoção se foi.

Ela fez isso consigo mesma. Não ouviu a razão. O calor da sua leopardo estava influenciando-a, e se fosse honesta consigo mesma, adorava o sexo com Mitya. Não importava como ele a tocava, ansiava por isso. Chegou ao ponto de aceitar sem protestar

a exigência dele em se casarem imediatamente. Mitya era um homem inteligente, ele sabia que mais cedo ou mais tarde ela iria acordar de sua ilusão e perceber que o que eles tinham juntos nunca seria suficiente para ela.

— Ania?

Ania quase saiu do próprio corpo com a voz suave de Sevastyan diretamente atrás dela. Ela se virou, surpresa ao vê-lo tão perto. *Jewel* não a avisou da aproximação de Sevastyan, o que significava que ele era muito furtivo.

— Você me assustou. *Jewel* não me avisou. —Ela poderia muito bem admitir as falhas de sua leopardo. Não se importava, não só porque se sentia segura em casa, mas porque era difícil não dizer a verdade a Sevastyan. — *Jewel* parece dormir muito depois que sai em uma corrida com *Dymka*.

Sua expressão ficou ainda mais difícil de ler quando seu olhar se moveu sobre ela especulativamente. — Mitya falará com você assim que os outros forem embora. Ele não gosta de expor você a ninguém, especialmente quando sabemos que há inimigos em nosso meio.



Ela ficou chocada além da compreensão. *Por que diabos Sevastyan tentaria acalmar as coisas entre Mitya e ela?* Ania deu alguns passos para trás, colocando espaço entre eles.

— Eu te devo desculpas, Sevastyan. Não deveria ter descontado em você a minha raiva por Mitya ter o ordenado a me colocar no quarto seguro. Estou acostumada a tomar minhas próprias decisões e fazer parte da vida da minha família. Meu avô e meu pai me criaram para assumir os negócios deles. Eles confiavam em mim com segredos de família. Era assim também com a minha mãe e minha avó. Não estou acostumada a ser excluída só porque sou mulher.

— Posso entender porque se sente assim.

Ela tentou dar um pequeno sorriso, o que era genuinamente difícil quando seu mundo estava desmoronando e sabia que não havia nada que pudesse fazer sobre isso. — E não há como me sentir diferente.

— Você sabe que não é bem assim, —disse Sevastyan gentilmente.

Ania olhou para ele, surpresa que houvesse alguma gentileza em Sevastyan, e por alguma razão o tom gentil dele a fez querer chorar.

— Algumas mulheres estão muito contentes em ser um enfeite para o marido, Sevastyan. Não há nada errado com isso, se isso faz as duas partes felizes. Mas não sou esse tipo de mulher. Assumo que sou a única culpada por ter deixado a minha relação com Mitya chegar tão longe. Eu o amo. Realmente o amo. Sinto isso no fundo da minha alma. Em toda parte. É profundo, verdadeiro e protetor. Até entendo os motivos que o fazem me empurrar em um quarto seguro ou agir como se eu não tivesse um cérebro na cabeça e fingir que não tenho ideia do que ele está fazendo. Mas não poderei viver para sempre com isso. Eu nunca seria feliz.

— Você precisa dizer a ele essas coisas.

— Ele já sabe.

— Diga a ele, Ania, —Sevastyan insistiu. — Ele pode até saber, mas não compreende. Mitya a quer segura. Essa é a prioridade dele. Sei como é essa sensação profunda de urgência. Eu mal posso funcionar quando Mitya não obedece as minhas estratégias de segurança para ele. E agora eu tenho você. Vocês dois são muito teimosos e se lançam diretamente na linha de fogo.

Ania sabia que o que Sevastyan dizia era verdade. Mitya era assim, e ela também. Podia compreender como isso não é justo para um homem dedicado a proteger os dois.

— Você não precisa se desculpar comigo, Ania. Fiquei feliz em prendê-la com as algemas e amarrá-la naquela cama. Faria isso de novo sem hesitar. Faria isso com Mitya também se não soubesse que ele sacaria uma arma e explodiria minha cabeça no instante em que estivesse livre.

Apesar dos nós na barriga e do nó na garganta, Ania se viu querendo rir da ideia de algemar Mitya na cama.

— Eu tenho que concordar, ele definitivamente ficaria furioso se você o prendesse assim. Não importa se você ficaria feliz em me algemar, o importante é que eu desrespeitei você e o seu trabalho em um momento difícil. Sinto muito, e espero que aceite minhas desculpas.

Ele estudou o rosto dela. — Primazinha, não gosto de vê-la desse jeito.

Ela deu um passo para trás novamente, não querendo que ele visse mais nada. A bagunça que ela criou. — Estou subindo, vou sentar na varanda lá de cima. O ar da noite me acalma.

Sevastyan suspirou. — Não gosto de você exposta dessa maneira. Acho que há franco-atiradores ao redor. Prefiro que você fique no pátio dos fundos. Está completamente protegido. Cercado, ninguém saberá que está lá fora.

Ele expressou a sua preferência em termos que lhe permitiriam argumentar se ela escolhesse, mas ela sabia que, no final, como Mitya, Sevastyan conseguiria o que queria. Ania assentiu e deu um sorriso falso. — Não tem problema. —Ela mudou de direção.

— Dê a ele a chance de explicar as coisas para você.

Ania apenas deu de ombros, levantou a mão como se acenasse e atravessou a sala para chegar ao pátio do lado de fora da cozinha.

— Ania. —Sevastyan esperou até que ela se virou para ele novamente, uma de suas sobrancelhas estava levantada. — Ele nunca vai deixa-la ir. Você assumiu o compromisso. Precisa encontrar uma maneira de fazê-lo funcionar. Mitya não é fácil, mas vale a pena.

Antes que ela pudesse responder, Sevastyan se virou para voltar na direção da reunião. Ania balançou a cabeça e colocou os braços em volta da cintura. Não gostava de ser forçada a ficar de fora dos problemas. Isso machucava. Sua família era muito íntima e amorosa. Ela não podia aceitar menos do que teve enquanto crescia.

Ania desviou o suficiente para tirar o diário do avô da gaveta onde o guardavam. Os dois leram o livro e não conseguiram

encontrar nada fora do comum, mas era a única coisa que tinham que poderia dizer algo sobre o pacote que o avô roubou.

Os textos escritos por seu avô, poderiam ser curtos e diretos ao ponto, poéticos ou detalhados, descrições de alguns lugares que ele visitou e que achava que todos tinham que ir porque era muito legal. Como Ania, seu avô gostava de escrever. Cada texto tinha um desenho ao seu redor. Na verdade, ele era muito bom em desenhar personagens de desenhos animados e animais, mas francamente era terrível em desenhar figuras humanas, plantas ou árvores. Eles riam frequentemente dos desenhos progressivamente ruins.

Lembrou-se de estar sentada com ele por horas quando criança, papel no chão, pincéis e tintas espalhadas entre os dois, verificando a arte um do outro e dando conselhos. Ele sempre a ouvia como se cada palavra que ela falasse fosse ouro. Por polidez, ela fazia o mesmo por ele, embora suas sugestões fossem ultrajantes e a fizessem rir.

Lágrimas queimaram novamente em seus olhos. Ania sentia falta dos avós e dos pais. Sentia falta daquela conexão íntima que tivera com eles. Sentia-se sozinha e triste.

Pegou um cobertor e foi em direção à cozinha. Dois shifters estavam lá. Reconheceu Vikenti e sorriu para ele. Ele sempre foi legal com ela. O outro era conhecido como Josue. Ela o encontrou apenas uma vez, mas o viu algumas vezes do lado de fora com os outros patrulhando e uma vez em casa tomando café. Ania enviou um sorriso hesitante também.

Os dois homens se levantaram quando ela entrou. Ania mexeu os dedos indicando para eles se sentarem. — Estou só saindo, vou me sentar sob as estrelas, Vikenti, —disse ela. — Preciso de ar fresco.

— Você avisou a Sevastyan?

Ela assentiu, tentando não ficar ressentida. Evangeline nunca parecia chateada com a presença dos guarda-costas que a acompanhavam por toda parte. Ashe, que era definitivamente mais independente, também os possuía, ela tendia a ignorar toda a situação. Por que ela não podia ser como elas? Ela já sabia a resposta. Foi até a porta dos fundos e a abriu, precisando ficar sozinha.

Evangeline e Ashe sabiam sem dúvida que eram amadas por seus parceiros. Timur e Ashe trabalhavam em equipe. Fyodor definitivamente liderava a relação, mas Ania tinha certeza de que,

quando Evangeline fazia uma pergunta, seu homem respondia. Evangeline sabia o que estava acontecendo na vida de Fyodor. Ela não era excluída.

Forçando sua mente a se afastar de Mitya, Ania juntou duas cadeiras e ficou à vontade com os pés para cima. Enrolou um cobertor em volta dela porque a noite estava definitivamente fria. A temperatura externa caíra e a adição de vento tornava a temperatura ainda mais gelada.

Vikenti enfiou a cabeça para fora da cozinha. — Você quer algo quente? Café? Chocolate quente? Alguma outra coisa?

Ela tocou o diário com as pontas dos dedos. Isso era algo que seu avô sempre fazia quando ela estava com problemas. Ele fazia escondido seu chocolate quente com chantilly. Seus pais sempre fingiram não perceber.

— Chocolate quente seria muito bom, obrigada, —concordou.

— Chegando logo, —ele disse e piscou antes de fechar a porta.

Ania gostava dele. Gostava de Zinoviy. Havia alguns outros que começara a conhecer. Kiriil e Matvei. Mirón. Eles pareciam fazer parte da família de Mitya. Agora não sabia o que fazer. Se decidisse que tinha que sair, isso partiria seu coração, mas se

ficasse, sabia que estaria sempre ressentida e com raiva. Não se adaptaria a forma como Mitya queria que ela vivesse.

O que ela queria do relacionamento deles? Respeito. Queria que ele respeitasse o fato de que ela tinha certas habilidades. De que ela não era uma flor frágil e melindrosa. De que também era inteligente. Iria para um quarto seguro sem protestar se houvesse necessidade imediata, caso contrário, queria poder ajudar o máximo possível. Era uma excelente atiradora. Poderia dirigir melhor do que qualquer um deles. Mitya pelo menos reconheceu isso, mas ela não tinha mais certeza de que ele estava falando sério sobre a possibilidade dela dirigir para ele.

Muito lentamente, abriu o diário do avô, quase com reverência. Ania tinha muitas objetos que seus familiares haviam deixado para ela, mas eram as pequenas coisas que a acalentavam. Tudo no diário estava escrito com a letra do avô. Todos os desenhos, todos desenhos animados e rabisco foram feitos por ele. O diário tinha anotações que foram escritas a anos. Anotações que falavam do amor que ele tinha pela avó. Memórias da mãe dela. Ele escreveu anotações específicas para Ania. Lembrou-se dos momentos que seu pai compartilhou essas anotações com ela.

Ania passou o dedo na última página, onde seu avô tinha várias anotações. Cada uma mais desleixada que a anterior. Esse

era algo incomum. O avô nunca escrevia sem cuidado, e ele se orgulhava de sua caligrafia, a maioria das anotações era escrita com letras cheias de floreios. As três últimas pareciam ter sido rabiscadas. A princípio, pensou que outra pessoa havia escrito os últimos registros, mas conhecia cada rabisco do escrita de seu avô, e todos haviam sido escritos por ele.

Seu avô estava agitado, ou não teria escrito dessa forma tão bagunçada. Ela colocou a cabeça para trás e olhou as estrelas. Elas estavam tentando desesperadamente brilhar através das nuvens rodopiantes. — Pense, Ania. Coloque os pedaços juntos. Quem ligou para contratar um motorista?

Bateu com as pontas dos dedos nas páginas do diário enquanto pensava. Normalmente, quem contratava a encomenda pagava com antecedência. Ela sentou-se ereta, e as memórias vieram:

O avô entrou na cozinha e provou o molho de espaguete que a sua avó estava fazendo. Ela riu e deu um tapa de brincadeira nos dedos dele. Seu avô se virou e disse a elas—sua avó, sua mãe e a ela—como Bartolo Anwar havia pedido que ele fosse buscar uma encomenda em Nova Orleans para ele. Seu avô não queria ir porque estava ficando velho e não gostava da distância que teria que dirigir.



Bartolo o prometeu o dobro do pagamento, isso não era incomum. Incomum era o fato de ter sido o destinatário, e não o remetente da encomenda, a contratar um motorista.

Pela primeira vez, um pequeno frisson de excitação deslizou por sua espinha. Bartolo tinha que ter um nome e endereço onde seu avô foi buscar a encomenda. Alguém tinha que ter essa informação. O avô dela não poderia ter ficado parado em uma esquina e ligado avisando que já estava esperando alguém trazer a encomenda. Ania poderia perguntar a Bartolo.

Ela pegou o celular e acendeu a lanterna para ver melhor as anotações no diário de seu avô, especificamente as que ele escreveu um dia anterior à sua morte:

'Amo o seu sorriso doce, meu anjo. Você se lembra do dia em que encontrei a moldura da sua cama? Ficamos deitados no colchão daquela velha loja de segunda mão, rindo juntos enquanto o vendedor nos dizia que não podíamos deitar no mobiliário. Seu riso aqueceu meu coração assim como aquece agora ao me lembrar dele. Sou abençoado por tê-la como minha neta.'

Ania adorava essa anotação e sempre a estimaria. Uma parte dela queria emoldurar e pendurar na parede do quarto. Lembrou-

se daquele dia em que fizeram compras juntos. Seu avô era o rei da procura de móveis antigos. Ninguém encontrava peças melhores ou pechinchas melhores do que ele. Ele prometeu a ela uma cama *"magnífica"*, uma que ela iria querer manter a vida inteira. A moldura que ele encontrou era única, e ela se apaixonou por ela.

Ania passou a ponta do dedo sobre a anotação em uma pequena carícia, piscando os olhos para conter as lágrimas. Sentia falta da risada estridente dele. Sentia falta de tudo dele. Do jeito que ele amava sua esposa e filha. Seu avô era muito próximo ao pai dela, o tratava como um filho, e ele tinha muito orgulho de Ania. Seu avô nunca se importou que ela não fosse um menino. Eles a criaram para assumir os negócios. Ania sempre acreditou que ser aceita pelos clientes seriam algo natural. Agora ela sabia a verdade. A maioria não a aceitaria. Não deveria importar o fato dela ser mulher, ela queria ser aceita—e precisava—principalmente por Mitya.

Traçou com as pontas dos dedos os pequenos esboços que seu avô havia feito na anotação. Obviamente, era a moldura da cama dela. Ele havia feito um desenho muito mais complexo do que costumava fazer e, embora não fosse o melhor dos artistas, era bom. Ela reconheceu cada reviravolta na intrincada arte que adornava a moldura entalhada. Videiras e folhas corriam em torno

dos eixos na cabeceira da cama, continuavam ao longo dos grossos lados da madeira e em torno do estribo. Os cipós e as plantas continuavam se espalhando pela madeira e entrando nas pequenas gavetas que não podiam ser vistas porque as esculturas as escondiam muito bem. Para Ania esse detalhe foi o maior motivo de terem comprado a moldura.

Ela sentou-se ereta, tocando o desenho. Olhando para a anotação. *Seu avô estava tentando lhe dizer uma coisa?* O pacote poderia ser tão pequeno que pudesse ser escondido em uma das gavetas da moldura da cama?

A porta da cozinha se abriu e Vikenti trazia cuidadosamente uma caneca de chocolate quente com chantilly espiralando artisticamente por cima. — Aqui está, querida. Josue trouxe um pequeno prato de biscoitos para você.

Josue os colocou na frente dela. — Bom apetite.

— Quem fez os biscoitos? —Ela perguntou. — Estão com uma cara ótima.

— Acho que foi Evangeline, —disse Vikenti. — Se Mitya lhe disser que foi ele, não acredite. Ele queimaria a casa se tentasse cozinhar. —Vikenti deu um passo atrás e depois franziu o cenho para ela. — Você está bem?



— Ela está bem, —respondeu Mitya da porta. — Obrigado por lhe trazer um chocolate quente. —A voz dele mal foi contida.

Ania lançou-lhe um olhar. Seu rosto era uma máscara inexpressiva, mas seus olhos diziam que havia muita coisa acontecendo sob a superfície.

Vikenti deu de ombros. — Não tem problema, Mitya. Estamos voltando à patrulha. —Ele liderou o caminho de volta para casa.

Mitya saiu do caminho e fechou a porta atrás deles. — Está um pouco frio aqui fora, Ania.

— Gosto do ar frio. Isso ajuda a clarear minha cabeça quando sinto que estou ficando louca.

Ele veio até ela lentamente, seu olhar fixo no dela. Ania não desviou o olhar, precisando encará-lo. Precisando confiar em si mesma e em suas decisões.

— Eu te magoei lá, não foi? —Mitya perguntou.

Isso a assustou. Será que Sevastyan falou com ele? Duvidava disso. Sevastyan estava muito ocupado rondando, aterrorizando qualquer um que tentasse se aproximar da casa ou atacar Mitya. Ela não respondeu. O que ia dizer quando ele já sabia a resposta?



— Sinto muito, Ania. Eu não conheço Joshua. Ele não faz parte da nossa família. Não sei em quem posso confiar e quem é um risco para você estar por perto. Eu esperava que a reunião terminasse e ele se fosse antes que você se levantasse. Você precisava dormir.

Seu estômago deu um nó e ela apertou a mão ali. — Suponho que, se eu tivesse dormindo, nem saberia que eles estiveram aqui.

— Eu teria lhe contado. Estava discutindo com os meus primos em quem poderíamos confiar. O que não sabe, Ania, é que assumimos territórios de Senhores do crime. Desde que formamos nossa Aliança, reduzimos as drogas perigosas em nossos territórios em um terço. Armas um pouco mais, mas o tráfico de seres humanos foi reduzido em quase cinquenta por cento. Não é fácil, e estamos constantemente tendo que nos equilibrar entre o crime e a legalidade. Temos policiais respirando em nossas gargantas. Eu tenho meu pai chegando para me matar. Ele a torturará e a matará na minha frente se conseguir pôr as mãos em você. Se os outros chefes descobrirem que estamos conspirando para derrubá-los ou, no mínimo, impedi-los que fiquem fora de controle, eles nos caçarão até os confins da terra. Agora temos um novo inimigo e não sabemos quem é e o porquê.

Ele apenas disse tudo. Calmamente. A voz de Mitya era tão baixa que ela mal o ouviu. Ania não podia acreditar no que estava ouvindo. Ela olhou para ele, piscando, tentando se concentrar. *Mitya acabara de lhe dar tudo? Entregou a ela essas informações sem lutar? Sem argumentos? Qualquer coisa?* Ele apenas chegou tranquilamente, perguntou se havia a magoado e depois despejou tudo para ela. Compartilhado. Como se ela fosse sua parceira e não algo que ele mantinha em seu quarto.

Ania olhou para ele, chocada além da medida, ainda não certa do que ele acabara de dizer. Tentou processar tudo muito rápido. Duas vezes começou a fazer perguntas e se conteve, querendo ter certeza de que entendeu o que ele acabara de dizer. Ele era chefe de uma família criminosa. Tinha um território, mas o objetivo, com um grupo de outros como ele, era reduzir a quantidade de atividades criminosas. Isso fazia algum sentido?

— Eu não queria te contar porquê ... bem, isso é óbvio. O fato de estarmos nessa Aliança faz com que o perigo de negociar com criminosos seja ainda maior para nós. Não gosto de colocar sua vida em risco, mas morando comigo, você sempre estará em perigo. A sociedade lá fora vai evitá-la ou sussurrar nas suas costas. Não é como se eu estivesse oferecendo a você a melhor vida. Além disso, *Dymk*a é perigoso, mal-humorado e áspero. Isso me faz da

mesma maneira. Então, novamente, sei que não estou aqui de pé, oferecendo-lhe um conto de fadas.

Ania abaixou o diário do avô. Ela alisou as páginas antes de fechar o diário, sua mente correndo o tempo todo. Mitya estava realmente fazendo isso—entregando a ela o presente de uma vida juntos—uma parceria com ele.

— Dito isto, não sou homem o suficiente para deixa-la ir embora. —Ele colocou as mãos nos próprios cabelos bagunçados e enfiou os dedos nele, deixando os fios ainda mais selvagens. Parecia seu leopardo, feroz e perigoso, uma força a ser reconhecida. — Não tenho certeza de como vamos resolver isso, mas temos que encontrar uma maneira, Ania.

Ela se levantou e deu dois passos para ficar na frente dele. — Eu precisava que você compartilhasse a verdade comigo, Mitya. Não sou uma mulher para ficar à margem. Fui criada em uma casa onde compartilhávamos os nossos problemas, não costumávamos ter segredos. Minha família me fez aprender autodefesa desde muito cedo, bem como aprender a lidar com uma variedade de armas. Claramente, eu tenho habilidades superiores quando se trata de dirigir. Posso ser útil a você ...

A palma da mão dele enrolou na nuca dela. — Primeiro, *kotyonok*, antes de dizer outra palavra, você precisa saber que é útil para mim, sempre será. Você é minha companheira. Minha escolha. Sempre. Segundo, não vou desistir de sexo no banco de trás do carro. Nem agora, nem nunca. Quando tivermos filhos, será provavelmente o único lugar em que poderemos fazer sexo sem interrupções. Você pode dirigir algumas vezes, mas não o tempo todo. Sei que você vale o seu peso em ouro como motorista, mas não pode esperar seriamente que eu desista do sexo no banco de trás.

Ela não pôde deixar de rir. — Mirón ficará feliz em saber que irá compartilhar a direção comigo, ele sabe que não tem as minhas habilidades e você precisa de um motorista com habilidades, querido.

— Você fez muito bem. Quando um dos nossos motoristas levar um tiro, a gente o arranca da direção e você poderá assumir, mas na maioria das vezes você estará no banco de trás comigo.

Ela não revirou os olhos, mas sentiu vontade, não que ela queria perder o sexo no banco de trás.

— Você salvou nossas vidas, —disse Mitya. — Nenhum de nós teria sobrevivido se você não tivesse assumido o controle do

carro, Ania. Sevastyan não para de fazer elogios. Tudo o que me importa é saber que estará segura sempre. Coloquei você em uma posição terrível ...

— Acho que boa parte dessa bagunça é por causa do meu avô e do que ele fez. Fui eu quem colocou você em perigo. E acho que sei onde está o pacote roubado. Posso estar interpretando errado, mas acho que ele me deixou uma pista.

Mitya levantou o rosto. — Tenho que saber se a nossa relação está bem, Ania. Antes de qualquer coisa. Não posso mudar quem sou. Sempre insistirei em sua proteção. Haverá momentos em que ordenarei que entre no quarto seguro. E espero que vá. Eu sempre esperarei que faça o que eu disser na frente dos meus homens. Que você me apoie. Vou sempre lhe tratar com todas as considerações que uma companheira merece, mas quando se tratar de perigo, não posso me mover até saber que está segura. —Ele inclinou o rosto dela para o dele. — Pode viver com isso?

Seus olhos vasculharam os dela, procurando uma resposta. Quase desesperados por uma. Ania sorriu para ele. — Absolutamente eu posso.

— Diga-me o que gostaria de fazer, além de esperar por mim nua e me dar tudo que eu quero ou preciso, —Mitya disse, sua voz

divertida. — Uma coisa que posso fazer por você, que posso te dar. Algo que importa para você.

— Você disse que eu poderia dirigir. Isso importa. —Porque importava. Muito.

— *Kotyonok.*

A maneira como ele disse, aquela voz. Uma palavra. Ania ainda hesitou porque isso realmente importava para ela e se ele negasse ficaria arrasada.

— Baby. Apenas porra me diga.

— Sabe aquela enorme garagem que você tem? Aquela para colecionar carros? Tem temperatura controlada e não há nada nela.

Ele deu de ombros, observando o rosto dela. Sem piscar. Sem tirar os olhos dos olhos dela. Ania se forçou a continuar.

— Quero usá-la para projetar e construir carros personalizados a partir do zero. Eu sei que posso fazer isso. Posso usar o dinheiro da venda da empresa da minha família e começar a minha. Se eu nunca vender um único carro, não importa. Eu só preciso fazer isso. Sei que serei boa nisso.

Ela estava tremendo. Por dentro. Por fora. Mal podia se forçar a olhá-lo.

Ele ficou quieto e, em seguida, um sorriso lento suavizou brevemente suas feições duras antes de beijá-la, levando-a para aquele lugar familiar e de desejos.

Ele levantou a cabeça. — Acho que essa é a melhor ideia que já ouvi. Você me diz o que precisa e eu vou ajudá-la da maneira que puder.

Ania colocou os braços em volta do pescoço dele e o beijou.

Dezoito

A CASA ESTAVA FRIA. Não deveria estar. Ania vestia roupas que a mantinham aquecidas, mas mesmo assim não conseguia parar de tremer enquanto entrava. Mitya circulou sua cintura com o braço, prendendo-a a ele. O corpo dele sempre estava quente e imediatamente seu calor penetrou nela.

— Está muito frio aqui. Pensei que tinha deixado o aquecedor ligado.

— Baby, não está tão frio. É que deve ser difícil para você voltar a esta casa. Eu não a culpo, talvez devesse esperar no carro. Posso procurar nas gavetas e verificar se suas suspeitas estão certas.

Ele a manteve firmemente contra ele, mesmo quando ela reagiu, quase saindo de seus braços para encará-lo, porque no mundo teria algum problema em voltar a sua própria casa?

— Isso não é verdade, —ela negou, empurrando o braço dele.

Mitya não pareceu notar que Ania lutava para se libertar do seu abraço. — *Kotyonok*, é sim. Você se torna extremamente emotiva e agora está a afetando fisicamente.

Ania respirou fundo e soltou o ar. Seu estômago estava embrulhado e ela estava enjoada. Não queria admitir que Mitya poderia estar certo, temia que ele estivesse realmente certo. Ela olhou para Sevastyan. Ele tinha aquele mesmo olhar especulativo que ela viu algumas vezes. Sevastyan até, se possível, parecia compassivo.

— Eu estou bem, —ela assegurou. Ania não sabia quem queria convencer, aos dois homens ou a ela mesma. Apertou a mão no estômago e ficou agradecida por Mitya caminhar em sincronia

com ela. Não tinha percebido que estava tremendo até aquele momento. Suas emoções estavam uma bagunça por ter voltado para casa.

Mitya parecia entender suas emoções bagunçadas, a confusão dominando sua mente. Ela amava a casa da família e, agora, mal podia suportar estar dentro dela. Mal conseguia respirar e reconheceu o início de um ataque de pânico.

— Ania, você sempre morou aqui com seus avós? —Mitya perguntou de repente.

Ela viu Sevastyan lançá-lo um rápido olhar e algo passou entre os dois homens, mas não tinha ideia do que era. Forçou sua mente a se concentrar na pergunta. — Sim, eles construíram essa casa com meus pais e tinham um apego muito grande por ela.

Ele passou a mão pelo corrimão polido. — Imagino que seu avô te colocava sentada nesse corrimão e a segurava enquanto você o escorregava quando era pequena.

De repente, ela lembrou a memória. Mitya estava certo. Seu avô fizera exatamente isso, ainda quando ela usava fraldas, e sua mãe protestava, meio rindo e meio séria, um pouco assustada com a possibilidade de sua menina aventureira acabar tentando fazer isso sozinha. Seu avô a segurou no corrimão até quando ela fez

cinco anos, depois disso a deixou deslizar sozinha com ele correndo ao lado. Ela contou a lembrança.

Sevastyan lançou um de seus raros sorrisos. — Aposto que você amava.

Ela assentiu, a memória a aquecendo por dentro. — Sim. À medida que eu envelhecia, mamãe sempre fingia não nos ver, mas fazíamos muito barulho para ela não saber.

Eles chegaram ao topo da escada. A longa queda até lá embaixo foi ignorada na história. Mitya se manteve abraçado a ela enquanto caminhavam para o quarto dela.

— Adoro ouvir suas histórias de infância, *kotyonok*. Se iremos proporcionar aos nossos filhos coisas como essa, terá que vir de você e de suas experiências. Seus avós e pais sabiam amar. —Ele deu um beijo no topo da cabeça dela. — Estou agradecido por você também saber.

Sevastyan deslizou na frente deles suavemente, tão suavemente que Ania não percebeu que Mitya desacelerou seus passos, a fim de permitir que seu primo tivesse tempo de contorná-los, para que ele fosse o primeiro a chegar a porta. Seu coração se apertou. Sevastyan estava disposto a arriscar sua vida por Mitya—

e agora por ela. Ania não queria isso para ele. Não queria que ele sentisse como se sua vida não valesse tanto quanto a deles.

Sevastyan abriu a porta com cuidado, embora o leopardo dele deve ter o avisado que o quarto estava vazio. Ainda assim, quando ele entrou, o fez sozinho, vasculhou o quarto e o impressionante conjunto de janelas que Ania sempre amou. Ela não tinha certeza de como se sentia sobre elas agora. Qualquer um poderia estar deitado nas colinas com um rifle Sniper e facilmente veria qualquer um dentro do quarto se as luzes estivessem acesas. Claramente, Sevastyan pensou a mesma coisa.

— Você não colocou telas automáticas nas janelas? —Ele perguntou.

— O controle remoto está na gaveta da mesa de cabeceira, — Ania ofereceu. — Eu raramente usava as telas, nem me lembrava que as janelas as tinham.

Sevastyan ergueu a mão para impedi-los de entrar no quarto, atravessou-o, encontrou o controle remoto e abaixou as telas antes de liberá-los para dentro. Mitya foi primeiro, a mão dele na dela, colocando-a perto dele.

— Bela casa, Ania, —disse Sevastyan. — Qualquer um pode sentir alegria aqui.

Foi a primeira vez que Ania ouviu emoção na voz de Sevastyan, além de comando ou repreensão. Ela olhou para ele com curiosidade. Ele era um homem difícil de entender. Todos os Amurovs eram.

— Adorei viver aqui, —ela admitiu. — Ríamos o tempo todo. Por isso que tudo foi tão difícil depois que perdi mamãe e meus avós. Em seguida meu pai foi baleado e ficou acamado. Ele mal conseguia falar a maior parte do tempo. A muito tempo não me recordava dessas boas lembranças, não tinha percebido que as tinha deixado de lado até agora, acho que foquei só nas lembranças ruins e acabei perdendo as boas. Obrigada aos dois por devolverem essas boas memórias.

Mitya a abraçou. — Sevastyan está certo, Ania. Esta casa tem tantas boas lembranças preenchendo-a que, quando entramos em cada quarto, podemos sentir a felicidade. Quero que nossos filhos encham a nossa casa de alegria, tanto que quando alguém entrar poderá senti-la. —Ele ficou no meio do quarto escuro. — Sevastyan está certo. Precisamos unir as duas propriedades.

Sevastyan acendeu a pequena lâmpada ao lado de sua cama. — Dobraremos o tamanho da área que os leopardos podem correr. Não são apenas nossos leopardos que precisam correr. Nossos homens precisam permitir a saída dos leopardos deles também.

Ania não tinha pensado nisso, e isso a fez se sentir um pouco egoísta, especialmente quando os homens estavam lá para proteger Mitya e ela. — Eu não quero necessariamente vendê-la, —ela admitiu. — Só não sei se poderia morar aqui novamente, especialmente sozinha.

Mitya olhou para ela bruscamente. — Pensei que havíamos estabelecido que você está morando comigo.

Ela revirou os olhos. — Você é tão bobo, Mitya. Eu não estava sugerindo que queria morar sozinha agora. *Caramba!* —Ela tentou soltar a mão dele, mas era impossível.

Sevastyan sorriu para o primo. — Acho que é uma boa palavra para descrevê-lo, Ania. *Bobo.* Vou deixar os outros saberem.

Mitya a apertou contra seu peito, forçando-a a inclinar a cabeça para olhar para ele. — Mulher, você *nunca* fala comigo assim na frente dos meus homens. —Ele olhou para ela, claramente tentando intimidá-la.

— Sevastyan é da família, —ressaltou. — Não é o mesmo.

Sevastyan se virou, mas não antes que ela visse a expressão de satisfação em seu rosto. Ocorreu-lhe que ele queria ser reconhecido como família. Por ela? Por Mitya? O relacionamento deles parecia

complicado. Às vezes, agiam mais como irmãos do que primos. Parecia impossível entendê-los.

A mão grande de Mitya segurou a parte de trás de sua cabeça e ele a beijou, e tudo sumiu, exceto a sensação de sua boca tomando a dela, a eletricidade se formando entre eles, o fogo correndo como um rio em suas veias. Depois de beijá-lo, era impossível parar. Ela era completamente viciada nele.

Quando ele a beijava assim, quase com ternura, as mãos gentis sobre ela, isso fazia seu coração acelerar e borboletas tremulavam em seu estômago. Um desejo que subia lentamente, um calor que explodia em fogo baixo, se espalhava e depois ficava fora de controle. Ela adorava o fogo intenso e escaldante que os incendiava incontrolavelmente, mas isso—a queima lenta—atingia seu coração imediatamente. Às vezes, o amor por ele a dominava.

Ania deslizou as mãos pelo peito dele e depois circulou o seu pescoço com os braços, derretendo-se nele. Odiava as roupas que os separavam. Pele com pele era melhor. Ela podia sentir o comprimento duro de seu pênis pressionando contra ela, dizendo que não estava sozinha em seu desejo. Sempre achou maravilhoso a intensa reação de Mitya a ela.

Quando ele levantou a cabeça, sua boca percorreu o rosto dela. — Amo beijar você, —ele admitiu. — Isso é uma coisa boa. Sua boca lhe tirará de muitos problemas.

Ela riu. Não pôde evitar. — Já a sua vai deixá-lo em um *monte* de problemas.

A sobrancelha dele se ergueu. — Serio? Isso é algum tipo de desafio?

— Só você pensaria assim, —disse ela, revirando os olhos.

Mitya manteve o olhar fixo no dela, seu olhar parecia perverso. Seu estômago revirou lentamente e ela teria recuado alguns passos, mas ele a abraçou.

— Sevastyan. Pode nos dar alguns minutos?

— Sem problemas, —disse Sevastyan, ignorando a rápida sacudida da cabeça de Ania.

Mesmo antes da porta se fechar, Mitya a pegou e a jogou na cama. Ele a seguiu, alcançou os sapatos dela e os arrancou, depois tirou a calça jeans dela. Ania não pôde evitar o riso que borbulhava em sua garganta.

— Você é muito louco. Acho que você faria sexo no meio de um shopping.

Ele afastou as pernas dela, lambeu sua coxa e então sua língua deslizou sobre sua buceta e seus dentes morderam lá, puxando primeiro a pele de um lado e depois o outro. A risada dela se transformou em um suspiro. Seu corpo já estava escorregadio pela necessidade. Mitya tinha essa capacidade, fazê-la se excitar muito rápido. Ela tentou não se contorcer, mas sua boca era muito pecaminosa, sua língua muito perversa.

Ele voltou para a coxa dela, subindo e descendo uma trilha de beijos nas duas coxas. Ocasionalmente a mordia, enviando um dardo de choque através do corpo dela, depois aliviava a dor com a língua. Seus beijos subiam um caminho cada vez mais alto e ela se viu prendendo a respiração em antecipação. Esperando. Calor se acumulando dentro dela. Necessidade apertando seu corpo.

Mitya finalmente alcançou seu clitóris dolorido, mas em vez de dar-lhe algum alívio lá, ele o contornou com a língua, ocasionalmente o tocava levemente. Então, finalmente ele bateu com força suficiente para acabar com as ondas de choque que rolavam pelo corpo dela, fazendo-a ofegar e arquear as costas para fora da cama. A mão dele segurou para baixo o ventre dela, os dedos abertos, cobrindo-a e colocando pressão suficiente para mantê-la no lugar, à sua mercê.

Mitya usou a parte plana de sua língua, acariciando-a e lavando-a até que ela estava se contorcendo em necessidade. O segundo golpe duro foi ainda mais intenso, principalmente porque sua língua tinha sido tão gentil antes. Ania sentiu os movimentos da língua dele através de seu corpo inteiro. Seus seios doíam. Seus mamilos endureceram tanto que ficaram quase tão doloridos quanto seu clitóris. Os músculos de sua barriga se contraíram, ondularam e apertaram com a necessidade.

Sem aviso, ele mudou seu ritmo, sugando seu clitóris pulsante e dolorido. Ela gritou quando as sensações quase a enviaram ao extremo. O olhar dele saltou para o rosto dela e ele levantou a cabeça.

— O que tem a dizer sobre a minha boca agora?

Ela não conseguia falar, mas se pudesse teria respondido pecaminosa. Cruel. A melhor e mais perfeita boca do mundo.

Ele não esperou a resposta dela. Se abaixou novamente e usou a língua para dançar sobre o sexo dela, balançando de um lado para o outro e pressionando com força, sacudindo, golpeando e depois chupando com força. Os dentes dele roçaram-na suavemente e ela quase saiu da cama. Ela teria se não fosse a mão dele a prendendo.

Sua boca estava em todo lugar. Seus beijos eram suaves. A língua dele tinha um ritmo que fazia o fogo dançar através de seu corpo, mas não conseguia saber de onde as chamas estavam vindo. Ele aumentava suas carícias de intensidade e depois diminuía o ritmo, rápido e lento, lambendo-a e depois a beliscando com os dentes.

Mitya iria matá-la. Os cuidados que ele estava dando a ela. Isso poderia ter começado como uma brincadeira entre eles, mas agora ele estava amando-a com a boca, e ela sentiu. Sentiu isso em seu toque. No beijo dele. Na sua língua, até nos dentes.

Quando ele finalmente a fez gozar, ela se viu com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ania perdeu a família e achou que sua vida tinha terminado. Ela havia planejado vingança e sabia que provavelmente morreria ou acabaria na prisão, mas Mitya devolveu a vida a ela. Ele parou o carro naquela chuva para ajudá-la e de alguma forma se apaixonou por ela.

— Baby. *Kotyonok*, —ele sussurrou carinhosamente enquanto esfregava o rosto na coxa dela. — Por que as lágrimas? Diga-me o que há de errado. —Ele se sentou na beira da cama e a puxou, abraçando-a.

— Não há nada de errado. —A resposta dela foi abafada pelo peito dele. — Você só me faz sentir muito amada às vezes. Eu tento me convencer que só me quer por causa de *Dymka*, ou porque o sexo entre nós é incrível. Então você faz algo assim.

Ele a abraçou com força. A maneira como fez isso a fez se sentir segura, mesmo que o mundo deles parecesse muito instável. Ele aninhou o topo da cabeça dela. — Eu te amo mais do que tudo, Ania. Você tem que lembrar sempre disso. Você é o meu mundo. Eu desistiria de tudo por você. Acredite em mim, quem me dera nunca ter assumido essa posição. Se eu soubesse que você estava em algum lugar no mundo, eu não teria aceitado. Continuo pedindo que Sevastyan saia dessa vida, mas ele não quer ouvir.

Ele estendeu a mão para os sapatos e jeans dela. Ania relutantemente pegou o jeans para ela e levantou-se, indo até o banheiro para se limpar antes de se vestir. Mitya a seguiu, lavando o rosto e a boca.

— Odeio limpar o seu gosto de mim. Nada tem um gosto tão bom quanto você.

Ela lhe enviou um pequeno sorriso, embora corando sua pele pálida. — Você diz coisas que são tão erradas e ainda assim

parecem sexy como o inferno. Desconfio que você seja o diabo, Mitya, me jogando no pecado e na condenação.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. Ela amou o som. Mitya não ria frequentemente, e era ainda mais raro uma gargalhada completa escapar. — Eu poderia ser, minha bela Ania. Se sou o diabo, você é meu anjo, eu amo corrompe-la.

Ela colocou os sapatos e foi direto para uma pequena gaveta escondida no meio de outras nas intrincadas esculturas da moldura da cama. — Quando eu era jovem, enchia essas pequena gavetas de pedras. Era fascinada com todo tipo de rocha que encontrava. Deixava minha mãe louca quando chegava carregando pedras para casa e as espalhando em todos os lugares. Quando ela usava o aspirador de pó, de vez em quando, uma pedra danificava repentinamente o motor. Eventualmente, mamãe me fez escolher entre as pedras ou ela. Foi uma decisão difícil, mas eu a escolhi, e minha preciosa coleção de pedras foi jogada no quintal.

Deliberadamente, Ania parecia insolente, e Mitya riu novamente. — Que tristeza para você.

Mitya falou no rádio, chamando Sevastyan de volta.

Seu primo devia estar parado do lado de fora da porta, porque Sevastyan estava lá com eles sem demora. Ania abriu cada uma

das gavetas. A terceira gaveta tinha um pequeno caderno desconhecido, e seu coração se encheu de expectativas, batendo forte e rápido. Ela pegou lentamente o caderninho e entregou a Mitya.

— Isso não é meu. Nunca o vi antes.

— Merda. Está realmente aqui, —disse Mitya. — Sinceramente, achei que nunca encontraríamos. —Ele se sentou na beira da cama e abriu o caderno.

Sevastyan se aproximou dele, e Ania deu a volta na cama, se arrastou para ficar atrás de Mitya e ajoelhou-se, seus braços envolveram o pescoço dele, seu queixo apoiado no ombro dele, para que ela pudesse ler o conteúdo também.

— Amory escreveu isso, —disse Mitya. — Eu reconheço a caligrafia. Ele usava esse tipo de letra, meio cursiva, e sempre coloca uma marca na letra *g*. —Mitya olhou para o primo. — Você concorda?

Sevastyan levou um tempo, estudando a escrita. — Definitivamente é de Amory.

Mitya leu a primeira anotação, franzindo a testa. — Ele está falando sobre seguir Joshua para os Estados Unidos. Joshua disse que nunca o conheceu.

— Continue lendo, —Ania insistiu. — Só porque Amory disse que está seguindo Joshua não significa que ele o conhece. Talvez ele tenha outro motivo.

— Ele disse que se seguir Joshua chegará a Drake.

— Qualquer um pode encontrar Drake, —disse Sevastyan. — Eu já ouvia o nome dele quando ainda estávamos na Rússia. Se Drake estava caçando alguém, a palavra era: *não perca tempo, vá embora. Ele tem uma reputação.*

— Então, o objetivo final de Amory era Drake Donovan. Por que ele simplesmente não o encontrou e o matou? Ele reside em Nova Orleans. Drake não é difícil de encontrar, —disse Mitya.

Ele virou a página e começou a ler mais. Ania leu por cima do ombro e Sevastyan também. Amory queria trabalhar em todos os lugares em que Joshua havia trabalhado. Ele treinou na instalação de treinamento de Donovan e depois foi trabalhar para Jake Bannaconni. Drake o visitava com frequência. Amory sempre foi respeitoso, mas ficou de olho nos dois homens. Enquanto Amory estava trabalhando para Jake, recrutou um homem para a causa deles. Ele teve que ter cuidado e ir devagar para não levantar quaisquer suspeita.

— Que causa? —Sevastyan perguntou. — E ele escreveu a causa *'deles'*. Quem são eles?

— Por que seguir Joshua? —Ania perguntou. — Muitos homens vieram de Bornéu para cá. Por que destacar Joshua?

— Parece não haver uma explicação, —disse Mitya, — mas a mais depois dessas anotações, ele anota datas e horários em que Donovan e Bannaconni se encontravam. Amory escreveu que por duas vezes os ouviu discutindo derrubar negócios específicos da família Anwar. Ele afirma que acredita que a família Caruso é aliada dos Anwar.

— Este caderno iria ser entregue à família Anwar, —destacou Sevastyan. — Para iniciar uma guerra entre eles? Para fazer parecer que Donovan e Bannaconni estavam conspirando contra as famílias Anwar e Caruso?

— E não se esqueça, meu pai entregou um pacote para a família Caruso. Era uma cópia deste caderno? —Perguntou Ania. Ela fez uma careta. — Quando conversei com os Carusos, no velório de meu pai, não consegui identificar uma mentira direta, mas algo não estava certo.

— Essa é uma possibilidade. Parece que alguém está tentando semear a desconfiança entre todos nós, —disse Mitya. — Eles



estão tendo sucesso comigo. Cheguei ao ponto de não confiar em ninguém além das pessoas neste quarto.

— Fyodor e Timur nunca nos trairiam, sob nenhuma circunstância, —disse Sevastyan.

Mitya estendeu a mão e esfregou a palma da mão sobre a mão de Ania antes de folhear o caderno. — Amory anotou horários e datas em que Donovan se encontrou com Joshua. Ele foi trabalhar para ele. Aqui ele conta que se estabeleceu e está se tornando ainda mais confiável dentro da empresa de segurança. Amory achava que Joshua havia matado Rafe Cordeau por seu território. Ele escreveu que espera ter a satisfação de matar Joshua.

— Para quem esse bastardo estava trabalhando? —Mitya exigiu.

— Tem que ser alguém na área de Bornéu, —disse Ania. — Nada mais faz sentido.

— Mas quem? Aqui tem uma anotação sobre Elijah Lospostos. Ele fala do quanto acha Elijah inteligente e não sabe como Lospostos não descobriu ainda a traição de Drake Donovan e Joshua, —disse Mitya. Isso é realmente estranho. De todos nós, Elijah tem a pior reputação. Bem, além de nossos pais, mas Lospostos é um nome a ser temido. Amory escreve que Elijah não

tem conhecimento da traição de Donovan. O que isso significa? O que Donovan fez de tão traiçoeiro?

— O que é isso? —Ania perguntou. Ela apontou para onde um nome sido escrito, mas depois foi riscado várias vezes e depois apagado. Ania conseguiu decifrar algumas letras. — Parece um nome. Ali mesmo no canto, Amory escreveu e tentou apagar.

Os dois homens estudaram as letras.

— Parece Carrieri ou algo parecido com isso. Isso significa alguma coisa para você, Ania?

Ela balançou a cabeça. — Nunca ouvi esse nome antes. Seria isso o que eles estavam protegendo? Um nome? Claramente eles planejaram colocar todo mundo uns contra os outros.

Mitya suspirou. — Podemos perguntar aos outros. Eles precisam ser informados.

— Alguém revistou o quarto de Amory? —Perguntou Ania. — Talvez tenha deixado algo lá que nos diria por que ele desprezava tanto Drake e Joshua.

— Eu procurei. Minuciosamente, —acrescentou Sevastyan. Ele vivia como um monge. Mas ele já estava plantando as sementes aqui que Joshua e Drake são contra a família Anwar. Ele também

pareceu sugerir várias vezes que eles se encontraram com a família Caruso.

Mitya assentiu. — Amory menciona aqui todas as famílias criminosas do Texas que se encontraram com Elijah. Aqui diz também que ele suspeitava que Jack Bannaconni estava trabalhando para Drake, desmontando as empresas que Drake indicava a ele. Duas dessas empresas pertenciam à família Anwar. Uma foi desmontada, a outra, Jake não terminou o processo. Amory definitivamente estava tentando causar problemas entre todas as famílias. Ele sugere aqui que Elijah está tentando dominar o território de Fyodor ou que já o domina. Mais uma vez, Amory estava semeando dúvidas.

Sevastyan assentiu. — Muitos dos chefes já têm medo de Elijah e do fato dele controlar tanto território, aqui e em outros países. Sugerir que Elijah é quem dá as ordens a Fyodor expande seu território e poder. Nenhum dos outros chefes do crime vai gostar disso.

— Amory realmente se concentrou em Joshua, —disse Mitya. — Ele colocou seus dois recrutas no território de Joshua. Ambos vieram da floresta tropical com o intuito de trabalhar para Rafe Cordeau, mas depois da sua morte acabaram ficando e trabalhando para Joshua. Esses dois recrutas relatam tudo o que descobrem

para outra pessoa. Possivelmente este Carrieri. Amory não dá nomes, mas Joshua sabe quem eles são? Qual é o problema dele com Joshua?

Sevastyan encolheu os ombros. — Provavelmente não é Amory que tem um problema com Joshua. É outra pessoa.

Ania franziu a testa e esfregou um dedo ao longo do lábio inferior. — Fui levada a acreditar que existem muito poucos shifters vivos. Poucos grupos espalhados aqui e ali. Isso está errado?

— Há muito poucos, —disse Mitya. — Shifters são uma raça em extinção. Muitos encontraram homens ou mulheres que não são shifters e se casaram com eles, deixando os covis por completo. Outros são como meu pai, tão cegos de maldade que estão destruindo os covis de dentro para fora. Em vez de abraçar o acasalamento e encontrar seus verdadeiros companheiros, preferem mostrar sua lealdade a outros criminosos.

— Então, se continuarmos matando seus leopardos, eles ficarão sem eles, —ressaltou. — Por que continuam os enviando?

— Ela tem razão, —disse Sevastyan. — Um dos homens que nos atacou não era shifter. Ele era humano. Nós o tratamos como

um shifter, mas não havia evidências de que ele fosse leopardo. Quem está por trás disso terá que repensar seus planos.

— Eles empregam franco-atiradores, —disse Ania. Mercenários. Não continuarão enviando seus shifters se vão tentar nos matar.

— Eu nem acho que isso será necessário, —disse Sevastyan. — Eles querem nós separar, acabar com a Aliança que nem têm a certeza de que exista. Principalmente, eles parecem querer que todos nós entremos em guerra.

— E que todos se virem contra Drake, —disse Ania.

— E Joshua, —acrescentou Mitya. Isso realmente o incomodou. Joshua parecia um homem muito descontraído, nada como alguém que fazia inimigos. — Quando suspeitarem que temos o caderno em nossa posse, vão desaparecer. Havia duas razões para recuperar o caderno. Esse era o objetivo original deles, não porque lhes interessasse levá-lo à família Anwar, mas impedir que descobríssemos que alguém está com muita raiva de Drake e Joshua. Ou eles não queriam que esse nome, Carrieri ou o que fosse, divulgado. Amory deve ter percebido que ainda podia ser lido e ficou desesperado para recuperar o caderno. Isso também explicaria por que não foram feitas cópias digitais.

— Tudo que foi escrito nesse caderno é provocador, tinha como objetivo colocar as famílias uma contra as outras. No mínimo, levantar desconfianças para que ninguém confie umas nas outras. O pior é colocar Bannaconni no meio disso. Ele não faz parte de nenhuma família criminosa, —disse Sevastyan. — O que tem escrito aqui lança dúvidas suficientes sobre ele, fazendo parecer que Bannaconni e Drake são parceiros em uma conspiração para derrubar a todos.

— Queime-o agora, —disse Ania. — Realmente, Mitya, apenas queime-o. Ninguém mais viu isso, e essas últimas anotações são pura ficção. Amory decidiu enviá-lo para a família Anwar, e ele quer guerra.

— Os outros precisam ver, —disse Sevastyan. — Ligue para Fyodor e peça que Joshua e os outros nos encontrem em sua casa hoje à noite. Eles podem largar tudo e voar. Precisamos deixá-los ver e falar sobre isso. Sugiro que vamos direto para lá.

Sevastyan e Mitya trocaram um olhar que ela não conseguiu interpretar direito, mas o que quer que isso significasse, Mitya assentiu imediatamente. Ania não se importava porque queria ver Evangeline e Ashe. Estava um pouco preocupada com Evangeline.

— Ninguém vai nos seguir até lá, não é?

Mitya enfiou o caderninho no bolso interno e pegou a mão dela. Ele beijou os dedos dela. — Mesmo se tentarem nos seguir, Ania, quem tem a melhor motorista por aqui?

Ela deu um sorriso para Sevastyan. — Você ouviu, eu dirijo.

— Só se tivermos problemas, —Mitya apressadamente especificou. — Temos coisas para terminar. Preciso estar dentro de você. Parece uma eternidade desde a última vez que te fodi, *kotyonok*.

Ela olhou para Sevastyan. Ele sempre agia como se não pudesse ouvir o que Mitya dizia, mas os leopardos tinham uma audição aguda. Seu primo estava andando na frente deles, certificando-se de que não havia perigo. Ela tentou não reagir à declaração bruta de Mitya. Ele era todo sobre sexo e não tentava esconder isso. Ela gostava. Gostava sim. Certo. Ela amava. Mas ...

— Já lhe ocorreu que quando eu engravidasse poderia ter o mesmo problema que Evangeline, ficar doente? Ou como a esposa de Jake Bannaconni que tem problemas em segurar uma gravidez?

Eles estavam no meio da escada e Mitya parou abruptamente. — O que isso significa, baby? O que está tentando dizer?

Sevastyan estava no pé da escada e ele também parou, olhando para ela e depois olhando para longe como se isso lhes desse privacidade.

— Se eu tiver qualquer desses problemas não poderei fazer sexo, Mitya. E então o que fará? Você não pode passar mais de um par de horas antes de querer fazer sexo de novo.

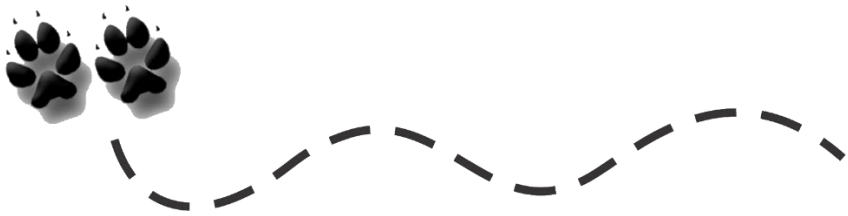
Imediatamente ele emoldurou seu rosto, seus polegares deslizando ao longo de seu pescoço. — É isso que a preocupa, Ania? Quero sexo com você tantas vezes e de todas as maneiras que for possível, mas sem um custo para você. Você ficou doente, teve problemas para carregar nosso bebê, então não fazemos sexo. Se não conseguirmos encontrar outras maneiras de resolver esse problema, esperarei o momento em que pudermos. Não haverá sexo sem você, Ania. Nenhuma outra mulher. Acredite ou não, passei muitos anos sem sexo porque percebi que *Dymka* planejava emergir e atacar as minhas parceiras quando eu estivesse no meio de um orgasmo.

Ela fez uma careta. — Esse seu leopardo precisa de um bom puxão de orelha.

Sevastyan fez um barulho que parecia suspeitamente como uma risadinha, mas ela não podia ter certeza. Ele nunca mudava de expressão.

— Você entende o que estou lhe dizendo, Ania? Nunca se preocupe com isso. E nunca se preocupe se você não estiver com disposição para o que eu quero fazer. Apenas diga que não quer e pronto.

— Eu não posso imaginar isso acontecendo, —Ania admitiu. Ela estava tão disposta a tudo, especialmente no carro, onde ele parecia ficar um pouco fora de controle. E ela adorava.



O PEQUENO caderno foi passado ao redor da mesa, e cada homem o folheou rapidamente. Drake e Joshua foram os dois primeiros a ler o conteúdo. Mitya os observou de perto. Ele teve sua mulher no carro a caminho da casa de seu primo. Não era uma grande distância, mas conseguiu tornar a experiência espetacular para os dois.

A viagem para a casa de Fyodor também não era uma grande distância para Elijah ou Jake. Para o choque de Mitya e talvez

horror, os dois homens trouxeram Eli Perez, o ex-agente do DEA, com eles. Ele trabalhava para Jake Bannaconni agora, mas Mitya estava extremamente desconfortável em sua presença. Os outros pareciam confiar nele da maneira que eles confiavam em Jake, como se ele fizesse parte da Aliança.

Joshua e Drake tiveram que pegar um pequeno avião de Nova Orleans para chegar lá, de modo que os outros tiveram a oportunidade de ler antes deles chegarem e agora apenas deslizava-o novamente pela mesa. Timur e Gorya leram minuciosamente antes, e Sevastyan o examinou mais uma vez também antes da reunião.

— Isso parece muito pessoal, —disse Drake. — Eu sou o alvo. O inimigo é meu, e ele está atrás de todos vocês e da nossa Aliança para me atingir.

— Sobre o nome que foi riscado. Carrieri? Você conhece alguém com esse nome? Alguém que você ou Joshua ferraram e que poderia querer vingança? —Perguntou Mitya.

Joshua e Drake se entreolharam, franzindo a testa, obviamente tentando lembrar. Joshua balançou a cabeça. Drake respondeu. — Tive muitos clientes ao longo dos anos e muitos sequestradores.

Vou dar uma olhada nos meus registros, mas o nome não me lembra de ninguém.

— Amory não sabe que formamos uma Aliança, —disse Elijah. — Ele acha que Drake e Jake podem ser co-conspiradores, mas não tinha a certeza. Sobretudo, ele especula para lançar suspeitas.

— Havia itens com os homens que capturamos e matamos que incriminavam Mitya, provas que o ligavam ao ataque de Antosha. Havia outros itens que levantariam suspeita a cada um de nós aqui nesta mesa. Qualquer amigo de Drake ou Joshua está sendo alvejado, —disse Sevastyan.

— Por quê? —Jake perguntou aos dois homens.

Drake deu de ombros. — Eu poderia ter vários inimigos, mas não Joshua. A perseguição desse inimigo desconhecido deve ter começado há algum tempo, então não pode ser ninguém da equipe de Nikita Bogomolov. Sasha, filho de Nikita, está sendo incluído a nossa Aliança, embora seja aos poucos nesse momento. Ele ainda precisa provar a si mesmo para entrar totalmente no círculo. Então, para termos um inimigo em comum, isso o restringiria significativamente.

— É possível que Joshua tenha sido apenas uma entrada conveniente para os Estados Unidos? —Perguntou Fyodor.

— Tudo é possível, —admitiu Drake.

Mitya balançou a cabeça. — Parece muito pessoal. Joshua? Alguma ideia? Quem você tem como inimigo?

— Até onde eu sei até agora, ninguém, —disse Joshua. — Venho originalmente da Louisiana e do covil que Drake administra. Não consigo imaginar que alguém me considere um inimigo desde que saí quando era criança, mas suponho que possa acontecer que alguém tenha ressentimento.

Mitya balançou a cabeça. — Isso se origina em Bornéu. —Ele disse com absoluta convicção, porque acreditava. — Algo aconteceu lá.

Joshua passou as duas mãos pelos cabelos. Seu olhar mudou para Drake. Mitya lutou para manter suas feições em uma máscara neutra. Havia algo que nenhum dos dois homens queria dizer ou admitir. Ele esperou para ver se Joshua estava realmente do lado deles ou se estava jogando com todos. Mitya olhou para Sevastyan. Seu primo estava em guarda, ele também tinha captado a troca de olhares entre os dois homens. Mitya tinha a sensação de que

Sevastyan poderia agir violentamente em um piscar de olhos—e agiria se fosse necessário.

— A única coisa em que consigo pensar é algo que não me orgulho muito, —disse Joshua. — Não importa como eu explique, a minha reputação não será a mesma depois que eu terminar.

— Você não precisa explicar nada, —disse Drake.

— Eu discordo, —disse Joshua. — Se todos aqui estão em perigo, e se for por causa de algo que fiz, eles precisam saber sobre isso.

Drake deu de ombros. — Você decide, Joshua.

Joshua pegou sua xícara de café e a girou à toa enquanto procurava a maneira certa de começar. — Conhecemos a maioria das pessoas que praticam sequestro de turistas ou membros de famílias muito ricas. Sabemos quais devolvem as vítimas no momento em que o resgate é pago e quais não. Para a maioria, é simplesmente um negócio, como qualquer outro. Negociamos, pagamos os resgates e recuperamos as vítimas. Uma transação comercial direta. Se for um grupo que prefere matar a vítima, invadimos e as resgatamos.

Mitya sabia que Drake ainda dirigia uma equipe em Bornéu para esse fim, e outra na América do Sul. Só porque ele não estava lá, não significava que a prática de sequestro havia terminado.

— Havia um boato de que cinco estrangeiros entraram na floresta tropical. Eles alcançaram uma vila e levaram duas meninas, depois atearam fogo na aldeia, algo incomum já que se esperava eles pedirem um resgate pelas meninas de volta. Eu os rastreei, mas acabei me atrasando por alguns dias. Ao segui-los, comecei a suspeitar que eram leopardo.

Ele tomou um gole de café e quando olhou em volta da mesa, havia raiva em seus olhos. — O que eles fizeram com essas garotas foram algumas das piores coisas que eu já vi. Não estou entrando em detalhes, mas quando as encontrei, as meninas estavam em estado catatônico. Eu enlouqueci. Não vou mentir. Eu me descontrolei completamente. Esses cinco leopardos estão mortos, queimados e enterrados tão profundamente que ninguém encontrará suas cinzas. Levei as meninas de volta para sua aldeia, mas sinceramente, me pergunto se as duas não estariam melhor se tivessem sido enterradas com aqueles homens.

Ouve silêncio. Mitya franziu a testa, analisando a versão curta de Joshua do resgate, tentando encontrar algo que não

correspondia. — Somente o pessoal da vila sabia que você foi atrás das meninas, não é?

Drake balançou a cabeça. — Havia homens na minha organização que sabiam que eu enviei Joshua. Os moradores certamente sabiam. Quanto às famílias desses leopardos, não sabíamos de onde eles eram. Nós não tínhamos ideia. As perguntas não foram feitas. Eles foram mortos antes disso.

Mitya estava observando Joshua enquanto Drake explicava. Aqueles olhos azuis tinham tanta raiva que *Dymka* reagiu. Aqueles leopardos não foram simplesmente mortos. Havia mais do que isso. Cinco homens contra um. Joshua não era fácil. Ele parecia legal e descontraído, mas tinha um assassino dentro dele que atacava quando chamado. Mitya esperava que os outros tivessem percebido isso.

Jake tamborilou com os dedos sobre a mesa. — Isso não nos ajuda muito. Drake, você pode fazer perguntas sobre o que aconteceu com essas garotas? O que aconteceu com as famílias dessas meninas? Onde estão todos agora?

— Isso é foda, —disse Mitya. — Você não tem idéia de onde vieram esses cinco homens, se eles eram parentes ou qualquer coisa sobre eles.

Joshua encolheu os ombros. — Eles tinham sotaques oriundos da América do Sul, mas falavam inglês perfeitamente um com o outro. Todos os cinco usaram aquelas meninas, mas dois deles foram especialmente cruéis e as torturaram. Os outros nem sequer se incomodava com os gritos de socorro das meninas, parece que era uma prática comum. Claramente, já haviam feito isso antes. Ninguém se importava que as meninas fossem sangradas e machucadas, eles as usavam de todas as maneiras. O comportamento do grupo sugeria que estavam juntos há algum tempo, cometendo práticas semelhantes.

— Você não conseguiu visualizar se eles eram parentes?

— Poderiam ser, mas não parei para ver se tinham características semelhantes. Eu os rasguei. Para mim, eles não eram humanos, shifter, ou qualquer coisa, eram a escória vil. Poderia ter ficado um pouco louco com o que vi, —ele admitiu e esfregou as têmporas como se estivesse com dor de cabeça.

— Eu teria feito o mesmo, —admitiu Fyodor. — Eles teriam morrido lentamente e dolorosamente.

Timur assentiu e olhou para Gorya. Gorya se afastou deles. Sevastyan não fez uma declaração, mas olhou para Mitya. Mitya

sabia que Sevastyan teria feito muito pior para aqueles homens do que Joshua poderia imaginar.

— Ninguém aqui é santo, Joshua, —disse Mitya. — Nenhum de nós. O que temos até aqui é o seguinte: *temos um inimigo, todos nós.* Ele quer semear suspeitas entre nós, que, admito, deu certo comigo. Eles se infiltraram na equipe de Joshua. Na de Jake também. Temos que ter muito cuidado agora, porque quando trazermos alguém novo em nossas equipes, ele pode ser um potencial Amory.

— Ania apontou que esse nosso inimigo não tem um suprimento infinito de shifters, —acrescentou Sevastyan.

Mitya assentiu. — Ela está certa. Ele não tem, assim como nós. Vamos divulgar que encontrámos o caderno. Dessa forma, eles não terão motivos para continuar atacando Ania ou sua casa. Acho que vão recuar por um tempo e depois nos atacarão de uma forma diferente.

— Isso faz sentido, —Drake concordou. — E me dará algum tempo para investigar. Essa coisa com Joshua é a única ligação que existe entre nós que eu posso ver. Ajudei na investigação da família Bogomolov, mas pouco tinha a ver com isso. Não vejo isso como

uma conexão, especialmente quando eles se infiltraram há alguns anos.

Ele olhou para Jake. — Sinto muito por termos trazido você para isso. Pensei que poderia mantê-lo longe do pior.

Jake deu de ombros. — Sabíamos que havia essa chance. De qualquer forma, temos o caderno, e mais ninguém. Ninguém mais viu isso, então, pelo menos por enquanto, meu nome ainda não está conectado a vocês, não mais do que uma simples amizade a vocês ou a qualquer família criminosa. Eli também está livre. Não pode ser conectado com nenhum de nós, porque Amory saiu de minha casa antes de Eli chegar. Amory deixou para trás um recruta, ele claramente afirma isso no caderno, mas o recruta não descobriu o que está acontecendo.

— Provavelmente porque você é um filho da puta paranóico e não deixa ninguém chegar perto do seu escritório. Amory foi paciente e se esforçou para entrar na equipe de segurança da casa, —disse Drake. — Tenha cuidado para não deixar transparecer que algo está diferente, Jake.

— Isso pode não ser verdade, —disse Mitya. — Existe a possibilidade de que uma cópia tenha sido feita deste caderno e enviada à família Caruso. Antosha dirigiu de Nova Orleans para

Houston e fez uma entrega. Provavelmente ele olhou para o caderno e não o leu. Se a família Caruso recebeu o caderno e o leu, ou se foi roubado antes que chegasse a eles, não sabemos, mas temos que presumir que eles receberam e leram.

— Ótimo. Teremos que descobrir uma maneira de controlar os danos, —disse Drake. — Cuide de suas costas, Jake.

Jake olhou para ele e depois se levantou. — Preciso chegar em casa e ver minha mulher. Agora estou realmente paranóico.

Ele deu dois passos e então o mundo pareceu se desfazer. Uma explosão sacudiu a casa, forte o suficiente para enviar quase todo mundo ao chão. O som era ensurdecedor. As janelas explodiram, enviando vidro em todas as direções. Tiros explodiram. *Aspersores*[36] dispararam enquanto chamas lambiam as paredes. A pequena sala de reuniões estava intacta, mas ninguém iria esperar por outra explosão.



36 **(Em inglês Sprinklers)** É um sistema de irrigação projetado para apagar focos de incêndio em locais isolados do ambiente.

Dezenove

— COLOQUEM AS MULHERES no quarto seguro! — Fyodor gritou enquanto apertava um o botão embaixo da mesa e uma das paredes se abriu, revelando uma variedade de armas e máscaras de gás.

Mitya se levantou, desejando poder ver sua mulher. — Preciso saber se ela está bem, —disse ele. — Sevastyan?

Sevastyan enfiou a cabeça para fora da sala. O corredor era puro caos. Através das portas que se abriam para a grande sala, eles podiam ver um buraco na parede externa. Surpreendentemente, não era tão grande quanto parecia, com cerca de um metro de altura e um metro de largura. Fumaça se espalhava pela sala, juntamente com poeira e detritos. Madeira lascada, e grandes pedaços irregulares apontavam para o interior da sala como lanças gigantes.

— Esse quarto seguro pode resistir a explosivos? —Mitya perguntou ao primo.

— Pode apostar, —disse Fyodor. — certifiquei-me disso. — Ele estava jogando armas e máscaras para seus primos e os outros na sala. — Isso tem que ser o nosso querido tio Lazar. Ele sempre gostou de entradas escandalosas.

— Ataque clássico, —concordou Mitya. Ele viu o pai fazer isso um milhão de vezes. Gostava de usar uma grande explosão para chocar a todos, matar o maior número possível, depois invadir a casa com calma e atirar em todos à vista.

Lazar esperava que o choque da explosão paralisasse a todos dentro de casa, transformando sua invasão em algo dramático e aterrorizante. Esse não seria o caso. Lazar pensou que tinha encurralado todos os primos e que eles estariam com suas mulheres. O que seu pai não sabia é que ele e seus primos não estavam sozinhos, e que cada aliado trouxe seus guarda-costas com eles.

Não havia ninguém na grande sala, então não ouve morte lá. Timur já estava dirigindo suas tropas. Ele ordenou seus shifters irem para os fundos, circularem o território e silenciosamente matarem qualquer um dos soldados de Lazar que encontrassem. Todos agora olhavam para Mitya. Ele conhecia seu pai e seus métodos melhor do que qualquer outra pessoa.

— Lazar irá atrás de qualquer mulher ou criança. E garantirá que você ouça seus gritos. Se possível, eles o atrairão arrastando-a na sua frente e a machucando. Até a estuprando, —explicou Mitya. — Haverá outra explosão em breve. Dessa vez jogará gás, e irá aproveitar esse momento para invadir junto com seus homens. Temos homens de olho neles? Precisamos ficar longe das paredes. Se houver máscaras em qualquer outro lugar da casa, informe aos homens os locais para que possam usá-las. Eles precisarão deles em breve.

Mitya falou com seus primos enquanto deslizava armas e munições para os bolsos do casaco, aumentando o arsenal, mas seu olhar estava voltado para Sevastyan. Ele enviou Vikenti e Zinoviy para verificar Ania. Sevastyan sacudiu levemente a cabeça.

O coração de Mitya caiu. — Onde diabos ela está? —Ele rugiu.

— Ela não estava com as outras mulheres quando aconteceu a explosão. Ania tinha indo à cozinha pegar as bebidas que elas prepararam. Vikenti e Zinoviy estão procurando por ela.

As palavras mal saíram da boca de Sevastyan quando outra explosão atravessou a casa, a onda de choque ainda mais forte desta vez. Mitya agarrou a mesa pesada em busca de estabilidade enquanto as paredes ondulavam e tremiam ao redor dele. A

explosão foi tão alta que, por um momento, ouviu apenas zumbidos nos ouvidos.

Mitya se sentiu desesperado. Sabia do que Lazar era capaz. Pior, sabia que Lazar tornaria a morte de Ania lenta e terrível, provavelmente mais terrível do que qualquer coisa que os shifters mortos por Joshua fizeram aquelas meninas. Mitya tinha visto tantos atos *vis* e depravados, tantos tipos de tortura em sua vida, que a idéia de sua mulher cair nas mãos doentes de seu pai o deixou louco. Por um momento, não conseguiu pensar, e não tinha nada a ver com a explosão e o caos que se seguiu.

Sevastyan esbarrou nele com força e, automaticamente, Mitya virou-se para segui-lo quando seu primo o levou para fora da sala de reuniões para o corredor. No momento em que entraram no corredor, Kiriil e Josue se colocaram atrás de Mitya. Timur levou Fyodor para fora, com Gorya logo atrás dele.

— Coloquei um localizador nela, Mitya, —disse Sevastyan. — Respire fundo, nós a encontraremos.

— Se aquele filho da puta a tocar ... —Mitya retrucou.

— Ele não vai pegá-la, —Sevastyan assegurou por cima do ombro. — Ania é esperta demais para Lazar e ela leva essa merda a sério.

As bombas de fumaça começaram a bater no chão, arremessadas através dos buracos nas paredes e das janelas quebradas. Os homens lá dentro se espalharam, suas máscaras de gás os protegendo enquanto deslizavam nas sombras da casa de Fyodor. A sala ficou cinza de névoa e gás. Os homens estavam quietos. Esperando. Sabendo que os homens de Lazar entrariam atirando, à espera de encontrar todos dentro desorientados, mortos ou morrendo. Eles pensaram que teriam alvos fáceis.

Mitya não dava a mínima. Ele não queria ficar parado, queira correr e proteger Ania. Sussurrou para Sevastyan, que parecia olhar para o relógio. Sevastyan apontou para cima. Mitya tirou o pequeno, mas muito sensível ponto eletrônico grudado em sua orelha. O ponto poderia captar o mínimo de sussurro. Mitya não queria que o que Sevastyan diria a ele sobre a localização de Ania fosse captado pelos outros comunicadores.

— Onde diabos ela está? —Ele exigiu.

— Acredito que no telhado. O localizador dela aponta definitivamente acima de nós. Vikenti disse que um painel na parede estava aberto. Faltavam várias armas, munição e uma máscara, ela deve ter se armado e levado uma máscara. Vikenti fechou o painel de volta só por precaução.

Mitya respirou fundo, respirando ar filtrado pela máscara enquanto a sala se enchia de gás lacrimogêneo. Fyodor ia ter um pouco de trabalho limpando a casa. As cortinas e os móveis ele poderia substituir, mas esfregar toda a madeira e refazer o chão não seria tão fácil. Se esforçou para pensar sobre outra coisa, e não o fato de que sua mulher estava lá fora em algum lugar e se fosse vista, Lazar enviaria todos os leopardo que ele tivesse para capturá-la.

Ania. Baby. Fique escondida. Por mim. Vou deixar esfolarem meu leopardo vivo, se isso for preciso para você está segura. Nenhum shifter que se prezasse permitiria que seu leopardo sofresse a tortura ou a morte. Mas ele quis dizer isso, no entanto. Desistiria de sua vida em um piscar de olhos. Aceitaria qualquer tortura que Lazar lhe fizesse e sacrificaria seu leopardo por ela. *Dymka* concordava com ele. Os dois permitiriam que Lazar fizesse qualquer coisa para manter Ania e *Jewel* em segurança. Mitya mal podia respirar sabendo que Ania estava lá fora, tão longe de ser protegida. *Dymka* mal conseguia se conter, sabendo que *Jewel* estava igualmente desprotegida.

— Ela é extremamente inteligente, Mitya, —reiterou Sevastyan. — Ania não te desafiou, foi pega de surpresa na explosão e rapidamente tomou a melhor decisão. Ela reconheceu

o painel e o abriu. Como, eu não sei, mas fez isso. Ania está armada e tem uma máscara. Os avós e os pais a treinaram para qualquer situação, e ela sabe que vamos encontrá-la. Sabe que só precisa aguentar o tempo suficiente para chegarmos a ela.

Mitya ainda não podia fazer nada. A equipe de frente de Lazar, seus peões de sacrifício, já estavam se movendo em direção a eles, entrando pela porta que estava destruída e pelos dois buracos na lateral da casa. Como regra, Lazar enviaria a primeira equipe para limpar. Sempre eram cinco soldados, e haveria cinco agora invadindo a grande sala com armas em punho. Esses homens não estavam cientes do fato de que Lazar os enviou primeiro porque os considerava os mais dispensáveis.

Mitya atirou no primeiro que irrompeu pela sala e correu a reboque pelo corredor. O homem caiu, com máscara de gás e tudo, mas torceu e rolou no chão por um momento antes de se levantar.
— Eles estão vestindo coletes a prova de bala, —Mitya informou aos outros.

A calma se apossara dele. A calma da luta. Ele não era o tipo de homem que gritava e esperneava ou ficava tão agitado durante um tiroteio que perdia o foco. Mitya era muito centrado, e quanto mais caos reinava ao seu redor, mais frio ficava sob fogo. Isso sempre foi uma vantagem para liderar seus homens. Eles ficavam

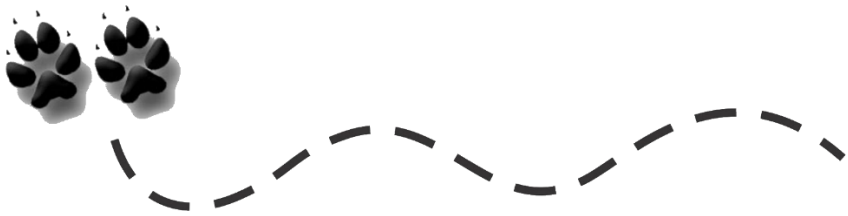
firmes e se sentiam seguros ao seguir a liderança dele. Mitya mirou uma segunda vez, desta vez indo para a cabeça em vez do coração. Quando seu inimigo se levantou, tentando atirar balas nas sombras, Mitya apertou o gatilho uma vez e o viu cair, desta vez definitivamente.

Sevastyan mirou no segundo homem mais próximo deles. Esse homem havia usado seu leopardo para impulsioná-lo até o centro da grande sala, sua arma automática cuspido balas de um extremo ao outro. Nenhum dos invasores mirou em alvos individuais, esse não era o propósito deles. Primeiro, eles atirariam em todos pela frente, feridos ou não, e depois, de um por um, seguiram com uma única bala na cabeça para garantir.

O alvo de Sevastyan não atingiu ninguém. Não havia mortos ou feridos na grande sala. A sala parecia vazia. Sevastyan demorou-se, mirando a cabeça do oponente e apertando o gatilho. A bala atravessou a máscara de gás e entrou no olho de seu alvo. Ele caiu, batendo no chão, sua arma automática ficando em silêncio. Timur atirou em um terceiro intruso, enquanto Drake e Joshua mataram outros dois.

Imediatamente, Mitya se moveu, correndo pelo corredor em direção à cozinha, Sevastyan na frente dele, Kiriil e Josue atrás deles. A cozinha estava vazia, mas *Dymka* levantou-se

rapidamente, sentindo o cheiro dela. O ciclo fértil de Ania e *Jewel* já deveria ter terminado, mas devido às interrupções contínuas, o ciclo foi atrasado, prolongado-se por mais alguns dias. Os potentes feromônios de *Jewel* permaneceram, chamando seu companheiro. Isso significava que todo leopardo macho também seria capaz de sentir seu cheiro.



ANIA não gostou da palidez de Evangeline. Sua barriga de grávida estava começando a aparecer, os bebês gêmeos finalmente tornando sua presença conhecida. Não que Evangeline mostrasse uma grande barriga, muito pelo contrário. O enjoô a tornara quase incapaz de segurar a comida no estômago. Às vezes, até a água a deixava terrivelmente doente. Ela perdeu peso ao invés de ganhar. Ainda assim, nunca a ouviu reclamar, não quando Ania estava perto dela. Mas Evangeline parecia abatida, e Ania podia ver a preocupação no rosto de Ashe.

— Fiz um lanche para nós, —insistiu Evangeline. — Eu realmente não quero perder a visita de Ania. —Ela se opôs à insistência de Ashe de que se deitasse.

— Se está na cozinha, vou pegar para nós e trarei o lanche para o seu quarto. Ashe pode ajudá-la a ir para a cama, —Ania ofereceu. — Onde encontro as coisas deliciosas? —Porque se foi Evangeline que fez o lanche, tinha que estar delicioso.

— Deixei a bandeja para nós no balcão. Está coberta, embora eu deva admitir que, se os meninos vêem alguma coisa, são como abutres. —Pela primeira vez desde que Ania chegou, Evangeline sorriu. — Há uma jarra de *Limonada de Morango*[37] na geladeira. Os copos estão na bandeja.

Ania aprenderia a ser uma excelente anfitriã do jeito que Evangeline era. A mãe dela tinha sido. A avó também. Ela não teve tempo para realmente aprender essas habilidades com nenhuma delas, e lamentou isso. Tudo o que seu avô e pai haviam lhe ensinado parecia muito mais emocionante. Agora que havia perdido a mãe e a avó, as coisas que valorizavam e eram tão boas pareciam muito mais importantes.

— A Limonada de Morango de Evangeline é a melhor, — declarou Ashe, já pegando o braço de Evangeline e levando-a para o quarto. Ela murmurou *"obrigado"* por cima do ombro.

---

37  **Strawberry lemonade** (Limonada de Morango) Bebida feita com refrigerante de limão e morangos ou em sua versão mais natural com água gaseificada, limão e morango

— Como eu já experimentei seus doces e sei como eles são, agora fiquei com muita vontade de provar a limonada, —disse Ania enquanto corria para fora do quarto.

Por um momento, desejou poder falar com Mitya. Fyodor amava sua esposa, e ela não podia imaginar que Evangeline não tivesse os melhores cuidados, mas sua amiga parecia pálida e abatida, e isso era preocupante. Havia algo muito especial em Evangeline. Qualquer um poderia sentir.

Ania se virou na grande casa desconhecida e teve que retornar para pegar o corredor certo que levava à cozinha. A cozinha era bastante grande. A sua avó, ao ajudar a desenhar o interior da casa junto com a mãe, havia projetado uma cozinha chique. Era espaçosa e tinha um grande balcão no meio que poderia ser usado de ambos os lados se mais de uma pessoa estivesse trabalhando, mas a cozinha de Evangeline era algo tirado de uma revista.

Ania não pôde evitar, se viu examinando as luminárias suspensas que fazia o material da superfície do balcão brilhar. O piso era de ladrilhos, da cor suave do trigo, com um corte complexo, que aumentava a beleza do ambiente. Os ladrilhos irregulares adicionados à aparência do espaço lembrava as casas

na *Toscana*[38], com uma extensão de janelas para que o cozinheiro pudesse sentir como se estivesse ao ar livre. Os ladrilhos também impediam que alguém escorregasse, caso algum líquido fosse derramado no chão.

As hortas e pomares ficavam do lado de fora das janelas. Ania não podia deixar de olhar para eles. Luzes fracas brilhavam do lado de fora da cozinha, iluminando os jardins. Ania não acendeu as luzes da cozinha porque não precisava, sua leopardo dava a ela a habilidade de enxergar bem no escuro. Ela viu um dos guardas de Fyodor andando de um lado para o outro, além dos jardins. Parecia que todos eles tinham que viver com guarda-costas.

Ela desviou a atenção do lado de fora e voltou para as paredes texturizadas. Pareciam madeira, uma madeira de cor clara, quase dourada, com anéis espalhados aqui e ali. Era uma escolha incomum para uma cozinha, mas combinados com o piso de ladrilhos, davam uma sensação exótica e italiana ao lugar. Ela teve que passar as mãos pelas paredes para sentir se era madeira de verdade ou apenas imitação. Imediatamente sentiu a diferença de

---

38   casas na Toscana com espaços abertos.

um painel para o outro. O painel do meio estava ligeiramente levantado. Observando, não podia ver visualmente a diferença, mas ao toque podia.

Levou apenas um momento para abrir o armário oculto. O painel da parede continha armas suficientes para um exército. Ela não ficou surpresa. As paredes de sua casa também escondiam algumas coisas. *Ania teve que sorrir.* Será que a casa de todos eles tinham painéis semelhantes na parede?

Ela voltou para os balcões, procurando a bandeja com os lanches. Estava ao lado da geladeira. É claro que seria perto de onde poderia facilmente pegar a jarra de *Limonada de Morango*. Evangeline teria tudo pronto para que houvesse a quantidade mínima de trabalho quando as visitas chegassem. Esse era o segredo dela. Se preparar antecipadamente. Ania lembrou que sua mãe e avó eram da mesma maneira. Abriu a geladeira e encontrou a jarra imediatamente, a puxou e a colocou na bandeja com os lanches e os copos.

Olhou para cima para apreciar uma última vez os jardins do lado de fora da janela, mas seu coração quase parou. O guarda não estava mais andando de um lado para o outro. Estava deitado na terra, sua arma a alguma distância da mão. Ela não esperou, girou e bateu no painel da parede. Pegou uma máscara de gás, três

armas, um rifle e munição para cada arma. Desejou que houvesse um botão para acionar o alarme. Teria que sugerir a Fyodor e Mitya que alarmes eram coisas boas para avisar as pessoas quando havia problemas. Ela se virou para voltar ao quarto, pronta para proteger Evangeline e Ashe.

Uma explosão a derrubou. Ania bateu a cabeça na parede enquanto caia, abrindo um corte logo acima da têmpora. Doeu como o inferno, mas não houve nenhum dano real. Enquanto estava no chão, carregou cada arma e, em seguida, enfiou uma arma na bota, uma na cintura e a menor no bolso do casaco. A munição foi para o outro bolso. Carregou o rifle e ficou cautelosamente de pé.

O corredor que dava para o interior da casa tinha detritos. Ela não estava absolutamente certa de que poderia encontrar o caminho de volta para o quarto de qualquer maneira, com as paredes prestes a cair. Tinha certeza de que Fyodor teria um quarto seguro para Evangeline, e Mitya iria querer que ela fosse para lá também, mas olhando para o corredor, desistiu. Muita bagunça. Parecia que parte do corredor tinha cedido.

A outra entrada dava para a grande sala, e parecia que era o local onde a explosão aconteceu. Ania não estava se arriscando indo nessa direção. Olhou para a porta que dava para os jardins.

Se ela pudesse sair, poderia chegar ao telhado. Era uma casa enorme com um telhado muito grande. A cobertura acima era toda feita em telhado de *duas quedas*[39] e *cumeeiras*[40]. Tinha que haver lugares em que ela pudesse se esconder e ainda assim ver o que estava acontecendo lá embaixo.

Depois que tomou a decisão, se moveu rapidamente. Eles estavam sob ataque, e não parecia o mesmo que os outros ataques. Este era um plano de batalha bem pensado. Mitya disse que seu pai queria matá-lo e matar seus primos. Era mais provável que essa explosão tivesse sido orquestrada por Lazar. Ela olhou pela janela cautelosamente e não parecia que alguém estivesse por perto. Abriu a porta muito lentamente, dando espaço suficiente para o corpo dela passar.

Preciso de você, Jewel, ela sussurrou para a leopardo enquanto se agachava do lado de fora da porta.

---

39  Um **telhado de duas águas** é a forma de telhado clássica e mais comum nas partes do mundo com climas frios ou temperados. Consiste em duas seções do telhado inclinadas em direções opostas e colocadas de modo que as bordas horizontais mais altas se encontrem para formar a cumeeira do telhado.

40 

Parte mais alta de um telhado de duas ou mais águas, onde fica sua intersecção; cumeada.

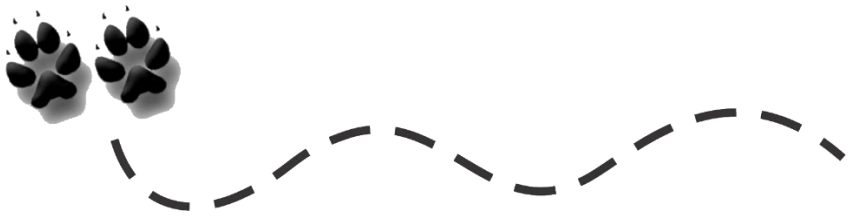
Sentiu sua leopardo subir a superfície. Raios elétricos passou pelo corpo dela. Seu cabelo estalou e ficou em pé. Ania usou as informações que a sua leopardo estava ajudando a captar. Um homem estava muito próximo, de frente para a grande sala. Ele era definitivamente leopardo. *Jewel* torceu o nariz com desprezo.

Ania voltou para as sombras enquanto se arrastava pelo jardim em direção ao lado da casa. A varanda envolvente tinha um teto baixo. No momento em que teve certeza de que não chamaria a atenção através do movimento, ela pendurou o rifle no pescoço e pulou para a varanda. Agarrou a borda, escorregou e enfiou os dedos profundamente. Suas mãos se curvaram e garras longas e perversas apareceram, lutando para se agarrar na superfície desconhecida.

Ania ficou ali por um momento, com o coração na garganta, esperando uma centena de balas atingi-la. Engolindo o medo, ela se levantou, usando a força de seu leopardo para balançar as pernas para o telhado. Uma vez lá, ficou deitada, ouvindo seus batimentos cardíacos selvagens. Mitya viria buscá-la. Não tinha dúvida de que Sevastyan viria também. Ela só tinha que esperar. Se esconder. Essa era a coisa mais sensata a se fazer.

Ania rastejou pelo telhado para o próximo patamar, indo em direção ao céu. Precisava continuar subindo. Deslizou seu corpo

lentamente pelo telhado em direção a cumeeira. Um movimento chamou a atenção dela, viu intrusos e eles eram leopardos. Ania não queria que ninguém a visse.



MITYA e Sevastyan trocaram um longo olhar de total compreensão. Era impossível não inalar e cheirar a fêmea de leopardo no cio. Cada um dos leopardos de Lazar também sentiria esse cheiro. Os dois homens lançaram a cautela ao vento e correram abertamente em direção à porta da cozinha que dava para o lado de fora. Sevastyan deu dois passos quando uma bala zumbiu através do vidro, quebrando-o e alojando-se do outro lado da sala em um painel de madeira da parede.

Kiriil se atirou em Mitya, derrubando-o, empurrando-o para o chão, enquanto Sevastyan e Josue também caíam no chão. Os quatro se arrastaram de barriga até a segurança do balcão, onde ficaram sentados por um minuto, respirando com dificuldade, controlando a adrenalina. Todos os quatro haviam tirado os sapatos e todas as roupas desnecessárias, preparados para mudar de forma. O que restou podia ser removido rapidamente. Camisas

rasgavam e jeans saiam facilmente. Seus pés não gostavam dos escombros que as bombas haviam deixado para trás e nenhum deles queria estar na grande sala onde o gás lacrimogêneo havia explodido. Isso encharcaria seus pés descalços e queimaria como o inferno.

— Você vai matar a todos, Mitya, —a voz de Lazar entoou. — Sabe que eu gosto de um bom banho de sangue. Apenas saia daí e se renda. Sabe que não tem chance. Seja homem pela primeira vez. Não corra, enrolando o rabo entre as pernas para esconder o fato de que você não tem bolas.

— Ouvi esse mesmo discurso dezenas de vezes, só que com nomes diferentes inseridos, —Mitya sussurrou para Sevastyan, Kiriil e Josue. — Ele nem se quer pôde inventar um discurso novo.

— Essa puta que todos nós podemos sentir o cheiro é sua, Mitya? Ou ela é de Fyodor? A putinha correu para nós, querendo homens de verdade—não as imitações de homem que ela tem aqui. Ela está implorando para homens de verdade fodê-la. Vamos levá-la para dentro da casa, e você poderá assistir enquanto todos nós a usamos

da maneira que ela deve ser usada. Ela está no cio, uma verdadeira putinha, disposta e ansiosa para agradar, na esperança de aliviarmos o fogo dela.

Mitya ouvira a porcaria que seu pai costumava falar, principalmente sobre mulheres. Como elas só serviam para foder. Como as forçava a fazer o que ele quisesse, e muitas vezes as jogava para os seus homens e as via sendo fodidas até a morte. Segundo o próprio Lazar, essa era a coisa favorita dele, ver uma mulher morrendo pela mesma coisa que implorava.

Uma coisa era ter o seu pai gritando ofensas sobre ele, mas percebeu que não estava tão calmo quanto pensava que poderia estar quando Lazar falou sobre sua mulher. — Ele não está com ela, —sussurrou, precisando dizer em voz alta para Sevastyan. Precisando ouvir Sevastyan confirmar.

— A menos que ele esteja no telhado com ela, —disse Sevastyan. — Ania está parada no momento.

Mitya não pôde evitar o suspiro de alívio. Ania era engenhosa, ele tinha que ter fé nela. — Ania não fará nada louco. Seus pais cuidaram de seu treinamento de sobrevivência. —Mais uma vez, se viu precisando ouvir a afirmação em voz alta.

Sevastyan lhe enviou um pequeno sorriso. — Essa mulher é inteligente e é boa com uma arma. Está armada até os dentes. Eu não gostaria de estar do outro lado de sua mira.

Mitya sabia que tudo o que seu primo dizia era verdade, mas precisava encontrá-la. Precisava estar com ela, protege-la da vil depravação de seu pai. Ele nem queria que ela escutasse essas coisa que Lazar falava sobre ela.

— Ania tem temperamento forte, —ele disse. — Não quero que Lazar desencadeie isso.

Novamente, Sevastyan deu um leve sorriso. — Isso ela tem. Ela me deu um inferno de trabalho. —Ele disse como se estivesse orgulhoso dela.

Uma pancada foi o único aviso e, em seguida, um leopardo caiu sobre Josue, cortando sua jugular com garras terríveis, enquanto seus dentes dirigiam simultaneamente no pescoço de Sevastyan. Sevastyan se jogou de lado. Mitya se moveu, arrancando os jeans do corpo, tirando-os antes que *Dymka* emergisse totalmente, envolto na camiseta, que rasgou com um golpe de suas garras. Afundou as unhas em gancho nas costas do leopardo e o arrancou de Sevastyan, quase o jogando através da cozinha.

Dymka reconheceu o leopardo instantaneamente. Mitya havia crescido com ele, um homem chamado Artem. Ele sempre cumprira as ordens de Lazar, assim como as de qualquer tenente de seu pai, independentemente do que lhe fosse ordenado. Ele cumpria as ordens de boa vontade e avidamente, não importa quão humilhante ou monstruoso. Ele e Mitya haviam lutado em várias ocasiões. Artem desprezava Mitya porque ele era filho de Lazar e, portanto, estava em uma posição de poder, e porque Mitya havia limpado o chão com Artem quando eles brigaram com os punhos.

Claramente, Artem achou que tinha a experiência a seu favor e que, de alguma forma, durante os anos em que *Dymka* e Mitya estiveram longe do covil, eles haviam perdido a capacidade de lutar. Artem atacou com um rugido terrível, um grito de guerra, destinado a intimidar seu oponente. *Dymka* pulou e se chocou com o outro leopardo no ar, os dois leopardos em pé, tentando rasgar a barriga um do outro.

Atrás dele, a cozinha ficou subitamente cheia de leopardos combatentes, enquanto mais quatro saltaram pela janela ou atravessaram a porta aberta para se juntar à batalha. O grande animal de Sevastyan estava em seu elemento, rosnando e empurrando um macho dourado menor para um canto, enquanto outro tentava empurrá-lo de lado. Outro leopardo e o leopardo de

Kiriil se chocaram no ar, cortando com dentes e garras um ao outro. O quarto leopardo saltou do balcão direto para Josue, onde estava deitado de lado, lutando por ar enquanto seu sangue corria como um rio pelo corpo. O leopardo soprou ar quente em seu rosto e depois o mordeu, dando a mordida sufocante de sua espécie. Ele levantou a cabeça, seu olhar maligno e amarelo encontrando *Dymka*.

Artem recuou cautelosamente quando *Dymka* rasgou tiras da barriga do leopardo, deixando-o ensanguentado e ferido. De repente, Artem saltou para a frente quase triunfante. Esse foi todo o aviso que *Dymka* precisava para pular fora do caminho do leopardo de Artem. O leopardo que matou Josue abandonou o corpo e se virou, atacando *Dymka*.

O leopardo era uma mistura de pêlo escuro e dourado. As rosetas eram surpreendentemente pequenas para um leopardo Amur, uma mistura muito diferente. Mitya o reconheceu instantaneamente. Onde Artem era um exibicionista e um bajulador, Damir era algo completamente diferente. Ele se opôs à corrupção ocorrida no covil, e como Mitya sofreu muito enquanto crescia. Damir era filho de um dos membros do círculo íntimo de Lazar e, por isso, era espancado quando se recusava a cumprir ordens, como torturar os desafetos de Lazar.

Mitya lamentou ver que, com o tempo, Damir havia se conformado ao invés de ter abandonado o covil. Damir já tinha sido um ser humano decente. O ataque real viria de Damir porque ele não era covarde. Artem era. O leopardo de Artem se conteve, permitindo que Damir assumisse a luta. *Dymka* ficou de olho no leopardo dourado, mas observou o mais escuro, preparando-se para o ataque.

O leopardo de Damir puxou os lábios em um rosnado e depois correu, usando sua velocidade para atacar *Dymka*. *Dymka* saltou, usando sua coluna flexível para girar no ar e cortou um rasgo profundo do nariz ao olho do leopardo de Damir. O impulso do salto levou *Dymka* direto para Artem, onde o leopardo estava agachado, esperando para entrar e se juntar à luta se Damir derrubasse *Dymka*. *Dymka* se chocou contra Artem, derrubando-o quando seu corpo maior e musculoso atingiu o leopardo oponente com força.

Dymka o atacou, rasgando-o e cortando-o, arrancando grandes pedaços de pêlo e pele enquanto o leopardo inimigo tentava se levantar. *Dymka* não permitiu, aterrissou nas costas do gato, os dentes afundaram no pescoço, em um esforço para quebrar a coluna.

Damir rosnou em um chamado de desafio e depois o atacou novamente. Desta vez, Damir foi mais esperto, observando a reação de *Dymka*. Mitya sabia que o leopardo de Damir sentia o cheiro do perfume de *Jewel* em *Dymka*. Damir saberia que a fêmea que Lazar estava procurando pela casa pertencia a Mitya. Eles sabiam que ela esteve na cozinha e que agora estava do lado de fora em algum lugar.

O som de tiros era alto nos arredores. Fyodor corria, comandando a batalha. Esta era sua casa, e ele conhecia todos os cantos e recantos de sua propriedade, bem como todos os lugares que um leopardo podia correr.

Lazar calculou mal o momento do ataque. Achou que pegaria os primos indefesos e sozinhos. Pensou que tinha sido muito esperto por tê-los pegos todos juntos. Lazar não considerara que os demais homens que estavam na casa fossem amigos de seus primos e que eram todos leopardos, ou que todos eles haviam trazido guarda-costas pessoais.

O leopardo de Artem desabou, ofegante, mas *Dymka* não acreditava que o leopardo estivesse acabado. *Dymka* se virou para encarar Damir, tomando o cuidado de pular para longe de Artem, só por precaução. Artem não o atacaria cara a cara, mas no

momento em que *Dymka* virasse as costas, ele aproveitaria a oportunidade.

Um leopardo gritou a menos de um metro deles. Damir cometeu o erro de virar a cabeça para checar o parceiro. Imediatamente, *Dymka* estava em cima dele. Mitya cometera esse mesmo erro em particular quando tinha doze anos. Nada poderia interferir em uma luta de morte entre dois leopardos. *Dymka* foi ensinado, assim como Mitya, a manter todo o foco na luta até ter certeza de que seu oponente não estava mais respirando.

Dymka aproveitou ao máximo a oportunidade, trancando os dentes no pescoço de Damir, segurando-o com uma mordida mortal. O tempo todo, *Dymka* observavam Artem. O gato se afastou em vez de tentar ajudar Damir. Os anos não o mudaram muito. Ele ainda era o mesmo covarde. Mitya o desprezava. *Dymka* também.

O gato de Damir se recusou a desistir. Mitya não esperava por isso. Muito lentamente, a vida sumiu dos olhos de Damir e ele deslizou até o chão. *Dymka* o segurou por mais alguns momentos, o tempo todo observando Artem. Em vez de tentar ajudar Damir, o gato dourado pulou para trás em direção à porta.

Sevastyan havia matado o gato menor e agora estava em uma batalha feroz com o maior, junto com Kiriil. Não havia como ajudar Josue. Ele já estava morto, caído no chão também. Mitya sentiu pesar pela perda de vidas, ambas as vidas.

Houve um tempo em que Damir era um ser humano decente. Ele resistiu por um longo tempo as crueldades do covil, mas, olhando para trás, Mitya entendeu, Damir resistiu por causa de Mitya. Tinha sido a força de Mitya que carregara os dois, e quando Mitya se foi, Damir desmoronou.

Artem moveu-se novamente, chamando a atenção de *Dymka*. No momento em que o leopardo dourado viu que ele era o foco de *Dymka*, se virou e correu, saltando para a janela e atravessando-a apesar dos cacos de vidro ainda na moldura. *Dymka* era grande demais para passar por aquela janela em particular, então decidiu correr pela porta e perseguir o leopardo dourado.

Artem parou na beira da horta, mas quando viu *Dymka* sair da casa, deu as costas e correu. *Dymka* correu, passando por um dos tenentes de Lazar, que se assustou e virou sua arma em direção ao grande leopardo. Seria impossível para qualquer um deles não conhecer o gato de Mitya. Todos eles haviam o espancado ou lutado com ele com o pretexto de treiná-lo.

O homem de Lazar levantou a arma e mirou em *Dymka*, ao mesmo tempo o som de um rifle zumbiu no ar e um projétil atingiu a parte de trás da cabeça do tenente. Ele caiu de joelhos e depois caiu para a frente, o rosto na terra, o dedo do tenente nem se quer encostou no gatilho da sua arma.

Dymka acelerou, lançando-se no ar, estendendo as patas da frente para prender as garras nos quartos traseiros de Artem. Ele se chocou com o gato e o jogou no chão, recusando-se a deixá-lo ir. Suas unhas em gancho perfuraram profundamente enquanto mordia a espinha do leopardo dourado. O gato gritou, o som reverberando pela noite.

Outro dos homens mais confiáveis de Lazar correu para os dois leopardos, colocando o cano da arma quase na cabeça de *Dymka.* Dymka não teve escolha senão liberar Artem e se jogar de lado para evitar o tiro. O som de um rifle soou novamente, e um buraco surgiu atravessando a parte de trás do pescoço e saindo pela garganta do homem. A medula espinhal foi cortada instantaneamente. Mitya o conhecia. Ele era amigo de Lazar há mais de vinte anos. Tão pervertido e corrupto quanto Lazar.

Artem se levantou e correu novamente, determinado a fugir. *Dymka* se recusou a deixá-lo escapar, nem mesmo quando precisou correr entre dois dos soldados de Lazar. Antes que qualquer um

dos soldados pudesse reagir, os dois homens caíram com força no chão, praticamente ao mesmo tempo. *Dymka* conseguiu ter um vislumbre de manchas de sangue espirradas nas folhas e na terra. Artem parou para olhar para trás na esperança de que os dois homens tivessem atirado em seu perseguidor.

Dymka atingiu o leopardo dourado com força suficiente para parecer como se um trem de carga o tivesse atingido. O golpe arrebentou o gato, quebrando ossos. Artem soltou outro grito e tentou se levantar. Ele conseguiu se levantar, mas cambaleou, tentando se virar. *Dymka* o atingiu do outro lado com um golpe cruel, quebrando mais costelas.

O lamento do leopardo era um grito constante agora. *Dymka* não teve piedade, quebrou a pata traseira direita, depois a esquerda, impossibilitando o gato inimigo andar. Artem tentou se afastar, mas *Dymka* não deixou. Artem não ajudou Damir, e *Dymka* sempre desprezou o seu gato dourado de qualquer maneira. *Dymka* segurou o pescoço e deu a mordida sufocante e mortal, silenciando os gritos do felino para sempre.

Enquanto segurava Artem naquela mordida da morte, esperando o fim, uma sombra se fundiu nas árvores, olhos amarelos encarando-o com maldade. Os olhos se concentraram completamente em Mitya e, em seguida, o grande gato inimigo

bateu nas folhas e detritos com a pata, indicando seu desprezo. Ele soltou um desafio estrondoso.

Há mais outro por perto. Talvez mais de um, Mitya advertiu seu leopardo. *Dymka* havia lutado com três gatos até agora. Correu uma grande distância, já estava começando a sentir um pouco cansado, e era com isso que Lazar contava.

Eu sinto o cheiro deles. Pensam quem podem esconder seus mau-cheiros de mim ficando na direção do vento, mas quando o vento muda por pouco tempo posso senti-los. Lazar tem dois de seus amigos favoritos me perseguindo.

Mitya podia sentir a ira de seu leopardo, a raiva que girava em suas entranhas e brotava como um vulcão. *Dymka* queria lutar com o gato de Lazar. Estava ansioso para encontrar o lutador experiente em batalhas e mostrar quem sairia vencedor. Mitya o segurou.

Deixe-o vir. Aproveite esta oportunidade para descansar. Ele tentará desafiar, intimidar e irritar, esperando que dessa forma você não consiga pensar durante a batalha. Ele é mais velho, Dymka, mas é experiente. Você precisa se acalmar e lembrar de todas as técnicas de batalha e do que temos a nosso favor.

Ele prefere que seus tenentes trapaceiem e lutem por ele.

Dymka não estava errado. Lazar lutaria, mas ele não gostava de ser rasgado. No momento em que um leopardo mais jovem desafiava Lazar, seu pai não resolvia o desafiou pessoalmente, costumava ordenar seus tenentes a atacar o leopardo desafiante e dessem uma lição nele.

O leopardo de Lazar correu na direção de *Dymka* e depois parou antes que chegasse perto demais. Mitya já vira esse tipo de desafio centenas de vezes. Muitos leopardos machos o usavam, principalmente quando havia uma fêmea no cio que eles queriam reivindicar. Gostando ou não, os machos estavam afetados pelo calor de *Jewel*. Lazar parece que não tinha mais tanto controle sobre seu leopardo como costumava ter, ou não teria permitido que seu leopardo lançasse esse desafio em particular. *Kazimer*, o leopardo de Lazar, sabia que *Dymka* era o companheiro de *Jewel*. *Kazimer* tinha seus próprios motivos para lutar com *Dymka*, mas esses motivos não faziam parte dos planos de Lazar.

Kazimer queria *Jewel* para si. *Dymka* rosnou.

Ania está escondida lá em cima no telhado com um rifle Sniper matando qualquer um que se aproxime de nós. Ela não vai deixar Kazimer

ou Lazar chegar perto de Jewel, Mitya assegurou. *Controle-se. Lute, não aceite as provocações dele.*

Mitya havia aprendido a ser disciplinado de uma forma dura, e estava determinado que seu leopardo permanecesse controlado. Eles praticavam diariamente para situações como essa. Mitya não estava disposto a deixar os feromônios de *Jewel* enlouquecerem seu leopardo o suficiente para cometer erros e perder essa luta.

Derrube-o rapidamente. Não o desafie. Apenas mate-o.

Dymka observou *Kazimer* se aproximando cada vez mais a cada golpe de sua pata, seu rugido de desafio enchendo o ar. Reforçado por sua própria adrenalina e raiva, e pela necessidade da fêmea, *Kazimer* ficou mais ousado, chegando cada vez mais perto de *Dymka*, emitindo sem parar seu desafio vocal.

Dymka passou da calma absoluta para a ação rápida no espaço de meio segundo. Ele atacou o outro macho, empurrando-o para o lado, se chocando contra ele e o derrubando. *Kazimer* foi rápido, mais rápido do que Mitya pensou que poderia ser, mas ele não era páreo para a velocidade de *Dymka*. *Kazimer* não conseguiu sair do caminho, nem se levantou a tempo de impedir *Dymka* de rasgar a sua lateral com longos arranhões. Quando *Kazimer* rolou para



tentar se levantar, as garras cruéis de *Dymka* agarraram sua barriga e rasgaram lá também.

Os dois tenentes de Lazar irromperam das árvores, cada um vindo de uma direção diferente. Eles correram para tentar ajudar seu líder. Os dois homens eram os guardas pessoais de Lazar e por anos desfrutaram e se beneficiaram do privilégio de estar sempre por perto do seu líder. Mitya reconheceu os dois leopardos. Esses macho gostavam de machucá-lo a mando de Lazar, forçando *Dymka* a emergir para protegê-lo quando Mitya era menino. Ambos eram cruéis e corruptos e estariam determinados a matar *Dymka* e manter Lazar vivo.

Guga era um homem grande, com mãos enormes. Gostava de capturar crianças, sequestrando-as a caminho da escola ou de alguma loja. Ele ria enquanto as machucava. Sempre era o primeiro homem no estupro de uma mulher, empurrando todos os outros para fora do caminho. Tudo isso se transformava em um leopardo enorme, com garras afiadas e um temperamento cruel e vicioso.

Dymka segurou *Kazimer* com facilidade, encontrou sua coluna através do pêlo solto e mordeu. *Dymka* se manteve firme enquanto Guga se preparava para atacar. Mitya podia ver o animal malicioso rosnando ficando cada vez maior, seus olhos eram dois pontos de

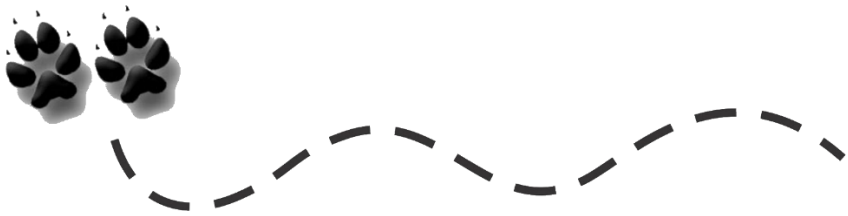
luz brilhante. O leopardo de Guga continuou se aproximando, mas *Dymka* se recusou a abrir mão de *Kazimer*.

Surpreendentemente, o grande gato de repente parou, suas patas traseiras despencaram na terra como se tivesse caído em um buraco. Mitya olhou diretamente para o rosto do gato. O leopardo inimigo estava tão perto que Dymka pôde sentir o hálito quente dele. O gato parecia como se tivesse batido de cabeça contra uma parede de tijolos. Sangue vermelho derramou do rosto do gato que ainda rosnava enquanto encarava *Dymka*, sem entender o que estava acontecendo. O sangue saia de um buraco entre os olhos do leopardo de Guga, escorrendo pelo nariz e pingando no chão. Ele balançou sua cabeça. O encarou. Tentou dar um passo.

Mitya ouviu um segundo tiro quando o zumbido da bala passou. Ele não tinha ouvido o primeiro. Estava muito focado em *Dymka* e sua mordida, cortando a coluna vertebral do grande macho de Lazar. Seu leopardo ainda se recusava a soltá-lo, mesmo quando o gato de Lazar ficou mole, se submetendo. *Dymka* recusou-se a aceitar a submissão de *Kazimer*. Ele queria Lazar e seu leopardo mortos e não aceitaria nada menos.

Fidel, o segundo em comando de Lazar, se aproximou na outra direção. Fidel tinha retardado seu ataque, desconfiado quando viu Guga cair no chão. *Dymka* sufocou *Kazimer,* dando-lhe

a mordida mortal sem tirar os olhos de Fidel, ódio e uma fúria fria em todas as linhas de seu corpo. *Dymka* largou *Kazimer* no chão, golpeando a pata com desdém e rugindo contra Fidel. Para choque de Mitya, Fidel, aquele leopardo invencível que sempre fora monstruoso e parecia imbatível, virou-se e correu. *Dymka* o alcançou em segundos, derrubando-o como se ele fosse um pequeno cervo na floresta.



ANIA não conseguiu ter uma mira clara para acertar o grande leopardo que se aproximava rapidamente de *Dymka* quando o grande macho de Mitya aplicava a mordida mortal em Lazar. Seu coração batia fora de controle, mas agora, vendo a total confiança de *Dymka* e o outro leopardo se virando para fugir dele, Ania pôde suspirar de alívio. Isso não a impediu de ficar de olho na mira, apenas no caso de *Dymka* precisar de ajudar, embora estivesse bastante certa de que o grande leopardo não apreciaria nenhuma interferência. Não importava, ninguém iria matar aquele leopardo, ou o homem dela, Mitya. Não quando ela tinha um rifle nas mãos.

Um sussurro a fez girar e seu sangue gelou. Um leopardo conseguiu subir no telhado e se arrastou em direção a ela. O gato já estava quase em cima. Ania tentou se virar na direção dele, largou o rifle, porque o leopardo estava muito perto, e puxou a *Glock*[41] da cintura enquanto o hálito quente do leopardo soprava em seu rosto. Olhos malévolos a encaravam, nariz enrugado, lábios puxados para trás em um rosnado.

Jewel se empurrou, tentando emergir para protegê-la, mas Ania lutou contra a mudança de forma, sabendo que sua pequena fêmea não tinha chance contra o macho. Manteve a Glock abaixada ao seu lado, fora da vista, esperando que o macho a forçasse mudar de forma, em vez de matá-la imediatamente.

Ele empurrou a cabeça para mais perto, um rugido de aviso ressoou na garganta do leopardo, seus olhos encarando-a. Ela tinha que atirar nele. Se não o matasse, ele a mataria. Sem aviso, o leopardo enganchou a garra na perna dela e rasgou da coxa até a panturrilha. A dor foi quente e insuportável. Ania se ouviu gritar, mas rapidamente calou-se no meio do grito. Seu lamento dividiria a atenção de *Dymka,* que provavelmente estava lutando contra o leopardo que perseguira.

---

41  Glock – pistola automática

Lágrimas inundaram seus olhos, embaçando sua visão, mas ela segurou firmemente a arma e o leopardo a arrastou pelo telhado usando a garra dele. As telhas arranharam a pele de suas costas, mas Ania mal sentia, não com a garra do leopardo cravada na panturrilha dela.

Ania respirou fundo, forçou a sua mente em pânico se acalmar e tomou a decisão de atirar. Ela não iria escapar do agarre e nem sobreviveria ao ataque dele, o gato era forte o suficiente para arrastá-la o dia todo e, definitivamente, estava tentando forçá-la a mudar de forma. O leopardo queria *Jewel.*

Ania respirou fundo outra vez. O gato a encarava maliciosamente, sua garra presa na perna dela, basicamente dizendo que o próximo golpe iria doer ainda mais. Ania levantou a Glock rapidamente e disparou duas rodadas de tiros em rápida sucessão. A primeira atingiu a orelha do leopardo quando ele pulou para o lado. A segunda rodada errou completamente.

Quando o gato pulou para longe dela, ele deslizou sobre as telhas e quase passou pela borda do telhado. Ania levantou a cabeça para frente, tentando outra rodado de tiros, quando as patas traseiras do leopardo subiram. Ele cravou as garras nas telhas e arfou, jogando-se para a frente e quase em cima dela.

Ao disparar, ouviu o som de pelo menos duas outras armas descarregando. O impacto dos tiros no grande macho o impulsionou para frente e então ele caiu sobre ela, seu peso indicando que estava morto. Não havia movimento. Nada.

Ania não conseguia respirar com o animal pesado sob ela. Tentou empurrá-lo, mas era impossível. Então, de repente, o peso foi tirado de cima dela, e ela encarou os rostos de Vikenti e Zinoviy. Os olhares de medo deles se transformaram em sorrisos.

— Você está viva.

— Por um triz. Ele iria me matar esmagada.

Vikenti agachou-se para examinar a perna dela enquanto Zinoviy casualmente retirava a arma da mão dela.

Vikenti assobiou baixinho. — Ele te pegou de jeito. Vai ficar uma cicatriz feia.

Ela olhou para ele. — Muito engraçado. *Dymka* conseguiu matar o último leopardo?

— *Dymka* acabou com ele rapidinho, —assegurou Zinoviy. — Os homens estão retornando para casa, irão primeiro se certificar de que pegaram todos os bastardos. Fyodor, Timur e Gorya junto com todos os outros os exterminaram completamente. Nenhum deles que vieram aqui irá voltar para o covil de Lazar.

— Estão todos bem?

— Perdemos dois de nossos homens. Quatro feridos gravemente e mais dois com ferimentos não tão ruins, segundo Fyodor. A limpeza ainda está acontecendo. —Vikenti se abaixou e a levantou com facilidade. — Vamos levá-la para dentro. Um médico vai dar uma olhada em você. As garras de leopardos podem causar infecções bem desagradáveis.

Zinoviy empurrou o corpo do leopardo do telhado e o observou bater no chão abaixo. — Seu companheiro não ficará muito feliz por ele já estar morto. Mitya provavelmente vai esfolá-lo e usá-lo para praticar tiro ao alvo.

Ania estremeceu. — Prefiro que ele não faça isso.

Os dois homens sorriram um para o outro e então Zinoviy pulou no chão e olhou para cima, esticando os braços.

— Não se atreva a me jogar, —ela ordenou, agarrando a camisa de Vikenti.

Vikenti riu e deu o salto com ela nos braços.

Vinte

— **VENHA AQUI,** *kotyonok*, —Mitya disse, sua voz suave.

Ania se virou de onde estava olhando pela janela do quarto para olhar para ele. Mitya se sentou na beira da cama, a mão estendida para ela. Só de olhar para ele, borboletas voavam como loucas no estômago. Ele era bonito em sua maneira áspera, e isso a atraía. Não havia nenhuma característica juvenil em Mitya. Ele era um homem, e alguém que estava sempre no controle do que acontecia ao seu redor.

Ela o amava. Realmente o amava. As últimas duas semanas a fizeram ver que havia muito mais em Mitya do que o amante selvagem que ela conheceu. Ele era gentil e doce, cuidou dela enquanto a lesão do leopardo cicatrizava. Atendeu as necessidades dela, trazendo-lhe as refeições. Fez companhia a ela, jogando xadrez e assistindo filmes que a fizeram chorar. Bem, na verdade ele a acompanhou enquanto ela assistia os filmes.

Principalmente, ele se dedicou aos planos dela de redesenhar a garagem para seu trabalho. Fez sugestões quando achou que ajudariam, e Ania ficou surpresa ao ver que quase todas as sugestões eram muito boas. Ela adorou isso e adorou que ele pareceu tão entusiasmado com seu novo empreendimento quanto ela.

Era incrível poder esboçar idéias e mostrá-las a ele, ver seu rosto se iluminar como se realmente gostasse de cada desenho. Às vezes Mitya gostava tanto dos desenhos que queria enquadrá-los. Ela já tinha várias idéias para carros, mas eles tinham que montar a garagem primeiro, então tentou manter a mente em todos os detalhes necessários para colocar seu negócio em funcionamento. Mitya a ajudou a permanecer concentrada. Até Sevastyan estava entusiasmado, embora ele pensasse mais na segurança do local e qual seria a melhor forma de protegê-la, quando ela começasse a trabalhar na enorme garagem com temperatura controlada.

Ania atravessou o quarto e pegou a mão de Mitya. Ele a puxou para o colo, alisando os cabelos e passando os braços em volta dela. Ela estava aprendendo todos os tipos de coisas sobre ele. Mitya gostava dela perto dele quando conversavam. Ele a ouviu quando tinha algo a dizer. Sem a fúria constante de *Dymka*, Mitya ria mais.

O leopardo macho estava mais calmo, o que deu a Mitya mais tempo para relaxar.

— Eu sei que tem sido difícil ficar confinada, Ania, —disse Mitya. — Mas o médico disse que era necessário até que o ferimento cicatrize por completo e não haja mais perigo de infecção.

Ela se inclinou para ele, inalando seu perfume. Amava o cheiro dele. — Não me importo, tenho lido meus romances e consegui esboçar, projetar e organizar a garagem da maneira que acho que funcionará melhor. Está tudo bem.

Ele acariciou seu ombro, depois seus dentes puxaram seu lóbulo da orelha. — Aprendeu alguma coisa nova nesses seus romances que a gente possa experimentar?

Ela riu e virou o rosto para olhar para ele. — Acredito que você sabe mais do que o suficiente para me manter satisfeita pelos próximos cem anos.

Ele beijou seu queixo e mordeu o lábio inferior, os dentes agarrando e puxando suavemente antes de soltá-lo. — Estou sempre disposto a aprender mais.

— Se aprender mais do que já sabe, querido, você pode me matar.

Mitya riu. Ela amava quando ele ria. Ainda era tão raro que, quando o fazia, ela sentia como se ele estivesse lhe dando um presente. Ania tocou os lábios dele. Rastreou-os com as pontas dos dedos. Suavemente. Apenas tocá-lo enviou um tremor pelo corpo dela.

Mitya adicionou telas de privacidade nas janelas da garagem. Isso foi a primeira coisa que ele planejou e quando ela o questionou ele a respondeu em voz alta para quem quisesse ouvir *'que ele queria ser capaz de visitá-la muitas vezes e quem sabia o que aconteceria nessas visitas? Se houvesse carros e bancos traseiros espalhados por lá ...'* Mitya a fazia rir tantas vezes com suas sugestões ultrajantes que ela se via sorrindo a maior parte do tempo.

— Só quero que saiba, Mitya, que estou muito agradecida por ter encontrado com você. Eu olho para você e derreto por dentro. Nunca poderei te dizer o quanto você significa para mim. Quando vi *Dymka* correndo atrás daquele leopardo, indiferente ao fato de os homens de Lazar estarem por toda parte e armados, meu coração quase saiu pela garganta. Pensei que você seria morto e nunca teria a chance de lhe dizer o quanto é importante para mim. Que eu te amo mais do que tudo.

Ania deitou naquele telhado, chateada por não estar no quarto seguro como Mitya queria, até o momento em que *Dymka* saiu de casa perseguindo um leopardo através dos soldados armados de Lazar. Nesse momento se deu conta do quanto ele era importante para ela e não deixaria nada, ou ninguém, tirá-lo dela. Ela tinha habilidades e as usou. Não perdeu um único tiro.

As feições ásperas de Mitya se suavizaram. — Estou tão apaixonada por você, Ania, que às vezes não consigo respirar. Eu sempre me preocupei de ter sido muito áspero com você. O calor de um leopardo é difícil na melhor das hipóteses e às vezes violento. Foi brutal conosco. Começava tendo cuidado com você, mas de repente a natureza assumia. Não, a selvageria assumia. Eu não conseguia manter o controle como precisava. Tive medo de que você fugisse de mim.

Ela emoldurou o rosto dele com as mãos. — Foi da mesma maneira comigo. Felizmente, o que você sentiu, eu também senti. Gosto quando somos selvagens assim. Gosto quando você é gentil e posso sentir o seu amor quando me toca.

Ele franziu a testa. — Não importa como eu te tocar, Ania, de qualquer maneira serei eu te amando. Não me interessa se estamos brincando com algemas ou se estou no carro em cima de você, meu pau na sua boca, estarei te amando. Quando não quiser algo, você

diz não e nós pararemos, a qualquer momento. Quero que sempre se sinta amada.

Ela se inclinou para ele e o beijou. O gosto dele sempre foi um pouco selvagem. Parte da excitação com Mitya era aquela sensação de perda de controle. Seus braços se apertaram ao redor dela e então ele assumiu o beijo, derramando fogo nela, de modo que sua calcinha ficou úmida e seus seios doeram instantaneamente.

Quando Mitya levantou a cabeça, olhou nos olhos de Ania, chocado com a profundidade do sentimento que ela sempre conseguiu arrancar dele. Ania disse que o amava, e ele podia ver a verdade nos olhos dela. Ela era o mundo dele. Sua razão de existência. A razão por acordar de manhã e por tentar eliminar o pior dos criminosos.

Sevastyan dizia que ele estava dominado e Mitya assumia que estava. Não se importava. Ansiava por ir a cama, só para poder abraçá-la, observá-la dormir, acordá-la com a sua boca entre as pernas dela, devorando o mel que era só para ele. Ele amava isso. Adorava segurar a barriga dela com a mão enquanto ela acordava, balançando os quadris, com o rosto dele exatamente onde ele preferia estar.

Ele amava seus lábios esticados ao redor de seu pau enquanto entrava e saía de sua boca, suas mãos macias segurando suas bolas, olhos marejados, olhando para os dele. Isso era muito excitante, requintado. Inacreditável.

Mitya amava sentir seu corpo se movendo dentro dela, cercado pelo fogo, como um punho de seda quente e úmido, tão apertada que o estrangulava, sugando sua semente para fora dele. Acima de tudo, ele a amava. Amava vê-la rir. A maneira como o rosto dela se iluminava. Ania poderia iluminar o mundo. Ela era inteligente e talentosa quando se tratava de seu trabalho. Tinha compaixão, algo que faltava a Mitya, mas ele estava aprendendo com ela.

— Nunca quero que pense que não estou te amando, —ele repetiu. — Mesmo quando seja duro com você. —Quis sentir remorso por esse momentos. Ele sempre pensou em tê-la à sua mercê, sua mão no traseiro dela, seu pau entrando e saindo dela enquanto estava desamparada. Toda vez que ele pensava sobre isso, ficava tão duro que tinha medo de quebrar.

Sua risada suave foi inesperada. — Você gosta.

Então ela sabia. E não se importava. — Sim, baby, gosto. Muito. Estava pensando em castigá-la novamente por você não ter ido para o quarto seguro, mas como você pode ter salvado minha

vida, pensei em deixar passar. —Ele adorava provocá-la. Adorava ver seu rosto franzido de indignação e o seu olhar arrogante de princesa para um reles camponês.

— Pode ter salvado sua vida? —Ela repetiu. — Eu com certeza salvei sua vida. E parece que algo que tenho feito com bastante frequência. Só isso me tirará de problemas pelos próximos anos.

Ele levantou uma sobrancelha. — Próximos anos? Você espera me desafiar pelos próximos anos e se safar porque pode ter salvado minha vida uma ou duas vezes?

— Bem, —ela disse. — Talvez não anos.

— Acho que você esqueceu que danificou minha propriedade.

Ela parecia confusa. — Sua propriedade?

Ele levantou a barra da camisa que ela estava vestindo. A camisa dele. Ania usava sua favorita, uma camisa de flanela que ela havia encontrado em algum lugar. Nela parecia sexy. Sobre ele, nem tanto. Ele deslizou a mão levemente pela marca do corte que corria do topo da coxa até a panturrilha. Tinha sido muito profundo e deixaria para sempre uma cicatriz.

— Minha propriedade, —ele reiterou.

— Bem, isso é verdade, —ela concordou com relutância. — Talvez não anos, —ela repetiu. — Alguns meses.

— Só de olhar para isso, fico com raiva de novo. —Isso o fazia sentir mal do estômago. Ele não tinha estado lá. Felizmente, Vikenti e Zinoviy fizeram o trabalho deles.

Ania escorregou de seu colo para o chão, bem entre as pernas dele, e seu pau reagiu instantaneamente à visão dela assim. Ela cobriu o seu pênis duro com a palma da mão, esfregando suavemente, o tempo todo olhando para ele inocentemente, como se não estivesse tentando distraí-lo.

— Eu não acho que quero você com raiva de mim, Mitya.

Não havia como ficar bravo com ela, mesmo que realmente tivesse uma razão. Não quando ela podia fazer todos os nervos em seu corpo ganharem vida.

— Sente-se de costas para o sofá, —ele a instruiu. Ele gostava da altura do sofá.

Ania sentou-se imediatamente.

— Desabotoe sua camisa e tire-a, sua calcinha também. —Ele se levantou, elevando-se sobre ela.

Ania soltou cada botão e tirou a camisa muito grande e depois tirou a calcinha do corpo. A visão de seus seios acrescentou aço ao seu pênis. Mitya foi até a gaveta da mesa final e pegou seus brinquedos favoritos. Adorava brincar com ela. Eles passaram quase as últimas duas semanas no quarto, e ele tinha sido um amante gentil e atencioso, consciente dos ferimentos dela.

A ameaça de Lazar acabou e, em seu lugar, um novo inimigo havia surgido, mas a Aliança deles sempre teria novos inimigos. Este não seria diferente de todos os outros. Agora que o médico lhe dissera que a ferida na perna de Ania estava a caminho da cura e fora de perigo de infecção, ele podia relaxar. E eles poderiam brincar. Poderia tê-la como quisesse.

Mitya se agachou, lambeu o mamilo dela e depois chupou com força, usando língua e dentes para prepará-la. O grampo apertou com força o suficiente para simular seus dedos quando estava sendo áspero. Prendeu os mamilos dela e sorriu maliciosamente quando Ania sugou o ar, sibilando. A corrente de laço duplo pendia e ele puxou levemente, fazendo-a soltar o mesmo sibilo sexy. Ele puxou mais uma vez e depois moveu a mão entre as pernas dela, sentido seu calor escorregadio.

— Você gosta de suas jóias, não gosta, *kotyonok*?

Ania não podia negar, ele tinha as evidências do seu desejo ali, entre suas pernas. Mitya esperou que ela concordasse antes de mostrar um vibrador. Era grande, grosso e em forma muito semelhante ao seu pau. Tinha saliências para esfregar ao longo de todas as terminações nervosas sensíveis. Ele segurou o vibrador em frente a sua boca até que ela a abriu para ele, molhando-o com a sua saliva. Ele tirou o vibrador da sua boca e o empurrou lentamente dentro dela, fodendo-a com ele por um golpe ou dois antes de ligar o aparelho. Ania ofegou. Mitya pegou a mão dela e a fez segurar o vibrador.

— Assim mesmo, baby.

Mitya se levantou e tirou a roupa, observando-a o tempo todo. Ela parecia tão sexy, sentada exatamente como ele a colocou, esperando por ele. À espera de suas instruções. Desceu a mão na cabeça dela, acariciou seu couro cabeludo e depois a empurrou até a cabeça dela inclinar-se para trás, expondo a vulnerabilidade de sua garganta para ele. O leopardo nele apreciou sua pose submissa.

Ele a montou, uma perna de cada lado do corpo dela, seu pau e bolas pendendo sobre a cabeça dela. — Abra sua boca, Ania e aumente um pouco mais a intensidade do vibrador.

Ela lambeu os lábios e depois fez o que ele disse, abrindo a boca para ele. Mitya esperou um batimento cardíaco, chocado com a expectativa, seu pau estremeceu e pulsou, ansioso para sentir aquela boca quente e úmida se fechando ao seu redor. O corpo dela estremeceu novamente, e ele sabia que ela obedeceu seu pedido em aumentar a intensidade do vibrador.

O punho dele guiou seu pau, deslizando entre os lábios dela, observando-a se esforçar para acomodar a circunferência dele. Mitya empurrou-se o mais devagar possível, a visão disso era tão erótica que sabia que iria acordar um milhão de vezes cheio de tesão, porque nunca esqueceria essa imagem. Ele foi cuidadoso, deslizando um centímetro para dentro, puxando para fora, entrando um pouco mais e recuando. Seguiu um ritmo suave e alcançou a corrente pendurada entre os seios dela. Ainda segurando a base de seu pênis com uma mão, usou a outra para puxar seus seios, levantando-os em sua direção, observando seu rosto, amando o olhar enquanto ela ofegava e gemia em torno de seu pênis.

Ele acelerou o ritmo, deslizando mais fundo, sentindo aquele túnel apertado massageando seu eixo, a língua dela trabalhando na cabeça de seu pau.

— Foda-se com esse vibrador, Ania. Continue.

Ela fez isso, segurando o vibrador, bombeando-o dentro e fora dela enquanto ele fodia sua boca. Cada vez que ia mais fundo tinha menos controle, o fogo ameaçava consumi-lo. Ela se esforçou para engoli-lo, para não entrar em pânico quando não conseguia respirar. O vibrador a distraiu, assim como os puxões que ele dava na corrente. Seu pau já estava inchando. Suas bolas, batendo no queixo dela com força.

— Coloque no máximo, Ania. —Mal conseguia dar o comando, mal podia esperar que ela obedecesse. Estava quase longe demais. — Engula-me, baby. Tire tudo de mim.

Ania não teve escolha, seu pau a prendeu no sofá, mas ele a sentiu engolir, os músculos da garganta se apertando ao redor dele. Então a garganta convulsionou quando ela alcançou seu orgasmo, uma onda longa e perversa que enviou sua semente queimando como lava derretida, fervendo fora de controle, disparando fora dele. Chamas subiram pelas suas coxas até seu pau. Fogo o consumiu completamente.

Mitya mal estava ciente de qualquer coisa ao seu redor, exceto aquele lugar eufórico entre o céu e o inferno.

Seu pênis ainda tremia, ainda semiduro, provavelmente tão chocado quanto ele. Ele percebeu que seu coração batia forte e seus

dedos tremiam. Mitya se afastou um pouco para deixar Ania respirar e a ouviu inalar rapidamente. Ele puxou a corrente novamente, e isso a levou a outro orgasmo frenético. Seu pênis ainda estava em sua boca, ele viu a onda levá-la, ondulando através de seu corpo, seus seios, sua barriga, até suas coxas.

O olhar dela saltou para o dele e ele entendeu o pedido em seus olhos. Ania queria desligar o vibrador. Mitya teria gostada de lhe dar outro orgasmo, mas ela estava balançando a cabeça. Ele assentiu e ela desligou antes de lamber seu pênis com sua boca quente e molhada.

Ele a ajudou a se levantar e a deitou na cama para remover os grampos dos seios, usando a boca imediatamente para aliviar a dor do aperto enquanto o sangue voltava. Quando terminou de tirar os grampos, se deitou virado para cima e ficou olhando para o teto, seu coração bombeando com força. Ela lhe roubou a alma, mas ele não se importava com isso. Estava muito agradecido por tê-la. A mão dele encontrou a dela.

— Eu te amo muito, Ania. As coisas que faz comigo, a maneira como me faz sentir estão além do que posso explicar. — Ele esfregou o peito sobre o coração. Ele não quis dizer só fisicamente, que era muito óbvio, mas algo muito mais profundo,

sentimentos. O que Ania o fazia sentir por dentro era muito esmagador e impossível de explicar.

Ela virou de lado. Seus mamilos roçaram seu braço e ela recuou, ainda sensível do grampos. Ele se virou para ela e chupou gentilmente um, depois o outro, para acalmar a pele. Os dedos dela pousaram no couro cabeludo dele, massageando. Mitya amou isso. Amava o jeito que ela sempre o tocava.

— Amo tudo o que faz comigo, Mitya. Não sei como viveria sem você.

Ele ainda não conseguia acreditar que a encontrara lá fora naquela estrada chuvosa e molhada, mas estava muito feliz por tê-la encontrado. Eles encontrariam uma maneira de tudo dar certo, já estava tudo dando certo. Seria uma boa jornada, a primeira vida juntos para os seus leopardos e para eles. Mitya aguardava ansiosamente todos os momentos, os selvagens e os bonitos, como o que acabaram de compartilhar.

Fim ...